

Arte

1º  
ano

Ensino Fundamental – Anos Iniciais  
Componente curricular: Arte

# Ápis

Eliana Pougy  
André Vilela

Manual do  
Professor







Ensino Fundamental – Anos Iniciais  
Componente curricular: Arte

### Eliana Pougy

Bacharel em Comunicação Social pela  
Fundação Armando Álvares Penteado (Faap)

Especialista em Linguagens da Arte pelo  
Centro Universitário Maria Antônia da Universidade de São Paulo (Ceuma-USP)

Mestra em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)

Doutora em Teoria Política com foco em Educação na  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Autora de livros didáticos e paradidáticos sobre Arte

### André Vilela

Licenciado em Educação Artística pela  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp-SP)

Coordenador pedagógico do programa Fábricas de Cultura de São Paulo

Professor de cursos de capacitação e de formação de professores em Arte

Professor de História da Arte

Autor de livros didáticos sobre Arte

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.

**Direção geral:** Guilherme Luz

**Direção editorial:** Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas

**Gestão de projeto editorial:** Tatianny Renó

**Gestão e coordenação de área:** Alice Silvestre  
e Camila De Pieri Fernandes

**Edição:** André Saretto (assist.), Fabiana Marsaro e Renato Malkov

**Gerência de produção editorial:** Ricardo de Gan Braga

**Planejamento e controle de produção:** Paula Godo,  
Roseli Said e Marcos Toledo

**Revisão:** Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),  
Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Brenda Moraes,  
Célia Carvalho, Claudia Virgílio, Flavia S. Vênezio, Gabriela M.  
de Andrade, Heloísa Schiavo, Maura Loria e Vanessa P. Santos

**Arte:** Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.),  
Yong Lee Kim (edição de arte) e Lívia Vitta Ribeiro (edit. arte)

**Iconografia:** Sílvio Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.),  
Thaísi Albarracin Lima (pesquisa iconográfica)

**Licenciamentos de conteúdos de terceiros:**

Cristina Akisino (coord.), Liliane Rodrigues (licenciamento de textos),  
Erika Ramires e Claudia Rodrigues (analistas adm.)

**Design:** Gláucia Correa Koller (ger. e proj. gráfico)  
e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)

**Ilustração de capa:** ArtefatoZ

**Foto de capa:** Thirteen/Shutterstock

---

**Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.**

Avenida das Nações Unidas, 7221, 3ª andar, Setor A  
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902  
Tel.: 4003-3061  
www.atica.com.br / editora@atica.com.br

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pougy, Eliana  
Ápis arte, 1º ano : ensino fundamental, anos  
iniciais / Eliana Pougy, André Vilela. -- 2. ed. --  
São Paulo : Ática, 2017.

Bibliografia.  
Suplementado pelo manual do professor.  
ISBN 978-85-08-19809-3 (aluno)  
ISBN 978-85-08-18810-9 (professor)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Vilela, André.  
II. Título.

17-10580

CDD-372.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

---

**2017**

Código da obra CL 713533

CAE 728794 (AL) / 728752 (PR)

2ª edição

1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.



---

Impressão e acabamento

---

# Apresentação

Olá, professor!

Esta coleção busca auxiliá-lo no processo de ensino e aprendizagem em Arte. Para tanto, tem como base o ensino da Arte por meio de projetos de trabalho que respeitam a faixa etária dos estudantes e as culturas infantis, repletos de experimentações artísticas e de leituras e reflexões acerca de obras de arte das diferentes linguagens artísticas, e que resultam em produtos e manifestações artísticas híbridas.

A abordagem contextualizada da coleção privilegia o estudo das artes contemporâneas e das manifestações artísticas tradicionais, uma vez que elas são as formas de arte com as quais mais mantemos contato e, portanto, ajudam a incentivar a pesquisa e a liberdade de expressão ao valorizar a singularidade de cada artista, além de destacar a identidade cultural brasileira e os artistas do país.

Acreditamos que esse diálogo entre as culturas infantis, as artes contemporâneas e as artes tradicionais brasileiras permite um processo de ensino e aprendizagem contextualizado e significativo, além de promover aulas dinâmicas e interessantes, que estimulam a exploração de materiais e de técnicas e convidam à participação dos estudantes.

Aprender arte é um direito de todos os alunos. As aulas de Arte, por esse viés, promovem a inclusão e permitem que cada estudante possa desenvolver a própria forma de expressão, além do respeito pelo próprio trabalho, pelo trabalho dos colegas e também pelo trabalho dos artistas. Dessa forma, ao aprender arte, os estudantes também desenvolvem as chamadas habilidades socioemocionais.

Desejamos a você um bom trabalho e muita, mas muita arte ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental!

Os autores.

# SUMÁRIO

## Orientações gerais

<b>I. Princípios gerais</b> .....	VI
1. Ensino de Arte e livro didático .....	VII
2. Ensino de Arte e Projeto de Trabalho .....	VIII
Interdisciplinaridade e Projeto de Trabalho .....	IX
Como trabalhar os procedimentos das diversas disciplinas em projetos interdisciplinares . . .	XI
3. Ensino de Arte e a Base Nacional Comum Curricular .....	XI
<b>II. Fundamentos teóricos</b> .....	XVI
1. A Arte-educação baseada na cultura visual .....	XVI
2. Objetivos e didática da Arte-educação baseada na cultura visual .....	XVIII
3. As linguagens artísticas e as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental .....	XIX
Linguagem visual e audiovisual .....	XIX
O trabalho com a produção midiática .....	XXI
Linguagem da dança .....	XXII
Linguagem musical .....	XXIII
Linguagem teatral .....	XXIV
Linguagens integradas .....	XXV
<b>III. Ambiente de aprendizagem e acesso aos espaços de divulgação cultural</b> . . .	XXV
1. O ambiente de aprendizagem .....	XXV
2. Visitas culturais .....	XXVI
Preparando a visita .....	XXVI
Durante a visita .....	XXVII
Depois da visita .....	XXVII
Comunicando o que foi aprendido .....	XXVII
<b>IV. Avaliação</b> .....	XXVII
1. Sugestão de fichas de acompanhamento do portfólio dos estudantes .....	XXVIII
Consciência da construção de seu percurso em relação aos processos vivenciados nas aulas .....	XXVIII
Pesquisa pessoal .....	XXVIII
Construção de sua postura de aluno na escola .....	XXIX

Troca de experiências e participação em uma situação de partilha . . . . .	XXIX
Produção artística e aprimoramento técnico . . . . .	XXX
Ampliação de repertório . . . . .	XXX
Participação e envolvimento . . . . .	XXX
<b>2. Avaliação das sequências didáticas . . . . .</b>	<b>XXXI</b>
Avaliação inicial . . . . .	XXXI
Avaliação processual. . . . .	XXXI
Avaliação final para o professor . . . . .	XXXII
<b>3. Avaliação do produto final do Projeto de Trabalho . . . . .</b>	<b>XXXII</b>
<b>V. Estrutura geral da coleção . . . . .</b>	<b>XXXIII</b>
1. Seções e boxes da coleção . . . . .	XXXV
2. Principais competências, objetos de conhecimento e habilidades da coleção . . . . .	XXXVII
3. Material Digital do Professor . . . . .	XLV
<b>VI. Referências para aprofundamento do professor . . . . .</b>	<b>XLVI</b>

## Orientações específicas

<b>Unidade 1 – Podemos fazer um desenho que se mexe e faz sons? . . . . .</b>	<b>8</b>
Capítulo 1: A arte dos pontos, linhas e formas: o desenho! . . . . .	14
Capítulo 2: A arte de escutar os sons: a gravação sonora! . . . . .	32
<b>Unidade 2 – Brincar é importante? . . . . .</b>	<b>58</b>
Capítulo 3: Mexendo e remexendo: a arte da dança! . . . . .	64
Capítulo 4: Fazendo de conta: a arte do teatro! . . . . .	84
<b>Bibliografia . . . . .</b>	<b>110</b>



# Orientações gerais

## I. Princípios gerais

A despeito das diversas formas de entender o que é arte e de como se ensina e se aprende arte na escola – todas coerentes com os diferentes momentos históricos em que foram concebidas –, hoje se entende que a disciplina Arte<sup>1</sup> é um *componente curricular obrigatório e que seu objeto de estudo é a arte produzida socialmente, em suas diferentes linguagens* (artes visuais, música, dança, teatro e artes integradas).

Assim, e de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)<sup>2</sup> e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>3</sup>, esta coleção entende que a arte é um saber passível de ser ensinado e aprendido, e, também, patrimônio histórico e cultural da humanidade.

Como área do conhecimento, a arte abarca o fazer e o pensamento artísticos, que se caracterizam como um modo particular de dar sentido à vida, pois esse pensamento e esse fazer relacionam-se à *experiência estética* ou à experiência que vivemos ao apreciar e produzir *beleza*.

Beleza é um dos valores que atribuímos às coisas do mundo e tem uma relação direta com aquilo que agrada aos nossos sentidos. Mas isso não quer dizer que o belo é apenas o que é “bonito” ou “correto”. Muitas vezes, algo que não é considerado bonito nem convencionalmente correto pode despertar fortes emoções, como o medo, o asco, a raiva, a revolta ou a tristeza e, conseqüentemente, causar intensas experiências estéticas.

É sempre bom lembrar que o significado que cada pessoa em cada cultura dá à beleza varia; por isso dizemos que é relativo às experiências vividas pelo sujeito e aos valores culturais de dado grupo social. Assim, a arte também pode ser definida como uma forma de conhecimento que se manifesta por meio da experiência cultural.

Durante essas experiências, nos emocionamos e usamos a razão ao mesmo tempo. A arte nos faz usar a razão porque as obras de arte e os produtos culturais trazem consigo um conteúdo, um tema ou um assunto que, por meio das linguagens livres da arte, nos fazem refletir, questionar, colocar em discussão e, muitas vezes, rever valores, atitudes, certezas e conceitos. Por isso, além de mobilizar sensações e afetos, a experiência estética nos leva a conhecer mais sobre nós mesmos, sobre a vida, sobre as diversas áreas do conhecimento e sobre a própria arte.

Os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, assim como qualquer um de nós, desde o nascimento fazem parte de determinado universo cultural (familiar, da comunidade, regional, de sua época) e, assim, estão expostos às mais variadas manifestações artísticas. Muitas vezes, convivem com artistas amadores ou profissionais, que fazem parte das artes tradicionais feitas pelo povo, do *design*, do mundo acadêmico, que podem ser membros de suas famílias ou da comunidade em que estão inseridos. Como experimentadoras ousadas, as crianças se expressam artisticamente por meio de linguagens verbais e não verbais, utilizando diferentes materiais, instrumentos e técnicas.

Todo esse contato com a arte, no entanto, não significa que as crianças não precisem aprender mais sobre esse campo na escola. Pelo contrário: o prazer e o conhecimento artísticos e a experiência estética e cultural podem e devem ser cultivados e ampliados pela mediação educativa realizada pela instituição escolar, com o objetivo de desenvolver competências e habilidades relativas a essa área do saber. Por isso, compreendemos que é na escola, e com sua mediação, professor<sup>4</sup>, que os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental podem conhecer melhor a cultura em que estão inseridos e aprender mais sobre o

<sup>1</sup> Quando se trata do componente curricular, grafa-se Arte; nos demais casos, arte.

<sup>2</sup> BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997a; BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

<sup>3</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

<sup>4</sup> Segundo orientações da Federação de Arte/Educadores do Brasil (Faeb), quem ministra as aulas de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental são os licenciados em Artes Visuais, Música, Dança e Teatro, para evitar a polivalência. Caso não existam professores especialistas na escola, para cumprir a LDB vigente, quem ministra essas aulas é o professor de sala que, preferencialmente, tenha formação em Arte.



campo expandido da arte, abrindo-se, desse modo, para a produção artística e cultural de outras culturas, de hoje e de outros tempos.

É na escola que os estudantes têm a oportunidade de conhecer, apreciar, criticar, dialogar, refletir e valorizar as diversas culturas e manifestações da arte, abrindo-se para o “diferente”, ao respeitar e valorizar a diversidade.

Como afirma a BNCC:

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas.

Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. <sup>5</sup>

Além disso, é nas aulas de Arte que os estudantes aprendem procedimentos e técnicas construídas socialmente e que permitem a eles se expressarem artisticamente. Isso quer dizer que as manifestações e produções artísticas são fruto de aprendizado sistematizado, que é direito dos estudantes brasileiros.

O grande objetivo das aulas de Arte é, portanto, *promover experiências estéticas e culturais, a fim de desenvolver as competências e habilidades artísticas dos estudantes, ampliar seu repertório acadêmico e cultural e promover uma cidadania participativa, crítica e criativa*. Esse é nosso desafio.

## 1. Ensino de Arte e livro didático

O livro didático de Arte vem sendo construído desde a década de 2000, inicialmente para escolas particulares. Em 2011, passou a integrar as políticas públicas participando do Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD – EJA), buscando a formação integral dos estudantes das escolas públicas brasileiras e fazendo cumprir a Lei de

Diretrizes Básicas (LDB) 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica.

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

Depois, a Arte também esteve presente no PNLD 2014 – EJA; PNLD 2015 – Ensino Médio; PNLD 2016 – 4º e 5º ano; PNLD 2017 – 6º a 9º ano; PNLD 2018 – Ensino Médio; e, agora, no PNLD 2019 – 1º a 5º ano, pela primeira vez contemplando também o 1º, 2º e 3º ano, o que reforça a valorização do componente curricular e a importância do livro didático como suporte para as aulas de Arte.

O livro didático é um suporte porque traz uma proposta didático-pedagógica clara, textos de apoio e sugestões de atividade que buscam cumprir o que dispõem as orientações governamentais presentes nos PCN e na BNCC. Além disso, tem o papel de inspirar a prática dos professores, já que traz estruturadas propostas que abarcam o trabalho didático-pedagógico de um segmento completo da educação básica.

Entretanto, ele só é útil e verdadeiramente um suporte à medida que os professores possam dialogar com ele e usar sua autonomia e criatividade na condução das atividades propostas no livro.

Nesse sentido, a coleção traz propostas de trabalho que podem e devem ser ampliadas por você em diálogo com sua realidade local. Por isso, escolhemos projetos temáticos, conteúdos (conceituais, atitudinais e procedimentais) e atividades que buscam desenvolver as competências e as habilidades descritas na BNCC, mas que, ao mesmo tempo, se abrem para a possibilidade de trabalho com outros temas, conteúdos e atividades que podem ser elencados a partir da realidade e do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola e da rede de ensino de que ela faz parte.

<sup>5</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 193.

## 2. Ensino de Arte e Projeto de Trabalho

A partir dos princípios explanados anteriormente e das orientações dos PCN e da BNCC, esta coleção organiza o ensino e o estudo dos diferentes campos da arte por meio da investigação e da participação ativa dos estudantes, ou por meio de Projetos de Trabalho:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. Os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura.<sup>6</sup>

Um Projeto de Trabalho se vincula à exploração de *problemas significativos* para os estudantes, mas que, ao mesmo tempo, os aproxima dos saberes escolares. Em outras palavras, um projeto parte de questões consideradas relevantes para os estudantes e também para o desenvolvimento das competências e habilidades específicas da Arte.

Consequentemente, essa questão ou problema tanto pode partir do interesse dos estudantes quanto ser proposto pelo professor<sup>7</sup> que, por sua vez, deve ter em vista o desenvolvimento dessas competências e habilidades a partir de objetivos, conteúdos e propostas de atividades preestabelecidos.

A perspectiva de globalização que se adota na escola, e que se reflete nos Projetos de trabalho, trata de ensinar o aluno a aprender, a encontrar o nexo, a estrutura, o problema que vincula a informação e que permite aprender. Finalidade esta que se pode fazer coincidir com os objetivos finais de cada nível educativo.<sup>8</sup>

Por isso, em primeiro lugar, é necessário que coordenação, professor e estudantes concordem com a escolha de um problema que sirva de *disparador* de

um projeto que, no caso das aulas de Arte, pode estar relacionado a uma inquietação sobre algum assunto ou tópico do campo das artes ou sobre uma questão técnica, artística, estética ou ética a respeito do trabalho de um artista ou grupo de artistas, e também relacionado a temáticas contemporâneas que mobilizam a reflexão e a crítica sobre quem somos hoje.

Em um projeto, diferentemente de outras modalidades organizativas, o professor medeia a escolha do tema, pois ele é quem deve dirigir o “fio condutor” do trabalho, em diálogo com o Projeto Político-Pedagógico da escola e com o universo cultural dos estudantes:

O ponto de partida para a definição de um Projeto de trabalho é a escolha do tema. Em cada nível e etapa da escolaridade, essa escolha adota características diferentes. Os alunos partem de suas experiências anteriores, da informação que têm sobre os Projetos já realizados ou em processo de elaboração por outras classes. Essa informação se torna pública num painel situado na entrada da escola (com isso, as famílias também estão cientes). Dessa forma, o tema pode pertencer ao currículo oficial, proceder de uma experiência comum (como os acampamentos), originar-se de um fato da atualidade, surgir de um problema proposto pela professora ou emergir de uma questão que ficou pendente em outro Projeto.

[...]

O critério de escolha de um tema pela turma não se baseia num “porque gostamos”, e sim em sua relação com os trabalhos e temas precedentes, porque permite estabelecer novas formas de conexão com a informação e a elaboração de hipóteses de trabalho, que guiem a organização da ação. Na Etapa Inicial, uma função primordial do docente é mostrar ao grupo ou fazê-lo descobrir as possibilidades do Projeto proposto (o que se pode conhecer), para superar o sentido de querer conhecer o que já sabem.<sup>9</sup>

A obra em questão propõe temas geradores que foram pensados na especificidade da infância, tais como a integração das linguagens artísticas e a brincadeira. O professor, como ser autônomo e conhecedor da turma, poderá propor, e abrir espaço para que os

<sup>6</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p.193.

<sup>7</sup> Paulo Freire, importante educador brasileiro, também propõe essa abordagem metodológica em *Educação como prática da liberdade* (1986).

<sup>8</sup> HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017. p. 66.

<sup>9</sup> Idem, *ibidem*, p. 67.

alunos também proponham, vetores de interesse que estejam na mesma direção dos temas geradores propostos ao longo da obra ou paralelos a eles.

Definidos o tema e a questão disparadora, tornam-se necessários o estudo sistematizado e a pesquisa, a fim de buscar respostas e soluções para o problema e, também, que as crianças organizem as informações, descobrindo a relação entre elas. Para tanto, é preciso que elas vivam situações de simulação de decisões, estabeleçam relações ou infiram novos problemas.

Por isso, em um projeto não interessa só a localização de respostas, mas, principalmente, entender o significado e a pertinência delas, aplicando-as em vivências diversas presentes em diferentes modos de ensinar e aprender, como aulas expositivas, debates, apresentações, oficinas, trabalhos em grupo e individuais, visitas culturais, etc.

Quando trabalhamos com projetos, é muito importante que os estudantes apresentem sua pesquisa em forma de seminário. Mesmo no trabalho com os estudantes dos três primeiros anos do Ensino Fundamental, é possível e recomendável que eles tenham a oportunidade de apresentar para a turma o que descobriram. O importante é que, aos poucos, eles se acostumem com a divulgação do que pesquisaram, e que essa atividade não fique restrita a um texto que apenas vai ser corrigido pelo professor e devolvido a eles.

Além disso, o aprendizado e a compreensão por parte dos estudantes precisam se dar por meio de atividades diversas que englobam as dimensões do conhecimento artístico, como fruição, leitura de textos e obras de arte, pesquisa, reflexão, crítica, estesia, expressão e criação, mas sempre de modo dialógico e participativo.

Conseqüentemente, ao longo de um Projeto de Trabalho, os estudantes acabam por produzir diversos e valiosos produtos e instrumentos de avaliação do seu aprendizado, que auxiliam o professor a desvendar o que eles descobriram, que dúvidas surgiram, as dificuldades e os sucessos de cada um, entre outros aspectos. Isso permite que o professor participe ativamente do processo, indicando fontes de pesquisa, avaliando cada etapa do trabalho e mantendo uma postura de participação e envolvimento.

Ao final do projeto, deve acontecer uma produção que sintetize o conhecimento aprendido e exponha para a comunidade escolar esse aprendizado. Esse produto, no caso das aulas de Arte, pode ser a criação e produção de obras de arte e sua exposição/divulgação,

de modo que elas sintetizem o aprendizado e expressem o que os estudantes vivenciaram.

A partir desse primeiro projeto, outros problemas, questões e temas surgirão. Nesse sentido, o professor consegue construir um currículo vivo e interessante, além de integrado às orientações curriculares da escola, da rede de ensino e do Estado.

O Projeto de Trabalho é uma situação de aprendizagem em que os estudantes participam ativamente, pois buscam respostas às suas dúvidas em parceria com o professor, ou de forma coletiva. Em outras palavras, ao participar das diferentes fases e atividades de um projeto, os alunos desenvolvem a consciência de seu próprio processo de aprendizado, ou seja, aprendem a aprender.

## Interdisciplinaridade e Projeto de Trabalho

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010), a interdisciplinaridade é recomendada no trabalho escolar, pois facilita o exercício da *transversalidade*, ou o modo de organizar o currículo por meio de temas transversais. A articulação dos conhecimentos é um dos objetivos deste modo de organizar o currículo, pois permite romper com a forma rígida de trabalhar com os conteúdos escolares.

Nesse sentido, ao realizar um Projeto de Trabalho, o professor tem a oportunidade de fazer os estudantes entenderem que determinado conhecimento não é exclusividade de determinada disciplina, isto é, que esse conhecimento transita entre diferentes modos de entender e explicar a vida, e pode, inclusive, fazer parte de outras disciplinas, o que abre espaço para trabalhos interdisciplinares.

Segundo Fernando Hernández<sup>10</sup>, para realizar projetos interdisciplinares, é importante que o professor integre conteúdos e desenvolva habilidades de vários componentes curriculares em um mesmo projeto, reconhecendo a curiosidade das crianças, estimulando suas questões e as possíveis relações que elas mesmas são capazes de fazer sobre as conexões entre os saberes. Portanto, a organização do currículo por Projetos de Trabalho permite que a interdisciplinaridade entre as linguagens artísticas e entre a Arte e os outros componentes curriculares aconteça, pois eles não se esgotam em seus conteúdos iniciais: os conteúdos dos diferentes componentes curriculares podem e devem ser trabalhados ao mesmo tempo.

Além disso, a BNCC afirma que:

<sup>10</sup> HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

[...] cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente (Lei nº 8.069/1990), educação para o trânsito (Lei nº 9.503/1997), educação ambiental (Lei nº 9.795/1999, Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/2012), educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/2009), processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso (Lei nº 10.741/2003), educação em direitos humanos (Decreto nº 7.037/2009, Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2012), educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2004), bem como saúde, vida

familiar e social, educação para o consumo, educação financeira e fiscal, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural (Parecer CNE/CEB nº 11/2010 e Resolução CNE/CEB nº 7/2010). Na BNCC, essas temáticas são contempladas em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-las de forma contextualizada<sup>11</sup>.

Assim, os conteúdos e procedimentos específicos de cada uma das linguagens artísticas e alguns dos conteúdos das outras disciplinas dos anos iniciais do Ensino Fundamental estão contemplados em cada uma das unidades da coleção, conforme o tema contemporâneo presente em cada projeto. Acreditamos que essa abertura para a interdisciplinaridade poderá despertar em você, professor, a vontade de experimentar e trazer mais conteúdo de outras disciplinas para cada projeto.

A seguir, apresentamos a organização dos temas, linguagens e disciplinas participantes de cada unidade/projeto da coleção:

Volume	Unidade	Tema	Linguagens	Disciplinas
1ª	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Trabalho, ciência e tecnologia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Artes visuais – Desenho</li> <li>Música – Paisagem sonora</li> <li>Artes integradas – Desenho animado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Matemática</li> <li>Geografia</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>Direitos da criança e do adolescente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Dança – Dança contemporânea</li> <li>Teatro – Pantomima literária</li> <li>Artes integradas – Filme documentário</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Matemática</li> <li>Geografia</li> </ul>
2ª	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Educação ambiental</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Teatro – Teatro de objetos</li> <li>Dança – Dança contemporânea</li> <li>Artes integradas – Intervenção</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Ciências</li> <li>Geografia</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>Vida familiar e social</li> <li>Educação para o consumo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Artes visuais – Escultura</li> <li>Música – Música de concerto</li> <li>Artes integradas – Exposição</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>História</li> <li>Ciências</li> </ul>
3ª	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Educação ambiental</li> <li>Educação para o consumo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Artes visuais – Assemblagem e fotografia</li> <li>Música – Música experimental</li> <li>Artes integradas – Plástica sonora</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Geografia</li> <li>Ciências</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>Saúde</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Teatro – Teatro de rua</li> <li>Dança – Dança aérea</li> <li>Artes integradas – Palhaçaria</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Língua Portuguesa</li> <li>Educação Física</li> </ul>
4ª	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Diversidade cultural</li> <li>Respeito e valorização do idoso</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Música – Música tradicional brasileira</li> <li>Dança – Danças afro-brasileiras</li> <li>Artes integradas – Festejo brasileiro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Língua Portuguesa</li> <li>Geografia</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>Diversidade cultural</li> <li>Vida familiar e social</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Teatro – Contação de histórias</li> <li>Artes visuais – Gravura e relevo</li> <li>Artes integradas – Instalação interativa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Geografia</li> <li>História</li> </ul>

<sup>11</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 19-20.

5 <sup>o</sup>	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diversidade cultural</li> <li>• Educação em direitos humanos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Música – Música indígena</li> <li>• Artes visuais – Pintura</li> <li>• Artes integradas – Festejo brasileiro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arte</li> <li>• Geografia</li> <li>• Matemática</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diversidade cultural</li> <li>• Educação em direitos humanos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dança – Danças africanas</li> <li>• Teatro – Mamulengo</li> <li>• Artes integradas – Filme em <i>stop-motion</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arte</li> <li>• Língua Portuguesa</li> <li>• História</li> </ul>

### Como trabalhar os procedimentos das diversas disciplinas em projetos interdisciplinares

Quando falamos em projetos interdisciplinares, é preciso organizar o trabalho escolar de modo que os estudantes aprendam os diversos procedimentos das diferentes disciplinas, e não apenas os seus conteúdos abstratos. Nesse sentido, os Projetos de Trabalho concordam com a Pedagogia Ativa e dela obtêm seu saber pedagógico e sua prática didática.

Foi com John Dewey e outros representantes dessa pedagogia, como Maria Montessori, Célestin Freinet, Jean-Ovide Decroly, Anísio Teixeira, entre outros, que se valorizou a aprendizagem do aluno não só por meio de aulas expositivas, mas principalmente pela prática e pelo estudo do meio em que ele participa.

Nessa forma de entender o processo de ensino-aprendizagem, o professor organiza e coordena situações de aprendizagem em espaços variados, e não apenas expõe conteúdos aos alunos em sala de aula.

A grande justificativa para esse tipo de didática é que cada disciplina possui um lugar e uma ação no espaço social: a Educação Física é praticada em quadras e espaços abertos e naturais; a Língua Portuguesa, as Línguas Estrangeiras, a História e a Geografia são pesquisadas e pensadas em salas de aula, bibliotecas com computadores ligados à internet, filmotecas e bancos de imagens; as Ciências da Natureza operam em laboratórios de ciências e em meio à natureza; a Arte ocupa ateliês, teatros, estúdios, discotecas e espaços de divulgação cultural; a Matemática é formulada em salas de aula e em laboratórios, e assim por diante.

Esses locais são específicos, pois permitem colocar em prática os conceitos e as teorias de cada área do saber, ou seja, mantêm e renovam procedimentos específicos e singulares que se ensinam e que se aprendem de geração em geração.

Na escola, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as práticas específicas são muito relevantes, pois é a partir do concreto que as crianças até 10 anos aprendem. Em outras palavras, sem experimentar procedimentos, elas não conseguem assimilar<sup>12</sup> os con-

teúdos completamente. Por exemplo: quando se ensina e se aprende sobre os seres vivos, é importante entrar em contato com os animais em seu *habitat*; quando se ensina e se aprende sobre as artes visuais, é importante o acesso ao ateliê de artistas e também a museus de arte.

Assim, ao planejar projetos interdisciplinares, além de elencar os conteúdos que se relacionam, o professor precisa planejar atividades práticas próprias de cada área do saber. Dessa forma, o estudante pode experimentar as diferentes formas de pensar e agir sobre um mesmo objeto de estudo.

Cada capítulo da presente coleção, de acordo com a BNCC, apresenta objetos do conhecimento e as respectivas habilidades de alguns componentes curriculares que podem ser unidas em projetos interdisciplinares. Cabe a você, professor, buscar os procedimentos dessas disciplinas, em livros didáticos ou em outras fontes, de modo a promover experiências de aprendizagem integradas aos estudantes.

### 3. Ensino de Arte e a Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

O documento baseia-se nos princípios éticos, políticos e estéticos ditados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) e visa a uma educação para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Assim, os estudantes do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências gerais:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

<sup>12</sup> PIAGET, Jean. *O juízo moral da criança*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.<sup>13</sup>

Segundo a BNCC, é por meio das linguagens que os indivíduos interagem consigo mesmos e com os outros, configurando-se como sujeitos sociais. As diferentes linguagens são responsáveis por mediar as práticas sociais que, por sua vez, constituem o espaço de realização das atividades humanas. Esse entendimento leva à conclusão de que os conhecimentos humanos são sempre construídos por formas de linguagem, uma vez que são fruto das interações sociais.

Nesse sentido, o processo de ensino e aprendizagem das linguagens na escola deve:

[...] possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil.<sup>14</sup>

Na BNCC, a área de conhecimento Linguagens é composta dos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa.

Ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental, as disciplinas da área de Linguagens organizam suas aprendizagens com o objetivo de levar o estudante à compreensão de que cada linguagem tem suas especificidades, sem deixar de observar que fazem parte de um todo, e de que as linguagens são construções sociais em constante transformação.

Nesse sentido, os estudantes do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências específicas de Linguagens:

<sup>13</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 9-10.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 63.

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.<sup>15</sup>

A BNCC entende a Arte como área do conhecimento e propõe o estudo centrado em quatro linguagens: *Artes visuais, Dança, Música, Teatro*, além da exploração das relações e articulações entre elas por meio das *Artes Integradas*.

[...] o componente Arte no Ensino Fundamental articula manifestações culturais de tempos e espaços diversos, incluindo o entorno artístico dos alunos e as produções artísticas e culturais que lhes são contemporâneas. Do ponto de vista histórico,

social e político, propicia a eles o entendimento dos costumes e dos valores constituintes das culturas, manifestados em seus processos e produtos artísticos, o que contribui para sua formação integral.<sup>16</sup>

Além disso, as cinco dimensões da área (criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão) devem ser trabalhadas em todas as linguagens artísticas.

Assim, os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências específicas de Arte:

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
4. Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, resignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.
7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 65.

<sup>16</sup> Ibidem, p.196-197.

<sup>17</sup> Ibidem, p.198.

Para garantir o desenvolvimento dessas competências específicas, o componente curricular Arte apresenta este conjunto de habilidades para o 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental:

## Artes visuais

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Contextos e práticas</b>	<b>(EF15AR01)</b> Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
<b>Elementos da linguagem</b>	<b>(EF15AR02)</b> Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
<b>Matrizes estéticas e culturais</b>	<b>(EF15AR03)</b> Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
<b>Materialidades</b>	<b>(EF15AR04)</b> Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
<b>Processos de criação</b>	<b>(EF15AR05)</b> Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. <b>(EF15AR06)</b> Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
<b>Sistemas da linguagem</b>	<b>(EF15AR07)</b> Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).

## Dança

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Contextos e práticas</b>	<b>(EF15AR08)</b> Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.
<b>Elementos da linguagem</b>	<b>(EF15AR09)</b> Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado. <b>(EF15AR10)</b> Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.
<b>Processos de criação</b>	<b>(EF15AR11)</b> Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança. <b>(EF15AR12)</b> Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

## Música

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Contextos e práticas</b>	<b>(EF15AR13)</b> Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.



<b>Elementos da linguagem</b>	<b>(EF15AR14)</b> Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
<b>Materialidades</b>	<b>(EF15AR15)</b> Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
<b>Notação e registro musical</b>	<b>(EF15AR16)</b> Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
<b>Processos de criação</b>	<b>(EF15AR17)</b> Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.

## Teatro

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Contextos e práticas</b>	<b>(EF15AR18)</b> Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
<b>Elementos da linguagem</b>	<b>(EF15AR19)</b> Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
<b>Processos de criação</b>	<p><b>(EF15AR20)</b> Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.</p> <p><b>(EF15AR21)</b> Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.</p> <p><b>(EF15AR22)</b> Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.</p>

## Artes integradas

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Processos de criação</b>	<b>(EF15AR23)</b> Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
<b>Matrizes estéticas e culturais</b>	<b>(EF15AR24)</b> Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
<b>Patrimônio cultural</b>	<b>(EF15AR25)</b> Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
<b>Arte e tecnologia</b>	<b>(EF15AR26)</b> Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

## II. Fundamentos teóricos

### 1. A Arte-educação baseada na cultura visual

Esta coleção busca seu referencial teórico na *Arte-educação baseada na cultura visual*. Essa abordagem, que foi sendo construída ao longo do século XX e que possui forte influência do pensamento antropológico e pedagógico brasileiros, entende que a arte e a educação podem auxiliar na compreensão das diferentes culturas visuais, ou das diversas culturas que organizam e regulam a percepção visual, as funções da visão e os seus usos.

A Arte-educação baseada na cultura visual tem respaldo nos *Estudos Culturais*, um campo de estudos interdisciplinares que envolve diversas áreas do saber, como a Antropologia, a Comunicação Social, a Arte, a Literatura, as Ciências Sociais, entre outras. Em seu artigo “A cultura visual antes da cultura visual”<sup>18</sup>, Ana Mae Barbosa, importante arte-educadora brasileira, enfoca a importância do pensamento brasileiro para a construção dessa abordagem crítica, em especial a contribuição do antropólogo brasileiro Gilberto Freyre.

Freyre sempre se interessou pelas artes visuais e pela iconografia como documentos históricos e importantes fontes de contextualização para pensar os jogos de poder presentes em nossa sociedade. Um exemplo disso são as pinturas que ele utilizou como fonte de análise das relações de poder entre as diferentes classes sociais brasileiras em seus livros.

Para os Estudos Culturais, cultura é a produção e a troca de significados entre membros de determinados grupos sociais, significados esses que podem estar presentes nas conversas do dia a dia, nas teorias mais elaboradas dos intelectuais, na arte acadêmica, na TV ou nos festejos populares. Mas a cultura não é somente essa multiplicidade de manifestações e produções culturais, entre elas, as artísticas. Ela é, também, um campo de conflitos e de negociação para a validação de significados dados a essas manifestações e produções.

Esses conflitos, negociações e validações acontecem tanto no âmbito das linguagens quanto no das práticas sociais, ou seja, os seres humanos agem, pensam e se expressam de forma a validar, ou até mesmo impor, significados preconcebidos para modos de pensar, agir, desejar. A isso chamamos de controle das subjetividades. Esse controle acontece porque a fonte

geradora de sentidos parte tanto de instâncias individuais quanto coletivas, engendradas em jogos de poder e de linguagem.

Outro referencial importante para os Estudos Culturais é o educador brasileiro Paulo Freire. Em sua obra *Pedagogia do oprimido*<sup>19</sup>, Paulo Freire afirma que é possível que professores e estudantes de diferentes grupos culturais estabeleçam uma relação dialógico-dialética em que todos aprendam juntos. Em seu texto, ele propõe um método de ensino em que a palavra escrita deve ser vista como fruto da experiência vivida e da leitura de mundo dos estudantes. Nesse sentido, ela deve ser vista como geradora de problemas, ou como uma palavra-geradora. Segundo Paulo Freire, as palavras-geradoras precisam ser objetivadas ou vistas a distância, para, então, serem codificadas e “descodificadas” pelos estudantes com a mediação do professor. É nesse processo de objetivação, codificação e descodificação da palavra-geradora que a experiência vivida ganha sentido e uma nova leitura de mundo se estabelece. Por isso, alfabetização, para Paulo Freire, é significação produzida pela práxis.

Para tanto, é imprescindível que professores e estudantes encontrem-se naquilo que Freire chamou de Círculo de Cultura, pois é nesse círculo que acontece o diálogo autêntico e a síntese cultural – ou o reconhecimento do outro e o reconhecimento de si, no outro. Segundo Freire, é somente em um círculo de cultura que é possível a educação como prática da liberdade e é somente em um círculo de cultura que o mundo pode ser relido em profundidade crítica. Esse círculo, entretanto, não é um local tranquilo, controlado, pois as consciências são comunicantes e comunicam-se na oposição.

Em seu trabalho, Paulo Freire também destacou a importância de se praticar, na escola, o respeito pelo repertório cultural dos estudantes sem negar, entretanto, a importância do processo de ensino e aprendizagem do conhecimento historicamente constituído. Segundo o educador, a alfabetização deve ser a porta de entrada para os saberes antes apenas relegados à elite. E, para aprendê-los, faz-se necessário superar a curiosidade ingênua e instaurar a curiosidade epistemológica, pois é ela que garante uma consciência transformadora. É preciso, portanto, que a escola alfabetize, e que, também, leve os estudantes a pesquisar, buscar fontes, refletir, comunicar suas descobertas, estudar, enfim, estar sempre em diálogo com o professor.

<sup>18</sup> BARBOSA, Ana Mae. A cultura visual antes da cultura visual. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 293-301, set./dez. 2011.

<sup>19</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

A influência de Paulo Freire nos Estudos Culturais permitiu que uma nova forma de educar e de ensinar arte ganhasse espaço.

Um dos mais influentes educadores da Cultura Visual é o espanhol Fernando Hernández, que tem como referências Paulo Freire e John Dewey<sup>20</sup>. Em seu livro *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*<sup>21</sup>, Hernández afirma que:

[...] a compreensão da cultura visual implica em aproximar-se de todas as imagens, de todas as culturas com um olhar investigativo, capaz de interpretar(-se) e dar respostas ao que acontece ao mundo em que vivemos. Vincular a educação à cultura visual pode ser a conexão para nos religar no caminho para se ensinar tudo aquilo que se pode aprender nesse cruzamento de saberes que é a arte e conectar o que se ensina e o que se aprende na escola com o que acontece além dos seus muros.

No Brasil, ao longo do século XX, a preocupação por um ensino de Arte crítico e dialógico manifestou-se desde a década de 1950. Nas Escolinhas de Arte do Brasil (EAB), criadas por Augusto Rodrigues, as aulas saíam dos muros da escola e alcançavam a cidade, estimulando a pesquisa e a participação de todos.

Tendo em vista a construção de pesquisas artísticas e educacionais, que buscavam verificar de que forma a Arte colabora não só para o desenvolvimento da capacidade criadora e expressiva dos estudantes, mas também para a sua autonomia e participação na sociedade, ou seja, para a sua cidadania consciente e crítica, Ana Mae Barbosa buscou inspiração em sua experiência de trabalho e formação com Paulo Freire, além da abordagem do ensino de arte concebida nos Estados Unidos, a *Discipline Based Art-Education* (Arte-educação baseada na Disciplina), as *Escuelas al Aire Libre* (Escolas ao ar livre) mexicanas e o *Critical Studies* (Estudos críticos) inglês<sup>22</sup>.

A Arte-educação baseada na disciplina tratava de forma integrada a história da arte, a crítica, a estética e a produção. Essa concepção previa a superação da autoexpressão criativa e do tecnicismo, resgatando um conteúdo específico em artes, com foco no desenvolvimento do pensamento artístico e estético.

No Brasil, essa proposta sofreu uma adaptação desenvolvida por Ana Mae Barbosa a partir de sua convivência e experiência profissional com Paulo Freire e de sua formação pedagógica crítica: uniram-se as vertentes da crítica e da estética na dimensão “leitura da imagem”. Essa forma de entender o processo de ensino e aprendizagem foi denominada *Abordagem Triangular*, pois orienta que o processo de ensino e aprendizagem da arte se dê em três eixos: leitura, produção e contextualização.

Além das EAB e Ana Mae Barbosa, pode-se destacar o trabalho de Noêmia Varela, Mariazinha Fusari, Analice Dutra Pillar, Ivone Richter, Maria Helena Rossi, entre outras arte-educadoras que, com suas pesquisas, vêm destacando a importância do estudo e do ensino da arte para além da História da Arte.

A Arte-educação baseada na cultura visual e a Abordagem Triangular dialogam e se complementam, como afirma Raimundo Martins<sup>23</sup>:

São muitas as maneiras de aprender e ensinar, muitas as infâncias, adolescências e identidades. Nenhuma abordagem pedagógica por si é capaz de dar conta dessa multiplicidade e riqueza.

[...]

Abordagens pedagógicas não devem ser exclusivas. Elas se justificam ao atender necessidades de aprendizagem ajudando estudantes a desenvolver uma visão crítica de significados culturais e artísticos, de valores e práticas sociais. A cultura visual é inclusiva e, ao contrário de concepções modernistas com ênfase excessiva nas belas artes, trabalha com imagens do cotidiano – filmicas, de publicidade, ficção, informação etc. As tecnologias fazem proliferar depoimentos, versões e formas abertas de interação, impactando a produção de subjetividades de alunos e professores.

Por isso, a Arte-educação baseada na cultura visual visa desenvolver um olhar sensível, um pensamento reflexivo e contextualizado e, também, um fazer artístico e a construção de uma autoria significativos, frutos de uma ação discente participativa e crítica. Sendo assim, orientamos a produção da presente coleção por esses fundamentos.

<sup>20</sup> Para Dewey, filósofo estadunidense, o conhecimento é construído por consensos que resultam de discussões coletivas, da cooperação e do autogoverno dos estudantes.

<sup>21</sup> HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 51.

<sup>22</sup> BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. p. 33-34.

<sup>23</sup> MARTINS, Raimundo. Abordagem Triangular e Cultura Visual: possibilidades no ensino da arte complementares ou excludentes? *Boletim Arte na Escola*, São Paulo, edição 76, maio/jun. 2015. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/boletim/materia.php?id=75450>>. Acesso em: 2 set. 2017.

## 2. Objetivos e didática da Arte-educação baseada na cultura visual

A Arte-educação baseada na cultura visual afirma que vivemos em um mundo em que a imagem, estática ou em movimento, acompanhada ou não de sons e música, ou as *visualidades*, estão por toda parte, criando desejos, verdades e sonhos. Para Mitchell<sup>24</sup>, um dos teóricos da cultura visual, essa forma de cultura baseada na imagem inclui a relação com todos os outros sentidos e linguagens. Nesse sentido, as outras formas de arte, como a música, o teatro e a dança, vêm ganhando uma expressão audiovisual muito forte e, por conta do intenso desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, irreversível.

Segundo Mirzoeff, estudar a cultura visual nos leva a compreender a vida contemporânea. Para ele, compreendê-la é uma:

[...] tática para estudar a genealogia, a definição e as funções da vida cotidiana pós-moderna a partir da perspectiva do consumidor, mais que do produtor. [A cultura visual] é um lugar sempre desafiante de interação social e definição em termos de classe, gênero, identidade sexual e racial.<sup>25</sup>

As imagens, para a cultura visual, são entendidas como mediadoras de valores culturais e caracterizam-se por trazerem metáforas que, por sua vez, surgem da necessidade de construção de significados tipicamente humana e social. Por isso, uma das finalidades da educação baseada na cultura visual é reconhecer as diferentes metáforas, valorizá-las e, assim, estimular a produção de novas metáforas.

Nesse sentido, a Arte-educação baseada na cultura visual busca dirigir o olhar dos estudantes para uma sensibilidade e crítica apuradas ao permitir que se sintam capazes de produzir, conhecer e apreciar arte, de conhecer as histórias das artes e a história da vida dos diferentes artistas.

Por isso, o uso do livro didático pode ser um excelente apoio para a educação para a cultura visual: nele estão relacionadas imagens, sugestão de sites da internet, textos de apoio e atividades que podem ser usadas como fontes de informação e pesquisa e que,

também, podem servir como disparadores de outras questões e buscas por parte dos estudantes e dos professores.

A Arte-educação baseada na cultura visual tem, como principal objetivo, estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento de sua própria cultura e, gradativamente, ampliando seu repertório. Desse modo, o ensino de arte pode auxiliar na reorganização da escola como um grande palco do diálogo entre diferentes culturas, ou da interculturalidade<sup>26</sup>.

O conteúdo das aulas de Arte precisa, então, abranger as mais diversas manifestações artísticas e culturais, mas principalmente as manifestações artísticas e culturais contemporâneas<sup>27</sup>. O processo de ensino e aprendizagem de arte se torna, assim, significativo tanto para os professores como para os estudantes. Além disso, as estratégias de ensino precisam ser pautadas pelo diálogo e pelo respeito à faixa etária dos alunos.

Para Fernando Hernández, a Arte-educação baseada na cultura visual pode e deve ser trabalhada desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Ao promover o diálogo, a descoberta coletiva de problemas instigantes, a experimentação e a pesquisa engajada como procedimentos de ensino e aprendizado, as crianças se sentem valorizadas e participam ativamente do processo educativo.

Nesse sentido, o trabalho do professor ganha outra prática, voltada para os Projetos de Trabalho, e para um processo de ensino e aprendizado significativo, que pode abraçar qualquer tema e que é direcionado aos estudantes por argumentação, e não por apresentação. Professores, crianças e jovens são encarados como estudantes, intérpretes e copartícipes, por isso o professor é procurado pelos estudantes para que seja um orientador de pesquisas.

É importante ter em mente, entretanto, que os temas usados em Projetos de Trabalho devem ter relação com os projetos e temas anteriores e os possíveis posteriores, porque isso permite estabelecer novas formas de conexão com a informação e a elaboração de hipóteses de trabalho, que guiem a organização da ação. É preciso ter um fio condutor que, por sua vez, relaciona-se com o Projeto Político-Pedagógico da escola,

<sup>24</sup> MITCHELL, William J. T. *Que és la cultura visual*. Princeton: Irving Lavin Institute for Advanced Study, 1995.

<sup>25</sup> MIRZOEFF, Nicholas. *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Paidós, 2003. p. 20.

<sup>26</sup> Para saber mais sobre interculturalidade, leia *Por que debater sobre interculturalidade é importante para a Educação?*, de Simone Romani e Raimundo Rajobac. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/12715/8342>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

<sup>27</sup> Por arte contemporânea, entendemos as produções e manifestações de arte feitas hoje, em sua diversidade.

com o currículo do município, do estado e do país em que a escola está situada.

Assim, o trabalho do professor em sala de aula enfoca a criação de índices ou listas, que organizam o trabalho, e a elaboração de sínteses para a conferência das descobertas feitas pelos estudantes.

Essas listas permitem uma previsão dos conteúdos (conceituais e procedimentais) e das atividades, da escolha de algumas fontes de informação que permitam iniciar e desenvolver o Projeto. Essa seleta de informação deve ser contrastada com fontes que os estudantes já possuam ou possam apresentar, e também com as possibilidades de saídas culturais e outros eventos de ampliação do repertório.

As sínteses, por sua vez, reforçam a consciência do aprender e auxiliam estudantes e professor a verificar o que foi aprendido.

A atuação dos estudantes (no caso dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em conjunto com o professor) deve estar voltada para o planejamento das atividades, de modo que todos tenham consciência do que irá acontecer nos próximos encontros e quais tarefas terão de cumprir. A produção de uma lista com as tarefas, estudos, atividades, pesquisas, saídas culturais, auxilia no trabalho e envolve os estudantes.

Além disso, em um projeto, a produção de novas questões e problemas a partir do que foi vivenciado e aprendido é um dos resultados esperados. Afinal, um assunto nunca se esgota, se ele for interessante e fruto de questões significativas.

### 3. As linguagens artísticas e as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental

As linguagens artísticas visual, musical, corporal e teatral se caracterizam pela *liberdade* em relação à expressão: um artista pode criar seu próprio sistema de signos, inclusive misturando linguagens verbais e não verbais. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte, o fazer artístico é uma *experiência poética*, em que se articulam os significados e a experimentação de técnicas materiais visuais e plásticas, de movimentos, de materiais sonoros, entre outros. Assim, os alunos dos anos iniciais devem ser convidados a experimentar os mais diversos procedimentos artísticos.

Para que essa **experimentação** aconteça é preciso, antes de tudo, que a escola e os professores reconheçam os trabalhos artísticos infantis como uma forma de investigação e de atribuição de sentido das crianças a suas vivências, inclusive às escolares, e que nem sempre são reveladas por meio de uma produção “bonita” ou

“bem-acabada”. É preciso, portanto, valorizar a expressão artística infantil e refrear a tendência de fazer o trabalho pelos alunos, “maquiando” o que poderia parecer uma “imperfeição”.

As linguagens artísticas também devem ser **apreciadas**. As crianças precisam ter momentos de fruição estética, de poder “mergulhar” em obras de arte e ler textos não verbais. Durante a apreciação, todos somos afetados de forma intensa, já que os signos presentes nas obras de arte podem provocar muitas emoções e despertar pensamentos e ideias que também levam a leituras diversas da realidade. A fruição estética possibilita a todos uma livre interpretação da obra apreciada, gerando o que chamamos de *polissemia* de sentidos.

A **fruição estética** é um processo que envolve emoção e razão e pode ser exteriorizada tanto por meio de expressões faciais e/ou corporais como por meio da linguagem verbal. Cada criança responde de um modo muito próprio aos estímulos da fruição estética. Algumas ficam animadas e alegres, outras, tímidas. Dessa forma, é importante que você esteja atento às respostas de seus alunos. Aos poucos, saberá avaliar quanto cada um se envolveu ou não com as atividades e poderá, também, perceber o gosto estético de cada criança. Afinal, em Arte é possível preferir determinada linguagem a outra, o que não significa que a criança poderá escolher se quer participar das atividades propostas ou não. Os alunos têm o *direito* de vivenciar todas as atividades escolares, já que para poder manifestar preferência é preciso conhecer. Em outras palavras, a expressão artística e a fruição dependem do repertório cultural de cada um.

Isso quer dizer que é papel da escola e da disciplina Arte planejar mediações educativas que levem os estudantes a vivenciar momentos de produção artística e fruição estética para que, assim, possam ampliar seu conhecimento artístico e estético e seu repertório cultural.

### Linguagem visual e audiovisual

Ao se expressar por meio da linguagem visual – com desenhos, pinturas, colagens, esculturas, fotografias, etc. –, as crianças revelam o que *sabem* e *sentem* em relação aos objetos. Esse fato está intimamente ligado a sua capacidade de *abstração*: o que elas apresentam resulta na escolha daquilo que lhes parece mais importante representar. Por exemplo: ao desenhar um carro, podem excluir as portas se a característica que mais lhes emociona é o movimento, representado pelas rodas.

Jean Piaget, em seu livro *A formação do símbolo na criança*<sup>28</sup>, afirma que o exercício da abstração é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, especialmente no que se refere à habilidade de formar conceitos. Nesse sentido, muito mais do que avaliar a verossimilhança de um desenho infantil ou as habilidades técnicas demonstradas pelas crianças, ao educador importa compreender aquilo que elas querem mostrar com seus traços. A expressão visual infantil também pode ser entendida como um meio de confrontação entre o mundo interior (subjetivo) e o mundo exterior, na medida em que articula a percepção do mundo “real” à imaginação e à capacidade criativa. Como afirmam Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain em seu livro *Desenvolvimento da capacidade criadora*<sup>29</sup>, a expressão visual é, também, um meio de expressão do sujeito, cuja observação cuidadosa pode criar um vínculo mais profundo entre o professor e cada estudante.

Por isso, na presente coleção, a proposição de fazer com as artes visuais busca a sensibilidade e a expressão infantil, e não apenas um aprendizado técnico ou com resultados “corretos”. Aqui busca-se desenvolver a expressividade cultivada por meio das técnicas, e não a técnica por ela mesma.

Ao desenhar, pintar, colar ou esculpir, as crianças se expressam e se comunicam. Elas já apresentam um repertório visual oriundo do contato que têm com a produção artística de adultos, dos desenhos vistos na televisão ou no cinema, das obras expostas em revistas, livros, museus ou outros espaços de divulgação e, também, a partir do contato com a produção de outras crianças. Dessa forma, constroem conhecimento sobre artes visuais participando da cultura. O mesmo ocorre quando leem e interpretam obras de arte visual: as crianças expressam sua experiência, conhecimento prévio e repertório cultural. O que significa que a apreciação pode ser mais ou menos complexa, dependendo do contato do apreciador com as obras de arte. Daí a importância da mediação ativa por parte da escola e dos educadores, a fim de criar indivíduos críticos e futuros produtores de arte com responsabilidade social e ações cidadãs.

Michael Parsons, em seu livro *Compreender a arte*<sup>30</sup>, afirma que a leitura de uma obra de arte visual sempre busca significações e sentidos. Por isso, as crianças podem e devem ser estimuladas durante essa leitura,

desde que ela seja dirigida com uma finalidade específica, como o tema, a expressão, os aspectos formais e o juízo. Segundo ele, a maioria das crianças em idade escolar dá ênfase ao tema da pintura e tem maior atração pelas imagens realistas, que valorizam a beleza e a harmonia. Os adolescentes, por sua vez, fazem uma análise mais subjetiva da obra, observando também a emoção que o objeto de arte transmite, e não apenas o que ele representa. Para o autor, existem ainda dois estágios de apreciação de arte, que estão ligados a uma maior formação: um olhar com foco na organização e no estilo da obra e em sua função social e um olhar que faz a reconstrução do sentido, interpretando-a com base em conceitos e valores vigentes.

Edmund Feldman, em seu livro *Becoming Human Through Art*<sup>31</sup>, identifica os diferentes tipos de olhar que podem suscitar do leitor que desenvolveu a crítica de arte. Ele os classificou em quatro estágios:

- A primeira abordagem da leitura de imagem seria a descritiva, na qual listamos o que vemos no objeto, seus elementos formais, como linhas, cores, formas, etc., fazendo uma leitura formal, sem julgamento ou opiniões.
- Depois, existe o estágio da análise, no qual relacionamos os elementos formais de uma composição e percebemos como eles se influenciam.
- Em seguida, temos o estágio da interpretação, em que damos sentido à composição, desvendando seu significado. Como uma obra possui vários níveis de significado e como a bagagem cultural e de informações do leitor pode variar, as interpretações também podem ser diversificadas.
- Por fim, há o estágio do julgamento, que depende de nosso conhecimento sobre os fundamentos da filosofia da arte. Como esta é temporal, pulsa conforme a época, o lugar e a cultura. Então, podemos dizer que o julgamento depende de fatores sociais e culturais e do momento histórico do leitor.

Também existem pesquisas brasileiras relevantes sobre leitura de imagens realizadas por Ana Mae Barbosa, Rosa Iavelberg, Terezinha Franz, Anamélia Bueno Buoro, entre outros estudiosos, que entendem que as imagens são objetos do conhecimento e destacam a necessidade em desvelar aos alunos as imbricações entre arte e cultura.

<sup>28</sup> PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. 4. ed. São Paulo: LCT, 2010.

<sup>29</sup> LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

<sup>30</sup> PARSONS, Michael. *Compreender a arte*. Portugal: Presença, 1992.

<sup>31</sup> FELDMAN, Edmund B. *Becoming Human Through Art*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1970.

Por tudo isso, durante a leitura de imagens, as crianças devem ser livres para se expressar. É por meio da sua escuta respeitosa e do diálogo estabelecido com você e os colegas que elas desenvolverão a capacidade de questionamento, tão importante para a formação de um leitor que interpreta os textos que estão a sua volta.

Mas, a fim de mediar conhecimentos, é preciso conduzir o olhar dos estudantes e ressaltar aspectos formais das obras, como linhas, cores, formas, volume, proporção, movimento, etc., e, também, aspectos relativos aos conteúdos (conceituais, factuais, procedimentais) considerados relevantes para o aprendizado dos estudantes.

Para Anamélia Bueno Buoro<sup>32</sup>, existem sete momentos importantes para a mediação de leitura de imagem:

- Descrição da imagem.
- Descoberta de percursos visuais sobre a imagem a fim de perceber toda a estruturação da composição e possibilitar o afloramento de questões e significações pertinentes e inerentes ao texto visual.
- Percepção das relações entre a obra focalizada e a produção anterior realizada pelo artista produtor.
- Pesquisa a fim de se aproximar mais do significado visual, saindo em busca das respostas que surgiram no processo de leitura.
- Comparação ou diálogo entre obras contemporâneas.
- Construção de texto verbal com registro do percurso empreendido, o qual abarque a significação do texto visual lido.
- Abordagem do conceito de produção artística como construção de linguagem e trabalho humano.

Além dos aspectos formais e do conteúdo de uma obra de arte visual, com base em uma perspectiva crítica<sup>33</sup>, é preciso olhar para o que há de mim na obra, ou como eu me reconheço nela, o que eu vejo de minha vida em sociedade nessa imagem, por que determinadas representações são sempre recorrentes, que interesses são satisfeitos com essas representações. Assim, é possível também discutir com as crianças aspectos presentes nas obras de arte relativos aos jogos de poder, à diversidade, aos temas contemporâneos e instigantes que fazem parte da vida delas e que as interessa.

A fim de trabalhar a leitura das obras de arte visuais apresentadas neste material, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Questões que buscam desenvolver nos estudantes um olhar crítico e contextualizado;
- Momentos de conhecer outros trabalhos do artista para que seja possível estabelecer relações entre suas obras;
- Ampliação de repertório para um diálogo com outras produções artísticas, inclusive de outras linguagens;
- Inserção progressiva de um registro escrito sobre as impressões a respeito da obra;
- Incentivo para a investigação da poética do artista e da linguagem construída por ele;
- Questionamentos sobre como os alunos se sentiram e o que pensaram ao ver as obras, revelando o que veem de si mesmos e da vida em sociedade na obra que analisam.

Com esse trabalho sistemático de experimentação em artes visuais e leitura de imagens, com foco na análise artística e estética, buscamos desenvolver as habilidades listadas na BNCC relacionadas às artes visuais. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

## O trabalho com a produção midiática

Segundo dados divulgados pelo Instituto Alana<sup>34</sup>, as crianças brasileiras passam mais de cinco horas por dia vendo programas de televisão, filmes e desenhos animados e assistem a aproximadamente quarenta mil propagandas em um ano. Como sabemos, muitos desses objetos culturais incentivam o consumismo exagerado. Por isso, tão importante quanto saber ler, interpretar e escrever, assistir a um filme ou a um vídeo com olhos críticos é fundamental para que se alcance uma formação cidadã.

Segundo a Arte-educação baseada na cultura visual, a cultura midiática pode e deve ser problematizada nas aulas de Arte, pois, em nossos dias, quase tudo o que nos sensibiliza e informa advém das imagens e “visuallidades” veiculadas pelos meios de comunicação e pe-

<sup>32</sup> BUORO, Anamélia B. *Olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. São Paulo: Cortez, 1996.; Idem. *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.

<sup>33</sup> SARDELICH, Maria E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago. 2006.

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br/consumismo-infantil/>>. Acesso em: 6 out. 2017.

la publicidade. Visualidade, para os arte-educadores, significa mais do que visão, ou seja, mais do que um dos sentidos humanos. Ela se relaciona ao modo como um grupo social cria o seu modo de “ver”, ou de descrever e representar o mundo visualmente. Um dos representantes dessa forma de entender o ensino de Arte é o já mencionado professor estadunidense Nicholas Mirzoeff<sup>35</sup>. Segundo ele, a visualização é a característica do mundo contemporâneo, entretanto, poucos de nós conhecemos aquilo que observamos, pois existe uma grande distância entre a constante experiência visual da cultura contemporânea e a habilidade para analisá-la. É preciso que a escola ajude os alunos a desenvolvê-la.

Utilizar a linguagem audiovisual em sala de aula apenas como passatempo é, portanto, desconsiderar seu potencial educativo. Há uma notória preferência por essa linguagem. Os estudantes podem ampliar diversas habilidades se forem instigados a pensar sobre as produções midiáticas e a produzir audiovisuais. Enfim, são telespectadores e aprendem muitas coisas com a televisão: conhecem culturas, absorvem diferentes modos de falar e agir, recebem informações, etc. Tudo isso se dá por meio da representação imagética e da percepção sonora. Cabe, então, ao educador, saber usá-las de forma produtiva para criar significados.

O trabalho com a linguagem audiovisual na escola abrange três eixos primordiais: *apreciação, produção e divulgação*. A apreciação enfoca a leitura crítica de alguma obra mediada pelo educador. A produção, a participação em experimentações audiovisuais com e sem tecnologias, utilizando brinquedos, atividades com luz e sombra, registros do movimento, brincadeiras, etc. Já a divulgação dos trabalhos realizados pelas crianças implica uma ação política de democratização de acesso aos meios de comunicação. Nesse sentido, a internet se configura em excelente meio, além dos eventos escolares.

Em relação aos gêneros cinematográficos, os desenhos animados são especialmente indicados para o trabalho com crianças. O mundo infantil é repleto de personagens fictícios que participam de histórias próprias. Essas fantasias nascem de uma realidade interna, criada pela vida afetiva e por representações que se constroem internamente.

Com a presença crescente das tecnologias na vida cotidiana, muitas crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental tiram fotografias e fazem pequenos vídeos com telefone celular. Assim, é muito indicado o

uso desse aparelho em trabalhos com a linguagem audiovisual. É papel da escola fornecer parâmetros, tanto técnicos como éticos, para que as tecnologias sejam utilizadas com cuidado e consciência, evitando maus usos.

No material, o trabalho com a linguagem audiovisual é feito com o objetivo de ampliar o repertório cultural dos alunos, além de mostrar possibilidades de criação com o uso de tecnologias da informação. Ao pedir aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental que usem a tecnologia para criar, visamos construir com eles novos sentidos para esses materiais, indo além do entretenimento e incentivando a crítica e o uso consciente. Sendo nativos digitais, a produção usando um celular, câmera fotográfica ou de vídeo, ou um gravador de áudio, pode ser uma tarefa que os engaje e seja próxima do que têm acesso fora da escola. Os desenhos animados e filmes de animação que compõem a coleção foram cuidadosamente selecionados e são abordados com um viés crítico e voltado para a formação cidadã.

## Linguagem da dança

A visão dualista que coloca corpo e alma como domínios opostos faz com que, muitas vezes, os educadores vejam o trabalho físico apartado do trabalho intelectual. Com isso, relega-se a dança ao âmbito da “ginástica” ou ao universo da “pura diversão”, como se nada disso pudesse contribuir para o aprendizado e a formação do cidadão. No entanto, alguns estudiosos da dança e do movimento humano, como Rudolf Laban, Klauss Vianna, Gerda Alexander, Angel Vianna, entre outros, entendem a dança como o “pensamento do corpo”, sugerindo que essa visão dualista seja abandonada e que o processo educativo seja tornado mais holístico e produtivo. Como afirma Isabel Marques<sup>36</sup>, é possível “pensar dançando e dançar pensando”.

Por isso, a presença da dança na escola não deve ter como objetivo apenas um aprimoramento técnico que forme bailarinos como “fazedores de dança”. Podemos entender o ato de dançar como um dos modos de a pessoa conhecer seu corpo e a si mesma. Nesse sentido, não existem os que “sabem” e os que “não sabem” dançar: a dança é um dos aspectos que compõem a existência de qualquer pessoa, uma vez que o movimento é a base de todas as ações humanas. Nosso corpo, mesmo quando parece estar parado, precisa estar em movimento para estar vivo (esta é, a propósi-

<sup>35</sup> MIRZOEFF, Nicholas. *Visual Culture Reader*. London: Routledge, 1998; Idem. *An Introduction to Visual Culture*. London: Routledge, 1999.

<sup>36</sup> MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.



to, uma das questões centrais para muitos artistas da dança contemporânea, que incluem em seus trabalhos a importância do movimento interno dos órgãos e dos fluidos do corpo).

A dança é uma forma de o ser humano se expressar por meio do movimento corporal. É também uma maneira de conhecer o mundo e de interagir com ele e com as outras pessoas. Daí o trabalho com dança na escola ser uma maneira de criar elos mais estreitos entre professores e estudantes. Para isso, é fundamental reservar momentos para discutir sobre as práticas propostas. Conhecendo e compreendendo a expressão corporal dos alunos, o professor pode se aproximar deles, além de impulsionar uma maior integração do grupo.

Incorporando a dança às aulas de Arte, é possível explorar nossas possibilidades de movimento e as relações entre tais possibilidades e a expressão individual. Trabalham-se a relação entre os diferentes corpos, e a relação entre o corpo e o espaço. É claro que esse tipo de trabalho estimula a coordenação motora, o equilíbrio e o tônus muscular, além de abrir espaço para o exercício da imaginação, a capacidade lúdica e a socialização.

Descobrir maneiras de se movimentar para além daquelas com as quais estamos habituados no cotidiano constitui a criação estética que permeia a dança. E é justamente a busca por novas possibilidades, para além do usual, que permitirá que as crianças e os jovens que formamos possam imaginar e dar forma a um mundo diferente, não restrito àquilo que já está estabelecido.

Na coleção, para sistematizar o ensino de dança, propomos tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Exercícios de consciência corporal;
- Apreciação de diferentes manifestações de dança;
- Atividades de reconhecimento de elementos da linguagem corporal;
- Atividades de criação e de improvisação de movimentos dançados;
- Ampliação gradativa do repertório cultural dos estudantes, abordando a dança em suas diferentes formas.

Buscamos, dessa forma, desenvolver as habilidades listadas na BNCC relacionadas à dança. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

## Linguagem musical

Para a tradição, a técnica e a erudição são aspectos considerados essenciais para uma boa formação musical. Desde meados do século XX, entretanto, outro modo de ensinar e aprender música vem sendo aceito e valorizado. A fim de ampliar a percepção e a consciência do indivíduo e contribuir para a superação de preconceitos, posturas individualistas e visões de mundo dualistas, três eixos de trabalho fazem parte dessa nova prática: a apreciação, a *performance* e a criação musicais. Para tanto, é preciso criar contextos educacionais que respeitem e estimulem o sentir, o questionar e o criar, além de promover situações para o debate relacionado à música e ao humano.

O ato de ouvir e apreciar músicas e canções consiste em receber estímulos sonoros, transformá-los em percepções e, então, inseri-las em nosso contexto mental (psíquico, afetivo, cultural, entre outros). Essa inserção se dá mediante a estruturação de novas configurações mentais. Nossa reação à música é, portanto, um ato de (re)criação. Segundo Moraes<sup>37</sup>, a música atua por meio de três dimensões: a corpórea-sensorial, a afetivo-subjetiva e a estético-social. Essas dimensões são indissociáveis e integram aspectos fisiológicos, psicológicos e socioculturais.

A dimensão *corpóreo-sensorial* é epidérmica, está relacionada ao *ritmo* e é acompanhada pelo ato de dançar. Já a *afetivo-subjetiva* relaciona-se às *sensações, lembranças, emoções e sentimentos* e é difícil de definir verbalmente. A *estético-social*, por sua vez, envolve a apreciação musical baseada em determinadas *estruturas e formas estéticas compartilhadas* e é estabelecida histórica e socialmente por meio do contato com diferentes músicas e canções. Assim, a mediação escolar pode e deve diversificar e ampliar a escuta musical.

O jogo e a brincadeira permitem que os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental realizem experimentações com materiais sonoros, instrumentos musicais, o corpo e a voz. Ao participar desse tipo de sensibilização, os alunos desenvolvem habilidades relacionadas tanto à escuta musical como à *performance* e à criação. A escuta sonora e musical desenvolve aquilo que Murray Schafer<sup>38</sup> chamou de “ouvido pensante”: mais do que simplesmente ouvir, a escuta atenta e sensível leva os estudantes a perceber, analisar e refletir sobre o mundo a sua volta e sobre as produções musicais. A *performance*, por sua vez, não é tratada como

<sup>37</sup> MORAES, José J. de. *O que é música*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

<sup>38</sup> SCHAFFER, Murray. *Le paysage sonore*. Marseille: Wildproject, 2010.; Idem. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

atividade delegada apenas a instrumentistas talentosos ou “gênios” musicais, mas como uma atividade criativa e ativa, o que inclui a participação envolvida e comprometida dos estudantes.

Nessa perspectiva, a improvisação e a composição mais complexa são equivalentes na criação musical. Isso quer dizer que a criação musical se relaciona a uma organização de ideias que podem ou não seguir princípios de estilo. Mais uma vez, o engajamento dos estudantes é essencial: é preciso ter consciência de que se está criando uma sequência de sons e ter essa intenção, além do fato de essa sequência conseguir expressar seus pensamentos e emoções. Para Hans-Joachim Koellreuter<sup>39</sup>, a improvisação está sempre relacionada com a autodisciplina, a concentração, o trabalho em equipe, a memória e o senso crítico.

Em outras palavras, o processo de ensino e aprendizagem de música deve valorizar uma visão global e integradora do mundo e os processos de escuta, experimentação e criação. Nesse sentido, também deve dialogar com músicas e canções da estética contemporânea e das culturas não ocidentais.

Na coleção, a fim de sistematizar o ensino de música, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Atividades de escuta sensível de sons e de música;
- Atividades de fazer musical, enfocando as brincadeiras e os jogos musicais;
- Desenvolvimento gradativo do saber formal da música, como a notação musical e os instrumentos tradicionais;
- Ampliação do repertório cultural dos estudantes, abordando diversos gêneros musicais.

Buscamos, dessa forma, desenvolver as habilidades da BNCC referentes à música. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

## Linguagem teatral

Para Viola Spolin<sup>40</sup>, o objetivo do trabalho com a linguagem teatral na escola não é o de fazer do estudante um ator, mas abrir caminho para que cada um descubra a si próprio e reconheça a importância da arte em sua vida. O teatro ajuda o aluno a desenvolver maior domínio do tempo, do corpo e da verbalização e a se tornar mais expressivo. Porém, longe de ser ape-

nas instrutivo, o teatro é, sobretudo, uma forma de arte que deve ser explorada por seu caráter estético. Como arte, o teatro em sala de aula põe o aluno em contato com uma das mais antigas manifestações culturais, que sempre discute as questões essenciais dos seres no mundo. Nessa perspectiva, o teatro tem função estética, catártica, questionadora, social e política. Existem, então, algumas facetas do teatro que podemos explorar, como a criação do personagem, o espaço cênico e a ação teatral, que estão presentes nos jogos teatrais, desenvolvidos por Viola Spolin e trazidos ao Brasil pela professora Ingrid Koudela. Baseados na improvisação, os jogos teatrais constituem um recurso interessante para desenvolver capacidades como atenção, concentração e observação.

Nas produções teatrais em sala de aula, é essencial que se compreenda a diferença entre improvisação e dramatização. A improvisação caracteriza-se pela espontaneidade e jogo de regras. Já a dramatização se caracteriza pela construção intencional de uma peça de teatro, com todos os elementos que lhe são próprios: espaço cênico (cenário, figurino, maquiagem, iluminação), personagens e ação teatral.

Assim, o trabalho com teatro na escola articula o discurso falado e o escrito, a expressão corporal, as expressões plástica, visual e sonora na elaboração de dramatizações; contribui para o desenvolvimento da comunicação e expressão; ajuda os estudantes a desenvolver suas próprias potencialidades; coloca-os em contato com um novo gênero literário; e favorece a produção coletiva de conhecimento da cultura.

Na coleção, para sistematizar o ensino de teatro, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Atividades de apreciação de teatro;
- Experimentação de jogos teatrais;
- Atividades de improvisação, atuação e encenação;
- Atividades de reconhecimento de elementos da linguagem teatral;
- Ampliação gradativa do repertório cultural dos estudantes, abordando a variedade de formas de teatro presentes em nossa sociedade.

Buscamos, dessa forma, cumprir todas as habilidades listadas na BNCC relacionadas ao teatro. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

<sup>39</sup> KATER, Carlos. *Música Viva e H. J. Koellreutter: movimentos em direção à modernidade*. São Paulo: Musa/Atravez, 2001.

<sup>40</sup> SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.; Idem. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.; Idem. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

## Linguagens integradas

As linguagens integradas são a forma de expressão infantil mais característica. Ao desenhar, o corpo da criança se movimenta. Ao dançar, ela canta. Ao contar um fato, a encenação se faz. Ao brincar de faz de conta, imagina e cria. Por isso, ao abordar essas formas de arte que mesclam as linguagens durante a educação em arte dos estudantes, ganhamos a oportunidade de aproximá-los mais ainda dos saberes da arte.

Além disso, as artes contemporâneas, ou as artes que são criadas, produzidas e expostas por artistas vivos, caracterizam-se quase sempre por essa integração. A arte contemporânea nasceu da ruptura com os valores da arte tradicional ocidental, por isso atualmente temos obras de arte que podem nos causar sensações diversas. Existem muitas vertentes e tendências da arte contemporânea, por isso é muito difícil defini-la de maneira a dar conta de toda essa variedade. Mas uma coisa que podemos afirmar acerca das transformações que ocorreram na arte durante o século XX e continuam a se desenrolar no século XXI é que noções como as de beleza, imitação do real, obra-prima, talento e, principalmente, o papel e o valor da arte passaram a ser amplamente discutidos e revistos. Por isso, a arte tem estado em permanente mudança e muitas das produções artísticas atuais nos causam sensações de estranhamento, curiosidade e, por vezes, rejeição.

Muitas vezes o senso comum e os mecanismos de legitimação da arte, como os museus, as galerias, os livros e os críticos de arte, apresentam ideias que o público considera contraditórias. Um exemplo disso é o fato de muitos museus possuírem em seu acervo algumas obras de arte clássicas e outras contemporâneas que, embora discordem do ideal clássico, estão expostas na mesma instituição.

Nesse sentido a arte contemporânea caracteriza-se por:

- questionar o sistema de circulação das artes;
- incorporar as artes das periferias urbanas;
- ocupar as ruas e os espaços públicos;
- mesclar as culturas populares brasileiras e as artes que são fruto do ensino formal;
- valorizar, ver e ouvir quem somos nós.

Além disso, segundo Ana Mae Barbosa<sup>41</sup>, os seguintes elementos estruturam a arte contemporânea:

- diálogo entre as linguagens artísticas;
- uso inusitado de materiais e meios;
- estranhamento que causa no público;
- ludicidade e integração entre obra e espectador;
- uso de tecnologias de comunicação e informação.

Por isso, na coleção, de acordo com a BNCC, o ensino das artes integradas é sistematizado com atividades de apreciação e de produção. Gradativamente, apresentamos os elementos presentes nessa forma de arte, ampliando, assim, o repertório cultural dos estudantes. Buscamos, dessa forma, cumprir todas as habilidades listadas na BNCC relacionadas às artes integradas, em especial a habilidade **EF15AR23**, que prevê o reconhecimento e a experimentação das relações processuais entre as linguagens artísticas em projetos temáticos. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

## III. Ambiente de aprendizagem e acesso aos espaços de divulgação cultural

### 1. O ambiente de aprendizagem

O ambiente de aprendizagem em Arte é muito importante, pois auxilia o professor a conduzir os estudantes à experiência estética, estimulando sensações e pensamentos. Para tanto, é importante que o espaço destinado às atividades do fazer artístico seja minimamente adequado. Independentemente da situação física da sala, o cuidado com a preparação do espaço e com a recepção das crianças é fundamental.

Para a realização de atividades de arte visual, é importante haver acesso fácil a pias e a itens de higiene, como papel toalha, além da disponibilidade de mesas grandes (ou a possibilidade de juntar pequenas mesas ou carteiras). Observe a disposição dos materiais que serão utilizados e que devem ser previamente separados.

Os alunos devem utilizar aventais (ou camisetas velhas) e aprender a se comportar adequadamente diante de materiais e instrumentos – algo que precisa de sua mediação paciente, afinal, as crianças quase sempre ficam eufóricas ao mexer com tintas, argila, sucata, etc.

Se a escola dispuser dos recursos e do profissional, as atividades de arte audiovisual devem ser realizadas com equipamentos eletrônicos, como computadores

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://old-portalic.icnetworks.org/materiacontinuum/marco-abril-2009-afinal-o-que-e-arte-contemporanea/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

e câmeras de vídeo, por exemplo, em parceria com o professor de Informática Educativa, no laboratório de informática.

Uma sala com algum tipo de isolamento acústico ou outro ambiente mais afastado deve ser reservada para as experimentações musicais. É importante separar com antecedência recursos como CDs e DVDs, instrumentos musicais e aparelhos de som e de gravação, quando necessário.

Se houver auditório na escola, ele deve ser utilizado para as atividades de teatro. Do contrário, pode-se utilizar a própria sala de aula, desde que as carteiras e as cadeiras sejam afastadas para abrir um espaço adequado para as atividades, que deve ser limpo e sem obstáculos.

As atividades de dança podem ser realizadas na quadra esportiva, no pátio da escola ou em uma sala de aula livre de carteiras e cadeiras. Como as crianças farão exercícios de apoio e de contato corporal no chão, se possível, utilize tatames ou tapetes emborrachados.

É importante lembrar que os alunos com deficiência podem e devem participar das atividades a seu modo, com ou sem a sua ajuda ou dos colegas, sempre tendo suas limitações respeitadas e suas conquistas valorizadas. Sempre faça as adaptações necessárias para que eles possam participar efetivamente das atividades propostas.

## 2. Visitas culturais

Além do ambiente escolar, outro importante recurso que favorece a ampliação do repertório cultural dos alunos são as visitas culturais. O estudo do meio, entre outras vantagens, possibilita a reintegração da escola ao meio físico, social e cultural em que está inserida e leva à compreensão e ao reconhecimento da importância dos processos e fatos históricos, conscientizando alunos e professores da responsabilidade ética de sua participação cidadã.

As visitas culturais têm como objetivos aprofundar um tema ou conteúdo trabalhado em sala de aula e, também, estimular o olhar investigativo e o desejo de pesquisar. Elas têm um papel importante no processo de construção de conceitos e do pensamento crítico dos alunos sobre arte, pois auxiliam no desenvolvimento da capacidade de observar, descobrir, documentar, analisar, criticar e utilizar diferentes meios de expressão. As visitas propiciam, também, o desenvolvimento das

habilidades **EF15AR07** e **EF15AR25**, presentes na BNCC, que preveem, respectivamente, o reconhecimento pelos alunos de algumas categorias do sistema das artes visuais (como museus, galerias, instituições, etc.) e o conhecimento e valorização do patrimônio cultural, material e imaterial.

Portanto, fique atento às opções que sua cidade oferece. Você pode planejar visitas culturais a praças, parques, fábricas, centros culturais, teatros, cinemas e, até, passeios por bairros inteiros, por exemplo. Além disso, podem ser consideradas estudo do meio cultural as visitas a ateliês de artistas e artesãos, espaços de arte urbana (como a produzida pela cultura *hip hop*), feiras populares, coleções particulares, espaços culturais comunitários, aldeias indígenas, quilombos, entre outros.

Lembre-se de que para realizar uma visita cultural significativa, ou que tenha sentido para estudantes e professores, é preciso relacionar o lugar a ser visitado à temática e ao conteúdo que estão sendo trabalhados em sala de aula. Também é importante ressaltar que, nessas visitas, deve-se ter o cuidado de não podar a curiosidade das crianças, já que elas poderão agir de forma a interagir com a obra ou o artista. Quando isso couber, não é preciso pedir silêncio ou cercear a espontaneidade dos alunos<sup>42</sup>.

### Preparando a visita

É seu papel estimular os estudantes a participar ativamente da visita cultural, conversando sobre o local a ser visitado e tendo em mente a relação que você quer que eles estabeleçam entre o conteúdo que está sendo estudado em sala e as informações e conhecimentos que a visita ajudará a construir.

É importante, também, que haja uma atividade prévia de busca de imagens, reportagens, folhetos ou vídeos com informações sobre o objeto da visita. Se alguém da turma já visitou o lugar, aproveite para explorar suas impressões e observações, sem censura.

Providencie as autorizações dos pais ou responsáveis para sair com os alunos da escola. Caso necessário, explique a eles os objetivos dessa saída cultural.

Peça a ajuda da direção da escola em relação ao transporte que os levará até o local. Lembre-se de visitá-lo antes de levar os alunos e se informar sobre possíveis regras e restrições, como a proibição de fotografar ou filmar. Caso seja uma visita longa, pense também na alimentação e no vestuário das crianças.

<sup>42</sup> Indicamos a leitura de um texto produzido por Ingrid Koudela sobre a ida das crianças ao teatro junto com o professor: KOUDELA, Ingrid. *A ida ao teatro*. Programa Cultura e Currículo. São Paulo, 2010. (Disponível em: <<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.)

Verifique se o local possui monitores ou arte-educadores que possam auxiliá-lo durante a visitação. Converse com eles para planejar a apreciação conforme seus objetivos pedagógicos. Se a visita for a uma casa de espetáculos, averigüe se os artistas podem conversar com os alunos ao final da apresentação.

É também seu papel indicar aos alunos que material deve ser utilizado durante a visita, como caderno de anotações, papel e prancheta, caneta, lápis de cor, máquina fotográfica, câmera de vídeo, etc. Para que tudo corra bem, promova um bate-papo antes de sair e combine com os alunos algumas regras de convivência e comportamento. Registre o combinado na lousa como uma forma de contrato didático, regulando o conteúdo escrito à progressão da alfabetização dos alunos.

### Durante a visita

Estimule os alunos a questionar aquilo que veem, ouvem, percebem e sentem, conversando e fazendo perguntas tanto a você como aos artistas e/ou monitores do local.

Se a visita for a alguma manifestação cultural popular, como um festejo, deixe que as crianças dançam e cantem livremente. Essas manifestações são muito envolventes e será uma experiência inesquecível para os alunos!

Em todas as situações, sua participação como mediador das informações advindas da visita cultural e do conteúdo trabalhado em sala de aula é muito importante. Registre a visita em vídeo e, se tiver permissão, também o diálogo das crianças com os artistas e/ou monitores. Esse registro é essencial para que você possa avaliar a experiência e verificar se os objetivos foram alcançados. Ele também pode compor o portfólio de cada aluno, sendo uma fonte diversificada de aprendizagem para a turma, inclusive, fora da escola.

### Depois da visita

Em uma roda de conversa, discuta com os alunos as impressões e descobertas realizadas durante o passeio. Faça uma síntese do que foi aprendido, registrando por escrito ou gravando em vídeo.

### Comunicando o que foi aprendido

As visitas culturais sempre suscitam muita expectativa e animação nas crianças, que se envolvem completamente nessa atividade. Por isso, aproveite para fechá-la com chave de ouro!

Sugerimos, por exemplo, que você ajude os alunos a produzir um jornal-mural sobre a visita, com imagens e, a partir do segundo ano do Ensino Fundamental, pequenas notas acompanhando-as, o que também será de grande valor para o processo de alfabetização. Dessa forma, eles reconhecerão a importância de comunicar aos outros suas descobertas e aprendizados.

Essas visitas são importantes para desenvolver nos alunos o gosto pela cultura e despertar neles o desejo de realizá-las autonomamente. Incentive-os sempre a levar os familiares ao local visitado por vocês!

## IV. Avaliação

A avaliação é um recurso importante, não só para definir aprovação ou retenção do estudante, mas para acompanhar sua aprendizagem durante um Projeto de Trabalho. Além disso, a avaliação constante serve, também, para que o professor avalie suas estratégias de ensino. Por isso, os processos e instrumentos avaliativos não devem aparecer somente no final do percurso, como se a aprendizagem fosse um produto pronto que se pode medir e avaliar com um gabarito. Lembramos que essa avaliação deve ser formativa e constante.

Para tanto, é preciso que o professor crie uma rotina de registro, em um **diário de bordo**, das falas, comportamentos e atitudes das crianças, sua relação com os diversos conhecimentos e seu envolvimento nas atividades propostas. Esse diário pode ser um caderno ou um registro digital em que você relate o que aconteceu durante as aulas e onde possa arquivar fotografias e vídeos que fizer de suas aulas.

Além disso, é preciso recorrer sempre ao **portfólio**<sup>43</sup> de cada estudante, para verificar o desenvolvimento deles. O portfólio se constitui em uma pasta ou caixa em que são colocados, em ordem cronológica, os registros dos trabalhos realizados ao longo do ano letivo, como desenhos, fotografias, CDs, DVDs, textos escritos, etc. Vale ressaltar que mobilizar recursos tecnológicos como forma de registro é uma das competências específicas de Arte na BNCC.

O portfólio é tanto um instrumento de avaliação como de autoavaliação e registro. Ao selecionar os trabalhos que farão parte desse instrumento, professores e alunos devem fazer uma avaliação crítica e cuidadosa dos objetivos estabelecidos e dos propósitos de cada atividade.

<sup>43</sup> Sobre o portfólio como recurso avaliativo do processo de desenvolvimento da criança, sugerimos a leitura da dissertação de Mestrado de Cassiana Raizer, *Portfólio na Educação Infantil: desvelando possibilidades para a avaliação formativa*. (Disponível em: <[www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2007/2007%20-%20RAIZER,%20Cassiana%20Magalhaes.pdf](http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2007/2007%20-%20RAIZER,%20Cassiana%20Magalhaes.pdf)>. Acesso em: 16 nov. 2017.)

## 1. Sugestão de fichas de acompanhamento do portfólio dos estudantes

As fichas a seguir foram pensadas com o intuito de auxiliar o professor no acompanhamento do portfólio, sugerindo diferentes aspectos que podem ser avaliados e o que pode guiar essa análise e avaliação. É muito importante que cada docente possa refletir sobre sua prática e a realidade de sua sala de aula, para então escolher quais fichas usar, como usá-las e verificar a necessidade de criar novas fichas que contemplem aspectos diferentes das apresentadas nesta seção.

É importante ressaltar que o exame do portfólio a partir das fichas trará um recorte do desenvolvimento do aluno naquele momento, ou seja, é fundamental retomar fichas que já foram vistas para que haja a construção de um histórico do desenvolvimento de cada aluno, destacando as evoluções e mesmo as maiores dificuldades de cada um, o que pode guiar o conteúdo a ser trabalhado ou reforçado para cada estudante.

As fichas sugeridas se relacionam diretamente com algumas competências que constam na BNCC, por exemplo, agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários; Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

### Consciência da construção de seu percurso em relação aos processos vivenciados nas aulas

#### Indicador

Capacidade do aluno de se perceber, se colocar, produzir e estabelecer uma relação de autonomia com seu processo de aprendizagem.

#### Perguntas orientadoras

Quanto o aluno se apropria da produção dele? Que significado a produção do aluno tem para ele mesmo? Que significado seu trabalho tem para ele mesmo? Ele se sente representado pelo seu trabalho? Ele tem escolhas conscientes e marcas de autoria? O aluno manifesta interesse ou vontade de construir sua marca pessoal? Ele busca isso? Ou ele está querendo só repetir? O aluno tem consciência do que é autoria na

linguagem que ele está trabalhando? O aluno identifica/reconhece marcas pessoais no trabalho do outro? Identifica/reconhece marcas pessoais de artistas daquela linguagem?

1	O aluno precisa ser estimulado para se envolver nas atividades e não aponta para a construção de seu percurso pessoal. Ele tem dificuldade de estabelecer pontes entre sua individualidade e o coletivo, não compartilhando descobertas e dificuldades provenientes do processo.
2	O aluno se engaja em algumas empreitadas (produção, pesquisa, troca de ideias e experiências) em seu processo na sala. Ele apresenta algumas características próprias em seu trabalho resultantes de suas descobertas, mesmo que sem consciência disso.
3	O aluno tem consciência do que constitui o fator autoral na linguagem artística que ele está trabalhando, a partir disso, reconhece seu processo criativo e se sente representado pelo seu trabalho.
4	O aluno tem consciência da importância de ser o autor/protagonista de seu processo de aprendizagem e, a partir disso, interage com o grupo, cria e compartilha suas experiências de maneira crítica, colaborativa e dialógica. Ele reconhece sua pesquisa artística como fator necessário (indispensável e integrado) em sua interação com seu contexto sociocultural.

### Pesquisa pessoal

#### Indicador

Interesse do aluno pela busca de referências para produção e desenvolvimento de estratégias de pesquisa e reflexão acerca da produção artística.

#### Perguntas orientadoras

O aluno se sente estimulado a procurar referências artísticas além das que ele trouxe consigo? Na linguagem que está estudando, o aluno está revendo conceitos preestabelecidos? O aluno está relativizando o conceito que ele tem de gosto? Ele entende que o gosto pode ser alterado?

1	O aluno não reconhece como novas referências artístico-culturais podem contribuir para suas concepções sociais e visão de mundo. Chega a apresentar preconceitos e pré-concepções a respeito de diferentes manifestações artísticas e culturais, ou seja, está orientado por referências externas e aceita sem elaborar, sem critérios.
---	---

2	O aluno manifesta interesse pelos temas e conteúdos, pela diversidade cultural que é apresentada nas atividades, mas ainda não se engaja na construção de sua própria pesquisa de ampliação de repertório. Ele não legitima a escola como um espaço de troca e criação de repertório.
3	O aluno reconhece, identifica e estabelece que seu repertório cultural pode ser ampliado de diversas maneiras e alimentado pelos conhecimentos que ele constrói das linguagens artísticas. O aluno compreende a diversidade de seu repertório e subsidia sua produção artística.
4	Ao se relacionar com o gosto e as referências do outro, o aluno aceita indicações, dicas, etc. e contribui para a ampliação de repertório dos colegas, realiza pesquisas pessoais fora da escola, aponta e compartilha suas fontes de pesquisa.

## Construção de sua postura de aluno na escola

### Indicador

Compreensão, reconhecimento e envolvimento nas dinâmicas da atividade e grau de iniciativa e participação na rotina estabelecida para o grupo.

### Perguntas orientadoras

Que papel o aluno exerce no grupo que participa? Como ele manifesta o significado da aula de arte na vida dele? Ele fala sobre isso? De que forma ele participa das atividades propostas? De que forma ele se relaciona com os colegas? Qual a assiduidade e participação dele?

1	O aluno recorrentemente não está implicado na atividade proposta (ele não sabe quais são os objetivos da atividade). O aluno não reconhece vários dos elementos da rotina estabelecida para o grupo e ele não participa, ou participa pouco, dessas atividades.
2	Quando chamado a participar, o aluno geralmente se envolve com as propostas da aula de Arte. Sua colaboração se dá porque ele reconhece que está inserido em um contexto de aprendizagem e assume o papel de responder aos estímulos que recebe para se integrar.
3	O aluno participa ativamente das rotinas de trabalho de seu grupo. Identifica e expressa a sua relação com a aula de Arte, e, nesse contexto, sabe do seu papel no grupo e tem consciência de sua responsabilidade sobre sua própria formação.

4	O aluno se compromete com a rotina de suas atividades por reconhecer o papel que elas desempenham na sua formação integral. Por identificar a aula de Arte como um espaço coletivo, ele trabalha tentando envolver pessoas com laços familiares e de amizade.
---	---

## Troca de experiências e participação em uma situação de partilha

### Indicador

Iniciativa/disposição em compartilhar, isto é, saber falar e saber ouvir (escuta ativa), os conhecimentos construídos acerca das linguagens artísticas, ciente da importância da contribuição individual nos processos coletivos de pesquisa e criação.

### Perguntas orientadoras

De que forma o aluno participa das situações coletivas, discussões e conversas acerca dos temas trazidos pelos educadores? O aluno considera a participação dos colegas na sua fala? O aluno muda de ideia a partir da escuta e consideração da fala do outro? Como o aluno lida com a mudança de ideia do colega? O aluno respeita opiniões diferentes das suas? O aluno participa ativamente dos diálogos no grupo ou só assiste à discussão? Ele respeita os períodos de silêncio e concentração? O aluno respeita o tempo do outro? Participa de situações de troca? Ele respeita a produção do outro? O aluno manifesta sua opinião de forma respeitosa e colaborativa?

1	O aluno não participa das situações coletivas de troca e discussão, ou, quando participa, é apenas para apontar seus próprios processos. Ele não reconhece ou não identifica relações entre seu processo e o processo dos colegas. Não manifesta interesse em falar sobre seu processo e compartilhá-lo, tampouco demonstra curiosidade no trabalho dos colegas.
2	O aluno se envolve e participa das situações coletivas de troca e discussão. Estabelece relações de coleguismo e de companheirismo com os outros aprendizes e, em parte de seu processo, é possível identificar poucas conexões com os processos e pesquisas dos colegas e os interesses coletivos do grupo.
3	O aluno participa ativamente das situações coletivas de troca e discussão. Sabe falar sobre seu processo e apresenta uma escuta cuidadosa em relação aos colegas. É um indivíduo ativo no desenvolvimento dos interesses coletivos do grupo.

4 O aluno tem consciência da importância da construção coletiva de conhecimentos e saberes e busca criar situações de integração de processos com os colegas, inclusive aprendizes de outras atividades e projetos. Em muitas situações exerce papel de liderança e é propositor de situações de troca de experiência e de coletividade.

## Produção artística e aprimoramento técnico

### Indicador

Grau de domínio dos procedimentos técnicos, materiais, suportes, meio de produção e expressão na linguagem artística.

### Perguntas orientadoras

Em que grau o aluno se apropria e sabe usar (domina) os procedimentos que são ensinados e como os incorpora em suas produções individuais? Como o aluno relaciona seu aprendizado técnico com o que ele quer fazer? As escolhas são diversificadas? Considera alternativas técnicas e poéticas? O aluno se disponibiliza a aprender novas técnicas e procedimentos?

1	O aluno precisa de ajuda técnica, só produz com orientação e/ou acompanhamento do educador, com ajuda total.
2	O aluno apresenta facilidade em trabalhar com meios e suportes, mas ainda precisa de alguma orientação.
3	O aluno consegue se apropriar e trabalhar com os procedimentos, meios e materiais propostos sem necessidade de supervisão ou de acompanhamento direto.
4	O aluno explora e pesquisa os materiais e suportes a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos na atividade.

## Ampliação de repertório

### Indicador

Curiosidade pela produção artístico-cultural na sua relação com o contexto social, identificação do próprio repertório e como incorpora essas referências na sua pesquisa pessoal.

### Perguntas orientadoras

De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno? O aluno tem uma postura investigativa que o leva a ampliar suas possibilidades de produção? Ele aceita o que é apresentado nas atividades? Ele faz produções em grupo que consideram a diver-

sidade de competências? Ele tem interesse em outras linguagens artísticas e busca trazer aspectos destas no trabalho dele? Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?

1	O repertório apreendido se restringe a nenhum ou poucos aspectos formais, técnicos e procedimentais apresentados nas atividades. O aluno não reflete acerca de suas referências artístico-culturais e não legitima o papel desse processo no seu aprendizado.
2	O aluno se apropriou de aspectos formais, técnicos e procedimentais apresentados nas atividades. Demonstra interesse por referências fora do seu campo de interesse original, mas ainda sem organizar ou sistematizar essas novas referências na relação com sua pesquisa e produção pessoal.
3	O aluno incorpora as referências apresentadas nas vivências da aula de arte em sua produção e se dedica a pesquisas pessoais para ampliar seu repertório.
4	O aluno identifica que seu repertório artístico-cultural foi ampliado, reconhece a importância desse processo e colabora para a ampliação do repertório do grupo.

## Participação e envolvimento

### Indicador

Envolvimento e resposta do aluno às atividades propostas, atenção às dinâmicas individuais e do grupo e dedicação à própria produção.

### Perguntas orientadoras

O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o final? Ele estabelece seus próprios objetivos? Ele se dispersa? Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?

1	O aluno costuma desviar a atenção e precisa recorrentemente ser chamado de volta a participar da atividade. Não parece ter consciência de suas vontades e desejos em relação às aulas de Arte.
2	O aluno mantém atenção nas propostas e participação nas atividades e se compromete com os objetivos e conteúdos que são compartilhados – o que está explícito pelo educador.
3	O aluno tem suas próprias metas e desejos em relação a seu aprendizado artístico-cultural, tem atenção e dedicação ao seu processo de aprendizagem e participa ativamente das propostas de trabalho, contribuindo para a configuração de um trabalho de grupo baseado na troca de experiências.



4

Ao longo do processo o aluno amplia e constrói novas metas e objetivos para sua formação artístico-cultural e estabelece planos de como alcançá-los. O aluno amplia suas perspectivas e campos de pesquisa e contribui na elaboração de novas propostas de trabalho para o grupo.

## 2. Avaliação das sequências didáticas

Diferentemente do Projeto de Trabalho, que é uma forma de organização do currículo, a sequência didática pode ser definida como uma série de aulas concatenadas, com um ou mais objetivos e que não necessariamente tem uma produção final. Uma sequência didática é um trabalho organizado de forma sequencial durante um tempo determinado e estruturado pelo professor a fim de focar conteúdos relacionados ao projeto. Podemos afirmar, portanto, que dentro de um Projeto de Trabalho podem ocorrer diversas sequências didáticas.

Procure analisar o processo de construção do conhecimento em Arte dos estudantes antes, durante e depois de cada sequência didática, visando um processo de ensino e aprendizagem significativo.

A avaliação constante pode desvendar o processo de trabalho do professor de Arte durante todo o ano letivo, promovendo transformação das práticas pedagógicas com base na reflexão sobre a experiência vivida. Os momentos avaliativos ao longo do processo podem ser distintos e, em cada um deles, você deve procurar elaborar instrumentos como debates, questionários escritos e trabalhos práticos que possam fornecer dados para responder algumas questões importantes sobre a aprendizagem dos alunos. Há várias formas de elaborar instrumentos de avaliação em Arte. Podem ser trabalhos, provas, testes, relatórios, interpretações, questionários e outros que sejam mais sensíveis ao estágio de desenvolvimento específico dos estudantes.

O processo de avaliação pode ser individual ou em grupo e não deve se restringir a atitudes e valores. Por meio dele, todos os alunos devem refletir sobre os avanços em relação às suas aprendizagens específicas.

A estrutura geral desta coleção foi pensada como sequências didáticas. Cada unidade tem uma abertura, dois capítulos e um fechamento, que serão detalhados na próxima seção deste Manual. Cada uma dessas partes da unidade se constitui em uma sequência didática, ou seja, a abertura é uma sequência, o Capítulo 1 é outra, o Capítulo 2 até o fechamento,

também. Para a avaliação desses e de outros conteúdos, sugerimos os seguintes momentos de avaliação.

### Avaliação inicial

- O que os alunos conhecem sobre arte (artes visuais, música, dança, teatro, cinema, etc.)?
- Com quais tipos de arte convivem no cotidiano?
- Frequentam algum tipo de aula de Arte fora da escola? Quais e em quais espaços essas aulas são realizadas?
- Conhecem as práticas culturais e artísticas que ocorrem na comunidade? Como adquiriram esse conhecimento?
- Costumam frequentar os espaços culturais da cidade (museus, galerias de arte, centros culturais, teatros, cinemas, etc.)? Quais? Com que frequência?

### Avaliação processual

#### Antes da sequência didática

- O que os alunos conhecem sobre o objeto cultural que será estudado?
- O tema da sequência didática faz parte ou tem alguma relação com o cotidiano dos alunos?
- Que experiências os estudantes têm com a linguagem artística que será estudada?
- Conhecem algum artista que trabalhe com o mesmo tipo de produção cultural que será estudado na sequência?

#### Durante a sequência didática

- Os alunos demonstram interesse pela produção apresentada no capítulo? Que pontos despertam mais curiosidade?
- O tema abordado no capítulo é significativo para sua turma? Que relações existem entre esse tema e o cotidiano das crianças?
- Como os alunos compreendem o contexto sócio-histórico-cultural que envolve o objeto cultural que está sendo estudado?
- O objeto cultural que está sendo estudado é acessível a todos ou é dirigido apenas a determinado grupo social?
- Como os alunos compreendem os elementos das linguagens artísticas implicados na produção do que está sendo estudado e como se apropriam deles?

#### Depois da sequência didática

- Depois dos estudos, o conhecimento dos alunos sobre o objeto cultural estudado mudou? Procure

identificar como eles se apropriaram dos conteúdos estudados.

- Os alunos identificam em seu cotidiano a presença do tipo de objeto cultural e da(s) linguagem(ns) artística(s) estudados(a)? Procure exemplos.
- Como os estudantes se relacionaram com sua própria produção artística durante as atividades? Ficaram satisfeitos? Apropriaram-se dos procedimentos trabalhados? Envolveram-se em pesquisas e experimentações com os materiais? Consideram que sua produção artística expressa suas opiniões/sentimentos/emoções?
- Consideram importante expor/divulgar seu trabalho artístico e se envolver em eventuais montagens e apresentações de seus trabalhos?
- Quais foram as maiores dificuldades ao longo do projeto?

### Avaliação final para o professor

- Você realizou o mapeamento cultural? De que forma o mapeamento cultural auxiliou em seu plano de ensino?
- Foi possível abordar mais de uma linguagem artística na mesma atividade?
- Qual linguagem foi mais bem-aceita pelos alunos?
- Os recursos materiais existentes na escola foram disponibilizados para o seu trabalho com os estudantes? Quais recursos foram utilizados com êxito? Dê exemplos.
- Os espaços físicos da escola foram disponibilizados e estavam preparados para ser utilizados nas aulas de Arte?
- Você realizou a avaliação processual? Como utilizou a avaliação processual nas atividades de ensino?
- Até que ponto sua prática educativa foi alterada a partir da avaliação processual? Reflita se, ao longo do processo, você mudou de estratégia, elaborou novas atividades ou alterou alguma que já estava em andamento ao observar que os alunos estavam com dificuldades ou, então, se mudou o planejamento porque as crianças se entusiasmaram e aderiram à proposta, envolvendo-se mais do que o esperado.
- Elenque as alterações que realizou em seus procedimentos de ensino a partir da avaliação processual.
- Essas alterações resultaram na melhoria da aprendizagem dos alunos? Justifique.
- Você permitiu que os estudantes realizassem uma autoavaliação sobre as produções?

- Você promoveu visitas culturais? Os objetivos planejados foram alcançados?
- Conseguiu realizar mostras/exposições/festivais de arte? Comente.

### 3. Avaliação do produto final do Projeto de Trabalho

A avaliação do trabalho final dos alunos, seja ele uma produção individual, seja em grupo, envolve a verificação do aprendizado de técnicas e também da ampliação do repertório cultural dos estudantes. Essa produção, portanto, deve refletir o aprendizado dos conteúdos estudados ao longo do Projeto de Trabalho e deve, principalmente, refletir o processo de elaboração e de planejamento dessa produção final.

Nesse sentido, é importante que os estudantes registrem o processo de elaboração e de construção da obra por meio de fotografias, desenhos, vídeos, gravação de voz, textos.

No mundo da arte, esse registro se chama **memorial descritivo**. O memorial descritivo artístico é uma pequena redação sobre o processo de trabalho, da prática artística e de outras preocupações mais amplas. Ele serve de explanação, em linhas gerais, dos conceitos, motivações e processos de um trabalho de arte.

Essa forma de registro auxilia na avaliação do produto final de um Projeto de Trabalho, pois ajuda na racionalização de um processo tipicamente subjetivo. Para auxiliá-lo na avaliação de produtos finais, elencamos algumas questões que podem dirigir tanto a sua crítica quanto a dos próprios alunos:

- Quais temas, ideias e preocupações vocês consideraram em seu trabalho?
- Existem quaisquer influências externas ou ideias, talvez fora do universo das artes, que têm influência sobre seu trabalho?
- Há uma “intenção” por trás do trabalho, o que você quer que o trabalho alcance?
- Existem teorias, culturas ou artistas ou escolas de pensamento que são relevantes para seu trabalho?
- Com que materiais e recursos vocês trabalharam? O que interessa a vocês sobre esses tipos de material?
- Por que você trabalha com esses materiais? Existe uma relação entre eles e as suas ideias?
- Que processos estão envolvidos no seu trabalho e como eles se relacionam com as suas ideias?

No caso do trabalho com crianças em fase de alfabetização, é possível dialogar com elas em uma roda de conversa. Assim, você poderá verificar quanto as crianças conseguiram absorver em relação aos conteúdos abordados e qual a relação deles com o produto final.

## V. Estrutura geral da coleção

Para cumprir a proposta de trabalhar com Projetos de Trabalho, tendo como fundamento teórico a Arte-educação baseada na cultura visual e a Abordagem Triangular, cada livro desta coleção possui duas unidades temáticas que se configuram como Projetos de Trabalho e que duram um semestre letivo.

Essas duas unidades/projetos buscam trabalhar as quatro linguagens artísticas do componente curricular e, também, as diferentes linguagens integradas apontadas na BNCC e que contextualizam o estudo das linguagens.

Assim, cada projeto parte de uma questão disparadora que busca provocar o interesse dos estudantes. O trabalho desenvolvido a partir da pergunta busca levá-los a refletir sobre um *tema contemporâneo* (como direitos da criança e do adolescente, educação ambiental, vida familiar e social, educação para o consumo, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural), aliado ao estudo de uma *manifestação das artes integradas*, ou das artes que exploram as relações e as articulações entre as diferentes linguagens e suas práticas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, indicadas na BNCC:

Ainda que, na BNCC, as linguagens artísticas das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma compartimentada ou estanque. Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a *performance*.

Atividades que facilitem um trânsito criativo, fluido e desfragmentado entre as linguagens artísticas podem construir uma rede de interlocução,

inclusive, com a literatura e com outros componentes curriculares. Temas, assuntos ou habilidades afins de diferentes componentes podem compor projetos nos quais saberes se integrem, gerando experiências de aprendizagem amplas e complexas.<sup>44</sup>

Assim, cada unidade de cada volume da coleção possui:

1. *Abertura do Projeto*, que apresenta a questão disparadora e envolve os estudantes com imagens e textos instigantes e experimentações artísticas;
2. Dois *Capítulos*, que abordam de forma mais aprofundada linguagens artísticas que fazem parte do componente curricular e que ajudam na coleta de informações e em vivências que vão servir de fonte de pesquisa para resolver a questão disparadora do projeto;
3. *Fechamento do Projeto*, que apresenta de forma aprofundada a linguagem integrada ou híbrida estudada para que o produto final do projeto seja realizado.

A *Abertura do Projeto* traz textos e imagens que provocam a discussão e o debate acerca da questão disparadora, de forma reflexiva e contextualizada. Como os estudantes do 1º ao 5º ano são crianças, essa sensibilização busca ser lúdica, respeitando a faixa etária e as culturas infantis, e dialógica, por meio de uma roda de conversa inicial.

Nessa roda, professor e estudantes dialogam, o que permite que você desvele o que as crianças sabem sobre o problema, que outras questões ele abarca e que caminhos ele abre. Além disso, nesse momento, os estudantes vivenciam experimentações que desenvolvem competências e habilidades artísticas ao mesmo tempo que despertam seu interesse.

Cada um dos dois *Capítulos* que compõem uma unidade traz uma sequência didática relacionada ao aprendizado de uma linguagem artística por meio de atividades inspiradas na Abordagem Triangular desenvolvida por Ana Mae Barbosa e que também abarcam as seis dimensões do conhecimento presentes na BNCC, a saber: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão.

Ressaltamos que o Projeto de Trabalho dialoga com a Abordagem Triangular. Ainda que a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa seja

<sup>44</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 196.

voltada para o ensino das artes visuais e não oriente uma ordem ou sequência didática específica de organização dos vértices do triângulo, na coleção, nos apropriamos dessa proposta para o ensino de todas as linguagens.

Por isso, as atividades estão organizadas de modo que os estudantes aprendam arte de forma contextualizada e permeada de sentido. Além disso, o estudo dos capítulos garante o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, mas permite que você amplie o trabalho, trazendo outros procedimentos e pesquisas, além de outros saberes/linguagens que quiser e considerar relevantes, de acordo com o Projeto Político-Pedagógico da escola e rede de ensino de que participa.

Cada capítulo começa com a apresentação de uma obra de arte especialmente escolhida para que os estudantes continuem a refletir e construir respostas para o problema do projeto e, também, para apresentar alguns dos conteúdos obrigatórios da área de Arte.

A partir da apreciação e da contextualização da obra, o capítulo traz uma seção com conceitos estéticos, elementos da linguagem ou saberes artísticos, mesclada a experimentações artísticas, que promovem a vivência necessária para a construção de seu percurso criador e autoral e, também, a construção de um olhar sensível e crítico, que busca desvelar o que há “por trás” da obra apresentada no livro, de acordo com o referencial teórico que embasa a coleção.

Além disso, o capítulo também apresenta outros trabalhos do artista que conheceram no início e traz uma seção de ampliação do repertório cultural dos estudantes, apresentando o trabalho de outros artistas, outras linguagens e outras culturas, estimulando a pesquisa e o trabalho coletivo, também de acordo com o referencial teórico.

O final de cada um dos dois capítulos propõe uma atividade de criação e produção artística com foco na linguagem estudada e que se relaciona à preparação do produto final do projeto.

Optamos por organizar as seções dos capítulos nessa ordem por acreditarmos que, quanto mais os estu-

dantes conhecerem e relacionarem o trabalho de artistas e grupos apresentados com seu contexto e a própria produção artística, mais serão capazes de criar e produzir arte.

O *Fechamento do Projeto* traz, também, a apresentação de uma obra e uma sequência de atividades que promove o aprendizado da linguagem artística integrada ou híbrida que se relaciona à pergunta apresentada na abertura, além de uma proposta de criação e produção que resultará no principal produto do projeto.

Desse modo, ao longo de um ano letivo, os estudantes entrarão em contato com artistas e obras de arte de diferentes linguagens, tempos e culturas, além de vivenciarem experimentações e criações que garantem um percurso criador e autoral com um repertório ampliado e uma visão crítica que permite a criação artística autônoma.

Por fim, vale destacar que em um Projeto de Trabalho é preciso mobilizar a curiosidade e o interesse dos estudantes para que o aprendizado aconteça. Assim, os cinco volumes da coleção trazem uma proposta de progressão das aprendizagens que visa tornar o estudo das linguagens artísticas sempre instigante.

A cada ano letivo, propomos temas de projetos, obras de arte, atividades, pesquisas, reflexões e produção de produtos cada vez mais complexos e desafiadores, estimulando as descobertas dos alunos e a construção de novos conhecimentos. Ainda assim, de acordo com aquilo que está previsto na BNCC, essas aprendizagens não estão propostas de maneira rígida<sup>45</sup>, mas se relacionam com as anteriores e as posteriores na aprendizagem em Arte. Assim, sempre que julgar necessário, você pode adaptar a abordagem às necessidades e aos interesses da turma e também ao desenvolvimento do projeto, fazendo movimentos de retomada ou de antecipação de conteúdos, adaptando a complexidade do material e dos processos para o momento em que os alunos se encontram.

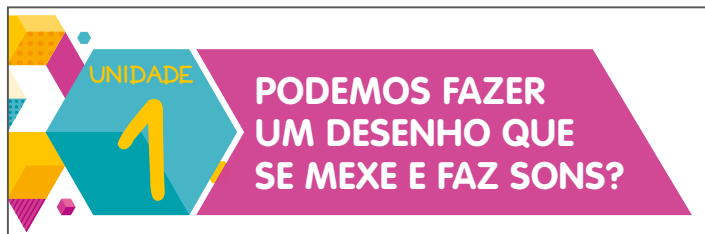
Com esse trabalho, a coleção busca desenvolver as competências específicas da área de Arte para os anos iniciais do Ensino Fundamental presentes na BNCC.

<sup>45</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 197.

## 1. Seções e boxes da coleção

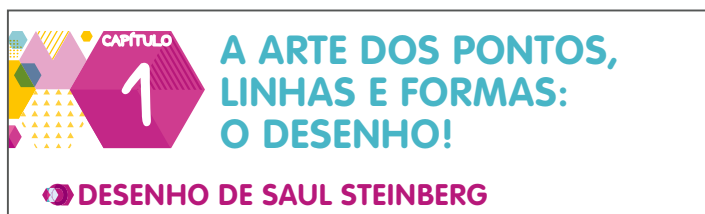
A seguir, apresentamos um esquema visual das seções e dos boxes que compõem cada volume da coleção. Os boxes fixos são apresentados dentro da seção em que aparecem. Os demais boxes são apresentados logo após as seções.

### 1. Introdução da unidade



É a abertura do Projeto de Trabalho. Nas duas primeiras páginas, apresenta uma imagem e a pergunta disparadora. Em seguida, há imagens e textos de sensibilização e, por fim, uma experimentação artística para que os alunos comecem a explorar o tema.

### 2. Abertura do capítulo



Cada capítulo aborda de forma mais aprofundada uma das quatro linguagens da arte, a partir da obra de um artista ou de um grupo em especial.

#### Para iniciar



O box “Para iniciar” traz perguntas para despertar o interesse do estudante e direcionar ao tema do capítulo.

### 3. Que obra é essa?



Seção que apresenta e promove a apreciação da obra do artista eleito para a construção do conteúdo do capítulo.

### 4. Como a obra foi feita?



Seção que desvela o produto artístico, mostrando que há um processo de construção da obra.

### 5. Conteúdos artísticos



Seção com conceitos estéticos, elementos da linguagem e saberes artísticos apresentados a partir da apreciação e da contextualização da obra principal do capítulo.

### 6. Atividade prática



Momento privilegiado para a criança “colocar a mão na massa”, ou seja, experimentar, a partir de um dos vetores do trabalho conhecido, uma criação. É importante ressaltar que, nas primeiras atividades práticas, as crianças podem ter pouca familiaridade com o modo de fazer arte proposto, mas a continuidade, o incentivo e as suas proposições possibilitarão ao aluno desenvolver autonomia e desfrutar cada vez mais do processo de criação em arte.

### 7. Outros trabalhos de



Apresenta outros trabalhos do artista para que os alunos possam conhecer mais de sua produção e de sua poética.

#### Sobre o artista



Breve biografia do artista ou grupo que aproxima o artista do ser humano comum, desmistificando para a criança o imaginário do artista inacessível.

#### Assim também aprendo



Seção que auxilia o estudante a verbalizar suas aproximações e repulsas ao trabalho do artista/grupo e é uma forma de auxiliá-lo a construir seu senso estético.

## 8. Ampliando o repertório cultural

### AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL

Oportunidade de trazer obras de outros artistas e linguagens que dialogam com o conceito estético desenvolvido no capítulo.

## 9. Experimentação

### EXPERIMENTAÇÃO

Vivência de experimentações artísticas que desenvolvem competências e habilidades de arte ao mesmo tempo que despertam o interesse dos alunos.

## 10. O que estudamos

### O QUE ESTUDAMOS

Momento em que o aluno revê o conteúdo desenvolvido ao longo do capítulo ou da unidade, tira dúvidas e reforça conceitos. Você pode aproveitar a seção para revisar algumas atividades que despertaram mais interesse nas crianças.

### Dica de visitação

#### DICA DE VISITAÇÃO

Sugestões de visitas culturais que podem aproximar um artista/grupo local da escola e da construção do saber em Arte das crianças.

### É hora de retomar o portfólio

#### É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO

Construção passo a passo do produto final que os estudantes terão no fim do ano letivo: o portfólio.

## 11. Encerramento da unidade

PODEMOS FAZER  
UM DESENHO QUE  
SE MEXE E FAZ SONS!

É o fechamento do Projeto de Trabalho. Apresenta uma obra relacionada à pergunta proposta inicialmente e trabalhada ao longo dos capítulos, auxiliando os alunos a respondê-la.

## 12. Fazendo arte

### FAZENDO ARTE

Proposta de criação e de produção que resultará no principal produto do Projeto de Trabalho.

### I. Saiba mais

#### SAIBA MAIS >>

Boxe que traz uma curiosidade ou mais informações sobre algum aspecto interligado à obra em questão ou ao tema abordado.

### II. Arte e...

#### ARTE & MATEMÁTICA

Boxe que busca promover a interdisciplinaridade do conteúdo artístico com outro componente curricular.

### III. Glossário

**INSTALAÇÃO:**  
TIPO DE ARTE VISUAL QUE CRIA  
OU MODIFICA UM AMBIENTE.

Apresenta conceitos para os alunos. Se julgar conveniente, você pode adotar o procedimento de escrever as palavras glossariadas na lousa e, quando pertinente, explorá-las no processo de alfabetização.

### IV. Sugestão de...

#### SUGESTÃO DE...

Indicações de sites, vídeos, livros e filmes selecionados para os alunos.

## 2. Principais competências, objetos de conhecimento e habilidades da coleção

A seguir, apresentamos as principais competências, objetos do conhecimento e habilidades trabalhados na coleção.

1º ano
<b>Unidade 1 - Podemos fazer um desenho que se mexe e faz sons?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Temas contemporâneos</b>
Trabalho, ciência e tecnologia
<b>Competências gerais</b>
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
<b>Competência de Linguagens</b>
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
<b>Competência de Arte</b>
Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Desenho animado
<b>Objeto do conhecimento</b>
Arte e tecnologia
<b>Habilidade</b>
(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> , etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo 1
<b>Unidade temática</b>
Artes visuais – Desenho
<b>Objeto do conhecimento</b>
Elementos da linguagem
<b>Habilidade</b>
(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento, etc.).
Capítulo 2
<b>Unidade temática</b>
Música – Paisagem sonora
<b>Objeto do conhecimento</b>
Elementos da linguagem
<b>Habilidade</b>
(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo, etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
<b>Unidade 2 - Brincar é importante?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Temas contemporâneos</b>
Direitos da criança e do adolescente
<b>Competências gerais</b>
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### Competências de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.

#### Unidade temática

Artes integradas – Filme documentário

#### Objetos do conhecimento

Matrizes estéticas culturais

Arte e tecnologia

#### Habilidades

(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

### Capítulo 3

#### Unidade temática

Dança – Dança contemporânea

#### Objetos do conhecimento

Contextos e práticas

Processos de criação

#### Habilidades

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.

### Capítulo 4

#### Unidade temática

Teatro – Pantomima literária

### Objeto do conhecimento

Processos de criação

#### Habilidades

(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.

(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.

## 2º ano

### Unidade 1 - A arte faz pensar?

#### Abertura e Fechamento do Projeto

#### Tema contemporâneo

Educação ambiental

#### Competências gerais

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

#### Competência de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

#### Competência de Arte

Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.



<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Intervenção artística
<b>Objeto de conhecimento</b>
Processos de criação
<b>Habilidade</b>
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
<b>Capítulo 1</b>
<b>Unidade temática</b>
Teatro – Teatro de manipulação
<b>Objeto de conhecimento</b>
Elementos da linguagem
<b>Habilidade</b>
(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
<b>Capítulo 2</b>
<b>Unidade temática</b>
Dança – Dança contemporânea
<b>Objeto de conhecimento</b>
Elementos da linguagem
<b>Habilidades</b>
(EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado.
(EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.
<b>Unidade 2 - Brinquedo pode ser arte?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Temas contemporâneos</b>
Vida familiar e social
Educação para o consumo

<b>Competências gerais</b>
Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
<b>Competência de Linguagens</b>
Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
<b>Competência de Arte</b>
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Criação de exposição interativa
<b>Objetos de conhecimento</b>
Processos de criação
Matrizes estéticas e culturais
<b>Habilidades</b>
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
<b>Capítulo 3</b>
<b>Unidade temática</b>
Artes visuais – escultura
<b>Objetos de conhecimento</b>
Processos de criação
Sistemas de linguagem

## Habilidades

(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

(EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

(EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).

## Capítulo 4

### Unidade temática

Música – Música de concerto

### Objetos de conhecimento

Elementos da linguagem

Notação e registro musical

### Habilidades

(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.

(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.

## 3º ano

### Unidade 1 - A arte pode ser feita com tudo?

#### Abertura e Fechamento do Projeto

### Temas contemporâneos

Educação ambiental

Educação para o consumo

### Competências gerais

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

## Competência de Linguagens

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

## Competência de Arte

Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

### Unidade temática

Artes integradas – Criar uma instalação sonora com materiais inusitados.

### Objeto de conhecimento

Processos de criação

### Habilidade

(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

## Capítulo 1

### Unidade temática

Artes visuais – Assemblagem e fotografia

### Objeto de conhecimento

Materialidades

### Habilidade

(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

## Capítulo 2

### Unidade temática

Música – Música experimental

### Objetos de conhecimento

Materialidades

Notação e registro musical

<b>Habilidades</b>
(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
<b>Unidade 2 - A arte pode fazer a gente se sentir bem?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Tema contemporâneo</b>
Saúde
<b>Competências gerais</b>
Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
<b>Competência de Linguagens</b>
Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
<b>Competência de Arte</b>
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Festival de <i>clowns</i>

<b>Objeto de conhecimento</b>
Processos de criação
<b>Habilidade</b>
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
<b>Capítulo 3</b>
<b>Unidade temática</b>
Teatro – Palhaçaria
<b>Objeto de conhecimento</b>
Processos de criação
<b>Habilidades</b>
(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.
(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.
(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.
<b>Capítulo 4</b>
<b>Unidade temática</b>
Dança – Dança e o Novo Circo
<b>Objeto de conhecimento</b>
Processos de criação
<b>Habilidades</b>
(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.
(EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

## 4º ano

### Unidade 1 - A arte pode unir as pessoas?

#### Abertura e Fechamento do Projeto

##### Tema contemporâneo

Diversidade cultural

Respeito e valorização do idoso

##### Competências gerais

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

##### Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

##### Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

##### Unidade temática

Artes integradas – Organizar uma apresentação na escola

##### Objeto de conhecimento

Patrimônio cultural

##### Habilidade

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

#### Capítulo 1

##### Unidade temática

Música – Música brasileira

##### Objetos de conhecimento

Contexto e práticas

Notação e registro musical

##### Habilidades

(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.

#### Capítulo 2

##### Unidade temática

Dança – Danças afro-brasileiras

##### Objeto de conhecimento

Contextos e práticas

##### Habilidade

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

### Unidade 2 - A arte pode construir lugares?

#### Abertura e Fechamento do Projeto

##### Tema contemporâneo

Diversidade cultural

Vida familiar e social

<b>Competências gerais</b>
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
<b>Competências de Linguagens</b>
Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
<b>Competência de Arte</b>
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Instalação interativa
<b>Objetos de conhecimento</b>
Patrimônio cultural
Arte e tecnologia
<b>Habilidades</b>
(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> etc.) nos processos de criação artística.

<b>Capítulo 3</b>
<b>Unidade temática</b>
Teatro – Musical
<b>Objeto de conhecimento</b>
Contextos e práticas
<b>Habilidade</b>
(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
<b>Capítulo 4</b>
<b>Unidade temática</b>
Artes visuais – Gravura e relevo
<b>Objetos de conhecimento</b>
Contextos e práticas
Matrizes estéticas e culturais
<b>Habilidades</b>
(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

<b>5º ano</b>
<b>Unidade 1 - A arte tem raiz?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Temas contemporâneos</b>
Diversidade cultural
Educação em direitos humanos
<b>Competências gerais</b>
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

### Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

### Unidade temática

Artes integradas – Criar um festejo na escola

### Objeto de conhecimento

Patrimônio cultural

### Habilidade

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Capítulo 1

### Unidade temática

Música e artes integradas – Música indígena

### Objetos de conhecimento

Materialidades

Patrimônio cultural

### Habilidades

(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Capítulo 2

### Unidade temática

Artes visuais e artes integradas – Azulejaria

### Objetos de conhecimento

Matrizes estéticas e culturais

Patrimônio cultural

### Habilidades

(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Unidade 2 - Arte é patrimônio?

### Abertura e Fechamento do Projeto

### Temas contemporâneos

Diversidade cultural

Educação em direitos humanos

### Competências gerais

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

### Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

### Unidade temática

Artes integradas – Criação de filme usando a técnica *stop-motion*

### Objetos do conhecimento

Patrimônio cultural

Arte e tecnologia

### Habilidades

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, *softwares*, etc.) nos processos de criação artística.

## Capítulo 3

### Unidade temática

Dança e artes integradas – Danças africanas

### Objetos de conhecimento

Contextos e práticas

Patrimônio cultural

### Habilidades

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Capítulo 4

### Unidade temática

Teatro - Mamulengo

### Objeto de conhecimento

Contextos e práticas

### Habilidade

(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

## 3. Material Digital do Professor

Complementa o trabalho desenvolvido no material impresso, com o objetivo de organizar e enriquecer o trabalho docente, contribuindo para sua contínua atualização e oferecendo subsídios para o planejamento e o desenvolvimento de suas aulas. Neste material, você encontrará:

- Orientações gerais para o ano letivo.
- Quadros bimestrais com os objetos de conhecimento e as habilidades que devem ser trabalhados em cada bimestre.
- Sugestões de atividades que favoreçam o trabalho com as habilidades propostas para cada ano.
- Orientações para a gestão da sala de aula.
- Proposta de projetos integradores para o trabalho com os diferentes componentes curriculares.
- Sequências didáticas para ampliação do trabalho em sala de aula.

## VI. Referências para aprofundamento do professor

### Arte-educação

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da Arte*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

\_\_\_\_\_. *Arte-educação: conflitos e acertos*. São Paulo: Max Limonad, 1984.

\_\_\_\_\_. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_. *John Dewey e o ensino da Arte no Brasil*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

\_\_\_\_\_. *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. *Redesenhando o desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortez, 2015.

\_\_\_\_\_. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

\_\_\_\_\_.; COUTINHO, Rejane. *Arte-educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_.; CUNHA, F. (Org.). *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte*. Brasília, 2000.

DEWEY, John. *A arte como experiência*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2010.

EFLAND, Arthur D.; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patricia. *La educación en el arte posmoderno*. Barcelona: Paidós, 2003.

FERREIRA, Sueli (Org.). *O ensino das artes: construindo caminhos*. 10. ed. Campinas: Papirus, 2015.

FUSARI, Maria R.; FERRAZ, Maria H. *Arte na educação escolar*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. *Metodologia do ensino de Arte*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GEERTZ, Clifford. A Arte como um sistema cultural. In: \_\_\_\_\_. *O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Penso, 1997.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia radical: subsídios*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1983.

GRANT, N. *Multicultural Education in Scotland*. Edinburgh: Dunedin Academic Press, 2000.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 16. ed. Campinas: Papirus, 2005.

\_\_\_\_\_.; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_.; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LAYTON, Robert. *A Antropologia da Arte*. Lisboa: Edições 70, 2001.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio. *Arte em questões*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

RICHTER, Ivone M. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

RIZZI, Maria Cristina de S. Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SACRISTÁN, José G. A educação que temos, a educação que queremos. In: IMBERNÓN, F. (Org.). *A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz T.; MOREIRA, Antônio F. (Org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Tomaz T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

### Interdisciplinaridade

BOCHNIAK, Regina. *Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola*. São Paulo: Loyola, 1998.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 2. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

FAZENDA, Ivani C. A. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro*. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 18. ed. Campinas: Papirus, 2016.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

JAMESON, Fredric. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JANTSCH, Ari P.; BIANCHETTI, Lucídio. *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A Árvore do conhecimento: as bases biológicas para a compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2004.



MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Portugal: Europa-América, 1996.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. 3. ed. São Paulo: Triom, 2017.

PAVIANI, Jayme. *Interdisciplinaridade: conceitos e distinções*. 3. ed. Caxias do Sul: Educs, 2014.

SANTOS, Boaventura S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, Vivaldo P. *Interdisciplinaridade na sala de aula*. São Paulo: Loyola, 2007.

SENGE, Peter M. *A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2009.

SOMMERMAN, Américo. *Inter ou transdisciplinaridade?* São Paulo: Paulus, 2006.

## Artes visuais

AGUILAR, Nelson (Org.). *Bienal Brasil século XX*. São Paulo: Fundação Bienal, 1994.

ARGAN, G. C. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. 2. ed. São Paulo: Cengage, 2016.

BERGER, John. *Modos de ver*. São Paulo: Rocco, 1999.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHIPP, Herschel. *Teorias da Arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DANTO, Arthur. *Após o fim da Arte: a Arte contemporânea e os limites da História*. São Paulo: Edusp, 2006.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GOMBRICH, Ernst. H. *A história da Arte*. 16. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARRISON, Hazel. *Técnicas de desenho e pintura*. Rio Grande do Sul: Edelbra, 1994.

HAYES, Colin. *Guia completo de pintura y dibujo, técnicas y materiales*. Barcelona: Herman Blume, 1992.

KANDINSKY, Wassily. *Ponto e linha sobre plano*. Lisboa: Edições 70, 2006.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

## Audiovisual

BARBERO, Jesus. M. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

BARBOSA FILHO, André. *Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CITELLI, Adilson. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COELHO, Raquel. *A arte da animação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Formato, 2012.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESPERON, T. M. Educação para mídia. *Pedagogia da Comunicação: Caminhos e desafios*. In: PENTEADO, Heloísa D. (Org.). *Pedagogia da Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

FERRÉS, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

GALLIMARD, Jeunesse. *A imagem*. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

GIACOMANTONIO, Marcello. *O ensino através dos audiovisuais*. São Paulo: Summus, 1981.

GRAÇA, Marina E. *Entre o olhar e o gesto: elementos para uma poética da imagem animada*. São Paulo: Senac, 2009.

HAMANN, Fernanda P.; SOUZA, Solange J.; PIRES, Cecília C. *Juro que vi... Lendas brasileiras: adultos e crianças na criação de desenhos animados*. Rio de Janeiro: Multirio/Núcleo de Publicações, 2004.

KUNSCH, Margarida (Org.). *Comunicação e educação: caminhos cruzados*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

LUCENA JÚNIOR, Alberto. *Arte da animação: técnica e estética através da história*. 2. ed. São Paulo: Senac, 2005.

SILVA, Salette. T. A. Desenho animado e educação. In: CITELLI, Adilson. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. São Paulo: Cortez, 2008.

## Música

ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. São Paulo: IEB/Edusp, 1989.

BEYER, Esther. *Ideias em educação musical*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

\_\_\_\_\_; KEBACH, Patrícia (Org.). *Pedagogia da Música: experiências de apreciação musical*. Porto Alegre: Mediação, 2015.

CAGE, John. *De segunda a um ano*. São Paulo: Cobogó, 2013.

FONTEERRADA, Marisa. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem (Org.). *Expressão Musical na Educação Infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2013.

MARIZ, Vasco. *História da música no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

MOURA, Ieda C.; BOSCARDIN, Maria T.; ZAGONEL, Bernadete. *Musicalizando crianças: teoria e prática da educação musical*. São Paulo: InterSaberes, 2013.

SCHAFER, Murray. *Le paysage sonore*. Marseille: Wildproject, 2010.

\_\_\_\_\_. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2013.

TINHORÃO, José R. *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. 7. ed. São Paulo: 34, 2013.

WISNIK, José M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

## Dança

BARRETO, Débora. *Dança... ensino, sentidos e possibilidades na escola*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

BREGOLATO, Roseli. *Cultura corporal da dança*. 3. ed. São Paulo: Ícone, 2007.

CORTES, Gustavo. *Dança, Brasil! Festas e danças populares*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

FERREIRA, Táis; FALKEMBACH, Maria T. *Teatro e Dança nos anos iniciais*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

KATZ, Helena. *Brasil descobre a dança, a dança descobre o Brasil*. São Paulo: DBA, 1994.

LABAN, Rudolf. *Dança educativa moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

\_\_\_\_\_. *Domínio do movimento*. 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.

\_\_\_\_\_. *Interações: crianças, dança e escola*. São Paulo: Blucher, 2012.

OSSONA, Paulina. *A educação pela dança*. 6. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

VIANNA, Klaus. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005.

## Teatro

CABRAL, Beatriz. *Drama como método de ensino*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

\_\_\_\_\_. *Ensino do teatro: experiências interculturais*. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998.

CHACRA, Sandra. *Natureza e sentido da improvisação teatral*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

COURTNEY, Richard. *Jogo, teatro e pensamento*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DESGRANGES, Flávio. *Pedagogia do Teatro: provocação e diálogo*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

JAPIASSU, Ricardo. *Metodologia do ensino do teatro*. 9. ed. Campinas: Papirus, 2001.

KOUDELA, Ingrid. *Brecht na pós-modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. *Brecht: um jogo de aprendizagem*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

\_\_\_\_\_. *Jogos teatrais*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

\_\_\_\_\_. *Texto e jogo*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

NOVELLY, Maria C. *Jogos teatrais: exercícios para grupos e sala de aula*. Campinas: Papirus, 1994.

SANTANA, Arão P. de. *Teatro e formação de professores*. São Luís: EDUFMA, 2009.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. *Brincadeira e conhecimento: do faz de conta à representação teatral*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (Org.). *Infâncias do Campo*. São Paulo: Autêntica, 2013.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

\_\_\_\_\_. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

STANISLAVSKI, Constantin. *A criação de um papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.



Ensino Fundamental – Anos Iniciais  
Componente curricular: Arte

**Eliana Pougy**

Bacharel em Comunicação Social pela  
Fundação Armando Álvares Penteado (Faap)  
Especialista em Linguagens da Arte pelo  
Centro Universitário Maria Antônia da Universidade de São Paulo (Ceuma-USP)  
Mestra em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)  
Doutora em Teoria Política com foco em Educação na  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)  
Autora de livros didáticos e paradidáticos sobre Arte

**André Vilela**

Licenciado em Educação Artística pela  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp-SP)  
Coordenador pedagógico do programa Fábricas de Cultura de São Paulo  
Professor de cursos de capacitação e de formação de professores em Arte  
Professor de História da Arte  
Autor de livros didáticos sobre Arte

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.

**ea**  
editora ática



editora ática

**Direção geral:** Guilherme Luz

**Direção editorial:** Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas

**Gestão de projeto editorial:** Tatiany Renó

**Gestão e coordenação de área:** Alice Silvestre e Camila De Pieri Fernandes

**Edição:** André Saretto (assist.), Fabiana Marsaro e Renato Malkov

**Gerência de produção editorial:** Ricardo de Gan Braga

**Planejamento e controle de produção:** Paula Godo, Roseli Said e Marcos Toledo

**Revisão:** Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Curci, Brenda Morais, Célia Carvalho, Claudia Virgilio, Gabriela M. de Andrade, Heloisa Schiavo, Luciana B. Azevedo, Maura Loria e Paula T. Jesus

**Arte:** Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.), Yong Lee Kim (edição de arte), Jacqueline Ortolan e Livia Vitta Ribeiro (edit. arte)

**Iconografia:** Silvio Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.), Thaisi Albarracin Lima (pesquisa iconográfica)

**Licenciamentos de conteúdos de terceiros:**

Cristina Akisino (coord.), Liliâne Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires e Claudia Rodrigues (analistas adm.)

**Tratamento de imagem:** Cesar Wolf e Fernanda Crevin

**Ilustrações:** Andrea Ebert, Galvão, Joana Resek, Mouses Sagiorato e Roberto Weigand

**Design:** Gláucia Correa Koller (ger. e proj. gráfico) e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)

**Ilustração de capa:** ArtefatoZ

**Foto de capa:** Thirteen/Shutterstock

**Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.**

Avenida das Nações Unidas, 7221, 3º andar, Setor A

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061

www.atica.com.br / editora@atica.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pougy, Eliana  
Após arte, 1º ano : ensino fundamental, anos iniciais / Eliana Pougy, André Vilela. -- 2. ed. -- São Paulo : Ática, 2017.

Bibliografia.  
Suplementado pelo manual do professor.  
ISBN 978-85-08-18809-3 (aluno)  
ISBN 978-85-08-18810-9 (professor)

I. Arte (Ensino fundamental) I. Vilela, André.  
II. Título.

17-10580

CDD-372.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

**2017**

Código da obra CL 713533

CAE 624243 (AL) / 624244 (PR)

2ª edição

1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.

Impressão e acabamento





# APRESENTAÇÃO

BRINCAR É IMPORTANTE? A ARTE FAZ PENSAR?  
BRINQUEDO PODE SER ARTE? A ARTE PODE SER FEITA  
DE TUDO? A ARTE PODE UNIR AS PESSOAS? ARTE É  
PATRIMÔNIO?

ESSAS E MUITAS OUTRAS PERGUNTAS FAZEM  
PARTE DOS NOSSOS PENSAMENTOS DESDE QUE NÓS  
TÍNHAMOS A SUA IDADE!

PARA RESPONDER A ESSAS QUESTÕES, ESTUDAMOS  
ARTE NA ESCOLA E TAMBÉM FORA DELA.

ASSIM, FOMOS APRENDENDO E ORGANIZANDO  
IDEIAS, ELABORANDO OUTRAS PERGUNTAS E  
ORDENANDO PENSAMENTOS.

AFINAL, NÓS SÓ APRENDEMOS QUANDO FAZEMOS  
PERGUNTAS E VAMOS ATRÁS DE RESPOSTAS, NÃO  
É MESMO?

POR ESSE MOTIVO, PROCURAMOS TRAZER NESTE  
LIVRO DE ARTE DIVERSOS QUESTIONAMENTOS...

E É POR ISSO QUE PROPOMOS A VOCÊ QUE, AO  
LONGO DOS ESTUDOS, BUSQUEMOS, JUNTOS,  
RESPOSTAS PARA ELES!

VAMOS REFLETIR SOBRE O FAZER ARTÍSTICO,  
EXPERIMENTAR LINGUAGENS, APRECIAR AS MAIS  
DIVERSAS OBRAS, CONHECER A VIDA E O TRABALHO  
DE DIFERENTES ARTISTAS E PRODUZIR MUITA ARTE.

DESSA MANEIRA, ESPERAMOS QUE VOCÊ CHEGUE A  
ALGUMAS CONCLUSÕES, FAÇA VÁRIAS DESCOBERTAS  
E PROPONHA MUITAS NOVAS PERGUNTAS SOBRE ARTE!

BOM APRENDIZADO!

OS AUTORES



# CONHEÇA SEU LIVRO

AO FOLHEAR ESTE LIVRO, VOCÊ VAI VER QUE ELE CONTÉM ILUSTRAÇÕES, FOTOGRAFIAS, IMAGENS DE OBRAS DE ARTE, TEXTOS E ATIVIDADES. VAMOS ENTENDER COMO ELE ESTÁ ORGANIZADO?

## UNIDADE

O LIVRO TEM DUAS UNIDADES, COM UMA INTRODUÇÃO, DOIS CAPÍTULOS E UM ENCERRAMENTO CADA UMA DELAS. A INTRODUÇÃO APRESENTA UMA IMAGEM DE PÁGINA DUPLA E UMA PERGUNTA QUE VAI CONDUZIR O ESTUDO DE TODA A UNIDADE. EM SEGUIDA, HÁ UMA SENSIBILIZAÇÃO E UMA EXPERIMENTAÇÃO PARA VOCÊ COMEÇAR A EXPLORAR O TEMA.




**1 A ARTE DOS PONTOS, LINHAS E FORMAS: O DESENHO!**

**O DESENHO DE SAUL STEINBERG**  
O DESENHO É UMA DAS FORMAS QUE TEMOS PARA NOS EXPRESSAR NA ARTE. ELE É UMA MANIFESTAÇÃO DAS ARTES VISUAIS E OS ARTISTAS QUE TRABALHAM COM ELE SÃO CHAMADOS DE ARTISTAS VISUAIS. VAMOS CONHECER O TRABALHO DE UM ARTISTA VISUAL!

**OBJETIVOS**

1. VOCÊ GOSTA DE DESENHAR?
2. O QUE VOCÊ VÊ NO DESENHO DA PÁGINA AO LADO?
3. COMO VOCÊ ACHA QUE ESSE DESENHO FOI FEITO?
4. VOCÊ IMAGINA ALGUM SOM AO OBSERVAR ESSE DESENHO?

OBSERVE A IMAGEM DA PÁGINA AO LADO. ESTE É UM DESENHO CRIADO PELO ARTISTA ROMENO SAUL STEINBERG (1914-1999). ELE GOSTAVA DE DESENHAR LINHAS E, COM ELAS, CRIAR FORMAS E REGISTRAR O MOVIMENTO. VOCÊ CONSEGUE ACOMPANHAR COM SEU DEDO O MOVIMENTO QUE O ARTISTA DESENHOU? VAMOS TENTAR! PARA TREINAR, TENTE PERCORRER A LINHA ABAIXO COM O DEDO INDICADOR.



## CAPÍTULO

CADA CAPÍTULO ABORDA UMA LINGUAGEM ARTÍSTICA. ALÉM DE APRENDER MAIS SOBRE AS ARTES VISUAIS, O TEATRO, A DANÇA E A MÚSICA, VOCÊ REALIZARÁ ATIVIDADES E EXPERIMENTAÇÕES QUE VÃO AUXILIÁ-LO A RESPONDER À PERGUNTA DA UNIDADE.

**AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL**

**FERNANDO LINDOTE**  
O ARTISTA GAÚCHO FERNANDO LINDOTE (1965) TAMBÉM CRIA OBRAS DE ARTE REGISTRANDO PAISAGENS, MAS UTILIZA OUTRA FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: A PINTURA.



**SENHORA DO BUFO, DE FERNANDO LINDOTE, 2014 (ÓLEO SOBRE TELA, 160 cm x 150 cm)**

O QUE VOCÊ VÊ NA IMAGEM? AS CORES UTILIZADAS TRANSMITEM QUE SENSAÇÃO? QUE SONS VOCÊ IMAGINA AO OLHAR PARA ELA? FERNANDO LINDOTE UTILIZA UM GÊNERO DA PINTURA QUE É USADO PELOS ARTISTAS VISUAIS HÁ MUITO TEMPO: A PAISAGEM. DESSA FORMA, NOS FAZ VER O QUE ELE VIU E SENTIU DE UM LUGAR!

## CONHECENDO OBRAS E ARTISTAS

CADA CAPÍTULO COMEÇA COM A APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE UM ARTISTA OU GRUPO, COM EXEMPLOS DE OBRAS E INFORMAÇÕES SOBRE ELE E AS TÉCNICAS QUE UTILIZA. EM SEGUIDA, VOCÊ VAI CONHECER MAIS SOBRE AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS, POR MEIO DE TEXTOS E ATIVIDADES PRÁTICAS.

**COMO A OBRA FOI FEITA?**

SAUL STEINBERG CRIOU O DESENHO QUE VOCÊ VIU COM LINHAS RETAS, CURVAS, FINAS, GROSSAS, SINUOSAS E QUEBRADAS! PARA DESENHÁ-LAS, ELE USOU TINTA NANQUIM, CANETA BICO DE FINA E UM PAPEL MAIS RESISTENTE DO QUE O SULFITE, CONHECIDO COMO PAPEL Canson. VOCÊ CONHECE ESSES MATERIAIS?

**TINTA NANQUIM**

**CANETA BICO DE FINA**

**PAPEL Canson**

AS CANETAS BICO DE FINA GERALMENTE POSSUEM CABO DE MADEIRA E PONTA DE METAL. QUANDO MERGULHAMOS O BICO DA CANETA NO NANQUIM, A TINTA FICA ARMARIZADA. AI É SO PRESSIONAR O BICO NO PAPEL QUE ELE SE ABRE E A TINTA ESCORRE PARA O ARTISTA CRIAR MUITOS DESENHOS!

## AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL

VOCÊ VAI CONHECER OUTRAS OBRAS E ARTISTAS DE DIFERENTES LINGUAGENS ARTÍSTICAS QUE SE RELACIONAM COM A OBRA DO ARTISTA OU DO GRUPO APRESENTADO NO INÍCIO DO CAPÍTULO.

## EXPERIMENTAÇÃO

VOCÊ VAI REALIZAR ATIVIDADES DE VIVÊNCIA E DE EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA, TESTANDO TÉCNICAS E EXPLORANDO ELEMENTOS DAS LINGUAGENS DA ARTE.

**EXPERIMENTAÇÃO**

- VAMOS CRIAR UMA SÉRIE DE DESENHOS COM LINHAS PARA MONTAR UMA EXPOSIÇÃO?
- DEFINIVAMENTE FAZER LINHAS USANDO AS CANETAS BICO DE PENA É A TINTA GUACHE. NOTE QUE, QUANTO MAIS PRESSÃO VOCE FAZER SOBRE O PAPEL, MAIS GROSSA A LINHA VAI FICAR.
- TENTE FAZER LINHAS CURVAS COM A CANETA. PARA ISSO, É PRECISO VIRAR O PUNTO JUNTOS COM A MÃO.
- COMECE UMA DIFERENTE. OBSERVE O COLÉGA. OBSERVE OS TRAÇOS E AS FORMAS DELE.
- AGORA, DESENHE O COLÉGA NO PAPEL CANETÃO O DESEJO E DESENHE USANDO LINHAS USE A CRIATIVIDADE! FAÇA LINHAS RETAS, CURVAS, FINAS, GROSSAS, SINUOSAS... TUDO JUNTO E MISTURADO!
- PARA FINALIZAR, COM A AJUDA DO PROFESSOR, MONTE A EXPOSIÇÃO!

**MATERIAL NECESSÁRIO:**

- CANETA BICO DE PENA
- TINTA GUACHE PRETA SEM ÁGUA
- PAPEL TOALHA
- POTE COM ÁGUA
- PAPEL CANETÃO

**REGISTRANDO**

- DEPOIS DA EXPOSIÇÃO, GUARDE SEU TRABALHO NO PORTFÓLIO.



**O QUE ESTUDAMOS**

- OS ARTISTAS VISUAIS USAM PONTOS, LINHAS E FORMAS PARA DESENHAR.
- OS PONTOS PODEM SER GRANDES, PEQUENOS, COLORIDOS E ESTAR AGRUPADOS.
- AS LINHAS PODEM SER RETAS, CURVAS, SINUOSAS, FINAS, GROSSAS OU QUIBRADAS.
- AS FORMAS PODEM SER GEOMÉTRICAS, FIGURATIVAS OU ABSTRATAS.
- OS DESENHOS PODEM REPRESENTAR O MOVIMENTO DAS COISAS DO MUNDO.
- AS LINHAS E OS OUTROS ELEMENTOS DO DESENHO PODEM SAIR DO PAPEL E GANHAR O ESPAÇO.
- PARA OS POVOS INDÍGENAS, O DESENHO PODE HOMENAGEAR OS ANIMAIS E REPRESENTAR QUEM E COMO SÃO AS PESSOAS DE UMA TRIBO.

**DICA DE VISITAÇÃO**

NA CIDADE EM QUE VOCE VIVE EXISTEM ATÉLÉS DE DESENHISTAS APROPRIATE A OCASIÃO PARA VISITAR ESSES LUGARES E CONHECER UMA ARTISTA VISUAL.

**É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO**

QUE O QUE VOCE APRENDEU NESTE CAPÍTULO? EM UMA FOLHA DE PAPEL SULFITE, FAÇA UM DESENHO SOBRE O QUE VOCE MAIS GOSTOU DE ESTUDAR.

O QUE ESTUDAMOS FINALIZANDO O CAPÍTULO, HÁ UMA SÍNTESE DOS ASSUNTOS ABORDADOS, DICAS DE VISITAS CULTURAIS E UMA RETOMADA DO SEU PORTFÓLIO.

## FAZENDO ARTE

PARA CONCLUIR A UNIDADE RETOMAMOS A PERGUNTA PROPOSTA INICIALMENTE E TRABALHADA AO LONGO DOS CAPÍTULOS. VOCÊ VAI REALIZAR UMA ATIVIDADE DE FAZER ARTÍSTICO, INSPIRADA NAS OBRAS DOS ARTISTAS OU GRUPOS ESTUDADOS, QUE O AJUDARÁ A RESPONDER À PERGUNTA INICIAL.

**FAZENDO ARTE**

- COM OS COLÉGAS, VAMOS CRIAR UMA ANIMAÇÃO INSPIRADA NO TRABALHO DE OSWALDO GAVANDOLI?

**MATERIAL NECESSÁRIO:**

- FOLHA DE PAPEL SULFITE
- FITA ADESIVA DURA
- CANETINHA DE PONTA LARGA
- CÂMERA DE VÍDEO OU TELEFONE CELULAR
- COMPUTADOR
- DVD VÍDEO

- COM A AJUDA DO PROFESSOR, TODA A TURMA VAI COLAR A SUA FOLHA DE PAPEL SULFITE EM UMA DAS PAREDES DA SALA, UMA AO LADO DA OUTRA, USANDO A FITA ADESIVA.
- OS PAPEIS DEVEM FICAR "DEITADOS", OU SEJA, NA ORIENTAÇÃO PAISAGEM.
- ACIEME QUE COMEÇAR A ATIVIDADE DEVE IR ATE A PRIMEIRA FOLHA DE PAPEL SULFITE COLADA NA PAREDE COM A CANETINHA PARA DESENHAR UMA LINHA.
- ESSA LINHA DEVE COMEÇAR DO LADO ESQUERDO DA FOLHA E ACABAR DO LADO DIREITO, NO LIMITE DA FOLHA SEQUINTE.
- USE A IMAGINAÇÃO! A LINHA PODE SER RETA, CURVA, QUEBRADA, FAZER VOLTAS NO PAPEL, ETC.

**PRÓXIMO COLÉGA TAMBÉM VAI DESENHAR UMA LINHA USANDO A FOLHA EM BRANCO DA SEQUÊNCIA. ELA DEVE COMEÇAR DO PONTO ONDE O PRIMEIRO COLÉGA ACABOU A LINHA DELE.**



**ATIVIDADE CONTINUA ATE QUE TODOS TENHAM DESENHADO SUAS LINHAS NAS FOLHAS COLADAS NA PAREDE. EM UMA ÚNICA SEQUÊNCIA.**

**QUANDO O DESENHO COLETIVO ESTIVER PRONTO, O PROFESSOR VAI FILMAR A SEQUÊNCIA DE DESENHOS COM UMA CÂMERA DE VÍDEO OU TELEFONE CELULAR.**

**ENQUANTO O PROFESSOR FILMA A SEQUÊNCIA DE DESENHOS, VOCE E OS COLÉGAS VÃO ACOMPANHAR COM ELE O CAMINHO DA LINHA, CRIANDO A TRILHA SONORA PARA O VÍDEO. USEM A VOZ, O CORPO E OS OBJETOS DA SALA DE AULA PARA PRODUIR A TRILHA SONORA.**

**ESCOLHAM QUAIS SONS VÃO SER FEITOS EM CADA ETAPA. FAÇAM OS SONS COMBINADOS PARA CADA MOMENTO. VOCES PODEM COMBINAR QUE CADA PESSOA VAI FAZER UM SOM OU QUE MAIS DE UM SOM VAI SER FEITO NO MESMO MOMENTO. O MAIS IMPORTANTE É RESPEITAR AS DECISÕES DO GRUPO.**

**PARA TERMINAR A ATIVIDADE, O PROFESSOR VAI TRANSFERIR O VÍDEO COM A TRILHA SONORA PARA UM DVD!**

ALÉM DESSAS SEÇÕES, SEU LIVRO TAMBÉM APRESENTA ALGUNS BOXES:

**ARTE e MATEMÁTICA**

NÃO É SÓ A ARTE QUE SE DEDICA AO ESTUDO DAS FORMAS, LINHAS E PONTOS. A MATEMÁTICA TAMBÉM! VOCE JÁ ESTUDOU ALGUMAS DAS FIGURAS GEOMÉTRICAS QUE VIMOS AQUI NAS AULAS DE MATEMÁTICA? O QUE VOCE APRENDEU?

○ MATEMÁTICO ESTUDA AS FORMAS E O ESPAÇO QUE ELAS OCUPAM PARA RESOLVER PROBLEMAS E REALIZAR OUTRAS TAREFAS. ○ ARTISTA VISUAL CRIA IMAGENS E OBJETOS COM AS FORMAS PARA TRAZER BELEZA PARA A VIDA!

○ DESENHO PODE FAZER PARTE DA NOSSA VIDA DE MUITAS MANEIRAS!

**COMPOSIÇÃO COM VERMELHO, AMARELO AZUL E PRETO: DE PIET MONDRIAN, 1921**  
30,5 cm x 39,5 cm



**CURIOSIDADES**

A TINTA NANQUIM FOI CRIADA NA CHINA, NA CIDADE DE NANQUIM, HA MUITO TEMPO ANTES. ANTIGAMENTE, O NANQUIM ERA FEITO A PARTIR DA TINTA LIBERADA POR POLVOS OU LULAS. SIM! ESSES ANIMAIS PRODUZEM TINTA! HOJE EM DIA, A TINTA NANQUIM É FEITA DE OUTROS INGREDIENTES QUE NÃO SE ORIGINAM DESSES ANIMAIS.


**POVO LIBERANDO TINTA.**

OBSERVE ESTE OUTRO DESENHO DE SAUL STEINBERG FEITO COM OS MESMOS MATERIAIS.



**SUGESTÃO DE LIVRO**

A FICHA DO CENTRO TEATRAL E ETC. E TAL E ASSIM NO LIVRO: PIERRE VICTOR JAMES - O MENINO QUE VIROU ROBO DE VÍDEOGAME RECADO, 2008. E RELEMBRO DRAUZO, MÚSICO E ESCRITOR CAROÇA.



### ARTE E...

MOSTRA COMO A ARTE SE RELACIONA AOS CONTEÚDOS E AOS PROCEDIMENTOS DE OUTROS COMPONENTES CURRICULARES.

### SAIBA MAIS

APRESENTA CURIOSIDADES E MAIS INFORMAÇÕES SOBRE ASSUNTOS E CONTEÚDOS ABORDADOS NO LIVRO.

### SUGESTÃO DE...

APRESENTA UMA SELEÇÃO DE SITES, VÍDEOS, LIVROS E FILMES PARA VOCÊ.

OS ÍCONES DISTRIBUÍDOS EM ALGUMAS PÁGINAS MOSTRAM COMO AS ATIVIDADES DEVEM SER REALIZADAS:



ATIVIDADE INDIVIDUAL



ATIVIDADE EM DUPLA



ATIVIDADE EM GRUPO



ATIVIDADE ORAL



ATIVIDADE ESCRITA



# SUMÁRIO

## **UNIDADE 1** **PODEMOS FAZER UM DESENHO QUE SE MEXE E FAZ SONS?.. 8**

TUDO SE MOVIMENTA! .....	10
TODO MOVIMENTO FAZ SONS! .....	11
EXPERIMENTAÇÃO .....	12

### **CAPÍTULO 1** **A ARTE DOS PONTOS, LINHAS E FORMAS: O DESENHO!..... 14**

<b>O DESENHO DE SAUL STEINBERG .....</b>	<b>14</b>
PARA INICIAR .....	14
QUE OBRA É ESSA? .....	16
COMO A OBRA FOI FEITA? .....	18
ELEMENTOS DO DESENHO .....	20
PONTOS.....	20
LINHAS .....	22
FORMAS.....	24
OUTROS TRABALHOS DE SAUL STEINBERG.....	26
AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL.....	28
EDITH DERDYK.....	28
O DESENHO COM LINHAS DO POVO INDÍGENA ASURINI .....	28
EXPERIMENTAÇÃO .....	30
O QUE ESTUDAMOS .....	31



## **CAPÍTULO 2** **A ARTE DE ESCUTAR OS SONS: A GRAVAÇÃO SONORA!..... 32**

<b>AS PAISAGENS SONORAS DE THELMO CRISTOVAM .....</b>	<b>32</b>
PARA INICIAR .....	32
QUE OBRA É ESSA? .....	34
COMO A OBRA FOI FEITA? .....	36
SONS POR TODA PARTE .....	38
SONS DA CIDADE .....	38
SONS DA NATUREZA.....	38
SONS DAS COISAS DO MUNDO .....	40
SONS DOS ANIMAIS .....	40
VOZ DA GENTE.....	42
OUTROS TRABALHOS DE THELMO CRISTOVAM .....	44
AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL.....	46
FERNANDO LINDOTE.....	46
O PAISAGISMO JAPONÊS .....	47
EXPERIMENTAÇÃO .....	48
O QUE ESTUDAMOS .....	49

### **PODEMOS FAZER UM DESENHO QUE SE MEXE E FAZ SONS!..... 50** **A ANIMAÇÃO DE OSVALDO CAVANDOLI .....**

<b>..... 50</b>	<b>50</b>
COMO A OBRA FOI FEITA?.....	52
FAZENDO ARTE .....	54
O QUE ESTUDAMOS .....	57



UNIDADE  
**2**

**BRINCAR É IMPORTANTE?..... 58**

**BRINCADEIRAS DE MONTÃO! .....60**  
**DE ONDE VÊM AS BRINCADEIRAS? .....62**  
**EXPERIMENTAÇÃO .....63**

**CAPÍTULO 3**  
**MEXENDO E REMEXENDO: A ARTE DA DANÇA!..... 64**

**A DANÇA DA BALANGANDANÇA CIA. ...64**  
 PARA INICIAR .....64  
 QUE OBRA É ESSA? .....66  
 COMO A OBRA FOI FEITA? .....68  
 CADA GESTO, UM MOVIMENTO.....70  
   PARA CIMA! .....70  
   PARA BAIXO! .....71  
   PARA A FRENTE E PARA TRÁS! .....71  
   PARA OS LADOS!.....72  
   PARA TODAS AS DIREÇÕES! .....73  
   E TUDO MISTURADO!.....74  
 OUTROS TRABALHOS DA  
   BALANGANDANÇA CIA. ....76  
 AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL...78  
   BIA BEDRAN .....78  
   TERREIROS EM COMUNIDADES  
   QUILOMBOLAS .....80  
**EXPERIMENTAÇÃO .....81**  
**O QUE ESTUDAMOS .....83**

**CAPÍTULO 4**  
**FAZENDO DE CONTA: A ARTE DO TEATRO!.....84**

**O TEATRO DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL ..... 84**  
 PARA INICIAR .....84  
 QUE OBRA É ESSA? .....86  
 COMO A OBRA FOI FEITA? .....88  
 QUEM FAZ O TEATRO ACONTECER? .....90  
   O DRAMATURGO .....90  
   O ATOR .....90  
   O FIGURINISTA E O MAQUIADOR .....92  
   O CENÓGRAFO E O SONOPLASTA .....92  
   O DIRETOR .....94  
   O PÚBLICO .....94  
 OUTROS TRABALHOS DO CENTRO  
   TEATRAL E ETC E TAL .....96  
 AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL...98  
   EXPOSIÇÃO **A ERA DOS GAMES** .....98  
   UMA BRINCADEIRA AFRICANA.....99  
**EXPERIMENTAÇÃO ..... 100**  
**O QUE ESTUDAMOS ..... 101**

**BRINCAR É IMPORTANTE! .....102**

**O DOCUMENTÁRIO DE LIA MATTOS ... 102**  
 QUE OBRA É ESSA? .....104  
 COMO A OBRA FOI FEITA? .....105  
**FAZENDO ARTE .....107**  
**O QUE ESTUDAMOS .....109**

**BIBLIOGRAFIA ..... 110**



## Unidade 1

### Podemos fazer um desenho que se mexe e faz sons?

Cada unidade dos livros da coleção traz uma proposta de Projeto de Trabalho prevista para durar um semestre e busca criar um diálogo entre os interesses dos estudantes e o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, com vistas ao desenvolvimento de seus conhecimentos artísticos e estéticos e ao aprendizado da arte.

O projeto proposto para a unidade 1 contempla os seguintes aspectos:

- **Questão norteadora:** Podemos fazer um desenho que se mexe e faz sons?
- **Tema contemporâneo:** Trabalho, ciência e tecnologia, com foco nas tecnologias de informação e comunicação, nos meios e técnicas de registrar desenhos e sons, além de técnicas para que haja movimento no desenho originalmente estático.
- **Capítulo 1:** Elementos constitutivos do desenho e formas de expressar e registrar movimentos por meio dele.
- **Capítulo 2:** Características do som e meios de registrá-lo.
- **Produto final:** Produção de animação trabalhando com elementos da linguagem audiovisual, por meio de uma das técnicas que articulam desenhos e sons.

As questões do boxe e a ilustração das páginas 8 e 9 ajudam a iniciar e apresentar as discussões da unidade 1, que traz um problema em forma de questão relacionado ao estudo do desenho animado. Essa forma de arte audiovisual, que está inscrita no campo das Artes integradas da BNCC, relaciona-se a, pelo menos, duas linguagens artísticas: as artes visuais (desenho) e a música (trilha sonora e sonorização). Ela faz parte do universo das crianças e pode interessar muito a elas descobrir como esses desenhos são feitos, quem os faz, quais são os processos envolvidos na produção deles, etc.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Expectativas de aprendizagem desta unidade

- Conhecer obras de arte audiovisual, em especial o filme de animação e seus elementos básicos: desenho, movimento e som.
- Conhecer e experimentar atividades relacionadas à produção audiovisual, como desenhar, pintar e registrar imagens e sons.
- Estabelecer relações entre movimento e som.



VOCÊ JÁ FEZ ALGUM DESENHO? VOCÊ SABE FAZER SONS? E VOCÊ CONSEGUE PERCEBER E CRIAR MOVIMENTOS? MUITOS ARTISTAS USAM DESENHOS, SONS E MOVIMENTOS PARA CRIAR SUAS OBRAS. MAS SERÁ QUE PODEMOS CRIAR UMA OBRA COM OS TRÊS AO MESMO TEMPO? VAMOS DESCOBRIR JUNTOS!

9

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Competências desta unidade

- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

## A BNCC nestas páginas

### Processos de criação

**BNCC** EF15AR23

Neste momento, por meio da mobilização dos conhecimentos prévios, os estudantes serão sensibilizados para o reconhecimento das relações processuais entre as linguagens artísticas, neste caso, as artes visuais (desenho) e a música (sons).

- Apreciar obras de arte audiovisual, musical e visual, e descrever o que vê e sente em relação a elas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e alguns de seus trabalhos.

## Tudo se movimental

Nesta unidade, abordamos as relações entre imagens, sons e movimentos, explorando o desenho, as paisagens sonoras e o desenho de animação. Leia em voz alta o texto das páginas 10 e 11 e oriente os alunos na observação das ilustrações, incentivando-os a estabelecer relações entre o conteúdo e a pergunta disparadora da unidade.

Peça a eles que tentem descrever como os movimentos das folhas das árvores e do vento são representados na ilustração, por exemplo, e comente que a criança e o cachorro também parecem estar se movendo.

Caso em sua turma existam alunos com mobilidade reduzida, proponha alternativas que sejam possíveis de realizar de acordo com a necessidade de cada um ao trabalhar conteúdos em que há pedidos para que os estudantes se movimentem.

Ressalte que há também os movimentos internos, como os da respiração e as batidas do coração, para os animais em geral, e o crescimento, a renovação das folhas e a frutificação, para as plantas.

Verifique se os alunos levantam a hipótese de que o que há em comum aos movimentos de todos eles é o som que produzem. Em seguida, continue a sensibilização para que eles cheguem à conclusão de que todo movimento faz sons.

## TUDO SE MOVIMENTA!

OLHE AO SEU REDOR. AS PLANTAS, AS PESSOAS, OS ANIMAIS E MESMO ALGUNS OBJETOS TÊM ALGO EM COMUM ENTRE ELES: TODOS SE MOVIMENTAM. E ISSO ACONTECE O TEMPO TODO! VEJA A CENA DESTA ILUSTRAÇÃO.



QUANDO O VENTO BATE NAS FOLHAS, COMO ELAS SE MOVEM? COMO É O VOO DE UMA BORBOLETA? QUAIS OUTROS MOVIMENTOS VOCÊ IMAGINA QUE ESTÃO ACONTECENDO NA CENA?

AGORA, EXPERIMENTE SE MEXER UM POUCO SENTADO EM SUA CADEIRA, ABRIR E FECHAR A SUA MOCHILA OU O SEU ESTOJO. VOCÊ E OS COLEGAS SE MOVERAM DA MESMA MANEIRA? TALVEZ NÃO, MAS HÁ ALGO COMUM AOS MOVIMENTOS DE TODOS VOCÊS. VOCÊ SABE O QUE É?

10 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Vídeos

Se possível, acesse com os alunos a *playlist Planet Earth II soundscapes – 10 hours of relaxing sounds*, do canal britânico BBC Earth Unplugged, que apresenta vídeos com gravações de diversas paisagens naturais espalhadas pelo mundo, como desertos, montanhas e ilhas. Nesses vídeos, é possível observar vários movimentos que acontecem nos mais diferentes ambientes. Escolha alguns trechos e apresente para a turma. Disponível em: <[www.youtube.com/playlist?list=PLtra-MWzlvZGdqzuA59Jp0dZVzpmNZyT0](https://www.youtube.com/playlist?list=PLtra-MWzlvZGdqzuA59Jp0dZVzpmNZyT0)>. Acesso em: 15 nov. 2017.

## 🎨 TODO MOVIMENTO FAZ SONS!

QUANDO OS SERES OU OS OBJETOS SE MOVIMENTAM, ELES PRODUZEM SONS VARIADOS. VOCÊ OUVIU OS SONS PRODUZIDOS QUANDO SE MEXEU EM SUA CADEIRA, OU QUANDO ABRIU E FECHOU SUA MOCHILA OU ESTOJO? VIVEMOS RODEADOS DE SONS!

OBSERVE ESTA IMAGEM. QUE SONS VOCÊ IMAGINA QUE EXISTEM NESTA CENA?



E QUAIS SONS VOCÊ OUVI NESTE MOMENTO, NO LOCAL ONDE ESTÁ? VOCÊ SABERIA IMITÁ-LOS?

▶ INTRODUÇÃO

11

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestões de...

### Sites

Se possível, acesse com os alunos os seguintes acervos de áudio, para que eles possam exercitar a associação dos sons aos seres e às coisas do mundo. Para isso, pesquise por palavras-chave, como nome de animais, objetos, etc., nos campos de busca dos sites indicados.

- **SoundBible.com.** Disponível em: <<http://soundbible.com>>. Acesso em: 5 out. 2017.
- **Biblioteca de Áudio do YouTube.** Disponível em: <[www.youtube.com/audiolibrary/soundeffects](http://www.youtube.com/audiolibrary/soundeffects)>. Acesso em: 5 out. 2017.
- **Freesound.** Disponível em: <<https://freesound.org>>. Acesso em: 5 out. 2017.

## 🎨 Todo movimento faz sons!

Explique aos alunos que o andar do cavalo se chama **trote** e que córrego é um pequeno rio com pouco fluxo de água. Se possível, reproduza em sala de aula o som do trote de um cavalo e da água de um córrego correndo, para que os alunos associem a imagem aos seus respectivos sons. Há exemplos diversos desses sons disponíveis em acervos de áudio na internet.

Depois, estimule-os a falar sobre outros sons que as coisas e os seres do mundo produzem quando se movimentam. É interessante que os alunos comecem a associar sons e imagens neste momento para entender, mais adiante, como isso se aplica à linguagem audiovisual.

## 🎨 A BNCC nestas páginas

### Materialidades

**BNCC EF15AR15**

Neste momento, os estudantes poderão atentar para a possibilidade de explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo, na natureza e em objetos cotidianos.

## 🎨 Texto complementar

[...] Perceber gestos e movimentos sob a forma de vibrações sonoras é parte de nossa integração com o mundo em que vivemos: ouvimos o barulho do mar, o vento soprando, as folhas balançando no coqueiro... ouvimos o bater de martelos, o ruído de máquinas, o motor de carros ou motos... o canto dos pássaros, o miado dos gatos, o toque do telefone ou do despertador... Ouvimos vozes e falas, poesia e música...

Som é tudo que soa! Tudo o que o ouvido percebe sob a forma de movimentos vibratórios. Os sons que nos cercam são expressões da vida, da energia, do universo em movimento e indicam situações, ambientes, paisagens sonoras: a natureza, os animais, os seres humanos e suas máquinas traduzem, também sonoramente, sua presença, seu “ser e estar”, integrado ao todo orgânico e vivo deste planeta. [...]

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil:** propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2013. p. 17.

## Experimentação

Por meio das atividades propostas aqui, pretende-se propiciar experiências que contribuam para o desenvolvimento de habilidades relacionadas às artes visuais, como desenhar e pintar, e sonoras, como produzir e registrar sons, podendo explorar diferentes tecnologias e recursos digitais nos processos de criação artística.

Comece a **primeira** proposta de experimentação pedindo aos alunos que contem algumas atividades que gostam de fazer. Se for oportuno, você pode retomar o período que antecedeu o início das aulas para que contem quais experiências tiveram. Auxilie-os na apresentação para o colega, fazendo perguntas como “O que é...?” ou “Quem é...?”, remetendo diretamente ao desenho do aluno. Outra possibilidade é pedir para todos da turma se sentarem em círculo para que cada um descreva seu desenho para os demais.

Antes de realizar a **segunda** proposta de experimentação, você pode propor uma atividade de aquecimento, explorando a voz e os sons do corpo. Organize os alunos sentados no chão em uma roda e peça que comecem a fazer um som bem baixinho de zzz-zzzz com a boca fechada. Explique que, quando você levantar a mão direita, eles devem aumentar o volume e, quando você levantar a mão esquerda, eles devem abaixar. Retome qual é a mão direita e a esquerda e, então, reveze e repita estes movimentos para que os alunos explorem várias intensidades de som.

Em seguida, faça uma roda de sons: o primeiro aluno inventa um som com a boca ou uma parte do corpo e os demais devem tentar reproduzir. Depois, o próximo da roda cria outro som e a atividade continua até que todos tenham participado.

# EXPERIMENTAÇÃO

AGORA, VAMOS FAZER ALGUMAS EXPERIMENTAÇÕES!  
AO TERMINAR CADA TRABALHO, COMPARTILHE OS RESULTADOS COM OS COLEGAS E O PROFESSOR. DEPOIS, GUARDE-OS NO **PORTFÓLIO**.

## SAIBA MAIS

O PORTFÓLIO É UMA PASTA OU CAIXA ONDE VOCÊ DEVE GUARDAR AS SUAS PRODUÇÕES. ELE SERVE PARA AJUDAR A LEMBRAR DO QUE FOI ESTUDADO NAS AULAS DE ARTE!

ATÉ AQUI, VOCÊ VIU O DESENHO DE ALGUMAS CENAS. AGORA, QUE TAL CRIAR UM DESENHO SOBRE O SEU DIA A DIA?

1 PENSE EM ALGO QUE GOSTE DE FAZER E RESPONDA: ONDE VOCÊ FAZ ESSA ATIVIDADE? QUEM GERALMENTE ESTÁ COM VOCÊ NESSE LUGAR?

2 AGORA, FAÇA O SEU DESENHO NA FOLHA DE PAPEL SULFITE. LEMBRE-SE DA ATIVIDADE, DAS PESSOAS E DO LUGAR QUE PRECISAM APARECER NELE.

3 MOSTRE O DESENHO PARA UM COLEGA E CONTE QUE LUGAR É ESSE, QUEM ESTÁ COM VOCÊ E O QUE ESTÃO FAZENDO. DEPOIS, OUÇA A EXPLICAÇÃO DO COLEGA SOBRE O DESENHO DELE.

### MATERIAL NECESSÁRIO

- FOLHA DE PAPEL SULFITE
- LÁPIS PRETO
- LÁPIS DE COR



12

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas


### Processos de criação

BNCC EF15AR17 BNCC EF15AR23

Ao trabalhar os sons para cada cena, os estudantes poderão experimentar improvisações, composições e sonorização, utilizando

vozes e sons corporais de modo coletivo e colaborativo.

Com o desenho de uma cena do dia a dia, pretende-se mobilizar a percepção dos estudantes para as relações processuais entre as diversas linguagens artísticas, especialmente as que constituem a modalidade audiovisual.

 VOCÊ OUVIU A EXPLICAÇÃO QUE SEU COLEGA DEU SOBRE A CENA QUE CRIOU? ENTÃO, VAMOS FAZER OS SONS DESSA CENA!

- 1 OLHE NOVAMENTE O DESENHO DO COLEGA E IDENTIFIQUE QUAIS SONS VOCÊ PODERIA OUVIR NESSA CENA. SE PRECISAR DE AJUDA, PEÇA AO COLEGA QUE CONTE O QUE ELE OUVIU QUANDO ESTÁ NAQUELE LUGAR.
- 2 ESCOLHA PELO MENOS UM DOS SONS QUE IDENTIFICOU.
- 3 TENTE REPRODUZIR ESSE SOM USANDO SUA VOZ. VOCÊ TAMBÉM PODE USAR OS SONS DO CORPO PARA ISSO. ESTALOS, PALMAS E BATIDAS DE PÉ SÃO ALGUNS DELES.
- 4 OUÇA OS SONS QUE O COLEGA VAI PRODUZIR PARA A CENA QUE VOCÊ DESENHOU. ELES FICARAM PARECIDOS COM OS SONS QUE VOCÊ OUVIU QUANDO ESTÁ LÁ?



VIMOS QUE O MOVIMENTO ACONTECE O TEMPO TODO E ESTAMOS CERCADOS DE SONS. MAS PODEMOS FAZER DESENHOS QUE TENHAM MOVIMENTOS E SONS? JUNTOS, VAMOS CONHECER MAIS SOBRE O DESENHO E OS SONS PARA CONSEGUIR RESPONDER A ESSA PERGUNTA.

13

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Ao concluir a introdução da unidade, é importante conversar com os alunos sobre os caminhos e as relações que devem ser estabelecidos no estudo dos capítulos 1 e 2. Neles, os alunos verão conteúdos importantes sobre duas linguagens artísticas – as artes visuais e a música – e poderão entender como elas estão presentes na produção de desenhos animados.

Apresente para os alunos o título do capítulo 1: “A arte dos pontos, linhas e formas: o desenho!”. Em seguida, faça algumas perguntas como: “Do que será que fala esse capítulo?”; “Vocês costumam desenhar em casa?”; “Como vocês fazem esses desenhos?”; etc.

Depois, junto com a turma, redija uma lista com tópicos relativos aos conteúdos e atividades que eles imaginam que serão trabalhados no capítulo. Esse conteúdo foi pensado para ocupar um bimestre do ano letivo. A proposta é que os alunos levantem o que será necessário conhecer e fazer a respeito do desenho para responder à pergunta colocada: É possível fazer um desenho que se mexe e faz sons?

Abaixo, há uma primeira lista de tópicos que pode ser usada como base para o que será trabalhado nos capítulos que seguem. Acate as sugestões da turma para complementar ou mesmo compor essa lista, caso surjam, e extrapole a nossa sugestão de tópicos, promovendo mais atividades, como visitas culturais e técnicas, convidando profissionais para irem à escola serem entrevistados pelos alunos, entre outras possibilidades.

- Conhecer um ou mais artistas que sejam desenhistas e que representem o movimento.
- Descobrir mais sobre o desenho e seus elementos.
- Experimentar desenhar.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que desenhem e representam, entre outras coisas, o movimento.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre o desenho.

## Unidade 1 – Capítulo 1

### A arte dos pontos, linhas e formas: o desenho!

Ao iniciar os estudos do capítulo 1, retome com os estudantes a questão norteadora da unidade: “Podemos fazer um desenho que se mexe e faz sons?”. É sempre bom retomar, também, a lista de tópicos relativos aos conteúdos e atividades trabalhados durante o bimestre, disponível na página anterior. Assim, ninguém perde o fio da meada!

### O desenho de Saul Steinberg

#### Para iniciar

Neste capítulo, abordamos uma importante forma de expressão das artes visuais: o desenho. No desenvolvimento do conteúdo proposto, os alunos terão a oportunidade de reconhecer, estudar, nomear e experimentar os elementos do desenho: pontos, linhas e formas. Eles já utilizam esses elementos nas práticas de desenho que realizam espontaneamente, mas pretende-se que passem a refletir sobre eles e a utilizá-los em suas produções de maneira consciente.

Faça a leitura das perguntas do box com os estudantes e estimule-os a falar sobre suas experiências com desenho e a compartilhar suas impressões sobre o desenho de Saul Steinberg.

Se achar pertinente, converse com a turma sobre a temática do desenho, perguntando: “Quem vocês acham que é o personagem?”; “O que ele está fazendo?”; “Vocês acham que esse desenho é divertido? Por quê?”.



# A ARTE DOS PONTOS, LINHAS E FORMAS: O DESENHO!

## O DESENHO DE SAUL STEINBERG

O DESENHO É UMA DAS FORMAS QUE TEMOS PARA NOS EXPRESSAR. NA ARTE, ELE É UMA MANIFESTAÇÃO DAS **ARTES VISUAIS** E OS ARTISTAS QUE TRABALHAM COM ELE SÃO CHAMADOS DE **ARTISTAS VISUAIS**. VAMOS CONHECER O TRABALHO DE UM ARTISTA VISUAL?

### PARA INICIAR

1. VOCÊ GOSTA DE DESENHAR?
2. O QUE VOCÊ VÊ NO DESENHO DA PÁGINA AO LADO?
3. COMO VOCÊ ACHA QUE ESSE DESENHO FOI FEITO?
4. VOCÊ IMAGINA ALGUM SOM AO OBSERVAR ESSE DESENHO?

OBSERVE A IMAGEM DA PÁGINA AO LADO. ESTE É UM DESENHO CRIADO PELO ARTISTA ROMENO SAUL STEINBERG (1914-1999). ELE GOSTAVA DE DESENHAR **LINHAS** E, COM ELAS, CRIAR **FORMAS** E REGISTRAR O **MOVIMENTO**!

VOCÊ CONSEGUE ACOMPANHAR COM SEU DEDO O MOVIMENTO QUE O ARTISTA DESENHOU? VAMOS TENTAR! PARA TREINAR, TENHA PERCORRER A LINHA ABAIXO COM O DEDO INDICADOR.



14 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Reconhecer elementos da linguagem visual, como pontos, linhas e formas.
- Descrever o que vê e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua leitura, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar o autor das obras apresentadas, conhecendo aspectos de sua poética e suas principais obras.
- Compreender os valores estéticos do autor e das obras apreciadas.
- Produzir obras de arte utilizando suportes, materiais e procedimentos observados no trabalho de Saul Steinberg (ilustrações e desenhos), de forma a se apropriar desses saberes em suas próprias produções.



AGORA, COMECE PELA PONTA DA CANETA QUE O ARTISTA DESENHOU E TENTE CHEGAR ATÉ O FIM DA LINHA. VOCÊ CONSEGUIU?



▶ SEM TÍTULO, DE SAUL STEINBERG, 1954 (NANQUIM SOBRE PAPEL).

▶ CAPÍTULO 1 15

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de reconhecer a linha e a forma como elementos constitutivos das artes visuais.

## ◆ Competências deste capítulo

- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
- Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

### Linguagem

Artes visuais.

### Dimensões do conhecimento

Fruição; reflexão.

## Que obra é essa?

Promova a leitura compartilhada do texto e das imagens com os alunos, chamando a atenção para a variedade de linhas. Para isso, você pode propor perguntas como: “As linhas que aparecem no desenho são todas iguais?”; “Quais são as mais finas e as mais grossas?”; “Vamos mais linhas retas ou curvas?”; “Onde começam e onde acabam as linhas deste desenho?”; etc.

Fale sobre as diferenças entre as linhas que ocupam o lugar da cabeça e as linhas do restante do corpo. Você pode fazer perguntas como: “Quais são as diferenças entre as duas partes do desenho?”; “Qual tem as linhas mais grossas?”; “Qual tem linhas mais finas?”; “Quais delas criam formas?”; “Como essas linhas se encontram para fechar as formas?”; etc.

Utilize as questões sugeridas no livro para incentivar a turma a explorar detalhadamente os desenhos do artista. Deixe que manifestem livremente suas impressões e opiniões. Destaque os conceitos apresentados e esclareça dúvidas pontuais.

Ao abordar os detalhes do desenho de Saul Steinberg, conte para os alunos a respeito do uso da caneta tinteiro e da tinta nanquim. Esse conteúdo será apresentado em detalhes na seção **Como a obra foi feita?**

## QUE OBRA É ESSA?

VOCÊ PERCEBEU QUE SAUL STEINBERG DESENHOU UMA PESSOA? OBSERVE NOVAMENTE O DESENHO, MAS AGORA EM PARTES!

O QUE VOCÊ VÊ NESTA PARTE DO DESENHO?

Os estudantes podem mencionar as partes do corpo que conseguem identificar, como mãos, braços, pernas e pés.



▶ DETALHE DA OBRA DE SAUL STEINBERG.

VEJA DE NOVO COMO STEINBERG DESENHOU O CORPO DA PESSOA. VOCÊ SABE O QUE A PESSOA ESTÁ SEGURANDO EM SUAS MÃOS?

Tinta nanquim e caneta tinteiro.

16

UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Espera-se que os estudantes possam, gradativamente, identificar e apreciar formas distintas das artes visuais, cultivando a percep-

ção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

Ao analisar separadamente as partes do desenho, os alunos iniciarão seu percurso de exploração e reconhecimento dos elementos constitutivos das artes visuais – primeiramente, a partir das linhas.

AGORA, VEJA COMO SAUL STEINBERG DESENHOU A CABEÇA DA PESSOA.



▶ DETALHE DA OBRA DE SAUL STEINBERG.

COMO SÃO AS LINHAS QUE APARECEM NO DESENHO? AS LINHAS DAS DUAS PARTES DO DESENHO SÃO IGUAIS? O QUE VOCÊ ACHA QUE O PERSONAGEM DESENHADO ESTÁ PENSANDO?

AS LINHAS DE SAUL STEINBERG FAZEM MUITOS MOVIMENTOS, VOCÊ NOTOU? AGORA, VAMOS DESCOBRIR COMO ELE FEZ ESSE TRABALHO.

## Texto complementar

### A influência de Steinberg sobre artistas brasileiros

[...] importante referência é o personagem anônimo de seus cartuns, homenzinho narigudo que, provavelmente, inspirou boa parte da produção posterior de cartum, animação e propaganda. [...]

Sua influência é perceptível na obra de muitos artistas gráficos, é constantemente citada. Tal condição de referência não ocorre à toa; Steinberg participou de uma “ruptura” na cultura do desenho editorial, desenvolvendo um trabalho de maior amplitude gráfica, caracterizado pela síntese, maior integração entre forma e conteúdo e ausência de palavras. Dessa ruptura tomaram parte não apenas cartunistas estrangeiros como André François e Tomi Ungerer, mas também os brasileiros da “geração Pasquim” – Millôr Fernandes, Ziraldo, Jaguar e companhia.

O uso que Steinberg fez dos elementos gráficos em seu trabalho, a partir de recursos de ilusão que destacam a expressão da representação, transformando os elementos em “outra coisa” – objetos de manipulação, como um personagem que carrega uma impressão digital – é uma de suas mais significativas contribuições. Ao utilizar e tecer comentários sobre esses elementos gráficos, ao privilegiar a ideia e a vontade de dizer algo, Steinberg promoveu uma nova poética, que demandou a eliminação da exibição gratuita do talento e do acabamento laborioso vazio. Em muitos casos, o que se tem é um “malfeito genuíno”. Essas lições se fizeram presentes, de modo significativo, no trabalho dos cartunistas da “geração Pasquim”.

BUENO, Daniel. Saul Steinberg e o Brasil: sua passagem pelo país, publicações e influência sobre artistas brasileiros. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, Campinas, n. 10, jul.-dez. 2009. Disponível em: <[www.unicamp.br/chaa/rhaa/revista10.htm](http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/revista10.htm)>. Acesso em: 17 nov. 2017.

## Como a obra foi feita?

Ao falar com os alunos sobre os materiais utilizados para compor a obra, pergunte se eles já viram uma caneta bico de pena em algum lugar, como em desenhos, filmes, lojas especializadas, etc. e deixe que eles compartilhem o que sabem sobre ela.

Fale também sobre os demais materiais apresentados na página. O papel *anson*, por exemplo, é um material de uso frequente nas aulas de Arte. Sonde os estudantes para saber se já trabalharam com este papel, ainda que em casa. Pode ser que não o conheçam pelo nome usual, mas é possível que identifiquem por meio de suas características – um papel mais “duro” que o sulfite, mais resistente ao uso de tintas.

Converse com os alunos sobre a segunda obra de Saul Steinberg apresentada no material, trabalhando com as semelhanças e diferenças em relação à primeira, para que possam desenvolver um olhar para a poética do artista.

Neste momento, se achar oportuno, converse com os estudantes sobre as linhas que eles enxergam no desenho. Verifique se eles conseguem reconhecer essas linhas na ilustração, perguntando: “Na cabeça do homem do desenho há linhas retas e finas, linhas curvas e sinuosas ou linhas quebradas?”; “E no corpo, que tipos de linha vocês conseguem identificar?”.

Fale sobre como é o traço do artista, estimulando a comparação entre as duas obras apresentadas. Para isso, pergunte: “As linhas dos dois desenhos são grossas ou finas?”; “Vocês acham que o artista Saul Steinberg gosta de desenhar linhas mais finas?”; “Os dois desenhos são parecidos? Em quê?”; “O que vocês veem nesta imagem?”; “O que o personagem parece estar fazendo?”; etc.

## COMO A OBRA FOI FEITA?

SAUL STEINBERG CRIOU O DESENHO QUE VOCÊ VIU COM **LINHAS RETAS, CURVAS, FINAS, GROSSAS, SINUOSAS E QUEBRADAS!**

PARA DESENHÁ-LAS, ELE USOU TINTA NANQUIM, CANETA BICO DE PENNA E UM PAPEL MAIS RESISTENTE DO QUE O SULFITE, CONHECIDO COMO PAPEL CANSON.

VOCÊ CONHECE ESSES MATERIAIS?



▶ TINTA NANQUIM.



▶ CANETA BICO DE PENNA.



▶ PAPEL CANSON.

AS IMAGENS NÃO ESTÃO REPRESENTADAS EM PROPORÇÃO.

AS CANETAS BICO DE PENNA GERALMENTE POSSUEM CABO DE MADEIRA E PONTA DE METAL.

QUANDO MERGULHAMOS O BICO DA CANETA NO NANQUIM, A TINTA FICA ARMAZENADA.

AÍ É SÓ PRESSIONAR O BICO NO PAPEL QUE ELE SE ABRE E A TINTA ESCORRE PARA O ARTISTA CRIAR MUITOS DESENHOS!

18

UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Leitura complementar

BUENO, Daniel O. *O desenho moderno de Saul Steinberg: obra e contexto*. 2007. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Paulo, 2007. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13052010-111957/pt-br.php](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13052010-111957/pt-br.php)>. Acesso em: 17 nov. 2017.

A pesquisa aborda as contribuições da obra de Saul Steinberg para o desenvolvimento do cartum moderno e das artes gráficas, apresentando um panorama da sua vida e obra e o desenvolvimento de uma análise do desenho do artista.

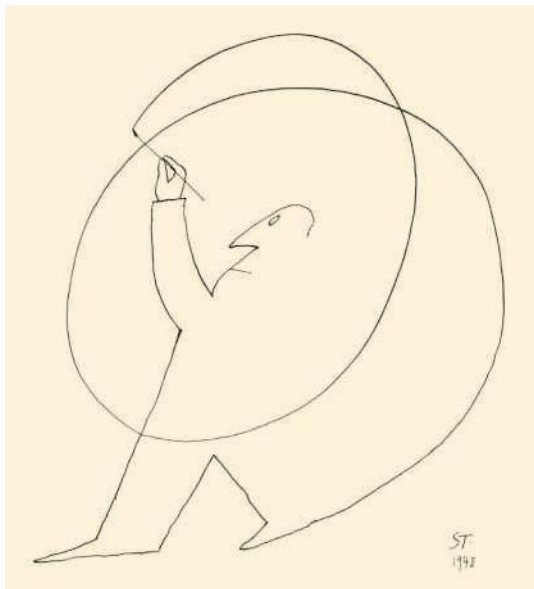
## SAIBA MAIS

A TINTA NANQUIM FOI CRIADA NA CHINA, NA CIDADE DE NANQUIM, HÁ MUITO TEMPO. ANTIGAMENTE, O NANQUIM ERA FEITO A PARTIR DA TINTA LIBERADA POR POLVOS OU LULAS. SIM! ESSES ANIMAIS PRODUZEM TINTA! HOJE EM DIA, A TINTA NANQUIM É FEITA DE OUTROS INGREDIENTES QUE NÃO SE ORIGINAM DESSES ANIMAIS.

► POLVO LIBERANDO TINTA.



OBSERVE ESTE OUTRO DESENHO DE SAUL STEINBERG FEITO COM OS MESMOS MATERIAIS.



► SEM TÍTULO,  
DE SAUL STEINBERG, 1948  
(NANQUIM SOBRE PAPEL,  
36,2 cm x 28,6 cm).

COMO SÃO AS LINHAS DESSE DESENHO? SÃO PARECIDAS COM AS DO PRIMEIRO DESENHO QUE VOCÊ VIU?

TENTE PERCORRER AS LINHAS DESSE DESENHO COM SEU DEDO COMEÇANDO PELA PONTA DO PINCEL ATÉ O FIM DA LINHA. VOCÊ ACHOU ESSAS LINHAS MAIS FÁCEIS OU MAIS DIFÍCEIS DE PERCORRER? QUE SENSAÇÃO ESSAS LINHAS CAUSAM EM VOCÊ?

► CAPÍTULO 1 19

## Saiba mais

A tinta nanquim teve e tem um papel muito importante no desenvolvimento das artes na história da humanidade. Era tradicionalmente feita da tinta preta liberada pelos polvos e lulas. Atualmente, para não causar danos ao meio ambiente, ela é feita em laboratório e composta de uma mistura de cânfora, gelatina e um pó escuro conhecido como pó de sapato, usado em graxas para sapatos. Se achar pertinente, fale um pouco mais sobre essa tinta. No texto a seguir, você pode encontrar mais informações sobre ela.

### Texto complementar

#### Nanquim

Tinta negra usada para escrever e desenhar, disponível em forma líquida ou em bastão e composta, normalmente, de negro-de-fumo, pigmento também conhecido como negro-de-carbono ou negro-vegetal, obtido da fuligem de resíduos de petróleo queimado. É usado desde a pré-história e considerado o primeiro pigmento conhecido pelo homem. O nanquim pode ser aplicado com caneta ou pincel e fabricado em diversas cores, a partir de outras fórmulas e ingredientes diferentes. O termo também nomeia os trabalhos realizados com essa tinta.

NANQUIM. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3808/nanquim>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de reconhecer a linha como elemento constitutivo das artes visuais.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Elementos do desenho

### Pontos

Nas artes visuais, podemos dizer que o **ponto** é o elemento mais simples, ou seja, é a menor parte dos elementos que compõem uma obra artística visual. Um dos movimentos artísticos que mais valorizou o ponto foi justamente o pontilhismo.

Faça a leitura do texto chamando a atenção para as imagens e permita que os estudantes se manifestem, já que é por meio do diálogo que eles expressam suas dúvidas, se envolvem com o objeto de estudo e revelam a compreensão sobre o conteúdo trabalhado.

### Saiba mais

Estimule a observação atenta dos aspectos da obra de Georges Seurat, para que os alunos se familiarizem com o ponto como elemento da narrativa visual. Para isso, você pode perguntar: "Vocês veem pontos de quantas cores diferentes nesta obra?"; "São todos do mesmo tamanho?"; "Com quais materiais de desenho podemos fazer pontos?"; "Ao olhar para a obra, o que vocês sentem?"; etc.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

### Materialidades

BNCC EF15AR04

Neste momento, os estudantes poderão explorar e reconhecer o ponto como elemento constitutivo das artes visuais. Por meio das atividades propostas, os alunos poderão começar a desenvolver um trabalho de experimentação com diferentes formas de expressão artística, especialmente o desenho e a pintura, fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas.

## ELEMENTOS DO DESENHO

VOCÊ CONHECEU DUAS OBRAS DE SAUL STEINBERG E VIU COMO AS LINHAS PODEM CRIAR VÁRIOS DESENHOS. QUE TAL APRENDER MAIS SOBRE A LINHA E OUTROS ELEMENTOS DO DESENHO QUE OS ARTISTAS PODEM USAR EM SUAS CRIAÇÕES?

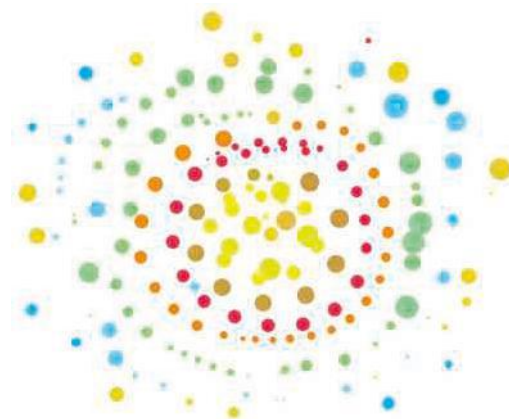
### PONTOS

PONTOS GRANDES, PEQUENOS, COLORIDOS, AGRUPADOS...

OBSERVE A VARIEDADE DE PONTOS QUE UM ARTISTA PODE REGISTRAR EM SEUS DESENHOS!

VOCÊ JÁ DESENHOU PONTOS DIFERENTES ASSIM?

COMO VOCÊ ACHA QUE OS ARTISTAS USAM OS PONTOS NAS OBRAS DE ARTE?



Mouses Sigornia/Agência de editores

### SAIBA MAIS

ALGUNS ARTISTAS VISUAIS CRIARAM UMA TÉCNICA CHAMADA **PONTILHISMO** PARA PRODUZIR SUAS OBRAS.

COMO VOCÊ IMAGINA UM QUADRO PINTADO COM ESSA TÉCNICA? SE VOCÊ DISSE "CHEIO DE PONTOS", ACERTOU!

VEJA QUANTOS PONTOS O ARTISTA FRANCÊS

GEORGES SEURAT (1859-1891) USOU PARA CRIAR A OBRA AO LADO.



Reprodução/Museu Metropolitan de Arte, Nova York

▶ **TEMPO CINZENTO EM GRANDE JATTE**, DE GEORGES SEURAT, 1886-1888 (ÓLEO SOBRE TELA, 70,5 cm x 86,4 cm).

20

UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Texto complementar

### Pontilhismo

Técnica pictórica que se orienta a partir de um método preciso: trata-se de dividir as cores em seus componentes fundamentais. As inúmeras pinceladas regulares de cores puras que cobrem a tela são recompostas pelo olhar do observador e, com isso, recupera-se sua unidade, longe das misturas feitas na paleta. A sen-

sação de vibração e luminosidade decorre da "mistura ótica" obtida pelos pequenos pontos de cor de tamanho uniforme que nunca se fundem, mas que reagem uns aos outros em função do olhar à distância [...].

Pontilhismo. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3642/pontilhismo>>. Acesso em: 17 de nov. 2017.

### SUGESTÃO DE...

#### LIVRO

QUE TAL CONHECER MAIS SOBRE A VIDA E A OBRA DE GEORGES SEURAT? LEIA **SEURAT E O ARCO-ÍRIS**, DE CAULOS, (ROCCO JOVENS LEITORES, 2008).



## ATIVIDADE PRÁTICA

VAMOS TESTAR MATERIAIS DESENHANDO PONTOS!



### MATERIAL NECESSÁRIO

- LÁPIS DE COR
- CANETINHA
- GIZ DE CERA
- TINTA GUACHE
- CARTOLINA BRANCA
- BORRACHA

- 1 EXPERIMENTE DESENHAR PONTOS COM O LÁPIS DE COR, COM A CANETINHA, COM O GIZ DE CERA E COM A TINTA GUACHE NA CARTOLINA. PARA TESTAR A TINTA GUACHE, VOCÊ PODE USAR A PONTA DA BORRACHA OU A PONTA DO DEDO PARA MERGULHAR NA TINTA E FAZER OS PONTOS NA CARTOLINA.
- 2 COMPARE OS PONTOS QUE CRIOU COM OS DIFERENTES MATERIAIS. DE QUAL VOCÊ GOSTOU MAIS?
- 3 AGORA, COMPARE O SEU TRABALHO COM O DOS COLEGAS. EXISTEM DIFERENÇAS NOS PONTOS FEITOS POR CADA UM DE VOCÊS?

### Atividade prática

Para realizar esta atividade, providencie um espaço com acesso fácil a pias e itens de higiene, como papel toalha. Também é interessante que os alunos tenham mesas grandes a sua disposição, ou mesmo que juntem mesas menores. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Depois que os estudantes experimentarem todos os materiais, você pode fazer uma am-

pliação das questões, perguntando: “Como ficou o ponto que vocês fizeram com o lápis? Ele é grande ou pequeno?”; “E o que vocês fizeram com o giz de cera, como ficou?”; “Vocês notaram outras diferenças entre os pontos? Quais?”. Se achar pertinente, peça que testem ainda outros materiais, como tinta plástica, etc. Para testar a tinta guache, oriente-os para que coloquem um pouco de tinta na ponta da borracha e que depois batam com a borracha na folha de papel.

### Sugestão de atividade complementar

Para ampliar o trabalho com pontos, sugira aos alunos que tentem fazer o desenho do rosto de um colega usando apenas pontos.

1. Peça aos alunos que formem dupla com um colega.
2. Instrua-os a desenhar o rosto desse colega só usando pontos, com os materiais que preferirem, com base nos testes que fizeram na atividade proposta no Livro do Estudante.
3. Quando os desenhos estiverem prontos, deixe que os alunos mostrem sua produção para o colega e o restante da turma.

Para encerrar, questione se foi difícil desenhar usando apenas pontos, dando espaço para que expliquem como fizeram o desenho.

Você pode propor variações desta atividade nas quais, além de um rosto, os alunos desenhem outras partes do corpo. Estimule a utilização de diferentes materiais, para que obtenham resultados variados em tamanhos e texturas.

## Linhas

A **linha** é um ponto em movimento ou a junção de vários pontos bem próximos uns dos outros, justapostos ou seguidos. Existem linhas de diferentes tipos, como retas, curvas, sinuosas, finas, grossas, quebradas, onduladas e em espiral.

É fundamental que, ao observar as imagens das linhas, os estudantes percebam as muitas possibilidades de utilização deste elemento visual. Destaque as várias texturas e os diferentes tamanhos, tracejados e formatos nos quais as linhas se configuram. Você pode retomar as duas obras de Saul Steinberg apresentadas no capítulo e perguntar quais linhas, dentre as apresentadas, os estudantes identificam nelas. Há, pelo menos, dois tipos: linhas retas e linhas curvas, ambas finas.

Para exemplificar o uso de linhas nas artes visuais, você pode apresentar o trabalho da desenhista e pintora brasileira Odilla Mestriner (1928-2009). Em muitas de suas obras é possível perceber como as linhas são um recurso importante para a composição das imagens. Leia mais no texto a seguir.

### Texto complementar

#### Odilla Mestriner

[...] A artista emprega várias técnicas, como pintura em acrílica, desenho, aquarela e nanquim. [...]

A obra de Odilla Mestriner apresenta um grafismo cuidadoso e jogos de simetria e reflexão de imagens e módulos. Em algumas telas é frequente a presença de rostos, organizados em formas convexas ou côncavas, sucessivamente repetidas.

Como nota o historiador da arte Tadeu Chiarelli, Odilla Mestriner associa duas tendências preponderantes, a tentativa de expressar sentimentos e a opção pelo traço e pelo desenho, em contraposição à cor. [...]

A artista produz traços rigorosos, incisivos, apresentando espaços rigidamente construídos por ortogonais.

Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8600/odilla-mestriner>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

## LINHAS

LINHAS RETAS, CURVAS, SINUOSAS, QUEBRADAS, GROSSAS, FINAS, COLORIDAS!

OBSERVE QUANTAS LINHAS DIFERENTES OS ARTISTAS, COMO SAUL STEINBERG, PODEM USAR PARA CRIAR SEUS DESENHOS!



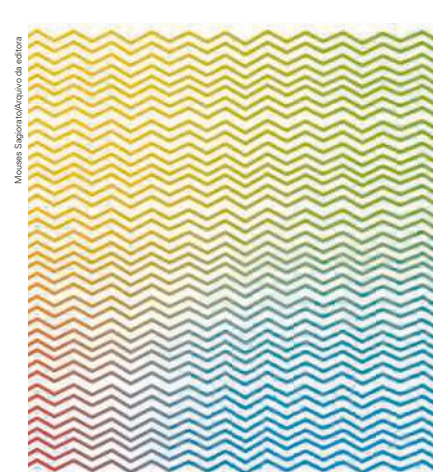
▶ LINHAS RETAS E FINAS.



▶ LINHAS RETAS E GROSSAS.



▶ LINHAS CURVAS E SINUOSAS.



▶ LINHAS QUEBRADAS.

QUE DIFERENÇAS VOCÊ OBSERVA ENTRE ESSAS LINHAS?  
O QUE VOCÊ SENTE AO VER CADA UMA DELAS?

22

UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Site

Se possível, acesse com os alunos a página do verbete “Odilla Mestriner” na **Enciclopédia Itaú Cultural** para ver a reprodução de algumas de suas obras. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8600/odilla-mestriner>>. Acesso em: 21 nov. 2017.



## ATIVIDADE PRÁTICA

NESTA ATIVIDADE, VAMOS TRABALHAR COM LINHAS!



### MATERIAL NECESSÁRIO

- PAPEL KRAFT
- CANETINHA
- LÁPIS DE COR
- GIZ DE CERA
- FITA ADESIVA

- 1 ESCOLHA UM LUGAR DO PAPEL KRAFT E DESENHE UMA LINHA DO TAMANHO QUE QUISER. ELA PODE TER CURVAS OU SER RETA, PODE IR E VOLTAR...
- 2 AGORA, DESENHE NOVAMENTE, MAS ESCOLHA UM LUGAR NOVO NO PAPEL KRAFT, OUTRO MATERIAL E OUTRO TIPO DE LINHA PARA DESENHAR.
- 3 QUANDO TODOS OS COLEGAS TIVEREM FEITO SUAS LINHAS, COM A AJUDA DO PROFESSOR, COLE O PAPEL KRAFT NA PAREDE COM A FITA ADESIVA.
- 4 POR FIM, OBSERVE COMO FICARAM AS LINHAS DESENHADAS.

### Sugestão de...

#### Leitura complementar

REBESCO, Vanessa. *Mulheres artistas no Brasil: um estudo sobre Marina Caram e Odilla Mestriner nos acervos públicos de São Paulo*. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes da Unicamp, Campinas, 2015. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/285330/1/Rebesco\\_VanessaLuciadeAssis\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/285330/1/Rebesco_VanessaLuciadeAssis_M.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Esta dissertação aborda características da produção de Odilla Mestriner e Marina Caram (1925-2008), outra artista visual que explorou o uso de linhas em algumas de suas obras.

### Atividade prática

Para realizar esta atividade, providencie um espaço com acesso fácil a pias e itens de higiene, como papel toalha. Também é interessante que os alunos tenham mesas grandes a sua disposição, ou mesmo que juntem mesas menores. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Por se tratar de uma atividade coletiva, chame a atenção dos estudantes para a importância de se observar os colegas trabalhando e sempre analisar a composição. Incentive-os a variarem os materiais que usarão para desenhar as linhas.

Depois de realizada a atividade, converse com os alunos sobre as impressões deles, perguntando: “O que vocês conseguem ver na composição?”; “As linhas possuem formas diferentes?”; “Vocês conseguem enxergar alguma forma nessa composição? Qual?”; “Como se sentiram durante a atividade?”. Deixe que eles falem sobre o que acharam do trabalho, mas faça a mediação da conversa.

### ▶ A BNCC nestas páginas

#### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

#### Materialidades

BNCC EF15AR04

Neste momento, os alunos poderão explorar e reconhecer a linha como elemento constitutivo das artes visuais. Ao realizar a atividade proposta, os estudantes poderão perceber as linhas como um dos elementos fundamentais do desenho como forma de expressão artística.

## Formas

As **formas**, ou figuras, são construções visuais feitas a partir da utilização de linhas, compostas de modo que criem espaços sobre uma superfície.

Ao fazer a atividade de nomeação das formas, é possível que os estudantes reconheçam o nome “figuras geométricas” por conta dos estudos em Matemática. Auxilie-os com o significado das palavras “figurativas” (que representa a forma de algo que existe no mundo) e “abstratas” (segundo o dicionário *on-line* *Aulete*, que não são concretas, que só existem como ideia – disponível em: <[www.aulete.com.br/abstrato](http://www.aulete.com.br/abstrato)>. Acesso em: 12 out. 2017).

Ao terminar a atividade, peça aos alunos que tentem nomear as figuras disponíveis nos três tipos de forma ilustrados, por exemplo, carro, casa, triângulo, etc. É provável que as opiniões deles sejam diferentes quando chegarem às formas abstratas, portanto, aproveite a oportunidade para explorar, perguntando: “Todos os colegas da sala reconhecem as mesmas formas nas formas abstratas? Por que vocês acham que isso acontece?”. Reforce que as formas abstratas são criadas pelos artistas sem a preocupação de reproduzir as coisas como elas são na realidade, o que deixa o leitor livre para imaginar o que quiser.

### ◆ A BNCC nestas páginas

#### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

#### Materialidades

BNCC EF15AR02

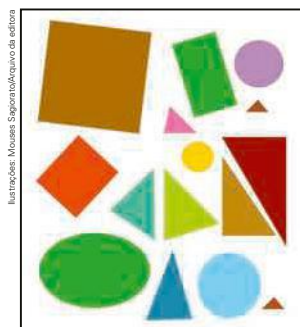
Neste momento, os alunos poderão explorar e reconhecer a forma como elemento constitutivo das artes visuais.

Além disso, poderão experimentar o desenho como forma de expressão artística.

## FORMAS

ALÉM DE PONTOS E LINHAS, OS ARTISTAS VISUAIS TAMBÉM USAM FORMAS PARA CRIAR SUAS OBRAS. EXISTEM VÁRIOS TIPOS DE FORMAS.

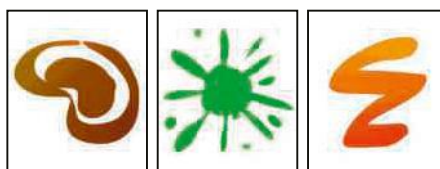
OBSERVE AS IMAGENS ABAIXO. VOCÊ CONSEGUE LIGAR CADA GRUPO DE FORMAS AO NOME DELE?



FORMAS FIGURATIVAS.



FORMAS ABSTRATAS.



FORMAS GEOMÉTRICAS.

VOCÊ JÁ VIU ALGUMA OBRA DE ARTE COM ESSAS FORMAS?  
JÁ CRIOU DESENHOS QUE SE PARECEM COM ESSAS FORMAS?  
QUE DIFERENÇAS EXISTEM ENTRE ELAS?

24 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de atividade complementar

**Material necessário:** duas cartolinas brancas; lápis de cor; tesoura sem pontas; cola branca.

1. Em uma das cartolinas, peça aos alunos que desenhem com lápis de cor algumas linhas.
2. Então, peça que troquem de cartolina com o colega e observem as linhas criadas por ele e questione: “Elas se cruzam?”; “Tem mais linhas retas ou mais linhas curvas?”.
3. Instrua os alunos a cortar a cartolina seguindo as linhas que o colega desenhou. Eles vão usar as formas obtidas para a próxima etapa da atividade.

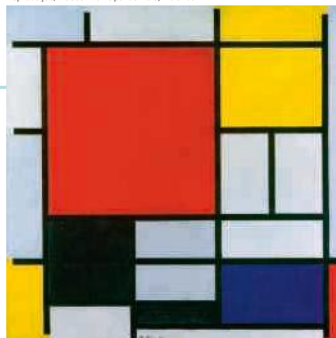
## ARTE E MATEMÁTICA

NÃO É SÓ A ARTE QUE SE DEDICA AO ESTUDO DAS FORMAS, LINHAS E PONTOS. A MATEMÁTICA TAMBÉM! VOCÊ JÁ ESTUDOU ALGUMA DAS FIGURAS GEOMÉTRICAS QUE VIMOS AQUI NAS AULAS DE MATEMÁTICA? O QUE VOCÊ APRENDEU?

O MATEMÁTICO ESTUDA AS FORMAS E O ESPAÇO QUE ELAS OCUPAM PARA RESOLVER PROBLEMAS E REALIZAR OUTRAS TAREFAS. O ARTISTA VISUAL CRIA IMAGENS E OBJETOS COM AS FORMAS PARA TRAZER BELEZA PARA A VIDA!

O DESENHO PODE FAZER PARTE DA NOSSA VIDA DE MUITAS MANEIRAS!

Reprodução/Museu Municipal de Haia, Holanda.



► **COMPOSIÇÃO COM VERMELHO, AMARELO, AZUL E PRETO, DE PIET MONDRIAN, 1921 (ÓLEO SOBRE TELA, 59,5 cm x 59,5 cm).**

## ATIVIDADE PRÁTICA

QUE TAL TRABALHAR COM AS FORMAS GEOMÉTRICAS?

- 1 PENSE NAS FORMAS GEOMÉTRICAS QUE VIMOS E TAMBÉM EM OUTRAS QUE VOCÊ CONHECE.
- 2 CAMINHE PELA SALA DE AULA EM BUSCA DE OBJETOS QUE POSSUAM FORMAS GEOMÉTRICAS.
- 3 AGORA, EM UMA FOLHA DE PAPEL SULFITE, DESENHE OS OBJETOS COM FORMAS GEOMÉTRICAS QUE VOCÊ ENCONTROU NA SALA.
- 4 LEMBRE-SE DE PINTAR SEUS DESENHOS!
- 5 QUANDO TERMINAR, MOSTRE SEU TRABALHO PARA UM COLEGA E CONVERSE COM ELE SOBRE AS FORMAS GEOMÉTRICAS QUE VOCÊ ENCONTROU.

### MATERIAL NECESSÁRIO

- FOLHA DE PAPEL SULFITE
- LÁPIS PRETO
- LÁPIS DE COR



4. Na outra cartolina, peça que experimentem montar diversas combinações com as formas que recortaram. Enfatize que os alunos podem colocar uma ao lado da outra, uma por cima da outra ou experimentar novas maneiras de organização.
5. Depois de testarem essas organizações, peça que cole as formas na outra cartolina. Deixe-os livres para usar as formas que quiserem. Não precisam usar todas as que recortaram.
6. Encerre a atividade proporcionando um momento para compartilharem o resultado com os colegas.

## Arte e Matemática

Depois de fazer a leitura compartilhada do texto com os alunos, converse sobre os variados tipos de forma que eles percebem, perguntando: “Na natureza, que formas vocês percebem?”; “Como são as formas das árvores e dos animais que vocês conhecem?”; “E que formas vocês reconhecem nos seus materiais escolares?”; “Vocês acham que as formas são importantes para os artistas? Por quê?”.

Para que eles comecem a pensar na importância dos tamanhos, faça perguntas como: “Por que vocês acham que é importante calcular o tamanho das formas?”; “O que aconteceria se o assento da cadeira fosse do tamanho da palma da nossa mão? Seria possível sentar?”; etc.

## Interdisciplinaridade: Arte e Matemática na BNCC

**Figuras geométricas espaciais: reconhecimento e relações com objetos familiares do mundo físico**

BNCC EF01MA13

**Figuras geométricas planas: reconhecimento do formato das faces de figuras geométricas espaciais**

BNCC EF01MA14

O estudo das formas em Arte é também uma oportunidade para que os estudantes possam relacionar figuras geométricas espaciais a objetos familiares do mundo físico, além de identificar e nomear figuras planas (círculo, quadrado, retângulo, triângulo).

## Atividade prática

Incentive os alunos a explorar as inúmeras possibilidades de uso dos pontos, linhas e formas no desenho e também a perceber os múltiplos efeitos que os artistas obtêm com esses elementos em suas criações. Depois de levantar hipóteses acerca desse tema e de manifestar suas impressões e opiniões, espera-se que eles estejam motivados para se apropriar do conteúdo que será desenvolvido e dos procedimentos propostos no capítulo.

## Outros trabalhos de Saul Steinberg

Ao apresentar a obra **Sem título**, de 1963, espera-se que os estudantes a identifiquem como sendo de autoria de Saul Steinberg, por conta dos elementos em comum com as obras do artista apresentadas até este momento. Retome com eles alguns desses elementos, como linhas finas, desenho feito com caneta bico de pena e nanquim em papel *canson* e a caneta e o pote de tinta presentes no desenho. Pergunte a eles quais sensações têm ao observá-lo.

Após apresentar a obra **Quatro gatos**, enfatize os diferentes suportes, materiais e procedimentos utilizados pelo artista em seu trabalho. Incentive os alunos a observá-los e a falar sobre eles: “De que forma o artista usa objetos nos seus desenhos?”; “O que vocês acharam das ideias dele para fazer desenhos diferentes?”.

### Texto complementar

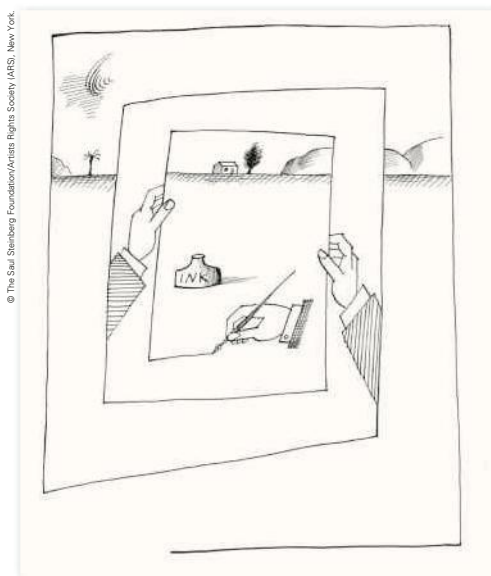
Saul Steinberg nasceu em 15 de junho de 1914, no lugarejo romeno de Râmnicul-Sarat. Seis meses mais tarde, sua família mudou-se para Bucareste, onde Steinberg passou toda a infância e a adolescência. Depois de um ano na Universidade de Bucareste, onde estudou filosofia e literatura, Steinberg foi para Milão para estudar arquitetura e completar sua graduação em 1940. Na cidade italiana, começou a publicar desenhos numa espécie de folheto chamado Bertoldo [...].

Em 1941, sob a ameaça do fascismo de Mussolini, Steinberg deixou a Itália, chegando aos Estados Unidos via Santo Domingo. Naturalizado em 1943, serviu no departamento de inteligência da marinha americana e no Office of Strategic Services (OSS)[...]. Em 1944, casou-se com a pintora Hedda Sterne e estabeleceu-se em Nova York, onde obteve sucesso imediato. [...] Saul Steinberg morreu em Nova York em 1999.

**PINACOTECA. Sobre Saul Steinberg.** Disponível em: <<http://pinacoteca.org.br/programacao/saul-steinberg-as-aventuras-da-linha/>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

## OUTROS TRABALHOS DE SAUL STEINBERG

VEJA A OBRA A SEGUIR. PRESTE ATENÇÃO AO USO DAS LINHAS, AO QUE APARECE NO DESENHO E EM COMO ELE FOI FEITO. VOCÊ SABERIA DIZER DE QUEM É ESTA OBRA APENAS OLHANDO PARA ELA? SE VOCÊ DISSE “DE SAUL STEINBERG”, ACERTOU!



◀ O QUE VOCÊ VÊ NESTA IMAGEM?

▶ SEM TÍTULO, DE SAUL STEINBERG, 1963 (NANQUIM SOBRE PAPEL).

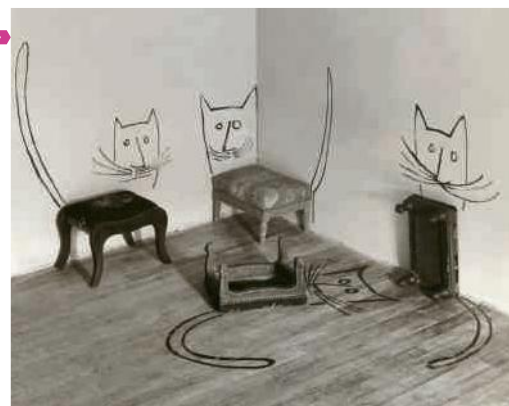
ALÉM DE USAR LINHAS E FORMAS, SAUL STEINBERG TAMBÉM CRIAVA SUAS OBRAS MISTURANDO DESENHO COM OUTROS ELEMENTOS!

O QUE VOCÊ VÊ NESTA FOTO? ▶

COMO VOCÊ IMAGINA QUE O ARTISTA FEZ ESTA **INSTALAÇÃO**? O QUE VOCÊ SENTE AO OLHAR ESTA IMAGEM?

▶ **INSTALAÇÃO:** TIPO DE ARTE VISUAL QUE CRIA OU MODIFICA UM AMBIENTE.

▶ **QUATRO GATOS**, DE SAUL STEINBERG, 1950 (MURAL E INSTALAÇÃO).



26 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Filme

Se possível, assista ao documentário de curta-metragem **Saul Steinberg – as aventuras da linha** (Instituto Moreira Salles, 2010, 14 min), produzido por ocasião da mostra homônima. Ele apresenta alguns desenhos de Steinberg e entrevistas com cartunistas brasileiros e especialistas, como Cássio Loredano, Jaguar, Ziraldo e Rodrigo Naves. Disponível em: <<https://blogdoims.com.br/documentario-saul-steinberg-as-aventuras-da-linha/>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

O QUE VOCÊ VÊ NA  
IMAGEM AO LADO? ...  
COMO SERÁ QUE O  
ARTISTA DESENHOU AS  
NUVENS DA PAISAGEM?



© The Saul Steinberg Foundation/Artists Rights Society (ARS), New York.

► **PAISAGEM COM  
DIGITAL**, DE SAUL  
STEINBERG, 1950  
(DIGITAIS E CANETA  
SOBRE PAPEL,  
36,8 cm x 28,3 cm).

## SAIBA MAIS

OLHE UM DOS DEDOS DE SUA MÃO BEM DE PERTO. VOCÊ CONSEGUE ENXERGAR ALGUMAS LINHAS NELE? SIM! ATÉ EM NOSSO CORPO TEMOS LINHAS, PONTOS E FORMAS! O DESENHO FORMADO POR ESSAS LINHAS NA PONTA DOS DEDOS É CHAMADO DE **IMPRESSÃO DIGITAL** E CADA PESSOA TEM A SUA.

### SOBRE O ARTISTA

SAUL STEINBERG (1914-1999) FOI UM DESENHISTA E CARTUNISTA QUE NASCEU NA ROMÊNIA. SEUS TRABALHOS GANHARAM DESTAQUE EM JORNAIS E REVISTAS DO MUNDO TODO!

SEU ESTILO DE DESENHO, CHEIO DE LINHAS EXPRESSIVAS E DE MUITA IMAGINAÇÃO, INFLUENCIOU MUITOS DESENHISTAS.

SEUS DESENHOS TAMBÉM ESTÃO EXPOSTOS EM GALERIAS DE ARTE E MUSEUS.

### SUGESTÃO DE...

#### SITE

CONHEÇA MAIS A OBRA DE SAUL STEINBERG NA INTERNET. DISPONÍVEL EM:  
<[www.saulsteinbergfoundation.org/](http://www.saulsteinbergfoundation.org/)>. ACESSO EM: 4 DE SETEMBRO DE 2017.

## ASSIM TAMBÉM APRENDO

🗣️ O QUE VOCÊ ACHOU DO TRABALHO DE SAUL STEINBERG? CONVERSE COM OS COLEGAS E O PROFESSOR CONTANDO POR QUE GOSTOU OU NÃO DO TRABALHO DO ARTISTA.

► CAPÍTULO 1 27

### Sugestão de...

#### Livro

STEINBERG, Saul. *Reflexos e sombras*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2011.

Neste livro, ilustrado com 63 imagens, o artista conta algumas de suas memórias de infância, da sua família, seus estudos e suas reflexões sobre a própria arte e o mundo artístico em geral.

Depois da leitura compartilhada do texto, deixe que os alunos respondam às questões propostas livremente. Em seguida, leia com eles a legenda da obra **Paisagem com digital** e pergunte se sabem o que é uma digital. Mencione que as nossas digitais ficam na ponta dos nossos dedos e servem para nos identificar. Pergunte, também, se eles já possuem um documento de identificação, o Registro Geral (RG), e lembre-os de que, para emití-lo, é necessário cadastrar as digitais de todos os nossos dedos (o que pode ser feito com tinta, em geral de carimbo, ou de forma eletrônica).

### Assim também aprendo

Você pode organizar os alunos em duplas ou trios para esta atividade. Retome o que foi estudado sobre o trabalho de Steinberg, para que possam discutir as questões entre eles. Você pode fazer isso propondo perguntas como: "O que conhecemos sobre o artista?"; "O que falamos sobre seus desenhos e como ele os faz?"; "O que conversamos a respeito das linhas, formas e personagens que ele cria?"; "Que tipos de produções vimos que ele faz?"; "Que materiais e objetos ele utiliza em suas obras?"; "Vocês gostaram das obras que vimos? Por quê?".

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Neste momento, espera-se que os alunos ampliem seu repertório de elementos constitutivos das artes visuais. Ao retomar a apreciação do trabalho de Saul Steinberg, os estudantes estarão constantemente treinando sua percepção para identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Ampliando o repertório cultural

Para otimizar este momento, faça uma leitura coletiva dos textos e incentive os alunos a relatar suas impressões sobre as imagens.

### Edith Derdyk

Deixe que os alunos falem livremente sobre a imagem, mas aproveite para chamar a atenção deles para as diferenças entre as características do trabalho de Saul Steinberg e de Edith Derdyk, destacando especialmente o modo como o trabalho é desenvolvido e a exploração do espaço, dos materiais e da textura. Você pode fazer isso perguntando: “Com que materiais a artista trabalha?”; “Essa obra se parece em algo com as obras que viu de Saul Steinberg? Por quê?”.

### Sugestão de...

#### Site

Para conhecer mais sobre a vida e a obra de Edith Derdyk, acesse o site oficial da artista. Disponível em: <[www.edithderdyk.com.br](http://www.edithderdyk.com.br)>. Acesso em: 13 out. 2017.

## AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL

### EDITH DERDYK

A ARTISTA PAULISTANA EDITH DERDYK (1955) TAMBÉM CRIA OBRAS DE ARTE USANDO LINHAS, SÓ QUE FORA DO PAPEL! OBSERVE.



► **FATIA**, DE EDITH DERDYK, 2003 (INSTALAÇÃO FEITA COM LINHAS DE ALGODÃO).

O QUE VOCÊ VÊ NA IMAGEM?

EDITH CRIA DESENHOS COM LINHAS FEITAS DE ALGODÃO QUE PARECEM ATRAVESSAR AS PAREDES, COMO SE FOSSE UM MOVIMENTO RÁPIDO! QUE SOM VOCÊ ACHA QUE O MOVIMENTO DE ATRAVESSAR RAPIDAMENTE UMA PAREDE FARIA?

### O DESENHO COM LINHAS DO POVO INDÍGENA ASURINI

DIFERENTES POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS UTILIZAM O DESENHO FEITO COM LINHAS EM DECORAÇÃO DE OBJETOS, NAS PINTURAS CORPORAIS E EM TATUAGENS.

28

UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de atividade complementar

Peça aos estudantes que façam uma pesquisa e tragam mais desenhistas e seus trabalhos para que os colegas os conheçam e, assim, ampliem o seu repertório cultural.

Os tópicos a serem pesquisados são:

- Biografia do artista.
- Trabalhos do artista.

Oriente a turma a fazer essa pesquisa em sites da internet, livros da biblioteca, livros que tiverem em casa, entre outras fontes. No caso dos três primeiros anos do Ensino Fundamen-

tal, a pesquisa deve ser direcionada para imagens, sem a preocupação de que eles criem textos complexos.

Promova um encontro em que os estudantes possam apresentar para os colegas o que descobriram. Caso sua turma seja grande, organize pequenos grupos para que eles troquem ideias entre si sobre o que pesquisaram.

Se for possível, convide um desenhista da região para vir à escola e ser entrevistado pelos estudantes.

PARA ELES, CADA DESENHO POSSUI UM SIGNIFICADO, POR EXEMPLO, HOMENAGEAR UM ANIMAL, MOSTRAR SE A PESSOA É CASADA OU NÃO, SE TEM FILHOS.

VEJA UM DOS PADRÕES USADOS PELO POVO ASURINI PARA DECORAR OBJETOS E FAZER TATUAGENS NO CORPO.



► CERÂMICA ASURINI EM EXPOSIÇÃO NO MUSEU DO ÍNDIO, RIO DE JANEIRO, 2009.

VOCÊ SABE EM QUE OS ASURINI SE INSPIRARAM PARA COMPOR ESSE DESENHO? ELES SE INSPIRARAM NO CASCO DO JABUTI! VEJA AO LADO.

PARA O POVO ASURINI, QUE VIVE PERTO DO RIO XINGU, QUEM DEVE FAZER ESSES DESENHOS SÃO AS MULHERES. DESDE CEDO, ELAS APRENDEM AS TÉCNICAS E O **PADRÃO** USADOS EM CADA TIPO DE DESENHO.



► JABUTI.



► MULHER ASURINI TRABALHANDO COM CERÂMICA. KOATINEMO, REGIÃO AMAZÔNICA, 1990.

► **PADRÃO:**  
REPETIÇÃO DE UM MESMO DESENHO EM UMA SUPERFÍCIE.

AS IMAGENS NÃO ESTÃO REPRESENTADAS EM PROPORÇÃO...

► CAPÍTULO 1 29

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## O desenho com linhas do povo indígena Asurini

Ao estudar uma cultura diferente da que fazemos parte é fundamental um olhar de respeito pelas diferenças, evitando julgamentos prévios e pouco embasados. O texto apresentado trata dos indígenas asurinis. Converse com os alunos sobre o que eles entendem pelo termo “índigena”. Este é um momento importante para esclarecer que este conceito, criado pelos europeus, homogeneizou uma série de povos com culturas diferentes.

Faça um levantamento de quais povos indígenas seus alunos já ouviram falar, pergunte se eles sabem se têm alguma ascendência indígena e se conhecem elementos da herança indígena presentes em nossa língua, na alimentação, etc.

Nesse momento, se achar oportuno, retome a obra de Saul Steinberg apresentada e converse com os alunos sobre as linhas que eles enxergam no desenho da cerâmica, em comparação com os trabalhos de Steinberg: “São os mesmos tipos de linha?”; “São linhas curvas, retas, onduladas?”; “Quais são as semelhanças e diferenças?”; “De que forma são usadas estas linhas em cada desenho?”; “E as formas? Quais são abstratas, quais são geométricas?”; “Quais são figurativas em cada desenho?”. Verifique se eles conseguem reconhecer essas linhas e formas.

### Sugestão de...

#### Site

Para saber mais sobre a cultura do povo asurini, acesse a página **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/asurini-do-xingu>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Matrizes estéticas e culturais

BNCC EF15AR03

Este momento é fundamental para que os estudantes possam identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e

contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

O contato com o desenho com linhas do povo indígena Asurini é uma oportunidade para que os alunos possam reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

## Experimentação

Para realizar esta atividade, providencie um espaço com acesso fácil a pias e itens de higiene, como papel toalha. Também é interessante que os alunos tenham mesas grandes a sua disposição, ou mesmo que juntem mesas menores. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Organize-se com antecedência, pensando na disposição dos materiais na sala, na ocupação dos espaços pelos grupos e no gerenciamento do tempo para a realização das etapas do trabalho. É importante compartilhar essas questões com os alunos, explicando a eles como devem se organizar, quais são suas responsabilidades em relação aos materiais, quais são as etapas do trabalho, quantas aulas estão previstas para o projeto e o que vai acontecer em cada uma delas.

Ao fazer o desenho de um colega com linhas traçadas com caneta bico de pena e tinta guache, o objetivo central é propiciar a todos um primeiro contato com materiais e técnicas vistas no capítulo, muito importantes para a arte do desenho, mas talvez pouco conhecidos por eles.

Deixe os alunos livres para explorar e descobrir a melhor maneira de manusear os materiais indicados: a inclinação mais adequada da caneta, a pressão que devem fazer para obter traços de diferentes espessuras, etc. Quando estiverem minimamente familiarizados com o uso da caneta, oriente-os a fazer o desenho e, por fim, organize com eles a exposição.

Ao final das produções, você pode pedir a eles que mostrem qual parte do desenho foi mais difícil, como foi desenhá-la, qual foi a parte mais fácil, de qual produção eles mais gostaram, etc. Peça a eles que mostrem em suas próprias produções exemplos do que estão relatando.

# EXPERIMENTAÇÃO

**VAMOS CRIAR UMA SÉRIE DE DESENHOS COM LINHAS PARA MONTAR UMA EXPOSIÇÃO?**

- 1 EXPERIMENTE FAZER LINHAS USANDO AS CANETAS BICO DE PENNA E A TINTA GUACHE. NOTE QUE, QUANTO MAIS PRESSÃO VOCÊ FIZER SOBRE O PAPEL, MAIS GROSSA A LINHA VAI FICAR.
- 2 TENTE FAZER LINHAS CURVAS COM A CANETA. PARA ISSO, É PRECISO VIRAR O PULSO JUNTO COM A MÃO!
- 3 FORME UMA DUPLA. OBSERVE O COLEGA. OBSERVE OS TRAÇOS E AS FORMAS DELE.
- 4 AGORA, DESENHE O COLEGA NO PAPEL CANSON! O DESAFIO É DESENHÁ-LO USANDO LINHAS! USE A CRIATIVIDADE! FAÇA LINHAS RETAS, CURVAS, FINAS, GROSSAS, SINUOSAS... TUDO JUNTO E MISTURADO!

### MATERIAL NECESSÁRIO

- CANETA BICO DE PENNA
- TINTA GUACHE PRETA BEM AGUADA
- PAPEL TOALHA
- POTE COM ÁGUA
- PAPEL CANSON

**PARA FINALIZAR, COM A AJUDA DO PROFESSOR, MONTE A EXPOSIÇÃO!**



## REGISTRANDO

**DEPOIS DA EXPOSIÇÃO, GUARDE SEU TRABALHO NO PORTFÓLIO.**

30

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

**Materialidades**

**BNCC EF15AR04**

**Processos de criação**

**BNCC EF15AR06**

Neste momento os alunos terão a oportunidade de experimentar o desenho como forma de expressão artística, fazendo uso de recursos e técnicas convencionais.

A realização da atividade também propiciará aos estudantes dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.



# O QUE ESTUDAMOS

- OS ARTISTAS VISUAIS USAM PONTOS, LINHAS E FORMAS PARA DESENHAR.
- OS PONTOS PODEM SER GRANDES, PEQUENOS, COLORIDOS E ESTAR AGRUPADOS.
- AS LINHAS PODEM SER RETAS, CURVAS, SINUOSAS, FINAS, GROSSAS OU QUEBRADAS.
- AS FORMAS PODEM SER GEOMÉTRICAS, FIGURATIVAS OU ABSTRATAS.
- OS DESENHOS PODEM REPRESENTAR O MOVIMENTO DAS COISAS DO MUNDO.
- AS LINHAS E OS OUTROS ELEMENTOS DO DESENHO PODEM SAIR DO PAPEL E GANHAR O ESPAÇO.
- PARA OS POVOS INDÍGENAS, O DESENHO PODE HOMENAGEAR OS ANIMAIS E REPRESENTAR QUEM E COMO SÃO AS PESSOAS DE UMA TRIBO.



## DICA DE VISITAÇÃO

NA CIDADE EM QUE VOCÊ VIVE EXISTEM ATELIÊS DE DESENHISTAS? APROVEITE A OCASIÃO PARA VISITAR ESSES LUGARES E CONHECER UM ARTISTA VISUAL!

## É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO



O QUE VOCÊ APRENDEU NESTE CAPÍTULO? EM UMA FOLHA DE PAPEL SULFITE, FAÇA UM DESENHO SOBRE O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE ESTUDAR.

» O QUE ESTUDAMOS

31

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## O que estudamos

Inicie o trabalho com esta seção lendo com os alunos o boxe com a síntese dos conceitos estudados. Retome com eles os trabalhos de Saul Steinberg apresentados no livro e incentive-os a identificar aspectos que os fizeram gostar ou não das obras. Essa conversa pode ser feita coletivamente ou em pequenos grupos. Se julgar interessante, encerre a atividade registrando na lousa uma síntese coletiva do que foi discutido.

## É hora de retomar o portfólio

Antes de os alunos fazerem o desenho proposto como síntese dos aprendizados, levante questões como: "Você acha que aprendeu mais sobre as artes visuais depois das atividades que realizamos neste capítulo?"; "Você gostou das produções artísticas realizadas?"; "Quais foram as suas maiores dificuldades?", etc.

Retome a lista que foi feita no início do bimestre junto com a turma. Assim eles terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado dos alunos analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue os elementos fundamentais da linguagem visual (ponto, linha e forma) nas apreciações de obras de arte?
- O aluno utiliza elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma) em suas produções, mobilizando repertório variado de recursos de composição visual?
- O aluno avalia o uso dos elementos constitutivos das artes visuais, reconhecendo suas estratégias de composição?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações com os elementos constitutivos das artes visuais, na busca de soluções para expressar suas ideias e sentimentos?

Além disso, avalie se o aluno:

- precisa de ajuda técnica, só produz com orientação e/ou acompanhamento do educador, com ajuda total.
- apresenta facilidade em trabalhar com meios e suportes, mas ainda precisa de alguma orientação.
- consegue se apropriar e trabalhar com os procedimentos, meios e materiais propostos, sem necessidade de supervisão ou acompanhamento direto.
- explora e pesquisa os materiais e suportes a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos na atividade.

## Unidade 1 – Capítulo 2

### A arte de escutar os sons: a gravação sonora!

No capítulo 2, continuamos o trabalho com a questão norteadora da unidade: “Podemos fazer um desenho que se mexe e faz sons?”. Nesse capítulo, os alunos terão a oportunidade de entrar em contato com os sons, suas qualidades e características, somando às suas vivências espontâneas a experimentação e a reflexão acerca desses elementos.

A abordagem da música e das propriedades sonoras, na primeira parte deste capítulo, estrutura-se em torno do conceito de **paisagem sonora** e se desenvolve assentada na escuta, pesquisa e experimentação com sons. O conteúdo apresentado deve contribuir para refinar a escuta dos estudantes e sensibilizá-los para a identificação e caracterização dos sons, de modo que possam acumular referências para fruir e produzir música.

Antes de iniciar o trabalho, retome com os alunos a lista feita ao final da introdução da unidade e atualize-a. Pergunte a eles se o que foi listado se concretizou e se há outros elementos para adicionar. Retome a pergunta norteadora do projeto e pergunte o que os alunos imaginam que precisam saber sobre o som para respondê-la. Pergunte também o que imaginam que vão estudar partindo do título do capítulo. Sugira, então, alguns itens para complementar a lista com a turma:

- Conhecer um ou mais artistas que sejam músicos e que registrem os sons.
- Descobrir mais sobre o som e seus elementos.
- Experimentar produzir e registrar sons.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que produzam sons e os registrem.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprenderam sobre o registro de sons.



# A ARTE DE ESCUTAR OS SONS: A GRAVAÇÃO SONORA!

## AS PAISAGENS SONORAS DE THELMO CRISTOVAM

JÁ DESCOBRIMOS ELEMENTOS DO DESENHO COMO O PONTO, A LINHA E A FORMA. TAMBÉM FIZEMOS DESENHOS DE DIVERSAS MANEIRAS. VOCÊ SE LEMBRA DE COMO CHAMAMOS OS ARTISTAS QUE TRABALHAM COM O DESENHO? **Artistas visuais.**

MAS E OS SONS? QUEM TRABALHA COM ELES? E COMO PODEMOS UNI-LOS AOS DESENHOS? VAMOS DESCOBRIR ISSO EXPLORANDO O TRABALHO DE UM ARTISTA QUE PRODUZ E REGISTRA SONS, UM **MÚSICO!**

### PARA INICIAR

1. VOCÊ CONHECE O LUGAR EM QUE A FOTO ABAIXO FOI TIRADA? COMO ELE SE CHAMA? CONSEGUE IMAGINAR OS SONS QUE A PESSOA QUE TIROU ESSA FOTO ESTAVA OUVINDO?
2. VOCÊ GOSTA DE OUVIR O BARULHO DO MAR? ELE É DIFERENTE DE UMA MÚSICA? POR QUÊ?
3. VOCÊ GOSTA DE OUVIR MÚSICA? QUEM É SEU MÚSICO PREFERIDO?
4. COMO SERÁ QUE OS MÚSICOS CRIAM AS MÚSICAS?

ESTA FOTOGRAFIA FOI TIRADA EM UMA DAS ILHAS DE FERNANDO DE NORONHA, EM PERNAMBUCO, PELO MÚSICO BRASILEIRO THELMO CRISTOVAM.

▶ PAISAGEM DE FERNANDO DE NORONHA, PERNAMBUCO, FOTOGRAFADA POR THELMO CRISTOVAM, 2012.



32 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### As paisagens sonoras de Thelmo Cristovam

#### Para iniciar

Ao trabalhar as questões do boxe, se achar interessante, peça aos alunos que já conheceram o mar que tentem vocalizar os sons de que se lembram. Depois, se possível, reproduza o som do mar. Procure por áudios na internet. Há muitos exemplos do som do mar disponíveis para reprodução.

Se possível, reproduza o trabalho de Thelmo Cristovam, disponível em: <<https://thelmo.cristovam.bandcamp.com/album/mspe-fernando-de-noronha>>. Acesso em: 9 out. 2017.

Ao trabalhar a proposta de desenho, você pode propor aos alunos que escolham uma área da sala para retratar ou, se achar pertinente, pode levá-los para a área externa para que cada um escolha algo de seu interesse para desenhar.

A **FOTOGRAFIA** É UMA TÉCNICA QUE CAPTURA UM INSTANTE DA REALIDADE EM UMA IMAGEM. VOCÊ CONSEGUE PENSAR EM OUTRO JEITO DE FAZER ISSO USANDO PAPEL E LÁPIS? SE VOCÊ PENSOU NO DESENHO, ACERTOU! QUE TAL FAZER UM DESENHO DESTE EXATO INSTANTE? ABAIXO, DESENHE O QUE VOCÊ ESTÁ VENDO AGORA USANDO PONTOS, LINHAS E FORMAS.

THELMO CRISTOVAM TAMBÉM GRAVOU SONS QUE ECOAM PELA ILHA, CAPTURANDO DE OUTRO MODO O INSTANTE QUE ELE ESTAVA VIVENDO. VAMOS CONHECER MELHOR ESSA OBRA?

» CAPÍTULO 2 33

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Competências deste capítulo

- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

## Linguagem

Música.

## Dimensões do conhecimento

Fruição; reflexão.

## A BNCC nestas páginas

### Materialidades

BNCC EF15AR04

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR13

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de experimentar o desenho como forma de expressão artística, bem como iniciar o trabalho de identificação e apreciação da paisagem sonora como forma de expressão musical.

## Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Reconhecer elementos da linguagem musical em fontes e produções diversas.
- Explorar espaços, a fim de perceber os sons ambientes (vozes, corpos e materiais sonoros), associando-os às fontes sonoras.
- Reconhecer o timbre dos materiais sonoros e criar e produzir sons com eles.
- Apreciar produções musicais, descrever o que ouve e sente em relação a elas e comunicar aos colegas sua apreciação.
- Valorizar o autor das obras apreciadas, compreendendo sua estética, conhecendo aspectos de sua poética e seus principais trabalhos.
- Gravar paisagens sonoras tendo como inspiração o trabalho do músico Thelmo Cristovam.

## Que obra é essa?

Inicialmente, faça uma leitura coletiva do texto e das imagens que remetem aos sons que o artista registrou em Fernando de Noronha. Peça aos alunos que observem as imagens por um tempo e, antes de fazer a leitura compartilhada das perguntas, converse com eles para que levantem as primeiras hipóteses. Você pode perguntar, por exemplo: “O que vem à cabeça quando vocês olham estas imagens?”; “Vocês já visitaram lugares como esse? Como se sentiriam?”; “Em um lugar assim, o que pode produzir sons?”.

Depois, realize a leitura das perguntas e deixe que os alunos falem livremente sobre o que eles pensam. Em seguida, peça que apontem quais elementos eles veem nas imagens que podem produzir sons. Se achar pertinente, pergunte ainda: “Há instrumentos musicais nestas imagens?”; “Que coisas vemos que podem fazer sons?”; “Como vocês imaginam que são esses sons?”.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

**BNCC** EF15AR13

Neste momento, os estudantes iniciarão o processo de familiarização com os elementos constitutivos da paisagem sonora, de modo a identificar e apreciar esta forma de expressão musical contemporânea.

## QUE OBRA É ESSA?

A OBRA QUE THELMO CRISTOVAM CRIOU EM FERNANDO DE NORONHA, ENTRE 2011 E 2012, CHAMA-SE **MSPE / FERNANDO DE NORONHA**. ESSA OBRA É UM REGISTRO DOS SONS DESSE LUGAR. AO CRIAR ESSA OBRA, ELE FEZ UMA MEMÓRIA SONORA PARA O LOCAL.



▶ THELMO CRISTOVAM E SEU EQUIPAMENTO DE GRAVAÇÃO EM FERNANDO DE NORONHA, PERNAMBUCO, 2012.

34

UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Leitura complementar

SANTOS, Fátima Carneiro dos. *A paisagem sonora, a criança e a cidade: exercícios de escuta e de composição para uma ampliação da ideia de música*. Tese (Doutorado em Música). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284331/1/Santos\\_FatimaCarneirodos\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284331/1/Santos_FatimaCarneirodos_D.pdf)>. Acesso em: 5 dez. 2017.

No trabalho, a autora relata a proposta da criação de uma paisagem sonora com um grupo de crianças a partir dos sons da rua.



► O MÚSICO THELMO CRISTOVAM DURANTE GRAVAÇÃO EM FERNANDO DE NORONHA, PERNAMBUCO, 2012.

O QUE VOCÊ SENTE QUANDO VÊ O ARTISTA CRIANDO SUA OBRA NESSAS FOTOGRAFIAS?

OS AMBIENTES NATURAIS E OS AMBIENTES CONSTRUÍDOS PELO SER HUMANO SÃO AS **FONTES SONORAS** DE THELMO CRISTOVAM, OU SEJA, ELE USA OS SONS DO AMBIENTE PARA FAZER SUAS OBRAS. VAMOS DESCOBRIR COMO ELE FAZ ISSO?

## Texto complementar

### Mapeamento sonoro e fotográfico de Pernambuco

[...]

Para Thelmo, as gravações de campo têm uma relação análoga à fotografia. “Você está vendo as coisas a toda hora, mas quando você pega e foca numa história, ela poeticamente chega em um outro nível. Aquela coisa está ali para você ver a toda hora, mas você reconfigurou e a recortou da realidade. Isso tem uma força poética, uma estética, tem um deslocamento”, pontua.

A intenção do trabalho, diferente das gravações de campo tradicionais, não é de documentar a realidade. Ao contrário, pretende desafiar com outras escutas e fazer perceber aquilo que passa despercebido pelo nosso ritmo cotidiano. Ao gravar a Ponte Princesa Isabel e a Ponte da Boa Vista, por exemplo, ele usou um microfone subaquático, nos colocando para ouvir o centro nervoso da cidade por debaixo d’água.

“As pontes, espaços de transição sobre o que corta a cidade, vibram com os sons emitidos por ela e transmitem esses sons através da água, os filtram e deslocam suas frequências a modo de resignificar os sons do tráfego ao meio-dia”, explica.

O trabalho de Thelmo Cristovam nos faz perceber as múltiplas possibilidades da escuta e da percepção.

ALBUQUERQUE, Gabriel. Thelmo Cristovam em busca do som do cosmo. **Jornal do Commercio**, Recife, 14 dez. 2016. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2016/12/14/thelmocristovam-em-busca-do-som-cosmo-263554.php>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

## Como a obra foi feita?

Explore as imagens e as perguntas apresentadas no texto e, se possível, promova a audição dos sons gravados pelo artista em diferentes lugares. Há vários exemplos disponíveis na página do artista na plataforma Bandcamp (disponível em: <<https://thelmocristovam.bandcamp.com/album/mspe-fernando-de-noronha>>. Acesso em: 9 out. 2017.), e também no site do artista, (disponível em: <[www.thelmo.cristovam.net/fonofotografia/](http://www.thelmo.cristovam.net/fonofotografia/)>. Acesso em: 9 out. 2017.).

Caso seja possível o trabalho com o áudio, ao reproduzi-lo, investigue as sensações que os alunos experimentam durante a escuta por meio de perguntas, como: "Como vocês se sentem quando ouvem estes sons?"; "Por que vocês acham que eles causam essas sensações?"; "Além disso, estimule-os a estabelecer relações entre som e imagem, perguntando: "O que o som desse lugar tem a ver com sua imagem?"; "O que podemos saber sobre um lugar, uma cidade, ao ouvir os seus sons?"; "Vemos algo nessas fotos que também ouvimos no áudio?"; "Vemos algo nas fotos que não ouvimos nos áudios? O quê?"; "Essas coisas têm som? Como é esse som?".

Ressalte que, ao fazer esses registros, Thelmo Cristovam contribui para preservar a memória sonora, que é um importante elemento da identidade dos indivíduos e comunidades de cada lugar.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR13

A familiarização com os trabalhos de Thelmo Cristovam poderá ajudar a expandir os conhecimentos dos alunos acerca da paisagem sonora, bem como reconhecer seus usos e funções como música em diversos contextos de circulação.

## COMO A OBRA FOI FEITA?

THELMO CRISTOVAM ACREDITA QUE TODOS OS SONS PODEM SE TRANSFORMAR EM MÚSICA!

POR ISSO, ELE GOSTA DE FAZER REGISTROS SONOROS DE LUGARES, CRIANDO UMA MEMÓRIA SONORA PARA CADA UM DELES. ESSE REGISTRO É CHAMADO DE **PAISAGEM SONORA**. VEJA MAIS ALGUMAS PAISAGENS DAS QUAIS ELE REGISTROU O SOM.



SERRA DO CATIMBAU, PERNAMBUCO, 2013.



MARCO ZERO, RECIFE, PERNAMBUCO, 2016.

PARA REGISTRAR AS FONTES SONORAS DESSES LUGARES E CRIAR SUAS PAISAGENS SONORAS, O ARTISTA UTILIZA MICROFONES E UM GRAVADOR. VOCÊ CONHECE ESSES EQUIPAMENTOS?

Resposta pessoal. Explique que o microfone capta os sons e o gravador os transforma em dados que podem ser reproduzidos depois.

36

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Livro

SCHAFFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Neste livro, o conceito de **paisagem sonora** é definido pelo compositor e ambientalista canadense Raymond Murray Schafer como "um som ou uma combinação de sons que vem ou surge de um ambiente imersivo" e indica três elementos principais na paisagem sonora (*soundscape*, no original): sons fundamentais, sinais e marcas sonoras.

ALÉM DE GRAVAR PAISAGENS SONORAS EM PERNAMBUCO, THELMO CRISTOVAM TAMBÉM FEZ **FONOFOTOGRAFIAS** DO LAGO MAMORI, NO AMAZONAS. COMO VOCÊ IMAGINA QUE SÃO OS SONS DESSE LUGAR?

**FONOFOTOGRAFIA:**  
REGISTRO DE SOM E  
IMAGEM DE UM LUGAR.

► LAGO MAMORI,  
AMAZONAS, 2009.



#### SUGESTÃO DE...

##### SITE

NA PÁGINA DO ARTISTA NA INTERNET, É POSSÍVEL VIAJAR POR UM MAPA E OUVIR AS DIVERSAS PAISAGENS SONORAS! DISPONÍVEL EM: <[www.thelmocristovam.net/fonofotografia/](http://www.thelmocristovam.net/fonofotografia/)>. ACESSO EM: 11 DE SETEMBRO DE 2017.

## ARTE E GEOGRAFIA

NÃO É SÓ A ARTE QUE SE DEDICA AO ESTUDO DA PAISAGEM. A GEOGRAFIA TAMBÉM!

O GEÓGRAFO ESTUDA AS DIFERENÇAS ENTRE AS PAISAGENS. O TEMPO, A TEMPERATURA, AS PLANTAS, AS ROUPAS QUE AS PESSOAS USAM, OS ALIMENTOS QUE COMEM, TUDO ISSO NOS MOSTRA UM TIPO DE PAISAGEM.

JÁ O MÚSICO REGISTRA ESSAS DIFERENÇAS EM FORMA DE SONS, E O ARTISTA VISUAL EM FORMA DE IMAGENS, OBJETOS E CONSTRUÇÕES... AS OBRAS DE ARTE PODEM ATÉ MESMO MUDAR UMA PAISAGEM!

OBSERVE A IMAGEM AO LADO.

► GALERIA LYGIA PAPE, QUE ABRIGA A OBRA DA ARTISTA, NO INSTITUTO INHOTIM, BRUMADINHO, MINAS GERAIS, 2012.



► CAPÍTULO 2 37

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

#### Sugestão de...

##### Leitura complementar

FELISBERTO, Diego B. C. *Paisagens sonoras locativas: apropriação do lugar através de mídias baseadas em geolocalização*. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5964/1/Diego%20Brotas.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Nesta dissertação, é possível saber um pouco mais sobre os três elementos da paisagem sonora e conhecer a proposição do conceito de **paisagens sonoras locativas** como uma ampliação do estudo sobre ambiência acústica nos dias atuais.

## Arte e Geografia

Os sons fundamentais de uma paisagem são aqueles criados por elementos de sua geografia e clima: água, vento, vegetação, pássaros, insetos e outros animais. No trabalho de um geógrafo, então, a observação dos sons pode ajudar a descrever características de lugares, traçando semelhanças e diferenças entre as paisagens registradas.

Os estudos de paisagem sonora estão diretamente ligados aos estudos de ecologia acústica, referindo-se ao ambiente acústico composto de sons naturais – incluindo vocalizações de animais e sons originados de fenômenos climáticos, entre outros – e de sons criados por humanos, que abrangem desde composição musical e *sound design* até sons de origem mecânica, resultantes do uso de tecnologia industrial, e sons gerados por atividades comuns, como conversação, trabalho e deslocamentos.

Há também estudos voltados para a saúde pública, como as investigações de como a poluição sonora afeta a sociedade e o estado psicológico dos indivíduos, e pesquisas sobre o uso de dispositivos acústicos computadorizados e câmeras para oferecer uma “visão sintética” do ambiente a pessoas com deficiência visual por meio da ecolocalização.

#### Sugestão de...

##### Site

Se possível, acesse com os alunos o site do **Instituto Inhotim**. Disponível em: <[www.inhotim.org.br](http://www.inhotim.org.br)>. Acesso em: 21 nov. 2017.

## Interdisciplinaridade: Arte e Geografia na BNCC

**Condições de vida nos lugares de vivência**

**BNCC** EF01GE10

A paisagem sonora pode ser incorporada pelo aluno como uma forma de descrever características de seus lugares de vivência relacionadas aos ritmos da natureza (chuva, vento, calor, etc.).

## Sons por toda parte

Estimule os alunos a se envolver nas atividades e a explorar as várias possibilidades sonoras. Oriente-os de forma que compreendam a importância de prestar atenção em todos os sons e ouvir não apenas o que eles mesmos produzem, mas também as experimentações dos colegas.

### Sons da cidade e sons da natureza

Explore as imagens com os alunos por meio de perguntas como: "O que vocês veem no desenho?"; "Vocês acham que esse lugar é barulhento?"; "Como seriam os sons desse lugar?"; "Vocês já visitaram um lugar assim? Como se sentiram?"; etc.

Depois, se possível, reproduza sons dos dois locais. Você pode buscar esses sons na internet ou em trechos de filmes e programas de TV. Ao tocar o áudio, estimule a percepção auditiva e o reconhecimento dos sons perguntando, por exemplo: "Que sons são esses?"; "Eles são de seres vivos?"; "Onde geralmente podemos ouvi-los?"; "O que eles têm a ver com a imagem que estamos observando?". Se for necessário, reproduza os áudios mais de uma vez, para que os alunos exercitem a sensibilização sonora. Você também pode pedir que os estudantes imitem os sons que imaginam para os dois ambientes e trabalhar as diferenças entre os sons que escolheram para cada um.

## SONS POR TODA PARTE

VOCÊ VIU COMO THELMO CRISTOVAM CRIOU OBRAS COM AS FONTES SONORAS DISPONÍVEIS NOS LUGARES ONDE ESTAVA. AGORA, VAMOS VER UM POUCO MAIS SOBRE ALGUMAS FONTES SONORAS DO DIA A DIA!

### SONS DA CIDADE

VOCÊ JÁ PAROU PARA OUVIR O BARULHO DE UMA GRANDE CIDADE? SE PRESTAR ATENÇÃO, VAI PERCEBER OS SONS DE PESSOAS, BUZINAS, CARROS, AVIÕES, TUDO AO MESMO TEMPO!



QUAIS SONS VOCÊ IMAGINA AO OLHAR PARA ESSA ILUSTRAÇÃO?

### SONS DA NATUREZA

NA NATUREZA TAMBÉM PODEMOS OUVIR MUITOS SONS, COMO O DOS PASSARINHOS CANTANDO, DAS FOLHAS BALANÇANDO, DOS RIOS CORRENDO... VOCÊ JÁ PAROU PARA OUVI-LOS?

38

UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Site

Se possível, acesse com os alunos as páginas das edições do **Festival do Minuto** com as temáticas "Mapas sonoros da cidade", de setembro de 2016 (disponível em: <[www.festivaldominuto.com.br/pt-BR/contests/447](http://www.festivaldominuto.com.br/pt-BR/contests/447)>. Acesso em: 21 nov. 2017.) e

"Trajetos urbanos", de julho de 2017 (disponível em: <[www.festivaldominuto.com.br/pt-BR/contests/468](http://www.festivaldominuto.com.br/pt-BR/contests/468)>. Acesso em: 21 nov. 2017). Lá é possível assistir a vídeos, de até 1 minuto, que concorreram nas respectivas edições, apresentando diversas composições que exploram os sons da cidade.





COMO VOCÊ  
IMAGINA OS SONS DO  
LUGAR QUE APARECE  
NESTA ILUSTRAÇÃO? DE  
QUAIS DESSES SONS  
VOCÊ MAIS GOSTA?

## ATIVIDADE PRÁTICA

VAMOS BRINCAR DE DETETIVES DO SOM?

- 1 INVESTIGUE OS SONS QUE PODEM EXISTIR NA SALA DE AULA.
- 2 PARA ISSO, VOCÊ PODE BATUCAR COM CANETAS NA MESA, BATER OS PÉS NO CHÃO, BATUCAR NA LOUSA...



- 3 ESCOLHA O SOM MAIS INTERESSANTE QUE VOCÊ ENCONTROU.
- 4 AGORA, FAÇA UMA RODA COM OS COLEGAS E APRESENTE O SEU SOM PREFERIDO. DEPOIS, OUÇA COM ATENÇÃO OS SONS QUE OS COLEGAS ENCONTRARAM.

» CAPÍTULO 2 39

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Site

Se possível, acesse com os alunos o site **Record the Earth**, onde é possível acessar áudios, tanto de cidades como da natureza, gravados por pessoas em diversas partes do mundo, por meio de um mapa que indica as respectivas localizações. Disponível em: <[www.recordtheearth.org/explore.php](http://www.recordtheearth.org/explore.php)>. Acesso em: 21 nov. 2017.

## Atividade prática

Oriente os alunos a explorar as inúmeras possibilidades de produção de sons. Se possível, estenda esta atividade para outros ambientes da escola, como a quadra ou o pátio. Depois que eles tiverem experimentado os diversos sons e escolhido um de que mais gostaram, peça que façam uma roda e sorteie um aluno para iniciar as apresentações.

Levante algumas questões, como: "Por que você escolheu esse som?"; "Você já tinha ouvido esse som antes?"; "Esse som te faz lembrar de algum lugar?"; etc.

Ao realizar a atividade, aproveite para enfatizar a importância de fazer silêncio enquanto os colegas apresentam os sons.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

### Materialidades

BNCC EF15AR15

Neste momento, apresentamos diversas propostas de percepção e exploração dos sons, da música e de seus elementos constitutivos, como intensidade, timbre e ritmo.

A realização da atividade prática será importante para que eles possam explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo, na natureza e em objetos cotidianos.

## Sons das coisas do mundo

Explore as imagens com os alunos, perguntando: "E aqui, o que vocês veem?"; "Que objetos são esses?"; "Vocês já viram esses objetos em funcionamento?"; "Como são os sons produzidos por esses objetos?"; "Como são os sons produzidos por esses objetos?". Caso os estudantes não reconheçam todos os elementos ilustrados, apresente-os e mencione para que eles servem. Temos um secador de cabelos, um rádio-relógio e um liquidificador. O outro é uma traquitana. Se possível, busque na internet e reproduza o som dessas e de outras máquinas e peça aos alunos que identifiquem o que ouvem.

Faça a audição de cada exemplo por vez e certifique-se de que os alunos terão tempo suficiente para realizar uma escuta atenta. Oriente-os a procurar os exemplos na ilustração e a falar em voz alta a que objeto cada som se refere.

## Sons dos animais

Pergunte aos alunos se algum deles tem animais de estimação em casa e, então, peça que imitem os sons que ouvem desses animais.

Explore a imagem com os alunos, perguntando: "O que vocês veem na imagem?"; "Que animais são esses?"; "Vocês já viram esses animais em algum lugar?"; "Como são os sons desses animais?"; "Vocês conseguem imitá-los?". Deixe que eles falem o que sabem sobre esses animais. Se possível, busque na internet exemplos de sons emitidos por animais.

## SONS DAS COISAS DO MUNDO

AS MÁQUINAS, AS **TRAQUITANAS**, OS MOTORES... CADA COISA TEM UM SOM DIFERENTE!

VOCÊ SABE IMITAR O SOM DO MOTOR DE UM CARRO? E O DE UM RELÓGIO?

**TRAQUITANA:**  
INVENÇÃO SEM UTILIDADE.

VOCÊ CONHECE OS OBJETOS DA IMAGEM AO LADO? QUE SONS ELES FAZEM?



## SONS DOS ANIMAIS

OS ARTISTAS TAMBÉM SE INSPIRAM NOS SONS QUE OS ANIMAIS FAZEM PARA CRIAR SUAS MÚSICAS. GATO, CACHORRO, PASSARINHO, LEÃO, VACA... CADA ANIMAL PRODUZ UM SOM DIFERENTE!

VOCÊ CONSEGUE IMITAR OS SONS DE ALGUM ANIMAL?



40 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de atividade complementar

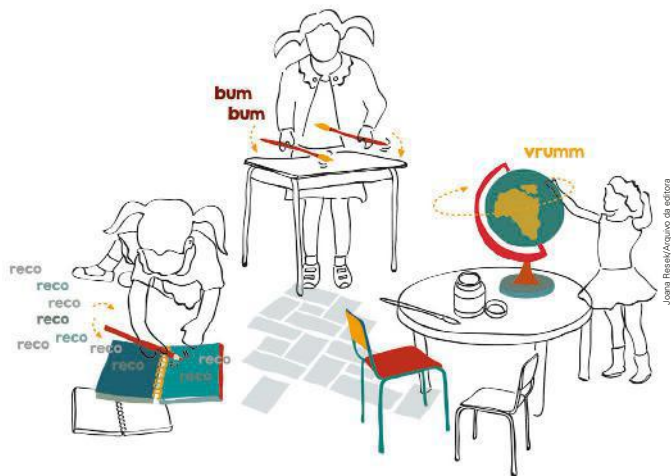
#### Adivinhe o bicho!

Proponha um jogo de adivinhação no qual os alunos imitem o som de um animal e os demais tentam adivinhar que animal é. Para isso, organize-os em grupos de três ou quatro integrantes. Cada grupo escolhe um animal, em segredo, sem revelar aos outros grupos. Em seguida, um grupo de cada vez apresenta as imitações dos sons dos animais escolhidos e os demais tentam adivinhar. Para apresentar a imitação, podem ser todos os membros do grupo juntos ou um de cada vez.

## ATIVIDADE PRÁTICA

### VAMOS CRIAR UMA CHUVA DE SONS?

- 1 PROCURE OBJETOS NA SALA DE AULA QUE PODEM SER USADOS PARA PRODUZIR SONS DIFERENTES E ESCOLHA TRÊS DELES: UM OBJETO QUE VOCÊ PODE TOCAR PARA PRODUZIR SOM MAIS FRACO; OUTRO OBJETO QUE VOCÊ PODE TOCAR PARA PRODUZIR SOM MÉDIO E MAIS UM OBJETO QUE PODE SER USADO PARA PRODUZIR SOM MAIS FORTE.
- 2 COM SEUS COLEGAS, VOCÊ VAI COMPOR UMA MÚSICA DIVIDIDA EM TRÊS PARTES, COMO UMA CHUVA, QUE COMEÇA FRACA E VAI AUMENTANDO...
- 3 AO COMANDO DO PROFESSOR, TOQUE O SOM MAIS FRACO E BAIXINHO QUE VOCÊ ENCONTROU.



- 4 DEPOIS, TOQUE O SOM QUE É UM POUCO MAIS INTENSO.
- 5 POR FIM, TOQUE O SOM MAIS FORTE E INTENSO QUE VOCÊ ENCONTROU.
- 6 VÁ DIMINUINDO A INTENSIDADE DO SOM, ATÉ QUE VOCÊ POSSA OUVIR NOVAMENTE OS SONS DO AMBIENTE, SEMPRE SEGUINDO AS ORIENTAÇÕES DO PROFESSOR.

### Sugestão de atividade complementar

Proponha aos alunos uma brincadeira de estátua, que consiste em se mexer e ficar imóvel de acordo com as suas palmas. Se possível, realize-a na quadra da escola.

Explique à turma que você vai dividi-los em três grupos. Informe que, se você bater uma palma, apenas o grupo 1 deve andar e, se você bater outra palma, o mesmo grupo deve ficar parado. O grupo 2 deve se mexer e parar quando você bater duas palmas seguidas. O terceiro grupo se move e para quando bater três palmas seguidas.

No decorrer da brincadeira, altere o intervalo e a ordem na qual, ao bater palmas, você coloca cada grupo para andar ou parar. Isso vai manter os alunos atentos e com a escuta ativa.

### Atividade prática

Relembre os alunos da primeira atividade prática do capítulo, em que eles investigaram os sons da sala de aula, e explique que agora eles vão produzir esses sons e pesquisar outros para criar uma música de três partes.

Para ajudar na concepção da música, antes de executar os sons, você pode pedir aos alunos que imaginem uma chuva, que começa fraca e calma, vai aumentando, depois aumenta bastante, virando uma tempestade, com gotas grossas de água e muitos trovões, e no fim vai terminando, caindo menos água e clareando o céu.

Então, peça que toquem os objetos e produzam seus sons na sequência indicada.

Observe o grau de interesse e participação dos estudantes para fazer e apreciar a produção dos colegas. Se for possível, grave os sons executados e depois reproduza para que ouçam a sequência criada.

Se houver alguma criança com deficiência auditiva na turma, incentive a exploração da vibração do som. Caso a escola possua algum espaço com chão de madeira, peça que os alunos fiquem descalços para perceber a ressonância dos sons.

### A BNCC nestas páginas

#### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

#### Materialidades

BNCC EF15AR15

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de perceber e explorar o ritmo e a intensidade como elementos constitutivos da música. Além disso, poderão dar continuidade ao trabalho de exploração de fontes sonoras diversas, como as da natureza e de objetos do cotidiano.

## Voz da gente

Após a leitura compartilhada do texto, verifique se os alunos entenderam o conceito de timbre e explore a imagem, perguntando: "O que vocês veem nesta imagem?"; "Vocês acham que a voz das pessoas retratadas é igual ou diferente?".

Divida a turma em trios e promova a atividade de pronúncia proposta no livro, sugerindo outras palavras além de "música", para que eles percebam as diferenças que há entre as vozes dos colegas. Depois, pergunte: "Foi difícil adivinhar quem falou primeiro e quem falou por último?"; "Que diferenças vocês conseguem notar entre as vozes dos colegas do trio?"; "Como você descreveria cada uma dessas vozes?"; etc.

Se possível, procure na internet áudios e vídeos diversos, de músicas, programas de rádio ou TV, etc., e exiba trechos para os alunos. Peça que atentem para as vozes das pessoas que falam ou cantam e tentem perceber as diferenças. Faça algumas perguntas, como: "O que vocês acharam da voz dessa pessoa?"; "Alguma dessas pessoas tem a voz parecida com a de alguém que vocês conhecem? E entre si?"; "Vocês conseguem imitar a voz dessa pessoa?"; etc.

## VOZ DA GENTE

CADA UM DE NÓS TAMBÉM PRODUZ UM SOM ÚNICO: A NOSSA VOZ! ESSE SOM É ÚNICO PORQUE CADA VOZ TEM O SEU **TIMBRE!**

O TIMBRE É A CARACTERÍSTICA ÚNICA DE CADA SOM, A SUA IDENTIDADE SONORA. É O QUE FAZ A GENTE SABER QUE O SOM VEM DA VOZ DE UMA PESSOA OU DE OUTRA, OU QUE O SOM VEM DE UM INSTRUMENTO OU DE OUTRO.

VAMOS FAZER UM TESTE? FORME UM TRIO. UM DOS COLEGAS DO TRIO DEVE FICAR DE OLHOS FECHADOS. OS OUTROS DOIS DEVEM, UM DE CADA VEZ, DIZER A MESMA PALAVRA, POR EXEMPLO, "MÚSICA". O COLEGA DE OLHOS FECHADOS DEVE DIZER QUEM FALOU PRIMEIRO E QUEM FALOU POR ÚLTIMO.

CONSEGUIRAM ADIVINHAR? SE SIM, O TIMBRE É UMA PROPRIEDADE DO SOM QUE CERTAMENTE AJUDOU NISSO!



42 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

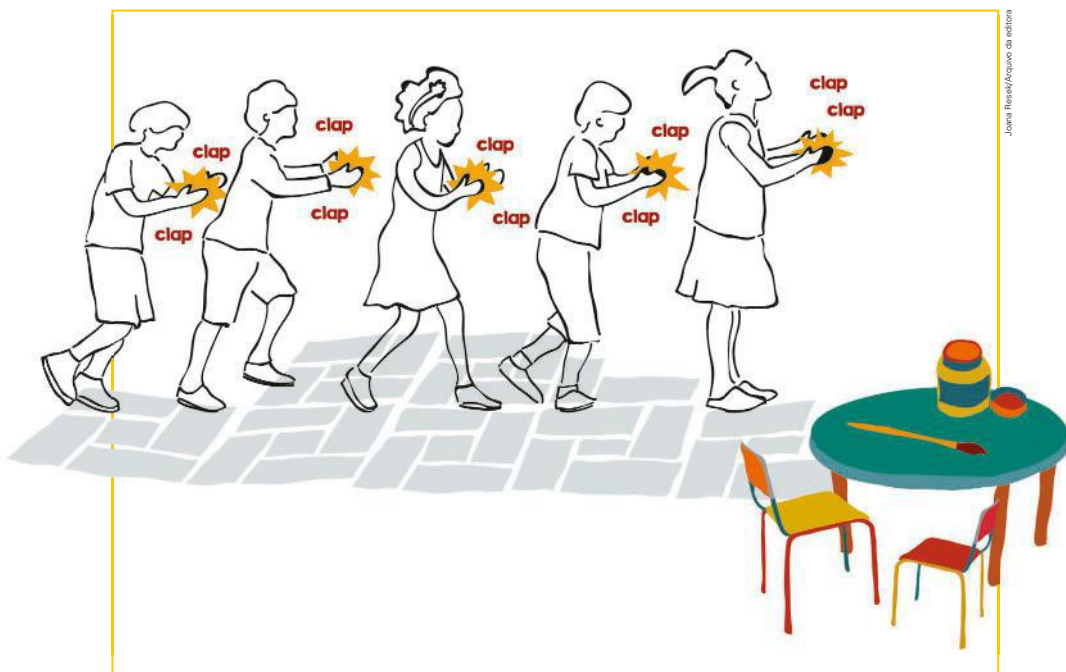
TIMBRE – É a característica que diferencia, ou “personaliza”, cada som. Também costumamos dizer que o timbre é a “cor” do som: depende dos materiais e do modo de produção do som. Exemplos: o piano tem seu próprio timbre, diferente do timbre do violão; a flauta tem um timbre próprio, assim como a voz de cada um de nós.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil:** propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2013. p. 19.

## ATIVIDADE PRÁTICA

É HORA DE BRINCAR DE CENTOPEIA SONORA.

- 1 FORME UMA FILA COM OS COLEGAS DA TURMA.
- 2 O PRIMEIRO DA FILA VAI ANDAR E INVENTAR UM SOM COM O CORPO. VALE USAR A VOZ, BATER PALMAS, ESTALAR OS DEDOS, ETC.
- 3 OS DEMAIS ALUNOS DA FILA DEVEM IMITAR O SOM ENQUANTO ANDAM, FORMANDO UMA CENTOPEIA SONORA!



- 4 SE O SOM QUE O PRIMEIRO DA FILA INVENTAR FOR LONGO, A CENTOPEIA DEVE ANDAR DEVAGAR. SE FOR CURTO, A CENTOPEIA DEVE ANDAR MAIS RÁPIDO!
- 5 DEPOIS, O PRIMEIRO DA FILA VAI PARA O FINAL DA CENTOPEIA, E A BRINCADEIRA RECOMEÇA COM QUEM PASSAR A SER O PRIMEIRO.

## Atividade prática

Peça aos alunos que mantenham uma escuta atenta para os diferentes sons que produzirem. Com um caráter lúdico, a brincadeira é um momento importante de criação e de experimentação de sons, que podem ser usados em diversos outros momentos do curso de Arte.

Neste exercício temos duas informações importantes, que são conceitos musicais: o timbre (cada som tem sua identidade) e a duração (longo, curto). As crianças costumam se interessar por esses parâmetros sonoros. Em contações de histórias, por exemplo, o uso de vozes (timbres) diferentes para cada personagem é um recurso que enriquece a experiência.

## A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

Materialidades

BNCC EF15AR15

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de explorar o próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal) como fonte sonora.

Durante a realização da atividade prática, eles poderão perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo, etc.) envolvidos na brincadeira.

## Sugestão de atividade complementar

Sugira aos estudantes uma brincadeira de roda. Escolhendo um ponto de partida, um aluno deve dizer seu nome; o que estiver à sua direita tentará reproduzir o som feito pelo colega ao falar o nome, para então dizer o seu. Ressalte que cada um deve dizer o nome de um jeito diferente, pode ser cantando, por exemplo. Ao terminar a roda, pergunte aos alunos se as imitações foram boas, se era possível identificar o original e a imitação facilmente e retome o conceito de timbre, reforçando que, mesmo quando tentamos imitar a voz de alguém, nosso timbre não é exatamente igual.

## Outros trabalhos de Thelmo Cristovam

Ao conduzir a leitura dos textos e imagens sobre os trabalhos de Thelmo Cristovam, destaque os ambientes e instalações que ele constrói e os equipamentos que ele usa para isso. Pergunte, por exemplo: "Como o artista apresenta seus trabalhos ao público?"; "Como vocês acham que é viver um trabalho dele?"; "É igual a ver um quadro em um museu? Por quê?"; "O que as pessoas da imagem estão fazendo na exposição?"; "Que tipos de som vocês acham que essas pessoas estão ouvindo?".

Depois, apresente o conceito de **sonoplastia** e informe os alunos de que essa técnica é utilizada não só em filmes, mas também em programas de TV, desenhos animados, etc.

### Sugestão de...

#### Site

No site de Thelmo Cristovam, é possível encontrar o áudio de **Desvios/Contornos** e mais informações sobre a obra. Disponível em: <<https://thelmocristovam.bandcamp.com/album/desvios-contornos>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

## OUTROS TRABALHOS DE THELMO CRISTOVAM

ALÉM DAS OBRAS QUE VOCÊ CONHECEU, O MÚSICO THELMO CRISTOVAM CRIOU OUTROS TRABALHOS QUE ENVOLVEM OS SONS. VAMOS CONHECÊ-LOS?



► **DESVIOS/CONTORNOS**, INSTALAÇÃO DE THELMO CRISTOVAM, APRESENTADA NA EXPOECO, JABOATÃO DOS GUARARAPES, PERNAMBUCO, 2011.

**DESVIOS/CONTORNOS** É UMA INSTALAÇÃO COM GRAVAÇÕES FEITAS EM ALTO-MAR E TRANSMITIDAS EM TEMPO REAL NOS FONES DE OUVIDO DISPONÍVEIS.



44

UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Texto complementar

#### A sonoplastia

É a arte de dar plasticidade ao que se vê ou ouve através de sons - desde a música até os ruídos, que são chamados de efeitos sonoros. No caso do rádio, sua função é muito mais destacada, uma vez que se torna suporte à imaginação do ouvinte, dando-lhe elementos sonoros que permitem a construção de uma imagem.

A função da sonoplastia, seja no rádio, na

TV ou no cinema, é a de reforçar a percepção sensorial da transformação dos estados narrativos, podendo ser bem-sucedida, essencialmente quando os sons são empregados para estimular as emoções mais marcantes. A inserção da sonoplastia facilita a absorção do tema da mensagem e estimula esferas emotivas. Como exemplo, podemos citar os "jingles" compostos especialmente para comerciais de TV de algumas marcas famosas.

[...]

O MÚSICO TAMBÉM TRABALHA COM **SONOPLASTIA** DE FILMES E OUTRAS OBRAS. OU SEJA, ELE CRIA OS SONS QUE OUVIMOS NESSAS OBRAS. PARA ISSO, USA APARELHAGENS QUE CRIAM E GRAVAM SONS E OUTRAS QUE UNEM SOM E IMAGEM.

**SONOPLASTIA:**  
TÉCNICA DE COLOCAR SONS EM FILMES.



▶ THELMO CRISTOVAM DURANTE GRAVAÇÃO, 2017.

### SOBRE O ARTISTA

THELMO CRISTOVAM NASCEU EM BRASÍLIA, EM 1975, E MUDOU-SE PARA PERNAMBUCO EM 1981.

DEPOIS DE ESTUDAR MATEMÁTICA E FÍSICA, O ARTISTA DECIDIU SE DEDICAR À MÚSICA.

EM 2001, COMEÇOU A ESTUDAR AS PAISAGENS SONORAS E A **MÚSICA ELETRÔNICA**. ELE JÁ GRAVOU MAIS DE 30 CDS DE MÚSICA, ALÉM DE TRILHAS SONORAS PARA FILMES!

**MÚSICA ELETRÔNICA:**  
TIPO DE MÚSICA REALIZADA COM APARELHOS ELETRÔNICOS, COMO O COMPUTADOR.

### ASSIM TAMBÉM APRENDO

🗣️ O QUE VOCÊ ACHOU DO TRABALHO DE THELMO CRISTOVAM? CONVERSE COM OS COLEGAS E O PROFESSOR CONTANDO POR QUE GOSTOU OU NÃO GOSTOU DO QUE VIU DA OBRA DO ARTISTA.

▶ CAPÍTULO 2 45

A linguagem sonora mistura as características do som (ritmo, altura, intensidade e timbre) à convenção social da significação de um determinado som. Os sons fazem parte do texto, da ação. O grande objetivo da sonoplastia está nos efeitos subjetivos, que valorizam, sugerem, definem ou reforçam e comunicam situações, reações, sentimentos, fatos, pessoas, mensagens, etc.

COMO fazer rádio. Disponível em: <[www.usp.br/nce/midiasnaeducacao/oficina\\_radio/fazer\\_radio2.htm](http://www.usp.br/nce/midiasnaeducacao/oficina_radio/fazer_radio2.htm)>. Acesso em: 21 nov. 2017.

### Assim também aprendo

Para realizar a reflexão proposta, é importante que os alunos revisitem as atividades, leituras e conversas que tiveram até o momento. Se, ao longo dos estudos, você fez registros das falas e discussões dos alunos e se algumas de suas anotações e produções estiverem disponíveis neste momento, utilize esses recursos para que lembrem o que foi trabalhado.

### ▶ A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

**BNCC EF15AR13**

Ao rever e aprofundar os estudos sobre os trabalhos de Thelmo Cristovam, os alunos poderão identificar e apreciar as obras do artista como formas de expressão musical.

### Sugestão de...

#### Site

Se possível, acesse com os alunos a página da rádio do **Centro de Música Eletrônica**, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Lá é possível ouvir músicas eletrônicas de diversas categorias. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/musicaeletronica/anexos/radio/quadro.php>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

#### Filme

**Vermelho como o céu.**  
Direção de Cristiano Bortone.  
Itália, 2004. 1 DVD. 95 min.

Este filme é baseado na vida de Mirco Mencacci, um respeitado editor de som do cinema italiano que, quando criança, foi vítima de um acidente com um rifle, comprometendo sua visão. A história mostra como um antigo gravador de som ajuda o garoto a superar as dificuldades.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Ampliando o repertório cultural

### Fernando Lindote

Faça uma leitura coletiva do texto e conduza a apreciação da imagem. Faça perguntas acerca dos procedimentos e materiais usados, como: "De que materiais esta pintura é feita?"; "Como o artista observou a paisagem?"; "Com o que ela se parece?"; "Vocês imaginam que sons estariam presentes neste cenário?"; etc.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Neste momento, os alunos poderão exercitar a identificação e a apreciação da pintura e do paisagismo como formas das artes visuais, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

### Sugestão de...

#### Site

Se possível, acesse com os alunos o site <<http://www.premiopipa.com/pag/fernando-lindote/>> (acesso em: 13 jul. 2018). Lá é possível conhecer mais informações sobre o artista e ver reproduções de algumas de suas obras.

## AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL

### FERNANDO LINDOTE

O ARTISTA GAÚCHO FERNANDO LINDOTE (1960) TAMBÉM CRIA OBRAS DE ARTE REGISTRANDO PAISAGENS, MAS UTILIZA OUTRA FORMA DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA: A PINTURA.



► SENHORA DO IRUPÉ, DE FERNANDO LINDOTE, 2014 (ÓLEO SOBRE TELA, 160 cm x 150 cm).

O QUE VOCÊ VÊ NA IMAGEM? AS CORES UTILIZADAS TRANSMITEM QUE SENSAÇÃO? QUE SONS VOCÊ IMAGINA AO OLHAR PARA ELA? FERNANDO LINDOTE UTILIZA UM GÊNERO DA PINTURA QUE É USADO PELOS ARTISTAS VISUAIS HÁ MUITO TEMPO: A PAISAGEM. DESSA FORMA, NOS FAZ VER O QUE ELE VIU E SENTIU DE UM LUGAR!

46

UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de atividade complementar

Proponha que os estudantes façam uma pesquisa e tragam mais artistas e seus trabalhos para que os colegas conheçam e, assim, ampliem o seu repertório cultural.

Os tópicos a serem pesquisados são:

- Biografia do artista.

- Trabalhos do artista.

Oriente-os a fazer essa pesquisa em sites da internet, livros da biblioteca, entre outras fontes. No caso dos três primeiros anos do Ensino Fundamental, a pesquisa deve ser direcionada para imagens, sem a preocupação de que eles criem textos complexos.



## O PAISAGISMO JAPONÊS

NO JAPÃO, UM PAÍS QUE FICA BEM LONGE DO BRASIL, HÁ PESSOAS QUE SE DEDICAM AOS JARDINS COMO UMA FORMA DE ARTE! ESSA ARTE EXISTE HÁ MUITOS E MUITOS ANOS.



► JARDIM DO TEMPLO GINKAKU-JI, EM KYOTO, JAPÃO, 2014.

O **PAISAGISMO**, OU SEJA, O CUIDADO COM ESSES JARDINS, É LEVADO MUITO A SÉRIO POR QUEM TRABALHA COM ELES OU POR QUEM CUIDA DELES. ESSE É UM MODO DE MANTER VIVA ESSA TRADIÇÃO, TRAZENDO UM PEDAÇO DA NATUREZA PARA CASAS, TEMPLOS E PALÁCIOS, POR EXEMPLO.

● **PAISAGISMO:**  
ARTE DE ORGANIZAR JARDINS.

O JARDIM PODE TRANSMITIR PAZ E NOS MOSTRAR A PASSAGEM DO TEMPO, POIS ELE MUDA CONFORME A ESTAÇÃO DO ANO.

O QUE VOCÊ VÊ NO JARDIM DA IMAGEM ACIMA? QUAL COR MAIS CHAMA A SUA ATENÇÃO? EXISTE ALGO NESSE JARDIM QUE VOCÊ NÃO COSTUMA VER EM JARDINS NA REGIÃO EM QUE VIVE?

HÁ DIVERSAS FORMAS DE CUIDAR E DE INTERAGIR COM AS PAISAGENS! VOCÊ CONSEGUE IMAGINAR OS SONS QUE PODEM SER OUVIDOS EM UM JARDIM JAPONÊS?

► CAPÍTULO 2 47

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Promova um encontro em que os estudantes possam apresentar para os colegas o que descobriram. Caso a turma seja grande, organize pequenos grupos.

Se possível, convide um pintor ou paisagista da região para vir à escola e ser entrevistado pelos alunos.

## O paisagismo japonês

Faça um levantamento inicial sobre o que os alunos conhecem e já viram sobre o Japão. Eles têm contato com a cultura pop oriental? Será que alguém tem o hábito de assistir a desenhos animados japoneses? Há alguém da sala que descende de japoneses?

Pergunte aos alunos se eles acham que a cultura do Japão é muito diferente da cultura do Brasil e por quê. Se possível mencione ou mostre em um mapa a localização geográfica do Japão em relação ao Brasil, apenas para que os alunos tenham uma ideia de distância física.

### Texto complementar

#### Características dos jardins japoneses

Além das árvores e dos arbustos, os jardins japoneses usam artisticamente pedras, areia, colinas artificiais, lagoas e água corrente. Em contraste às árvores geometricamente arrumadas e às pedras de um jardim do estilo ocidental, o jardim japonês cria tradicionalmente uma composição cênica que, da forma mais ingênua possível, imita a natureza.

Os *designers* de jardins seguem três princípios básicos ao criarem os cenários. Eles são: escala reduzida, simbolização e “paisagens emprestadas”. O primeiro se refere à miniaturização de paisagens naturais de montanhas e rios para reuni-los em uma área limitada, o que pode significar a criação de cenários idealizados de uma vila nas montanhas ou até mesmo dentro de uma cidade. A simbolização envolve abstração, como, por exemplo, o uso de areia branca para criar o mar. As “paisagens emprestadas” dos *designers* surgem quando esses utilizam imagens de fundo que estavam de fora e além do jardim, como uma montanha ou oceano, transformando-as em parte da composição cênica.

[...]

Embaixada do Japão no Brasil.  
Jardim japonês. Disponível em: <[www.br.emb-japan.go.jp/cultura/jardim.html](http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/jardim.html)>. Acesso em: 21 nov. 2017.

## Experimentação

Promova a pesquisa e a experimentação por parte dos estudantes e estimule sua autonomia como produtores e como autores de seus trabalhos artísticos. Nas conversas com os grupos, incentive-os a pensar quais interesses eles têm no trabalho, por quais tipos de sons eles se interessam, quais sons acham que vão encontrar nos locais em que desejam gravar, etc.

Sugerimos que você reserve o laboratório de Informática Educativa da escola para o trabalho de edição do material gravado. Se não for possível, sugira que os alunos façam a atividade em casa, sob a supervisão dos responsáveis.

Nos sistemas operacionais que acompanham os computadores, há programas de edição de áudio e vídeo que podem ser usados para a realização da atividade.

Ao realizar o momento de escuta dos sons, deixe que os alunos tentem descobrir qual local foi gravado. Se necessário, repita algumas vezes, para que eles possam se atentar aos detalhes. Faça algumas perguntas como: "Esse lugar é barulhento?"; "Vocês acham que já estiveram neste lugar antes?"; "Há algum som que vocês conhecem? Qual? Vocês conseguem reproduzi-lo?"; etc.

# EXPERIMENTAÇÃO

## VAMOS GRAVAR OS SONS DOS AMBIENTES E DAS PAISAGENS?

- 1 FORME UM GRUPO COM MAIS TRÊS COLEGAS.
- 2 COM A AJUDA DO PROFESSOR, GRAVE OS SONS DE ALGUNS LOCAIS DA ESCOLA.
- 3 PENSE EM QUAIS LUGARES VOCÊ GOSTARIA DE GRAVAR. VALE REGISTRAR OS SONS DA SALA DE AULA, DO PÁTIO, DO JARDIM, DA QUADRA, DO CORREDOR, DA SALA DOS PROFESSORES, DE ONDE VOCÊ QUISER!
- 4 GRAVE PELO MENOS DOIS MINUTOS EM CADA LOCAL. DURANTE A GRAVAÇÃO, LEMBRE-SE DE FAZER SILÊNCIO!
- 5 COM A AJUDA DO PROFESSOR DE INFORMÁTICA EDUCATIVA, TRANSFIRA O ARQUIVO DE SOM PARA O COMPUTADOR E DEPOIS GRAVE UM CD.

### MATERIAL NECESSÁRIO

- GRAVADOR (PODE SER O TELEFONE CELULAR)
- COMPUTADOR
- CD VIRGEM
- APARELHO DE SOM COM CD PLAYER
- FONES DE OUVIDO

## AGORA, VAMOS OUVIR OS SONS QUE FORAM GRAVADOS E TENTAR DESCOBRIR DE QUAIS LOCAIS DA ESCOLA ELES SÃO?

- 1 COM OS COLEGAS, ORGANIZE A SALA COM O CD PLAYER E REPRODUZA O SOM PARA TODA A TURMA AO MESMO TEMPO. VOCÊ TAMBÉM PODE CONECTAR OS FONES DE OUVIDO NO APARELHO DE SOM PARA UM COLEGA DE CADA VEZ OUVIR OS SONS.
- 2 CONVIDE OS COLEGAS DA ESCOLA PARA OUVIR OS SONS GRAVADOS PELA TURMA! VAI SER UM SUCESSO!

## REGISTRANDO

- 1 GUARDE NO PORTFÓLIO UMA CÓPIA DO CD CRIADO POR SEU GRUPO.

48

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Materialidades

BNCC EF15AR15

### Notação e registro musical

BNCC EF15AR16

Esta é uma proposta de atividade coletiva, em que os alunos tomarão como inspiração o trabalho de Thelmo Cristovam para gravar

as paisagens sonoras de diferentes ambientes da escola, de modo que poderão explorar fontes sonoras diversas, em um contexto que faz parte do cotidiano, bem como procedimentos e técnicas de registro musical em áudio.

# O QUE ESTUDAMOS

- OS SONS ESTÃO EM TODA PARTE: NA CIDADE, NO CAMPO, NA ESCOLA.
- AS COISAS DO MUNDO E OS ANIMAIS TAMBÉM EMITEM SONS.
- O TIMBRE É A CARACTERÍSTICA QUE FAZ COM QUE CADA SOM SEJA ÚNICO.
- NÓS TAMBÉM EMITIMOS UM SOM ÚNICO: A NOSSA VOZ.
- NOSSO CORPO TAMBÉM PODE PRODUZIR SONS.
- OS SONS PODEM NOS FAZER LEMBRAR DE UM LUGAR.
- PAISAGEM SONORA É O NOME QUE SE DÁ PARA OS SONS DE UM LUGAR.
- PODEMOS REGISTRAR E REPRODUZIR TODOS ESSES SONS PARA COMPOR OBRAS MUSICAIS.



## DICA DE VISITAÇÃO

NA CIDADE EM QUE VOCÊ VIVE EXISTEM ESTÚDIOS DE GRAVAÇÃO DE MÚSICA? APROVEITE A OCASIÃO PARA CONHECER MÚSICOS E OUTROS PROFISSIONAIS QUE TRABALHAM NESSES ESPAÇOS! VOCÊ TAMBÉM PODE VISITAR UMA EMISSORA DE RÁDIO DE SUA CIDADE E CONHECER APARELHOS DE GRAVAÇÃO E EMISSÃO SONORA, E OS PROFISSIONAIS QUE TRABALHAM LÁ!

## É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO



O QUE VOCÊ APRENDEU NESTE CAPÍTULO? EM UMA FOLHA DE PAPEL SULFITE, FAÇA UM DESENHO SOBRE O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE ESTUDAR.

» O QUE ESTUDAMOS

49

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## O que estudamos

Inicie o trabalho com esta seção lendo com os alunos o boxe com a síntese dos conceitos estudados. Retome com eles os trabalhos de Thelmo Cristovam apresentados no livro e incentive-os a identificar aspectos que os fizeram gostar ou não da obra. Essa conversa pode ser feita coletivamente ou em pequenos grupos. Se julgar interessante, encerre a atividade registrando na lousa uma síntese coletiva do que foi discutido.

## É hora de retomar o portfólio

Ao retomar o portfólio, faça perguntas como: “O que é paisagem sonora?”; “Vocês ficaram satisfeitos com sua produção artística?”; “Quais foram as maiores dificuldades?”; “Depois do estudo deste capítulo, o que vocês sabem sobre música e sons que não sabiam antes?”; “Houve algum trabalho ou atividade que vocês acharam que não conseguiriam fazer? Por quê? Como conseguiram?”.

Retome a lista que foi feita no início do bimestre junto com a turma. Assim eles terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado dos alunos analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue os elementos fundamentais da linguagem musical estudados nas escutas e apreciações?
- O aluno utiliza elementos constitutivos da linguagem musical em suas produções (improvisações e composições) de maneira consciente?
- O aluno avalia o uso das propriedades sonoras e musicais em suas produções, reconhecendo suas estratégias de composição?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações com fontes sonoras diversas, na busca de soluções para expressar suas ideias e sentimentos?  
Além disso, avalie se o aluno:
- precisa de ajuda para identificar e reconhecer as propriedades do som.
- apresenta facilidade em trabalhar com as diversas fontes sonoras e suas propriedades, mas ainda precisa de alguma orientação.
- consegue se apropriar e trabalhar com os procedimentos, meios e fontes sonoras exploradas, sem necessidade de supervisão ou acompanhamento direto.
- explora e pesquisa diversas fontes sonoras e reconhece suas propriedades, a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos na atividade.

Podemos fazer um desenho que se mexe e faz sons!

## A animação de Osvaldo Cavandoli

A última parte da unidade tem como propósito dar um fechamento para o projeto proposto em seu início por meio da pergunta: "Podemos fazer um desenho que se mexe e faz sons?". Antes de iniciar o trabalho, retome as listas feitas ao final da introdução e antes de iniciar o capítulo 2. Pergunte aos alunos se os itens que propuseram se concretizaram e se outros itens que inicialmente não estavam listados foram trabalhados ao longo da unidade, já que o trabalho com o projeto abre espaço para novas investigações. Então, questione o que acham que farão nesse encerramento e como pensam em resolver a situação-problema proposta, criando uma nova lista, para a qual sugerimos os seguintes tópicos:

- Conhecer um artista que une imagens e sons para criar um desenho animado.
- Descobrir mais sobre a linguagem audiovisual.
- Experimentar produzir e registrar imagens e sons.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprenderam sobre o desenho animado

Retome os conteúdos da introdução, que propôs uma sensibilização a respeito do movimento e como ele está presente no dia a dia, e dos capítulos, que trabalharam características do desenho e do som, além de como registrar o som, respectivamente, e então apresente a cena de **A linha**, de Osvaldo Cavandoli. Trabalhando com essa imagem, surge a resposta para o questionamento inicial proposto: o desenho animado é uma arte que junta os elementos que estudamos, tornando possível um desenho que se mexe e faz sons. Abre-se, então, o trabalho com artes integradas, a partir da linguagem audiovisual, em especial o filme de animação.

Se julgar necessário, proponha algumas perguntas, como: "O que

# PODEMOS FAZER UM DESENHO QUE SE MEXE E FAZ SONS!

## A ANIMAÇÃO DE OSVALDO CAVANDOLI

ATÉ AGORA, TRABALHAMOS COM DESENHOS E SONS TENTANDO RESPONDER À PERGUNTA: PODEMOS FAZER UM DESENHO QUE SE MEXE E FAZ SONS?

JÁ FIZEMOS DESENHOS QUE REGISTRAM O MOVIMENTO E GRAVAMOS PAISAGENS SONORAS, RECONHECENDO OS SONS QUE NOS CERCAM.

VIMOS QUE OS DESENHOS SÃO FEITOS DE PONTOS, LINHAS E FORMAS DE DIVERSOS TIPOS. APRENDEMOS QUE OS SONS TÊM UMA CARACTERÍSTICA QUE OS TORNA ÚNICOS: O TIMBRE. TAMBÉM VIMOS COMO TUDO SE MOVE E QUE O MOVIMENTO PRODUZ SOM.

MAS COMO PODEMOS TRAZER MOVIMENTO E SOM PARA O DESENHO? VAMOS INVESTIGAR! VEJA A IMAGEM A SEGUIR.



© 2017 CavaQueros

▶ CENA DA SÉRIE DE DESENHO ANIMADO **A LINHA**, DE OSVALDO CAVANDOLI, 1969.

ESSA É UMA CENA DE UM DESENHO ANIMADO. VOCÊ CONHECE OUTROS DESENHOS ANIMADOS? O QUE GERALMENTE ENCONTRAMOS NELES? PINTE AS PALAVRAS CORRETAS:

DESENHOS

MOVIMENTO

SOM

PERSONAGENS

HISTÓRIA

50 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

vocês veem na imagem?"; "Que história esse desenho parece contar?". Caso nenhum aluno identifique o personagem, pergunte: "Há dois elementos na cena. Quais são eles?".

Faça uma sondagem para verificar se os alunos costumam assistir a desenhos animados com frequência: "Vocês costumam assistir a desenhos animados? Todos os dias?"; "Quais desenhos vocês costumam assistir?"; "Como vocês conheceram esses desenhos?";

"Há algum desenho animado que foi apresentado por algum familiar? Qual?"; "E os personagens? De quais vocês gostam? Vocês conseguem imitar?". Deixe que se manifestem livremente. Se achar pertinente, anote os títulos das animações na lousa, para que os estudantes tenham ideia da variedade de desenhos animados a que os colegas assistem.

Ao pedir que os alunos numerem as cenas representadas nos desenhos de Cavandoli,

**Contextos e práticas**

**BNCC** EF15AR01

**Processos de criação**

**BNCC** EF15AR23

**Arte e tecnologia**

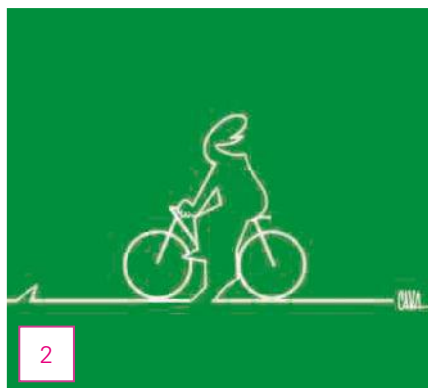
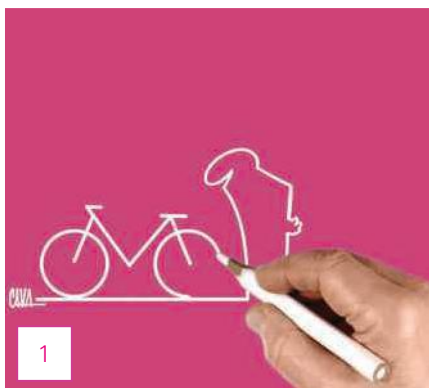
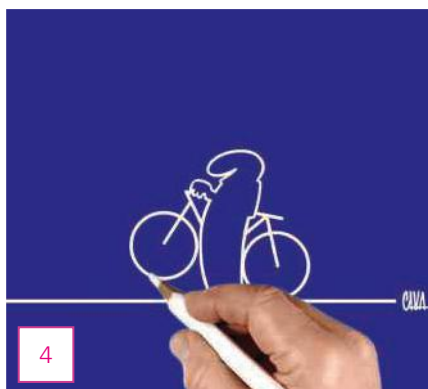
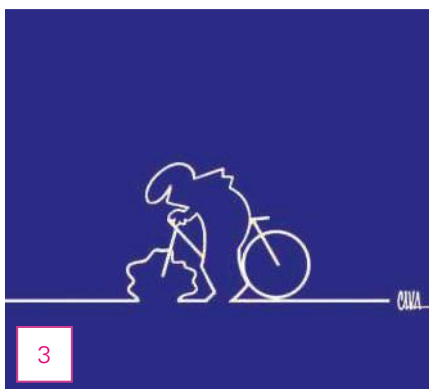
**BNCC** EF15AR26

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar o desenho como forma das artes visuais. Além disso, darão início ao trabalho de caracterização e experimentação, por meio de um projeto temático, das relações processuais entre a música (sons) e as artes visuais (desenho), bem como da exploração de diferentes tecnologias e recursos digitais (como animação, gravação em áudio e vídeo, fotografia, *software*) nos processos de criação artística.

**A LINHA** É UM DESENHO ANIMADO CRIADO EM 1969, NA ITÁLIA, PELO ARTISTA VISUAL ITALIANO OSVALDO CAVANDOLI (1920-2007).

USANDO UMA LINHA BRANCA E FUNDO DE CORES VARIADAS, CAVANDOLI CRIOU UM PERSONAGEM MUITO BRAVO E CHEIO DE ENERGIA: AGOSTINO LAGOSTINA!

VEJA ALGUMAS CENAS DA SÉRIE. NUMERE ESSAS CENAS NA SEQUÊNCIA EM QUE IMAGINA QUE ACONTECEM NO DESENHO.



VOCÊ VIU COMO UMA SEQUÊNCIA DE DESENHOS PODE CONTAR UMA HISTÓRIA?

O DESENHO ANIMADO É UMA ARTE QUE CONSEGUE JUNTAR DESENHOS, SONS E MOVIMENTO. TODOS ACONTECENDO AO MESMO TEMPO! MAS COMO OS ARTISTAS FAZEM ISSO?

proponha que criem uma história a partir delas. Você pode, por exemplo, dividir a turma em grupos de quatro ou cinco integrantes, para que cada um pense em uma história e, ao final, apresentem para os demais colegas.

## Como a obra foi feita?

Estimule o olhar dos alunos para a possibilidade de fazer um desenho usando apenas linhas e, ainda assim, representar diversas formas e figuras. A intenção aqui é instigar os alunos a levantar hipóteses acerca da poética do artista Osvaldo Cavandoli.

Peça aos alunos que observem novamente as imagens da página 51 e estimule-os a formular as próprias hipóteses acerca de como é o trabalho de um animador. Pergunte: "Como vocês acham que se faz um desenho animado?"; "O que faz o autor?"; "Ele desenha todas as cenas?"; "Como será que entra o som em um desenho animado?"; "Como isso é feito e por quem?".

Retome o que foi visto no capítulo 2, sobre o trabalho do músico Thelmo Cristovam com sonoplastia, para enriquecer o conhecimento acerca do audiovisual.

### Atividade prática

O livrinho mágico é também conhecido como *flip book*, ou folioscópio, em português. Se possível, leve um livrinho mágico feito por você para mostrar aos alunos; assim, ainda que algum aluno não consiga o efeito de movimento em sua primeira tentativa, você poderá demonstrá-lo para todos.

Se achar necessário, separe outros momentos para que eles criem livrinhos mágicos, ou proponha que repliquem a atividade em casa, com a ajuda de um responsável.

## COMO A OBRA FOI FEITA?

O DESENHO ANIMADO **A LINHA** FOI UM SUCESSO MUNDIAL. POR ISSO, ELE FOI EXIBIDO NO BRASIL TAMBÉM!

VOCÊ SE LEMBRA DE COMO CADA DESENHO QUE VIU NA PÁGINA ANTERIOR ERA UMA CENA DE UMA HISTÓRIA?

O QUE ACONTECE QUANDO PASSAMOS OS OLHOS RAPIDAMENTE POR UMA SEQUÊNCIA DE DESENHOS? VAMOS DESCOBRIR!

### ATIVIDADE PRÁTICA

VOCÊ VAI FAZER UM LIVRINHO MÁGICO!

1 USE UM BLOQUINHO DE RECADOS OU FAÇA O SEU COM PAPEL RECORTADO E GRAMPEADO (O LIVRINHO PRECISA SER PEQUENO, PARA QUE POSSA SER FOLHEADO RAPIDAMENTE).

2 COMECE A DESENHAR NA ÚLTIMA FOLHA DO BLOCO. ESCOLHA UM DESENHO SIMPLES, QUE VOCÊ POSSA REPETIR VÁRIAS VEZES.

3 REPITA O MESMO DESENHO NAS FOLHAS SEGUINTE, NO MESMO LUGAR EM QUE ESTAVA NA FOLHA ANTERIOR. ALTERE SÓ ALGUM DETALHE PARA CRIAR MOVIMENTO: UM BRAÇO OU UMA PERNA QUE SE MEXE, UM OBJETO QUE CAI, ENFIM, ALGO QUE SE MOVA. CADA NOVO DESENHO DEVE TER UMA NOVA ETAPA DO MOVIMENTO, ASSIM COMO NO TRABALHO DE OSVALDO CAVANDOLI.

4 AO TERMINAR O ÚLTIMO DESENHO, FOLHEIE RAPIDAMENTE AS PÁGINAS DO BLOCO A PARTIR DA ÚLTIMA PÁGINA.

#### MATERIAL NECESSÁRIO

- UM PEQUENO BLOCO DE PAPEL
- LÁPIS PRETO

Fotos: Paulo Manzi/Arquivo da editora



## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

### Materialidades

BNCC EF15AR04

### Processos de criação

BNCC EF15AR23

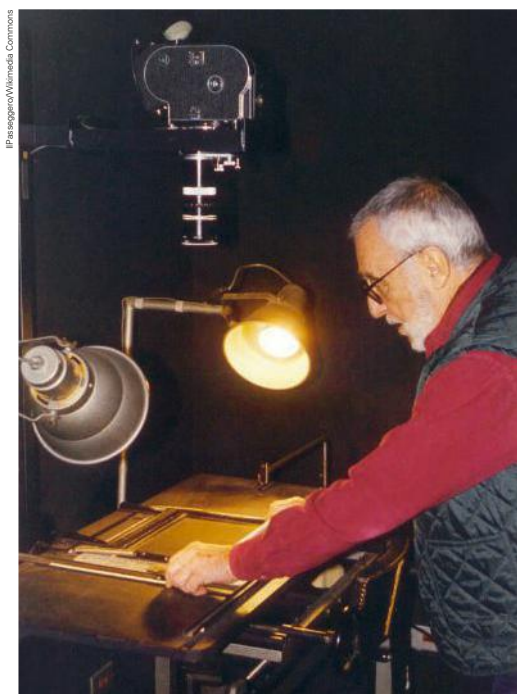
Neste momento, os estudantes terão oportunidade de reconhecer as relações processuais entre as linguagens artísticas; neste caso, o trabalho com desenho (artes visuais) e sons (música).

Além disso, o trabalho com o folioscópio é interessante para que os estudantes possam explorar o movimento como elemento constitutivo das artes visuais e o desenho como forma de expressão artística.

VOCÊ VIU SEU DESENHO SE MEXER QUANDO FOLHEOU AS PÁGINAS? CAVANDOLI PARTIU DA MESMA IDEIA PARA CRIAR **A LINHA**! POR ISSO, FEZ OS DESENHOS CENA A CENA, ASSIM COMO VOCÊ.

DEPOIS, O ARTISTA FOTOGRAFOU TODOS ESSES DESENHOS.

POR FIM, TODAS AS FOTOGRAFIAS FORAM REUNIDAS E FILMADAS EM UMA SEQUÊNCIA QUE, QUANDO REPRODUZIDA, DÁ A ILUSÃO DE MOVIMENTO. AO FOTOGRAFAR OS DESENHOS, CAVANDOLI FOTOGRAFOU JUNTO SUA MÃO EM ALGUNS DELES.



► OSVALDO CAVANDOLI DIANTE DA MESA DE FOTOGRAFIA ONDE PRODUZIU A SÉRIE ANIMADA **A LINHA**, 2000.

#### SUGESTÃO DE...

##### VÍDEO

ASSISTA A UM DOS DIVERSOS EPISÓDIOS DA SÉRIE ANIMADA **A LINHA** E CONHEÇA O DIVERTIDO PERSONAGEM DA HISTÓRIA. DISPONÍVEL EM: <<http://dai.ly/x2st1l>>. ACESSO EM: 7 DE ABRIL DE 2017.

EM **A LINHA**, ALÉM DOS DESENHOS, OSVALDO CAVANDOLI TRABALHOU COM O APOIO DE UM ATOR PARA CRIAR A VOZ DO PERSONAGEM AGOSTINO LAGOSTINA. ELE TAMBÉM CONTOU COM A AJUDA DE MÚSICOS QUE COMPUSERAM CANÇÕES PARA CADA EPISÓDIO DA SÉRIE. ESSES SONS FORAM GRAVADOS. ENTÃO, O DIRETOR, JUNTO COM O MONTADOR E O ARTE-FINALISTA, REUNIU ESSES ELEMENTOS E FINALIZOU O DESENHO ANIMADO!

53

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

#### Sugestão de...

##### Vídeo

Se possível, reproduza um episódio da série para os alunos em sala. Ajude-os a perceber que o criador da animação deixa evidente que se trata de um desenho, explicitando até a sua mão no processo. Chame a atenção para esse elemento e discuta com eles hipóteses sobre as intenções do artista; por exemplo, se eles perceberam que as intervenções do desenhista, durante a animação, têm o objetivo de solucionar os obstáculos que o personagem encontra no seu caminho ou mesmo criar alguns; ou que a cor do fundo muda conforme o humor do personagem; etc.

#### Texto complementar

##### O movimento e a arte

A ideia de observar e registrar o movimento atrai pessoas de todas as idades. Se atentarmos para a história das artes, veremos que o interesse por esse tipo de registro manifesta-se nas mais diferentes épocas e lugares, impulsionando descobertas e invenções.

O artista Leonardo da Vinci (1452-1519), por exemplo, deixou um legado de arte e ciência considerado surpreendente até hoje, com contribuições para as áreas de Engenharia, Arquitetura e Anatomia. Suas investigações sobre o movimento traduziram-se em numerosos projetos e esboços de invenções que só viriam a se concretizar na contemporaneidade. Em muitas de suas pinturas, o modo como constrói as composições revela riqueza ímpar no movimento das figuras humanas.

O interesse em investigar e em registrar o movimento impulsionou outros ramos da arte, como a fotografia e o cinema. Na década de 1870, Eadweard Muybridge (1830-1904) fazia várias imagens de um mesmo objeto com dezenas de câmeras, de diversos ângulos. Inovador para a época, Muybridge explorou conceitos fundamentais para o cinema e para a animação ao desenvolver a ideia da sequência quadro a quadro, ou seja, de diversas fotografias tiradas rapidamente, registrando as etapas dos movimentos.

Depois de muitos estudos e experimentos, os irmãos Auguste Lumière (1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948) chegaram ao cinematógrafo, que marca a invenção do cinema no final do século XIX. A partir daí, a relação entre arte e movimento passou por transformações crescentes, beneficiando-se dos avanços da ciência e da tecnologia.

*Elaborado pelos autores.*

## Fazendo arte

Converse com os estudantes a respeito das aprendizagens que tiveram nas atividades práticas propostas ao longo dos capítulos, pois isso pode ajudá-los nesta tarefa. A percepção de como o que viram antes se relaciona com o que produzirão neste momento é de extrema importância, pois torna claro como o conhecimento pode se inter-relacionar, criando novas práticas e saberes. Explícite que isso se dá não só entre linguagens artísticas, mas também entre diferentes áreas do conhecimento. Para isso você pode retomar os boxes de interdisciplinaridade ou mesmo mencionar que estudos científicos foram necessários para a construção das ferramentas utilizadas na produção artística.

Antes de realizar os desenhos, combine com os alunos a ordem em que a atividade vai acontecer. Pode ser pela ordem da lista de chamada, por sorteio ou em uma conversa coletiva. O importante é que estejam todos cientes de quando será a vez de cada um para que a atividade flua bem.

## FAZENDO ARTE

COM OS COLEGAS, VAMOS CRIAR UMA ANIMAÇÃO INSPIRADA NO TRABALHO DE OSVALDO CAVANDOLI?

### MATERIAL NECESSÁRIO

- FOLHA DE PAPEL SULFITE
- FITA ADESIVA DUPLA FACE
- CANETINHA DE PONTA LARGA
- CÂMERA DE VÍDEO OU TELEFONE CELULAR
- COMPUTADOR
- DVD VIRGEM

- 1 COM A AJUDA DO PROFESSOR, TODA A TURMA VAI COLAR A SUA FOLHA DE PAPEL SULFITE EM UMA DAS PAREDES DA SALA, UMA AO LADO DA OUTRA, USANDO A FITA ADESIVA.
- 2 OS PAPÉIS DEVEM FICAR "DEITADOS", OU SEJA, NA ORIENTAÇÃO PAISAGEM.
- 3 AQUELE QUE COMEÇAR A ATIVIDADE DEVE IR ATÉ A PRIMEIRA FOLHA DE PAPEL SULFITE COLADA NA PAREDE COM A CANETINHA PARA DESENHAR UMA LINHA.
- 4 ESSA LINHA DEVE COMEÇAR DO LADO ESQUERDO DA FOLHA E ACABAR DO LADO DIREITO, NO LIMITE DA FOLHA SEGUINTE.
- 5 USE A IMAGINAÇÃO! A LINHA PODE SER RETA, CURVA, QUEBRADA, FAZER VOLTAS NO PAPEL, ETC.



54

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Site

No **Portal do Professor**, site do Ministério da Educação, é possível encontrar diversos tutoriais e apostilas com o passo a passo do uso de *softwares* e sistemas operacionais, incluindo editores de áudio e de vídeo. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/linksCursosMateriais.html?categoria=88>>. Acesso em: 5 dez. 2017.



- 6 O PRÓXIMO COLEGA TAMBÉM VAI DESENHAR UMA LINHA USANDO A FOLHA EM BRANCO DA SEQUÊNCIA. ELA DEVE COMEÇAR DO PONTO ONDE O PRIMEIRO COLEGA ACABOU A LINHA DELE.
- 7 A ATIVIDADE CONTINUA ATÉ QUE TODOS TENHAM DESENHADO SUAS LINHAS NAS FOLHAS COLADAS NA PAREDE EM UMA ÚNICA SEQUÊNCIA.
- 8 QUANDO O DESENHO COLETIVO ESTIVER PRONTO, O PROFESSOR VAI FILMAR A SEQUÊNCIA DE DESENHOS COM UMA CÂMERA DE VÍDEO OU TELEFONE CELULAR.
- 9 ENQUANTO O PROFESSOR FILMA A SEQUÊNCIA DE DESENHOS, VOCÊ E OS COLEGAS VÃO ACOMPANHAR COM ELE O CAMINHO DA LINHA, CRIANDO A TRILHA SONORA PARA O VÍDEO. USEM A VOZ, O CORPO E OS OBJETOS DA SALA DE AULA PARA PRODUZIR A TRILHA SONORA.
- 10 ESCOLHAM QUAIS SONS VÃO SER FEITOS EM CADA ETAPA. FAÇAM OS SONS COMBINADOS PARA CADA MOMENTO. VOCÊS PODEM COMBINAR QUE CADA PESSOA VAI FAZER UM SOM OU QUE MAIS DE UM SOM VAI SER FEITO NO MESMO MOMENTO. O MAIS IMPORTANTE É RESPEITAR AS DECISÕES DO GRUPO.
- 11 PARA TERMINAR A ATIVIDADE, O PROFESSOR VAI TRANSFERIR O VÍDEO COM A TRILHA SONORA PARA UM DVD!



Disponibilize previamente todo o material necessário sobre uma mesa para que possa ser visto por todos. Terminada a etapa do desenho, oriente os alunos, com base nas atividades já experimentadas, para realizar a trilha sonora neste projeto. Você pode retomar, por exemplo, a atividade prática da **centopeia sonora**. Use a câmera de vídeo ou um celular que possua esse recurso para filmar toda a sequência de linhas no papel. Filme com certa lentidão para que os alunos tenham a oportunidade de produzir os sons para cada um dos desenhos. Você pode organizá-los em uma fila de frente para a parede; conforme você passa com a câmera pela fila de papéis, os alunos, atrás de você, vão produzindo os sons na mesma sequência. Você pode fazer alguns ensaios antes de produzir a filmagem.

Procure o professor de Informática Educativa, ou o responsável pelo laboratório de informática, e peça a ajuda dele para transferir o vídeo para o computador, caso necessário. Depois, com um *software* de gravação de DVD, previamente instalado no computador, grave o vídeo em um DVD.

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

### Materialidades

BNCC EF15AR15

### Processos de criação

BNCC EF15AR23

### Arte e tecnologia

BNCC EF15AR26

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de explorar novamente a linha como um elemento constitutivo das artes visuais. Ao realizarem a sonorização da filmagem, os estudantes poderão explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo e em objetos cotidianos. Além disso, a execução da atividade proposta será importante para que os alunos reconheçam e experimentem a relação de processos, recursos e elementos das linguagens visual e sonora no momento de realizar o projeto, explorando, também, a gravação em áudio e em vídeo no processo de criação artística.

## Expondo

Planeje com os alunos o dia da exibição, preparando a sala de aula para ser transformada numa sala de cinema. Use cortinas escuras na janela ou cole papel *kraft* para impedir a entrada de luz. Se a escola dispuser de um projetor, você pode usá-lo com o computador ou aparelho de DVD para exibir o filme.

## Registrando

Convide os alunos a contar o processo de produção, suas dificuldades, se gostaram ou não da experiência, o que deu certo e o que não deu, etc. Para ajudá-los nessa avaliação, peça que revisitem o portfólio e que analisem os registros de suas produções artísticas. Faça algumas perguntas, como: "O que vocês acharam dos sons que produziram para a filmagem? Eles combinam com o desenho que fizeram? Por quê?"; "Ao assistir, vocês conseguiram perceber a relação entre os sons e o desenho na produção de uma animação?". Ao final, se achar pertinente, auxilie-os na escrita de um texto coletivo sobre os principais pontos levantados.

## A BNCC nestas páginas

### Processos de criação

BNCC EF15AR23

### Arte e tecnologia

BNCC EF15AR26

Neste momento, os estudantes vão poder apreciar o resultado de seu trabalho e explorar os recursos de reprodução de vídeo.

## EXPONDO

- COM O PROFESSOR, PLANEJE UMA SESSÃO DE CINEMA! CONVIDE OS COLEGAS, OS PROFESSORES, OS FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA E TAMBÉM OS FAMILIARES E A COMUNIDADE PARA ASSISTIREM AO VÍDEO FEITO PELA TURMA!



▶ SESSÃO DE CINEMA DO PROJETO CINE SESI CULTURAL, PIRANHAS, ALAGOAS, 2015.

## REGISTRANDO

- GUARDE NO PORTFÓLIO O SEU DESENHO E TAMBÉM UMA CÓPIA DO DVD DO FILME QUE A TURMA FEZ.

56

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Livro

MOLETTA, Alex. *Fazendo cinema na escola: arte audiovisual dentro e fora da sala de aula*. São Paulo: Summus, 2014.

O livro orienta o educador a produzir uma obra audiovisual dentro ou fora da escola com poucos recursos financeiros, usando tecnologias, como *tablets*, *smartphones* e câmeras fotográficas.

# O QUE ESTUDAMOS

- ALGUNS ARTISTAS CRIAM OBRAS AUDIOVISUAIS.
- PARA CRIAR OBRAS AUDIOVISUAIS, OS ARTISTAS REGISTRAM O MOVIMENTO E OS SONS QUE AS COISAS E OS SERES PRODUZEM AO SE MOVIMENTAR.
- AS ANIMAÇÕES SÃO UM TIPO DE OBRA AUDIOVISUAL.
- PARA REALIZAR AS ANIMAÇÕES, OS ARTISTAS PODEM DESENHAR OS MOVIMENTOS PASSO A PASSO.
- OSVALDO CAVANDOLI FOI UM ARTISTA AUDIOVISUAL ITALIANO CONHECIDO POR TER CRIADO O DESENHO ANIMADO **A LINHA**. PARA CRIAR ESSA ANIMAÇÃO, O ARTISTA CRIOU UMA SEQUÊNCIA DE DESENHOS E A FOTOFRAFOU.
- PODEMOS FAZER UM DESENHO QUE SE MEXE E FAZ SONS.



## DICA DE VISITAÇÃO

EM SUA CIDADE EXISTEM ESTÚDIOS DE ANIMAÇÃO? APROVEITE A OCASIÃO PARA CONHECER OS PROFISSIONAIS QUE TRABALHAM NESSES ESPAÇOS! VOCÊ TAMBÉM PODE BUSCAR O MAKING OF DE FILMES DE ANIMAÇÃO NA INTERNET.

## É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO



O QUE VOCÊ APRENDEU NESTE PROJETO? EM UMA FOLHA DE PAPEL SULFITE, FAÇA UM DESENHO SOBRE O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE ESTUDAR.

É POSSÍVEL FAZER UM DESENHO QUE SE MEXE E FAZ SONS! VIMOS QUE O MOVIMENTO ACONTECE O TEMPO TODO, QUE PODEMOS DESENHAR COM PONTOS, LINHAS E FORMAS E QUE ESTAMOS CERCADOS DE SONS QUE PODEM VIRAR UMA COMPOSIÇÃO MUSICAL. UM DESENHO ANIMADO CONSEGUE JUNTAR TODOS ESSES ELEMENTOS! VOCÊ PODE CRIAR OUTROS JEITOS DE JUNTAR TUDO ISSO! A ARTE É TAMBÉM CRIATIVIDADE.

» O QUE ESTUDAMOS

57

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Filme

**O menino e o mundo.** Direção de Alê Abreu. Brasil, 2014. 1 DVD. 80 min.

Sentindo falta do pai, um menino deixa sua aldeia e descobre um mundo fantástico tomado por máquinas-bichos e seres estranhos. Esta é uma animação com várias técnicas artísticas que retrata as questões do mundo moderno por meio do olhar de uma criança. Se possível, assista-a com os alunos. Pode ser uma boa oportunidade para que eles atenham para os detalhes da produção de uma animação e para as características desse recurso audiovisual.

## O que estudamos

Retome a questão inicial com os alunos: “Podemos fazer um desenho que se mexe e faz sons?”. Peça que voltem aos seus portfólios e observem tudo o que foi realizado para responder a essa questão e que resultou na produção final: uma animação sonorizada. Ao longo dos capítulos, eles investigaram várias possibilidades, elementos e recursos das linguagens visual e musical.

## É hora de retomar o portfólio

Avalie o trabalho do semestre a partir do portfólio dos alunos, do seu diário de bordo e do produto final do projeto. As perguntas a seguir o ajudarão na avaliação:

- De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno?
- O aluno tem uma postura investigativa que o leva a ampliar suas possibilidades de produção?
- Ele aceita o que é apresentado nas atividades?
- Ele faz produções em grupo que consideram a diversidade de competências?
- Ele tem interesse em outras linguagens artísticas e busca trazer aspectos destas no trabalho dele?
- Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?
- O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o final?
- Ele estabelece seus próprios objetivos?
- Ele se dispersa, prejudicando a execução das atividades?
- Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?
- Que papel o aluno exerce no grupo de que participa?
- Como ele manifesta o significado da aula de Arte na vida dele? Ele fala sobre isso?
- De que forma ele participa das atividades propostas?
- De que forma ele se relaciona com os colegas?
- Qual a assiduidade e a participação dele?

## Unidade 2

### Brincar é importante?

Cada unidade dos livros da coleção traz uma proposta de Projeto de Trabalho que dura um semestre e busca criar um diálogo entre os interesses dos estudantes e o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, com vistas ao desenvolvimento de seus conhecimentos artísticos e estéticos e ao aprendizado da arte.

O projeto proposto para a unidade 2 contempla os seguintes aspectos:

- **Questão norteadora:** Brincar é importante?
- **Tema contemporâneo:** Direitos da criança e do adolescente (Lei n. 8069/1990), especificamente o direito de brincar, explicitando sua importância para o desenvolvimento físico e emocional e para a formação cidadã dos alunos.
- **Capítulo 3:** Estudo de elementos da dança, a partir da apreciação de um espetáculo inspirado em brincadeiras tradicionais.
- **Capítulo 4:** Estudo de elementos do teatro, a partir da apreciação de uma peça que reflete sobre o uso do *videogame*.
- **Produto final:** Registro de brincadeiras utilizando a linguagem audiovisual, por meio da produção de um documentário sobre o brincar.

Iniciamos a unidade 2 apresentando aos alunos a questão norteadora. A ilustração e as questões do box de abertura podem ser exploradas em uma discussão inicial sobre os vários aspectos relacionados ao ato de brincar, sua importância e as experiências e aprendizagens decorrentes dessa ação.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Expectativas de aprendizagem desta unidade

- Conhecer artistas que abordem o brincar em suas obras.
- Apreciar espetáculos de dança e de teatro.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e seus principais trabalhos.
- Compreender os valores estéticos dos artistas que realizaram as obras apreciadas.
- Conhecer e participar de exercícios de consciência corporal.
- Reconhecer elementos da linguagem corporal.
- Criar e produzir coletivamente um documentário sobre brincadeiras, a partir das aprendizagens sobre dança, teatro e linguagem audiovisual realizadas ao longo da unidade.



VOCÊ ACHA QUE TODAS AS CRIANÇAS BRINCAM DO MESMO JEITO? COMO PODEMOS REGISTRAR E RELEMBRAR BRINCADEIRAS? NESTA UNIDADE, VAMOS APRENDER ARTE ENQUANTO TENTAMOS RESPONDER A ESSAS E A OUTRAS PERGUNTAS!

59

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Matrizes estéticas e culturais

BNCC EF15AR24

Neste momento, por meio da mobilização dos conhecimentos prévios, os estudantes terão oportunidade de começar a caracterizar brinquedos, brincadeiras e jogos de diferentes matrizes estéticas e culturais.

## ◆ Competências desta unidade

- Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
- Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
- Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, resignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
- Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
- Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

## Brincadeiras de montão!

As brincadeiras constituem um conteúdo muito importante nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Elas são parte integrante e indispensável da rotina escolar e desempenham um papel fundamental nos processos de integração e de socialização dos alunos, representando uma importante expressão das culturas regionais e locais. Além disso, o ato de brincar é essencial para a formação cognitiva das crianças – especialmente o jogo, por sua constituição e seu trabalho com regras.

No 1º ano, o trabalho com brincadeiras deve ter caráter predominantemente lúdico, sem a necessidade de um direcionamento mais restrito. No entanto, é importante ressaltar que, ao permitir que os alunos desenvolvam habilidades, como fazer de conta, elaborar procedimentos, imitar atitudes, cantar, desenvolver a consciência e a expressão corporal, entre outras, as brincadeiras os preparam para as atividades guiadas que serão desenvolvidas nos anos posteriores, principalmente em dança e teatro.

Leia o texto com os alunos e peça que observem as imagens de crianças brincando. Ajude-os a identificar as brincadeiras representadas em cada uma delas. Estimule-os a compartilhar seus conhecimentos prévios sobre essas e outras brincadeiras e também a contar para os colegas como costumam brincar. É interessante que os alunos possam mostrar uns para os outros algumas brincadeiras que conhecem. Para isso, organize-os em duplas, trios ou grupos maiores e deixe-os brincar. A seguir, sugerimos algumas brincadeiras que podem ser realizadas com os alunos.

## BRINCADEIRAS DE MONTÃO!

BRINCAR É MUITO BOM, NÃO É MESMO?

ENQUANTO BRINCA, MAIS DO QUE SE DIVERTIR DE MONTÃO, A GENTE TAMBÉM APRENDE A TER MAIS CONSCIÊNCIA DO PRÓPRIO CORPO, ALÉM DE CANTAR, DANÇAR, INTERPRETAR, INTERAGIR COM OS COLEGAS E DESENVOLVER MUITAS OUTRAS HABILIDADES!

OBSERVE AS IMAGENS NESTAS PÁGINAS. O QUE VOCÊ ACHA QUE AS CRIANÇAS ESTÃO FAZENDO?



Brincadeira de mão.



Brincadeira de roda.

## Sugestões de atividades complementares

### Pulando elástico

**Material necessário:** elástico de 2 metros.

1. O aluno deve ficar de frente para um colega e passar um elástico por trás das suas pernas e das dele, formando um retângulo.
2. Depois, a dupla deve colocar o elástico na altura dos calcanhares.
3. Outro colega deve pular para dentro do retângulo sem bater no elástico.
4. Em seguida, ele deve pular para fora do elástico.
5. Depois, a dupla deve levantar um pouco o elástico.
6. O colega deve continuar pulando dentro e fora do retângulo até a altura que conseguir.
7. Quem errar deve tomar o lugar de um dos colegas com o elástico.

Monkey Business Images/Shutterstock



Brincadeira com corda.

Brincadeira com elástico.



Sergio Dotta/Dotaz

TODAS AS CRIANÇAS ESTÃO BRINCANDO! VOCÊ CONHECE ESSAS BRINCADEIRAS OU OUTRAS PARECIDAS COM ELAS? DO QUE VOCÊ BRINCA?

» INTRODUÇÃO 61

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestões de atividades complementares

### Mãe da rua

1. A turma deve escolher quem será a mãe da rua.
2. Depois, os alunos devem ser divididos em dois grupos. Cada grupo deve ficar em um dos lados da quadra ou do pátio.
3. A mãe da rua fica no meio, entre os dois grupos.
4. Então, os alunos devem tentar ir de um lado para o outro da quadra, pulando em um pé só.
5. A mãe da rua deve correr e tentar pegar alguém.
6. Quem ela conseguir pegar passa a ser a mãe da rua.

### Cabo de guerra

**Material necessário:** corda de 3 metros.

1. Divida a turma em dois grupos.
2. Cada grupo deve segurar bem firme um lado da corda.
3. Amarre um lenço no meio da corda e marque no chão, com giz de lousa, onde fica o meio dela.
4. Após um sinal, cada grupo deve puxar a corda para seu lado.
5. Ganha a equipe que conseguir trazer a outra para seu lado.

## » A BNCC nestas páginas

### Matrizes estéticas e culturais

**BNCC** EF15AR24

Neste momento, os alunos poderão caracterizar e experimentar brincadeiras e jogos de diferentes matrizes estéticas e culturais.

### Esconde-esconde objeto

1. A turma deve escolher um dos colegas para ficar dentro da sala enquanto o restante vai para o corredor.
2. O colega que ficou dentro da sala esconde um objeto em algum lugar, sem deixar ninguém ver.
3. Ao seu sinal, o restante da turma deve entrar na sala e procurar o objeto.
4. O aluno que escondeu o objeto deve dizer para os outros: "Está quente!", se alguém estiver perto do esconderijo, ou "Está frio!", se estiver longe.
5. Quem encontrar o objeto primeiro vai escondê-lo na vez seguinte.

## De onde vêm as brincadeiras?

Converse com a turma sobre a origem das brincadeiras. É importante que eles percebam que algumas brincadeiras tradicionais são muito antigas e foram sendo transmitidas de geração em geração. Faça a leitura do texto e conduza a discussão de forma a trazer à tona o que os alunos já sabem sobre as brincadeiras, estimulando-os a compartilhar seus conhecimentos prévios.

Se julgar conveniente, você pode convidar algum idoso que seja conhecido dos alunos ou membro da comunidade escolar para compartilhar com a turma suas memórias sobre o brincar.

### Saiba mais

Ao observar a escultura **Pulando carniça** de Sandra Guinle, que mostra duas crianças brincando de pular carniça, ajude os alunos a perceber o movimento registrado na escultura: a posição dos corpos das crianças, uma abaixada e a outra "voando", a saia da menina cheia de ondas. Todos esses elementos causam a sensação de movimento. Caso os alunos não conheçam a brincadeira, leve-os ao pátio ou à quadra da escola para que possa ensinar a eles. Comente que a brincadeira é conhecida por diferentes nomes nas regiões do país, como pula-mula ou pula-sela. Pergunte aos alunos como a brincadeira é chamada no lugar onde vocês moram.

## DE ONDE VÊM AS BRINCADEIRAS?

EXISTEM MUITOS TIPOS DE BRINCADEIRA. VOCÊ JÁ PAROU PARA PENSAR EM COMO AS BRINCADEIRAS SÃO CRIADAS? PODE SER DIFÍCIL IMAGINAR, MAS SEUS PAIS, SEUS AVÓS E ATÉ SEUS BISAVÓS, QUANDO CRIANÇAS, TAMBÉM SE DIVERTIAM BRINCANDO! E ALGUMAS DAS BRINCADEIRAS DE QUE ELES BRINCAVAM EXISTEM ATÉ HOJE!

### SAIBA MAIS

A ARTISTA SANDRA GUINLE ESCOLHEU BRINCADEIRAS COMO TEMA DE SUAS OBRAS DE ARTE. OBSERVE A ESCULTURA AO LADO.

VOCÊ CONHECE A BRINCADEIRA REPRESENTADA? JÁ TENTOU BRINCAR DESSE JEITO?

VOCÊ PODE VER MAIS OBRAS DE SANDRA GUINLE COM O TEMA BRINCADEIRAS NO [SITE OFICIAL DA ARTISTA](http://www.sandraguinle.com/cenasinfantis). DISPONÍVEL EM: <[www.sandraguinle.com/cenasinfantis](http://www.sandraguinle.com/cenasinfantis)>. ACESSO EM: 18 DE SETEMBRO DE 2017.

► **PULANDO CARNIÇA**,  
DE SANDRA GUINLE, 2003  
(BRONZE, 85 cm x 56 cm x 72 cm).



E COMO É QUE SE APRENDE UMA BRINCADEIRA? VOCÊ JÁ APRENDEU BRINCADEIRAS NA ESCOLA? E COM OUTROS COLEGAS?

QUEM APRENDE UMA BRINCADEIRA TAMBÉM PODE ENSINÁ-LA PARA OUTRAS PESSOAS, ÀS VEZES MUDANDO ALGUM DETALHE DELA. É DESSA FORMA QUE AS BRINCADEIRAS CONTINUAM VIVAS, MESMO AS MAIS ANTIGAS!

E VOCÊ? JÁ ENSINOU UMA BRINCADEIRA PARA ALGUÉM? QUE TAL APRENDER UMA BRINCADEIRA NOVA?

### SUGESTÃO DE...

#### SITE

NA INTERNET, HÁ UM PROJETO CHAMADO **MAPA DO BRINCAR**. NELE, CRIANÇAS E ADULTOS DE VÁRIOS LUGARES DO BRASIL FALAM SOBRE AS SUAS BRINCADEIRAS FAVORITAS E ENSINAM COMO BRINCAR. DISPONÍVEL EM: <<http://mapadobrinca.folha.com.br/>>. ACESSO EM: 8 DE SETEMBRO DE 2017.

## Experimentação

Na experimentação proposta, a ideia é que os alunos registrem uma brincadeira utilizando a fotografia. Procure um local amplo para os estudantes brincarem de pula-pula, a fim de evitar acidentes quando eles pularem. Pode ser o pátio ou a quadra de esportes da escola. Leia as instruções e demonstre os mo-

vimentos de agachar e de pular. Então, ajude-os a escolher o pegador e a formar a roda para brincar. Repita a brincadeira algumas vezes com os alunos, mudando o pegador.

No momento do registro, oriente os estudantes para que se revezem na tarefa de fotografar a brincadeira, a fim de que todos possam participar. Converse com eles a respeito de quais cenas desejam registrar, que



# EXPERIMENTAÇÃO

## 👥 VAMOS BRINCAR DE PULA-PULA?

- 1 ESCOLHA COM OS COLEGAS QUEM VAI SER O PEGADOR.
- 2 VOCÊ E OS COLEGAS DEVEM AGACHAR EM VOLTA DELE.
- 3 VOCÊ VAI PULAR E AGACHAR VÁRIAS VEZES.
- 4 A CADA VEZ QUE VOCÊ PULAR, GRITE: "PULEI!".
- 5 O PEGADOR DEVE TENTAR PEGAR O MAIOR NÚMERO DE COLEGAS ENQUANTO ELES PULAM.
- 6 NÃO VALE PEGAR UM COLEGA QUE ESTIVER AGACHADO!



Galvão/Arquivo da editora

## 👥 AGORA, QUE TAL REGISTRAR ESSA BRINCADEIRA?

- 1 COM OS COLEGAS, ESCOLHA QUEM VAI FAZER O REGISTRO.
- 2 BRINQUE DE PULA-PULA COM OS COLEGAS MAIS UMA VEZ.
- 3 ENQUANTO ISSO, O COLEGA ESCOLHIDO PARA REGISTRAR A BRINCADEIRA VAI TIRAR FOTOS DE VOCÊS BRINCANDO.

### MATERIAL NECESSÁRIO

- CÂMERA FOTOGRÁFICA OU TELEFONE CELULAR

VIMOS QUE EXISTEM VÁRIOS TIPOS DE BRINCADEIRA E QUE ALGUMAS DELAS SÃO MUITO ANTIGAS.

É IMPORTANTE GUARDAR AS BRINCADEIRAS NA MEMÓRIA? A ARTE PODE SER UM MEIO DE FAZER ESSE REGISTRO? VAMOS DESCOBRIR NOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS.

63

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

momentos ou movimentos da brincadeira são importantes de fotografar, para que quem veja as fotos entenda como se brinca. Depois que os registros forem feitos, transfira as fotos para um computador e projete-as para os alunos, usando um projetor multimídia.

A proposta de produção do encerramento desta unidade é que os alunos registrem seu repertório de brincadeiras usando a lingua-

gem audiovisual. Por essa razão, neste momento, é importante realizar uma dinâmica de apreciação das fotografias produzidas por eles nesta atividade. Faça perguntas como: "O que estas fotografias estão mostrando?"; "As imagens nos mostram como é a brincadeira?"; "O que mais podemos mostrar sobre essa brincadeira?".

Ao concluir a abertura da unidade, é importante conversar com os alunos sobre os caminhos e as relações que devem ser estabelecidos no estudo dos capítulos 3 e 4. Neles, os alunos verão como duas linguagens artísticas – a dança e o teatro – abordam as brincadeiras nos processos criativos específicos dos artistas estudados. Essas referências construirão um repertório sobre dança e teatro, alinhado pelo tema do brincar, que será retomado no fechamento da unidade. Neste percurso, serão trabalhados conteúdos importantes sobre essas linguagens artísticas.

Neste momento, com os alunos, redija uma lista com tópicos relativos às atividades que serão realizadas durante o bimestre. A proposta é que a turma levante o que será necessário fazer para responder à pergunta colocada.

Acate as sugestões deles, caso surjam, e extrapole a nossa sugestão de tópicos relacionados a seguir, promovendo mais atividades, como visitas culturais e técnicas, convidando profissionais para irem à escola serem entrevistados pelos alunos, entre outras possibilidades:

- Conhecer um ou mais artistas que abordem o brincar em suas obras.
- Descobrir mais sobre a dança e seus elementos.
- Experimentar participar de exercícios de consciência corporal e dançar.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que valorizem o brincar.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre dança.

## 👉 A BNCC nestas páginas

### Materialidades

BNCC EF15AR04

Por meio do registro de uma brincadeira, os alunos poderão experimentar a fotografia como forma de expressão artística.

## Unidade 2 – Capítulo 3

### Mexendo e remexendo: a arte da dança!

Ao iniciar os estudos do capítulo 3, estabeleça as relações com a questão central da unidade. É importante destacar a dança em seu aspecto lúdico, de brincadeira e experiência corporal e coletiva. Para tecer as relações entre o dançar e o brincar, lembre com os estudantes algumas brincadeiras nas quais a dança está presente, como a ciranda.

### A dança da Balangandança Cia.

#### Para iniciar

Faça a leitura das perguntas do boxe com os alunos e estimule-os a falar sobre as experiências deles com danças e brincadeiras. Depois, peça aos estudantes que observem as imagens do espetáculo **O tal do quintal – Brincadeiras, medos e sonhos** e converse sobre elas, chamando a atenção para ações, movimentos e objetos que os artistas utilizam na encenação.

Procure valorizar as experiências das crianças para que, com base em seus conhecimentos prévios, elas possam formular hipóteses sobre a produção artística. Para ampliar a discussão, pergunte: "Quem são essas pessoas?"; "Qual é a profissão delas?"; "O que elas estão fazendo?"; "Onde parece que elas estão?"; "Será que elas fazem de conta que estão em outro lugar?"; "Vocês sabem dizer como se aprende esta arte?".

Anote as observações dos alunos em seu diário de bordo e retome as anotações após a conclusão do trabalho com o capítulo.



# MEXENDO E REMEXENDO: A ARTE DA DANÇA!

## A DANÇA DA BALANGANDANÇA CIA.

VOCÊ JÁ ASSISTIU A UM ESPETÁCULO DE DANÇA? EM QUE LUGAR E OCASIÃO? A DANÇA É UMA DAS LINGUAGENS DA ARTE. NESTE CAPÍTULO, VAMOS CONHECER O TRABALHO DE UMA COMPANHIA DE DANÇA QUE CRIOU UM ESPETÁCULO INSPIRADO EM BRINCADEIRAS.

### PARA INICIAR

1. O QUE VOCÊ VÊ NAS IMAGENS DESTAS PÁGINAS?
2. EM QUE SITUAÇÕES DANÇARINOS PODEM SE APRESENTAR?
3. VOCÊ COSTUMA DANÇAR? QUANDO?
4. O QUE ACONTECE COM SEU CORPO ENQUANTO VOCÊ DANÇA?
5. QUE MOVIMENTOS VOCÊ ACHA QUE PODEMOS FAZER AO DANÇAR?

A IMAGEM AO LADO É O REGISTRO DE UMA CENA DO ESPETÁCULO DE DANÇA **O TAL DO QUINTAL – BRINCADEIRAS, MEDOS E SONHOS**, APRESENTADO PELA BALANGANDANÇA CIA.

► CENA DO ESPETÁCULO DE DANÇA **O TAL DO QUINTAL – BRINCADEIRAS, MEDOS E SONHOS**, DA BALANGANDANÇA CIA., SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2006.



64

UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Reconhecer elementos da linguagem corporal.
- Conhecer e participar de exercícios de consciência corporal.
- Apreciar espetáculos de dança.
- Descrever aquilo que vê e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e suas principais obras.
- Compreender os valores estéticos dos artistas que realizaram as obras apreciadas.
- Criar e produzir uma coreografia inspirada no trabalho da Balangandança Cia. de forma a se apropriar desses saberes nas próprias produções.

NESSE ESPETÁCULO, O GRUPO SE INSPIROU NAS BRINCADEIRAS DE QUINTAL PARA COMPOR SUA DANÇA. VOCÊ JÁ BRINCOU NO QUINTAL DE UMA CASA? COMO FOI?

OBSERVE NESTA OUTRA IMAGEM OS OBJETOS E OS GESTOS DOS BAILARINOS.



► CENA DO ESPETÁCULO **O TAL DO QUINTAL – BRINCADEIRAS, MEDOS E SONHOS**, DA BALANGANDANÇA CIA., SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2006.

VOCÊ JÁ ASSISTIU A ALGUM ESPETÁCULO DE DANÇA COMO ESSE? SE SIM, O QUE VOCÊ SENTIU DURANTE A APRESENTAÇÃO?

## Competências deste capítulo

- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### Linguagem

Dança.

### Dimensões do conhecimento

Estesia; criação; expressão; fruição; reflexão; crítica.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR09

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de apreciar formas de manifestação da dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório cultural. Além disso, poderão estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado.

## Que obra é essa?

Faça a leitura do texto e da imagem e pergunte: “Quantos dançarinos aparecem na imagem?”; “Como são as roupas deles? E o cenário?”; “Qual o papel da brincadeira na criação dessa obra?”; “Na opinião de vocês, por que os dançarinos estão descalços?”.

Na apreciação da imagem, é fundamental que os alunos identifiquem as características do trabalho corporal dos artistas, seus figurinos e adereços. Em qualquer situação de apreciação de imagens, é importante dar voz aos estudantes e promover um ambiente de troca e de curiosidade pela fala do outro. Lembre-se de que é fundamental que os alunos se familiarizem com situações coletivas de aprendizagem e de discussão. Não mantenha o foco na necessidade de que eles decifrem a obra.

Um bom recurso é sistematizar os aspectos observados por eles durante a apreciação das imagens. Na lousa, faça duas colunas, nas quais você irá anotar as observações dos alunos enquanto falam: uma para os movimentos e gestos corporais, outra para os figurinos e adereços que identificarem.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

A análise do espetáculo **O tal do quintal – Brincadeiras, medos e sonhos** tem como objetivo levar os alunos a apreciar uma manifestação de dança contemporânea de forma contextualizada, desenvolvendo a percepção, o imaginário e a capacidade de simbolizar, além de ampliar seu repertório corporal.

## QUE OBRA É ESSA?

JÁ CONVERSAMOS SOBRE MUITAS BRINCADEIRAS ATÉ AQUI. FOI PENSANDO NESSAS BRINCADEIRAS E TAMBÉM NOS SONHOS E MEDOS DE CRIANÇAS COMO VOCÊ QUE O ESPETÁCULO **O TAL DO QUINTAL – BRINCADEIRAS, MEDOS E SONHOS** FOI CRIADO.

NO PALCO, O GRUPO BALANGANDANÇA REcria O ESPAÇO DE UM QUINTAL E TAMBÉM OS MOVIMENTOS DAS BRINCADEIRAS REALIZADAS NESSE ESPAÇO. TAPETES, VASSOURAS, PEDAÇOS DE PAU, ESCADAS E PNEUS VELHOS COMPLETAM O **CENÁRIO**. VOCÊ JÁ BRINCOU COM ALGUM DESSES OBJETOS?

### CENÁRIO:

TODOS OS ELEMENTOS QUE COMPÕEM O ESPAÇO ONDE OCORRE UM ESPETÁCULO.

OBSERVE MAIS UMA IMAGEM DO ESPETÁCULO. TODOS OS DANÇARINOS ESTÃO TOCANDO O CHÃO?

VOCÊ JÁ PARTICIPOU DE ALGUMA BRINCADEIRA DE PULAR EM QUE NÃO PODIA TOCAR O CHÃO COM ALGUMA PARTE DO SEU CORPO?



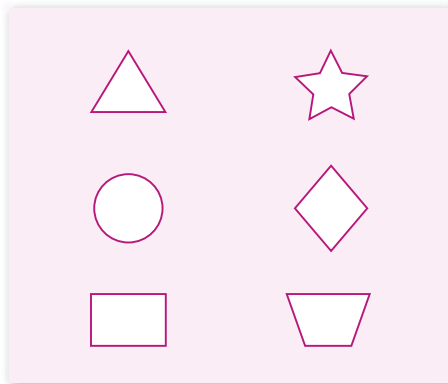
▶ CENA DO ESPETÁCULO **O TAL DO QUINTAL – BRINCADEIRAS, MEDOS E SONHOS**, EM SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2006.

## ARTE E MATEMÁTICA

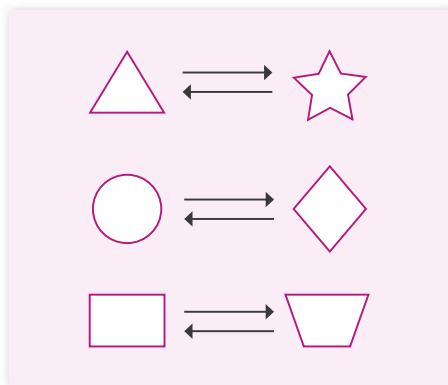
O ARTISTA QUE CRIA A SEQUÊNCIA DE MOVIMENTOS E DESLOCAMENTOS DOS DANÇARINOS EM UMA DANÇA É O **COREÓGRAFO**.

UMA DAS MANEIRAS DE REGISTRAR UMA COREOGRAFIA É POR MEIO DE DESENHOS E ALGUNS COREÓGRAFOS USAM FIGURAS GEOMÉTRICAS PARA FAZER ISSO.

VEJA O EXEMPLO A SEGUIR, NO QUAL CADA FIGURA GEOMÉTRICA REPRESENTA UM DANÇARINO. O DESENHO MOSTRA A POSIÇÃO INICIAL DOS DANÇARINOS NO PALCO:



NESTE OUTRO DESENHO, O COREÓGRAFO USA SETAS PARA MOSTRAR QUAL DEVE SER O DESLOCAMENTO DOS DANÇARINOS DURANTE A DANÇA:



EM QUE DIREÇÃO CADA DANÇARINO DEVE SE MOVIMENTAR NESSA PARTE DA COREOGRAFIA?

## Arte e Matemática

Depois de fazer a leitura do boxe, comente com os alunos sobre a estratégia de usar figuras geométricas na escrita coreográfica, mostrando como o reconhecimento das características delas é fundamental para diferenciar cada bailarino na coreografia. Se achar pertinente, verifique se eles conseguem nomear as figuras representadas no boxe.

Se possível, verifique se os alunos estão familiarizados com as direções. Retome o conteúdo dando alguns exemplos, como: "Rubens está à esquerda de Bete"; "A mesa está na frente da professora". Peça a eles que observem os esquemas apresentados e que imaginem seis pessoas em uma apresentação de dança. Pergunte: "Para vocês, o que cada figura representa?"; "No segundo esquema, em que direção cada dançarino deve ir?". Neste momento, o importante é que os alunos deduzam as direções registradas a partir da visão deles. Se achar pertinente, exemplifique o desenho trabalhando com seis alunos voluntários e pedindo a eles que se desloquem para a direita e para a esquerda em relação ao espaço.

Após a leitura compartilhada do texto com os estudantes, organize-os em duplas e peça a cada integrante que tente imitar os movimentos representados. Deixe que façam sozinhos e verifique a compreensão que eles têm das imagens. Depois, oriente-os a realizar os movimentos, um integrante por vez, enquanto o outro observa e, se for necessário, corrige as posições. Em seguida, proponha que façam os movimentos representados de forma integrada. Para isso, você pode auxiliá-los realizando os movimentos com eles.

### Interdisciplinaridade: Arte e Matemática na BNCC

**Localização de objetos e de pessoas no espaço, utilizando diversos pontos de referência e vocabulário apropriado**

BNCC EF01MA11

Expressões como "para a direita", "para a esquerda", "para a frente" e "para trás" são trabalhadas no componente curricular Matemática, em situações de localização.

## Como a obra foi feita?

Leia o texto e observe as imagens com os alunos, para que estabeleçam relações com elas. Pergunte: "O que vemos na imagem?"; "O que os dançarinos estão fazendo?"; "Como são seus figurinos?"; "De que forma eles trabalham?"; "Onde se apresentam?"; "O que vocês acham que sempre aparece ou acontece nos espetáculos da Balangandança Cia.?"

Ao ler o texto e observar as imagens com os alunos, você pode propor mais algumas questões, além das que estão no livro: "O que vocês veem na foto?"; "De onde vocês acham que saiu a inspiração para os movimentos apresentados nesse espetáculo?"; "Vocês já assistiram a algo parecido? Onde?"; "Como vocês acham que esse espetáculo foi criado?"

Trabalhe com a turma a importância da imaginação e como pode ser interessante pensar que um espaço, como um quintal, a partir do ponto de vista de crianças, pode virar o cenário de um espetáculo que mistura diferentes formas de expressão corporal.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

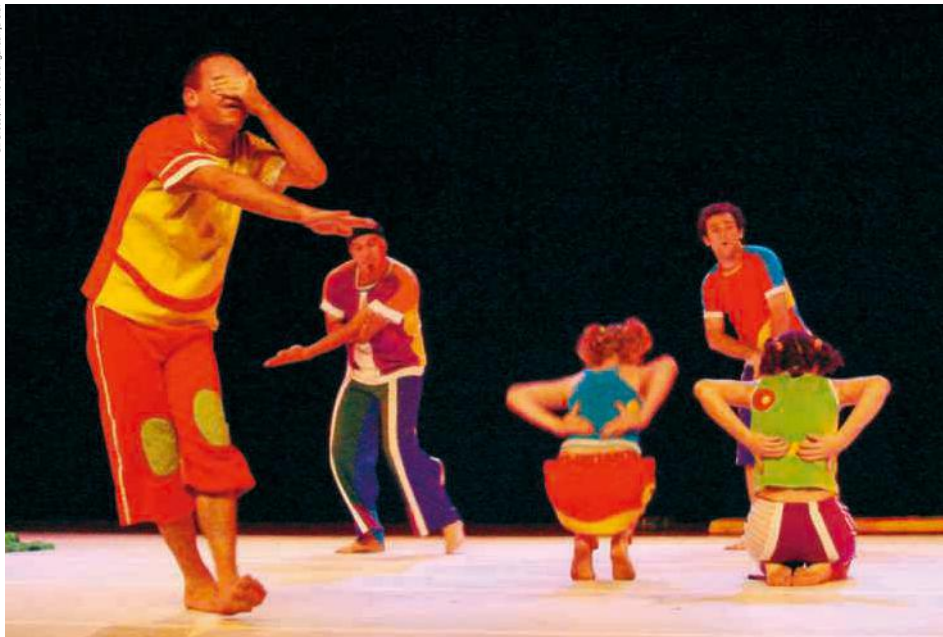
**BNCC** EF15AR08

A análise do espetáculo **O tal do quintal – Brincadeiras, medos e sonhos** tem como objetivo levar os alunos a apreciar uma manifestação de dança contemporânea de forma contextualizada, desenvolvendo a percepção, o imaginário e a capacidade de simbolizar, além de ampliar seu repertório corporal.

## COMO A OBRA FOI FEITA?

A BALANGANDANÇA CIA. CRIOU SEU PRÓPRIO QUINTAL NO PALCO. VOCÊ SE LEMBRA DE QUAIS MATERIAIS ELES USARAM PARA CRIAR O QUINTAL? Tapetes, vassouras, pedaços de pau, escadas e pneus velhos.

MAS NÃO FOI SÓ ISSO. VEJA, NESTA OUTRA CENA DE **O TAL DO QUINTAL – BRINCADEIRAS, MEDOS E SONHOS**, AS ROUPAS QUE OS DANÇARINOS ESTÃO VESTINDO. COMO ELAS SÃO? VOCÊ VÊ MUITOS ADULTOS VESTIDOS COM ESSE TIPO DE ROUPA? *Espera-se que os alunos notem que são roupas coloridas e que geralmente não veem adultos vestidos dessa maneira.*



▶ CENA DO ESPETÁCULO **O TAL DO QUINTAL – BRINCADEIRAS, MEDOS E SONHOS**, EM SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2006.

EM UM ESPETÁCULO DE DANÇA OU DE TEATRO, A ROUPA USADA É CHAMADA DE **FIGURINO**. O FIGURINO AJUDA A COMPOR O ESPETÁCULO. VOCÊ ACHA QUE, SE OS DANÇARINOS ESTIVESSEM VESTINDO OUTRO TIPO DE ROUPA, O ESPETÁCULO SERIA O MESMO?

AGORA, OBSERVE OS GESTOS DOS DANÇARINOS NESTA MESMA CENA. ESSES GESTOS SÃO GRANDES E LARGOS OU PEQUENOS E CONTIDOS? VOCÊ RECONHECE ALGUMA BRINCADEIRA NESTA CENA?

68

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

PARA CRIAR UM ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA DESTINADO AO PÚBLICO INFANTIL, O GRUPO PESQUISOU AS BRINCADEIRAS E OS MOVIMENTOS QUE AS CRIANÇAS FAZEM ENQUANTO BRINCAM.

NAS APRESENTAÇÕES DO ESPETÁCULO **O TAL DO QUINTAL – BRINCADEIRAS, MEDOS E SONHOS**, AS CRIANÇAS DA PLATEIA SÃO CONVIDADAS A BRINCAR E A DANÇAR NO PALCO. ASSIM, ELAS AJUDAM A CRIAR E A TRANSFORMAR O ESPETÁCULO COM SEUS MOVIMENTOS E BRINCADEIRAS.



► CENA DO ESPETÁCULO **O TAL DO QUINTAL – BRINCADEIRAS, MEDOS E SONHOS**, EM SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2006. SE VOCÊ FOSSE PARTICIPAR DESTA CENA DO ESPETÁCULO, O QUE VOCÊ FARIA?

## Dança contemporânea

Ao contrário da tradição que associamos ao balé clássico, que remete à ideia da dança praticada por pessoas com corpos idealizados (magros, leves, longilíneos), na dança contemporânea acredita-se que todo corpo é capaz de se expressar por meio de gestos e movimentos.

Para compreender melhor as características da dança contemporânea, é importante conhecer os princípios básicos da dança moderna.

### Dança moderna

Até fins do século XIX, o balé clássico era a expressão máxima da dança nos palcos. A dança clássica apresenta princípios rígidos e impõe aos bailarinos corpos que se adaptem às coreografias. No balé clássico, a ponta dos pés e os membros inferiores impulsionam os movimentos.

Os princípios e características da dança moderna trazem um contraponto a essa estrutura rígida. O eixo do trabalho corporal na dança moderna é o tronco. Há espaço para a improvisação, foco nas estruturas articulares, movimentos mais livres, coreografias que exploram o chão. A respiração dá o ritmo dos movimentos.

A dança moderna, portanto, se preocupa muito em dar consciência corporal a seus bailarinos, de modo que entendam suas estruturas e saibam explorá-las.

### Do moderno ao contemporâneo

A dança moderna inspirou muitos dos princípios da dança contemporânea, que ainda foi além, propondo mais inovações no universo da dança, como: temáticas baseadas no cotidiano, apresentação fora dos palcos, como em praças e parques, e incorporação de outras linguagens artísticas.

*Elaborado pelos autores.*

## Cada gesto, um movimento

Seria interessante começar o trabalho pela socialização dos conhecimentos que os estudantes já têm sobre a linguagem da dança. Pergunte a eles o que sabem sobre a dança em geral, se existem lugares na cidade ou no bairro nos quais ela é praticada. Se algum aluno conhecer uma dança típica da região, peça que mostre alguns passos aos colegas e valorize essa experiência, destacando a importância de outros saberes para além do espaço escolar.

Por meio da leitura do texto e das imagens, espera-se que os estudantes observem a multiplicidade de movimentos que podem ser executados pelo corpo na composição de uma expressão artística.

Durante a leitura, estimule-os a manifestar suas impressões, já que é por meio do diálogo que começarão a fazer associações entre suas observações iniciais e o conteúdo que está sendo apresentado.

Posteriormente, com base nas questões sugeridas no livro, direcione a conversa para as diferentes manifestações artísticas que exploram as possibilidades expressivas do corpo – teatro, dança, mímica e *performance*, por exemplo –, até chegar à noção de consciência corporal. Motive os alunos a identificar semelhanças e diferenças no uso do corpo em situações e atividades distintas, como brincadeiras, esportes, dança, teatro, etc. Por fim, procure evidenciar as conexões entre o corpo como suporte e a dança.

### Para cima!

Após a leitura compartilhada do texto e da imagem, estimule os alunos a imaginar e a realizar movimentos de salto: para a frente, para os lados, com as pernas abertas, com os braços em movimento, etc.

## CADA GESTO, UM MOVIMENTO

VOCÊ SE LEMBRA DAS IMAGENS DO GRUPO BALANGANDANÇA CIA. NO ESPETÁCULO **O TAL DO QUINTAL – BRINCADEIRAS, MEDOS E SONHOS?** REPAROU NOS GESTOS DOS ARTISTAS DA COMPANHIA? PARA SE MEXER E SE REMEXER, OS **DANÇARINOS** ESCOLHEM MOVIMENTOS DE ACORDO COM O QUE QUEREM EXPRESSAR.

**DANÇARINO:**  
ARTISTA QUE SE EXPRESSA  
POR MEIO DA DANÇA.

VAMOS CONHECER ALGUNS DOS MOVIMENTOS QUE ESSES ARTISTAS FAZEM ENQUANTO DANÇAM?

### PARA CIMA!

QUANDO DANÇAM, OS ARTISTAS PODEM MEXER O CORPO FAZENDO MOVIMENTOS PARA CIMA!



VOCÊ SABE O QUE ACONTECE COM SEU CORPO QUANDO VOCÊ PULA? O QUE VOCÊ SENTE AO PULAR?

UM MOVIMENTO PARA CIMA PODE EXPRESSAR QUE TIPO DE SENSACÃO E DE SENTIMENTO?

70

UNIDADE 2 >

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.



## PARA BAIXO!

MUITAS VEZES, OS DANÇARINOS TAMBÉM REALIZAM MOVIMENTOS PARA BAIXO.

QUE MOVIMENTOS VOCÊ FAZ COM O CORPO QUANDO SE ABAIXA?

O QUE VOCÊ SENTE AO SE ABAIXAR OU FICAR PERTO DO CHÃO?

QUE SENTIMENTO E QUE SENSÇÃO UM MOVIMENTO PARA BAIXO PODE EXPRESSAR?



Andressa Eberhart/Arquivo da editora

## PARA A FRENTE E PARA TRÁS!

ALGUMAS VEZES, OS DANÇARINOS DANÇAM FAZENDO MOVIMENTOS PARA A FRENTE E PARA TRÁS. TUDO DEPENDE DA MÚSICA E DA CRIATIVIDADE!



Andressa Eberhart/Arquivo da editora

QUANDO VOCÊ SE MOVIMENTA PARA A FRENTE, O QUE ACONTECE COM SEUS BRAÇOS? E O QUE ACONTECE COM ELES QUANDO VOCÊ SE MOVIMENTA PARA TRÁS?

▶ CAPÍTULO 3

71

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Para baixo!

Ao fazer a leitura compartilhada do texto e da imagem, converse com os alunos, perguntando: “O que vocês veem na imagem?”; “O que as pessoas estão fazendo?”; “Como elas estão posicionadas?”; “Enquanto dança, vocês também fazem movimentos parecidos?”.

Depois, peça aos alunos que comparem a ilustração dos movimentos para baixo à ilustração dos movimentos para cima, levantando hipóteses sobre como são realizados os movimentos de dançar próximo ao chão e de saltar. Para isso, você pode perguntar: “Vocês acham que saltar é diferente de fazer movimentos próximos ao chão? Por quê?”; “Qual deles vocês acham mais difícil de fazer? Por quê?”; “Vocês já viram esses movimentos em alguma apresentação de dança?”.

## Para a frente e para trás!

Explore a imagem do trecho com os alunos, perguntando: “O que as pessoas estão fazendo?”; “Quem está se movimentando para a frente?”; “E quem está se mexendo para trás?”; “Como vocês percebem isso?”; “Como estão posicionadas as pessoas retratadas?”; “O que acontece com os nossos braços quando andamos para a frente e para trás?”; “É difícil andar para trás? Por quê?”; “Quais são as dificuldades?”; “Vocês acham que precisamos treinar para isso?”. Nessa conversa, é importante os alunos comecem a levantar hipóteses sobre como um bailarino precisa se preparar em sua profissão.

Depois da conversa, peça aos estudantes que fiquem de pé e que deem um pulo para a frente, observando o movimento que o próprio corpo faz. Em seguida, peça a eles que deem um pulo para trás e pergunte: “Nosso corpo se movimenta igual ou de maneira diferente quando vamos para a frente e para trás?”.

## ◆ A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem **BNCC EF15AR09**

A partir da apreciação e da contextualização do espetáculo **O tal do quintal – Brincadeiras, medos e sonhos**, da Balangandança Cia., partimos para o trabalho com alguns elementos da linguagem da dança, procurando estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado.

## Para os lados!

Leia o texto e as questões para os alunos e dê um tempo para que eles reflitam e formulem suas hipóteses. Em seguida, realize a leitura da imagem com eles, perguntando: “Como as pessoas representadas estão se movimentando?”; “Quem está se movimentando para a direita? E quem está se movimentando para a esquerda?”; “Como as pessoas estão posicionadas?”; “Qual é a posição dos pés dessas pessoas?”.

Depois, proponha aos alunos que se levantem e se movimentem para a direita e para a esquerda. Peça que observem como realizam seus movimentos e pergunte: “Como fazemos com os pés quando vamos de um lado para o outro?”; “O que faz o pé esquerdo quando nos movemos para a direita? E o pé direito quando nos movimentamos para a esquerda?”; “Todos nos movimentamos para os lados da mesma forma?”.

## Atividade prática

As atividades práticas propostas neste capítulo aliam a brincadeira ao desenvolvimento da consciência corporal. Elas requerem a participação e o envolvimento de todos os estudantes e, por isso, a sua mediação é fundamental, cabendo-lhe fornecer as instruções relativas a cada proposta e incentivar atitudes que favoreçam o trabalho, como organização do espaço, cooperação, respeito, paciência para ouvir e para esperar a vez de falar ou de atuar.

Peça aos alunos que ajudem a afastar as carteiras, deixando um espaço livre para a execução das atividades. Algumas delas devem ser realizadas, preferencialmente, na quadra ou no pátio da escola. Ressalte que todos precisam se concentrar em suas orientações.

Nas atividades que envolvem deslocamentos, os estudantes devem caminhar em várias direções e mexer o corpo de muitas maneiras. É importante que prestem atenção no andar dos colegas, na posição em que param e no modo como procedem nos diferentes **níveis**: baixo (no chão), médio (agachados) ou alto (de pé).

Se possível, fotografe ou filme essas atividades e depois exiba os

## PARA OS LADOS!

PARA DANÇAR, OS ARTISTAS TAMBÉM PODEM SE MOVIMENTAR PARA A DIREITA E PARA A ESQUERDA!



QUANDO VOCÊ DANÇA, O QUE ACONTECE COM SEUS PÉS AO SE MOVER PARA A DIREITA? E O QUE ACONTECE COM ELES QUANDO VOCÊ SE MOVE PARA A ESQUERDA?

## ATIVIDADE PRÁTICA



AGORA, VOCÊ VAI IMAGINAR QUE É UMA MASSINHA EM FORMA DE GENTE PARA BRINCAR DE FAZER UMA ESCULTURA!

- 1 JUNTE-SE A UM COLEGA E SORTEIEM QUEM VAI COMEÇAR MODELANDO E QUEM VAI SER A MASSINHA.
- 2 ESCOLHA UMA POSIÇÃO NEUTRA PARA COMEÇAR (PODE SER DE PÉ OU DEITADO).
- 3 SEU COLEGA VAI MANIPULAR SEU CORPO COM BASTANTE CUIDADO PARA DEIXÁ-LO NA POSIÇÃO QUE ELE QUISER. PODE SER COM O BRAÇO NA CINTURA, A PERNA DOBRADA, ETC.
- 4 QUE ESCULTURA SERÁ QUE VAI SAIR DESSA BRINCADEIRA?

72

UNIDADE 2 >

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

registros para os alunos, pedindo que comentem as experiências. Observe se o repertório de movimentos está sendo ampliado, como cada um está se relacionando com o próprio corpo, peso e movimentos, e se é possível notar uma progressão na consciência corporal.

Na atividade prática proposta neste momento, por meio da brincadeira de escultura, estimulamos a exploração de movimentos e de posições corporais. Enquanto os alunos

“modelam” os colegas, peça que parem e observem o que estão fazendo durante a atividade. Pergunte: “Em que posições podemos colocar os colegas?”; “Quais são os movimentos mais fáceis? E os mais difíceis?”. Em determinados momentos, você pode sugerir que todos parem de modelar e os alunos que forem as “massinhas” fiquem parados para que os “escultores” circulem pela classe e observem. Quando terminarem, sugira que as duplas troquem de papéis.

## PARA TODAS AS DIREÇÕES!

OUTRO MOVIMENTO MUITO COMUM NA DANÇA SÃO OS GIROS E RODOPIOS.

PARA FAZER ESSES MOVIMENTOS, OS DANÇARINOS PRECISAM TREINAR BASTANTE.



Andressa Eberhart/Arquivo da editora

VOCÊ JÁ TENTOU GIRAR E RODOPIAR O CORPO ENQUANTO DANÇA?  
O QUE VOCÊ SENTIU?

CONHECE ALGUMA BRINCADEIRA QUE TAMBÉM TEM ESSES  
MOVIMENTOS?

» CAPÍTULO 3 73

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Livro

RENGEL, Lenira. *Dicionário Laban*. São Paulo: Annablume, 2003.

Neste livro, é possível conhecer mais a respeito de **nível**, uma noção usada por Rudolf Laban, e outros vários conceitos.

## Para todas as direções!

Explore a imagem, perguntando aos alunos: “O que vocês veem na imagem?”; “O que as pessoas representadas estão fazendo?”; “Como elas estão posicionadas?”; “Vocês já viram alguém dançar assim?”; “E vocês? Já dançaram assim?”; “Vocês acham que fazer esses movimentos é difícil? Por quê?”.

Comente com os estudantes que a dança, tanto na escola como fora dela, é para todos e que prescinde de um corpo específico.

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR09 | BNCC EF15AR10

### Processos de criação

BNCC EF15AR12

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado. Ao realizar a atividade prática, os alunos poderão experimentar diferentes formas de orientação no espaço, além de discutir uma experiência coletiva desenvolvida em aula, construindo vocabulários e repertórios próprios.

## E tudo misturado!

Faça uma leitura compartilhada do texto com os alunos, cada um acompanhando no próprio livro. Pergunte a eles se entenderam o termo **consciência corporal**. Explore mais o tema, questionando: "O que significa 'ter consciência' de algo?"; "O que quer dizer 'consciência corporal' para vocês?"; "Será que para dançar é preciso ter noção ou consciência do corpo e do espaço? Por quê?". Deixe que eles levantem hipóteses a partir dos significados que conhecem das palavras.

Depois, você pode sugerir que os alunos se atentem às medidas e proporções do próprio corpo, perguntando: "Onde nossos braços e pernas se dobram?"; "Como fazemos isso?"; etc.

### Sugestão de atividade complementar

#### Soltando o esqueleto!

Ao final da leitura, você pode propor que a turma realize uma dança livre, com os movimentos que cada um quiser executar, tudo junto e misturado.

## E TUDO MISTURADO!

OS DANÇARINOS SALTAM, AGACHAM, ANDAM PARA OS LADOS, PARA A FRENTE, PARA TRÁS, RODOPIAM... ELES SE MOVIMENTAM MUITO!

MAS, PARA FAZER TUDO ISSO, ELES PRECISAM DESENVOLVER UMA HABILIDADE MUITO IMPORTANTE NA DANÇA: A **CONSCIÊNCIA CORPORAL**, OU A CONSCIÊNCIA DOS MOVIMENTOS E DESLOCAMENTOS QUE NOSSO CORPO PODE REALIZAR.



VOCÊ JÁ ASSISTIU A UM ESPETÁCULO DE DANÇA COM MUITOS DANÇARINOS? O QUE ACHOU?

COMO SERÁ QUE É DANÇAR COM MUITAS PESSOAS AO MESMO TEMPO?

74 UNIDADE 2 >

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de atividade complementar

#### Reconhecendo a coluna vertebral

Antes de iniciar a atividade, explique aos alunos que no meio das costas fica a coluna vertebral. Ela é formada por 24 ossinhos que ficam "empilhados", um sobre o outro – as vértebras. É a coluna que sustenta nossa cabeça sobre o nosso quadril e nos permite ficar de pé.

1. Organize os alunos em duplas. Peça a um deles que se deite de barriga para baixo, com as duas mãos embaixo da testa para apoiar a cabeça, sobre uma superfície limpa, de preferência com um tecido estendido no chão.
2. Com os dedos indicador e médio de uma das mãos, o outro aluno da dupla deve percorrer a coluna vertebral do colega, desde a parte de baixo das costas até a cabeça. O aluno deve

## ATIVIDADE PRÁTICA

- ❖ VOCÊ JÁ VIU COMO É UM CARDUME? OS PEIXES NADAM TODOS NA MESMA DIREÇÃO! VAMOS TENTAR IMITÁ-LOS?
- 1 COM TODA A TURMA, FORME UM “BOLINHO” DE GENTE, TODOS BEM PERTO UNS DOS OUTROS.
  - 2 O PROFESSOR VAI ESCOLHER UM ALUNO PARA SER O LÍDER, QUE DEVE FICAR UM POUCO À FRENTE DO CARDUME, MAS SEM SE SEPARAR DOS OUTROS PEIXES.
  - 3 O LÍDER VAI DETERMINAR A VELOCIDADE E A DIREÇÃO EM QUE TODO O CARDUME VAI SEGUIR. SE O LÍDER FOR PARA A DIREITA, TODOS DEVEM IR PARA A DIREITA TAMBÉM, E ASSIM POR DIANTE.
  - 4 DEPOIS DE ALGUM TEMPO, O LÍDER VAI PASSAR A LIDERANÇA PARA OUTRO PEIXE. A BRINCADEIRA É SAIR NADANDO PELO OCEANO SEGUINDO O LÍDER! VOCÊ ESTÁ PRONTO PARA VIRAR UM PEIXE DO MAR?



fazer o percurso algumas vezes, indicando para o colega onde é a coluna vertebral dele e de que tamanho ela é. Oriente a dupla a fazer os movimentos cuidadosamente. Neste momento, peça aos alunos que imaginem que os dedos são como as pernas de uma pessoa caminhando sobre uma estrada e que eles devem percorrer toda a coluna vertebral do colega, sentindo na ponta de seus dedos as vértebras. Depois, per-

gunte: “Quantos ‘passos’ são necessários para percorrer todo o caminho?”.

3. Peça para o aluno que está fazendo o percurso se afastar um pouco e oriente o aluno que está deitado a se mexer do jeito que ele quiser, pensando na própria coluna vertebral enquanto se mexe.
4. Depois, os alunos da dupla devem trocar de posição.

## Atividade prática

Antes de realizar a atividade, você pode procurar um vídeo na internet que mostre um cardume no mar para exibir aos alunos. Converse com eles acerca de como os peixes nadam em cardume e pergunte em que devemos prestar atenção para realizar esta atividade: “Devemos prestar atenção no líder ou nos colegas?”; “Também devemos prestar atenção no espaço ao nosso redor? Por quê?”; “Como observar tudo isso?”.

Durante a brincadeira, estimule os alunos a arranjar formas para definir um novo peixe líder. Por exemplo, ao dar um giro para trás, o líder vai para o final do grupo, e outro peixe pode assumir essa posição.

## ❖ A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR10

### Processos de criação

BNCC EF15AR11

Neste momento, os alunos poderão apreciar e refletir sobre as formas de manifestação da dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

Ao realizar a atividade, os estudantes terão a oportunidade de experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, direções, caminhos, etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido), bem como de criar e improvisar movimentos dançados de modo coletivo e colaborativo.

## Outros trabalhos da Balangandança Cia.

Antes de iniciar a leitura do texto com os alunos, procure se informar mais sobre o trabalho da Balangandança Cia., que será analisado nesta parte do capítulo. Para isso, recomendamos uma visita ao site oficial do grupo, indicado no Livro do Estudante.

Ao conversar com os alunos sobre o espetáculo **Entranças – Descobrimo e redescobrimo o Brasil**, pergunte se eles conhecem o moçambique, o frevo e o lelê e questione-os se essas danças populares são comuns no local onde vocês vivem. Se possível, mostre vídeos com exemplos de cada uma delas.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

Este é um importante momento para que os estudantes possam ampliar seus conhecimentos sobre formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos e para incentivá-los a assistir presencialmente a essas manifestações, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

## OUTROS TRABALHOS DA BALANGANDANÇA CIA.

VEJA AGORA INFORMAÇÕES SOBRE MAIS ALGUNS ESPETÁCULOS DO **REPERTÓRIO** DA BALANGANDANÇA CIA.

EM **BRINCOS & FOLIAS**, DE 1997, DEPOIS QUE A TELEVISÃO A QUE ESTAVAM ASSISTINDO EXPLODE, OS DANÇARINOS TÊM DE REDESCOBRIR O CORPO E AS BRINCADEIRAS PARA INVENTAR MANEIRAS DIFERENTES DE SE DIVERTIR.

**REPERTÓRIO:**  
CONJUNTO DE OBRAS REALIZADAS POR UM GRUPO MUSICAL, DE TEATRO OU DE DANÇA.



Tha Trindade/Azovo Balangandança Cia.

► CENA DO ESPETÁCULO **BRINCOS & FOLIAS**, DA BALANGANDANÇA CIA., EM SÃO PAULO, SÃO PAULO, 1997.

NO ESPETÁCULO **ENTRANÇAS – DESCOBRINDO E REDESCOBRINDO O BRASIL**, DE 1998, OS BAILARINOS BRINCAM DE CAÇA AO TESOURO. NESSA BUSCA, ENCONTRAM PISTAS QUE OS LEVAM A REDESCOBRIR NOSSO PAÍS POR MEIO DE BRINCADEIRAS E DANÇAS POPULARES, COMO O **MOÇAMBIQUE**, O **FREVO** E O **LELÊ**.

**MOÇAMBIQUE:**  
DANÇA DE ORIGEM AFRICANA EM QUE O RITMO É MARCADO POR BASTÕES QUE SE CHOCAM, SIMULANDO UMA LUTA.

**FREVO:**  
DANÇA CARNAVALESCA QUE SE CARACTERIZA PELA RAPIDEZ DOS PASSOS E PELO ENTUSIASMO DOS DANÇARINOS.

**LELÊ:**  
DANÇA INSPIRADA NAS DANÇAS DE SALÃO EUROPEIAS, EM QUE PARES DE HOMENS E DE MULHERES SE ORGANIZAM EM DUAS FILAS.



Glá Trindade/Azovo Balangandança Cia.

► CENA DO ESPETÁCULO **ENTRANÇAS – DESCOBRINDO E REDESCOBRINDO O BRASIL**, DA BALANGANDANÇA CIA., EM SÃO PAULO, SÃO PAULO, 1998.

76 UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Sites

Para conhecer mais sobre os trabalhos da Balangandança Cia., acesse também o **blog** da companhia, **Dança em jogo**. Se possível, selecione imagens, vídeos e outras informações para compartilhar com os alunos. Disponível em: <<https://dancaemjogo.wordpress.com>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

Para conhecer mais sobre danças populares, como o moçambique, o frevo e o lelê, acesse o **Tesouro de folclore e cultura popular brasileira**, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Disponível em: <[www.cnfcp.gov.br/tesouro/](http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/)>. Acesso em: 23 nov. 2017.

## SOBRE A COMPANHIA

A BALANGANDANÇA CIA. FOI CRIADA EM 1997, NA CIDADE DE SÃO PAULO, POR GEORGIA LENGOS.

O GRUPO É FORMADO POR DANÇARINOS ESPECIALIZADOS EM DIFERENTES PRÁTICAS CORPORAIS E QUE TAMBÉM ATUAM COMO PROFESSORES DE DANÇA.

O OBJETIVO DA COMPANHIA É CRIAR E PRODUZIR DANÇA PARA CRIANÇAS, PARTINDO SEMPRE DA IDEIA DE QUE ELAS SÃO ESPECTADORES EXIGENTES, CRIATIVOS, PARTICIPATIVOS E QUE DEVEM SER RESPEITADOS.



▶ ALGUNS DOS DANÇARINOS DA BALANGANDANÇA CIA. NO ENSAIO DO ESPETÁCULO **ÁLBUM DAS FIGURINHAS**, EM SÃO PAULO, SÃO PAULO, 2013.

### SUGESTÃO DE...

#### SITE

PARA CONHECER UM POUCO MAIS O TRABALHO DA BALANGANDANÇA CIA., VOCÊ PODE VER TRECHOS DE OUTROS ESPETÁCULOS DO GRUPO EM: <http://balangandanca.com.br>. ACESSO EM: 8 DE SETEMBRO DE 2017.

### Sugestão de...

#### Site

Se possível, acesse com os alunos o *site* oficial da companhia para que possam conhecer juntos mais detalhes sobre a história e os trabalhos dela. Disponível em: <http://balangandanca.com.br>. Acesso em: 8 set. 2017.

### Assim também aprendo

Depois de ler o box, peça aos alunos que comentem, entre aquilo que foi estudado, o que mais se destacou no trabalho da Balangandança Cia. Pergunte-lhes: "O que vocês conheceram sobre a companhia?"; "No que os artistas se inspiram?"; "De que forma criam seus trabalhos?"; "O que vocês observaram quando conversamos sobre os espetáculos do grupo?"; "O que vocês aprenderam sobre dança ao estudar o trabalho desse grupo?". Leve em consideração o fato de os artistas valorizarem as brincadeiras infantis. Organize as opiniões da turma em um texto coletivo em um cartaz ou na lousa, fazendo o papel de escriba.

## ASSIM TAMBÉM APRENDO



O QUE VOCÊ ACHOU DO TRABALHO DA BALANGANDANÇA CIA.? CONVERSE COM OS COLEGAS E O PROFESSOR E REGISTRE A OPINIÃO DE VOCÊS SOBRE A OBRA DO GRUPO EM UM TEXTO COLETIVO.

## Ampliando o repertório cultural

### Bia Bedran

Neste momento, propomos a escuta de uma canção que trata das brincadeiras de quintal. Faça uma leitura compartilhada do texto com os alunos. Pergunte se eles já conheciam a artista ou alguma de suas músicas.

Depois, leia a letra da canção para a turma e pergunte quais das brincadeiras mencionadas eles conhecem. Se achar pertinente, combine com os estudantes um momento para realizar uma delas.

Em seguida, proponha a escuta e apreciação da canção. A partitura de **Quintal** está disponível no site oficial da artista, assim como a cifra para violão (Disponível em: <<http://biabedran.com.br/category/musicas>>. Acesso em: 2 out. 2017). Também é possível encontrar o áudio em vários sites. Para pesquisar, digite o nome da canção e da artista na barra de navegação do seu buscador de internet.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

**BNCC** EF15AR13

Ao conhecer a cantora e compositora Bia Bedran e alguns de seus trabalhos, os alunos poderão ampliar seu repertório de formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

## AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL

### BIA BEDRAN

A COMPOSITORA E CANTORA CARIOCA BIA BEDRAN COMPÕE MÚSICAS INFANTIS DIVERTIDAS E DELICADAS.



Paulo Rodrigues/Acervo do fotógrafo

▶ A COMPOSITORA E CANTORA BIA BEDRAN DURANTE APRESENTAÇÃO EM 2008.

A ARTISTA INICIOU SEU TRABALHO COMO INTEGRANTE DO **QUINTAL TEATRO INFANTIL** E DO GRUPO MUSICAL **BLOCO DA PALHOÇA**. EM SUAS APRESENTAÇÕES, ELA MISTURA COMPOSIÇÕES PRÓPRIAS COM RITMOS E GÊNEROS MUSICAIS DO FOLCLORE BRASILEIRO.

ELA TAMBÉM APRESENTOU OS PROGRAMAS **CANTA-CONTO** E **LÁ VEM HISTÓRIA**, NA TV BRASIL DO RIO DE JANEIRO E NA TV CULTURA DE SÃO PAULO.

BIA BEDRAN ESCREVEU VÁRIOS LIVROS E GRAVOU CDS COM HISTÓRIAS POPULARES E CANÇÕES DE SUA AUTORIA. TAMBÉM LANÇOU DVDS GRAVADOS AO VIVO: **HISTÓRIAS DE UM JOÃO DE BARRO**, EM 2007, E **CABEÇA DE VENTO**, EM 2010.

UMA DAS COMPOSIÇÕES DE BIA BEDRAN TRATA DE UM ESPAÇO MUITO ESPECIAL: O QUINTAL! VAMOS CONHECER A LETRA DESSA CANÇÃO?

78

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.



## QUINTAL

**BRINCAR NO QUINTAL  
PARA RENASCER A CRIANÇA  
MOLEQUE LEVADO SACI-PERERÊ...  
QUE QUER ANDAR SOLTO NO MATO,  
MAS VIVE TRANCADO DENTRO DE VOCÊ.**

SAI CORRENDO MUITO LIGEIRO,  
VOA QUE NEM PASSARINHO...  
PIQUE ESCONDE, PIQUE AJUDA,  
PIQUE COLA, PIQUE TÃ,  
NÃO DEIXA NINGUÉM TE PEGAR.

### (REFRÃO)

PULA CORDA ALTO DO CÉU,  
DÁ IMPULSO COM O PÉ NO CHÃO  
UMA VOLTA, OUTRA VOLTA,  
GIRA MUNDO SEM PARAR  
BATE FORTE, CORAÇÃO...

### (REFRÃO)

SAI PROCURANDO UM TESOURO  
ONDE ESTARÁ ESCONDIDO?  
VÊ NO MAPA. HI! CUIDADO!  
TEM PIRATA, ARMADILHA,  
TEM MOCINHO, TEM BANDIDO.

BIA BEDRAN. QUINTAL. IN: \_\_\_\_\_ **COLETÂNEA DE MÚSICAS INFANTIS.**  
[S.L.]: ANGELUS, 1997. 1 CD. FAIXA 15.



Fernando Favoretto/Clar Imagem

VOCÊ CONHECE AS BRINCADEIRAS QUE BIA BEDRAN COLOCOU NA LETRA DE SUA CANÇÃO?

### SUGESTÃO DE...

#### SITE

PARA CONHECER UM POUCO MAIS O TRABALHO DE BIA BEDRAN, VOCÊ PODE VISITAR O *SITE* DA ARTISTA: <<http://biabedran.com.br>>. ACESSO EM: 8 DE SETEMBRO DE 2017.

## Texto complementar

### Bia Bedran

Bia Bedran tornou-se a principal referência brasileira da música infantil que conta histórias e das histórias para crianças que viram cantigas. Graduada em musicoterapia e em educação artística, com mestrado em Ciência da Arte pela UFF, ela conduziu exitosos programas nas tevês Educativa e Cultura, no rádio e segue fazendo palestras e espetáculos musicais e de contação de histórias nos palcos do Brasil.

Em sua obra, Bia Bedran observa e respeita a maneira espontânea como meninas e meninos exploram os sons e as palavras, oferecendo temas diversos e engrandecedores de forma poética e divertida. Cada canção e cada história são compostas por gestos que são sensações e cirandas de afetos, símbolos e memórias.

As palavras, na interpretação de Bia, participam da voz dos sons, enquanto os sons se fazem presentes nos sentidos das palavras, o que faz com que a criança siga sempre uma ideia na satisfação de cantar. É o fato de ser arte como personagem, relação, cenário, paisagem e ambiente que distingue o fluir e o fruir incessante do seu trabalho.

Sempre tão sincera e acessível, a essência que une o cantar e o contar de Bia Bedran desperta emoções e sentimentos que muitas vezes estão apenas esperando estímulos para abraçarem os sons redondos, calorosos e profundos que expressam. Isso acontece porque sua música e seu contar são exemplos de um jeito bem peculiar de ser e de tocar a vida.

PAIVA, Flávio. 40 anos de Bia Bedran. *O Povo*, 12 out. 2016. Disponível em: <[www20.opovo.com.br/app/colunas/flaviopaiva/2016/10/12/noticiasflaviopaiva,3663575/40-anos-de-bia-bedran.shtml](http://www20.opovo.com.br/app/colunas/flaviopaiva/2016/10/12/noticiasflaviopaiva,3663575/40-anos-de-bia-bedran.shtml)>. Acesso em: 23 nov. 2017.

## Terreiros em comunidades quilombolas

Caso algum aluno conheça um quilombo ou more nele, aproveite para convidar um adulto que vive nessa comunidade para ser entrevistado pelas crianças. Além disso, se for possível, leve-as para conhecer esse quilombo.

É preciso ter sempre em mente que os terreiros e comunidades quilombolas são parte da cultura brasileira e, portanto, devem ser respeitados.

### A BNCC nestas páginas

#### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

#### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR09

#### Processos de criação

BNCC EF15AR11

BNCC EF15AR12

#### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de conhecer e valorizar os terreiros e comunidades quilombolas como patrimônios culturais da cultura brasileira de matriz africana. Além disso, poderão: experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança no contexto das brincadeiras; estabelecer relações entre as partes do corpo na construção do movimento dançado; criar e improvisar movimentos dançados de modo coletivo e colaborativo e discutir experiências corporais pessoais e coletivas desenvolvidas em aula.

## TERREIROS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

O **TERREIRO** É UM ESPAÇO MUITO IMPORTANTE PARA AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS.

NESSAS COMUNIDADES VIVEM DESCENDENTES DOS AFRICANOS QUE FORAM TRAZIDOS PARA O BRASIL COMO ESCRAVOS.

ALÉM DE SER O ESPAÇO ONDE ACONTECEM AS FESTAS E OS RITUAIS RELIGIOSOS DOS QUILOMBOS, O TERREIRO TAMBÉM PODE SER O LUGAR DAS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS!

É NESSE ESPAÇO QUE ELAS APRENDEM BRINCADEIRAS E JOGOS E OUVEM HISTÓRIAS CONTADAS PELOS MAIS VELHOS.

**TERREIRO:** EM GERAL, SÃO ÁREAS PLANAS DE TERRA BATIDA. EM VOLTA DELE, FICAM AS CASAS E AS CONSTRUÇÕES DOS QUILOMBOS.



▶ CRIANÇAS BRINCANDO EM TERREIRO NO QUILOMBO CARCARÁ, EM POTENGI, CEARÁ, 2013.

80

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Texto complementar

Os quilombos são áreas ocupadas por comunidades remanescentes dos antigos quilombos e podem ser tanto rurais como urbanos. Em entrevista ao *site* da Fundação Cultural Palmares, a professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB) e pesquisadora da realidade quilombola, Glória Moura, ressalta que:

“os territórios onde vivem esses afro-brasileiros significam mais que simples espaços [...]. A terra, além de garantir a subsistência do grupo, tem importância histórica e cultural, pois é onde acontecem as transmissões dos valores éticos e morais, dos conhecimentos definidos pelas manifestações, pelas tradições e pelo respeito à ancestralidade”.

SOUZA, Daiane. **Comunidades quilombolas: conceito, autodefinição e direitos.** Disponível em: <[www.palmares.gov.br/archives/19099](http://www.palmares.gov.br/archives/19099)>. Acesso em: 14 set. 2017.

# EXPERIMENTAÇÃO

**VAMOS CRIAR DANÇAS COM OS MOVIMENTOS USADOS NAS BRINCADEIRAS DE ESCONDER, CORRER E PULAR? PARA ISSO, FORME UM GRUPO COM TODA A TURMA.**

- 1 DEFINA OS MOVIMENTOS QUE VOCÊ PRETENDE FAZER.
- 2 LEMBRE-SE DE PENSAR TAMBÉM NA DIREÇÃO DOS MOVIMENTOS: PARA CIMA, PARA BAIXO, PARA OS LADOS, ETC.
- 3 DEFINA PREVIAMENTE COM OS COLEGAS E O PROFESSOR A ORDEM DOS MOVIMENTOS: SE VOCÊS VÃO COMEÇAR NO CENTRO DA SALA OU NOS CANTOS E QUANTAS VEZES VÃO REPETIR CADA MOVIMENTO.
- 4 RESERVE UM TEMPO PARA OS ENSAIOS, QUE DEVEM SER COMBINADOS COM O PROFESSOR.
- 5 POR FIM, COM OS COLEGAS, ESCOLHA AS MÚSICAS QUE VÃO ACOMPANHAR AS DANÇAS. SE PREFERIR, AS DANÇAS PODEM SER REALIZADAS SEM MÚSICA.



81

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Leitura complementar

QUEIROZ, Ana Maria Martins. *Um quilombo no terreiro: território e identidade em Manzo Ngunzo Kaiango* – Belo Horizonte/Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Geografia). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 2012. Disponível em: <[www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MPBB-8WGNL/disserta\\_\\_o\\_ana\\_maria.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MPBB-8WGNL/disserta__o_ana_maria.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 5 dez. 2017.

No trabalho, a autora aborda a importância do terreiro para as comunidades quilombolas.

## Experimentação

A proposta é que os alunos criem, em grupo, uma dança inspirada nos movimentos usados nas brincadeiras de esconder, correr e pular. Por ser uma atividade que envolve diferentes saberes, é muito importante que você esteja atento às várias etapas do processo. Nos passos sugeridos aos alunos você encontra orientações para o acompanhamento do trabalho: lembrança e imitação dos movimentos das brincadeiras, definição da coreografia, ensaios, escolha da música e organização da apresentação.

Na composição da coreografia, estimule atitudes que viabilizem o trabalho coletivo, como a cooperação e a prática da escuta e da fala com respeito e atenção.

É importante deixar claro aos alunos que, para criar sua dança, eles deverão recorrer ao conjunto de movimentos cujas características foram estudadas ao longo do capítulo. É interessante que eles relembrem as atividades práticas que realizaram e que procurem se apropriar dos diferentes tipos de movimento de dança para criar suas coreografias. Esses movimentos serão referências importantes para a criação dos alunos.

Se a turma for numerosa, divida-a em grupos menores para facilitar a realização do trabalho.

Para ajudar os estudantes na escolha da música, faça exercícios de escuta e de sensibilização para os ritmos, propondo atividades com palmas ou batidas de pé. Integrar conhecimentos é importante e significativo para a aprendizagem.

Caso o grupo escolha dançar sem música, é possível estabelecer uma referência rítmica para iniciar a dança, com todos batendo palmas ou os pés juntos. Você pode sugerir, por exemplo, que batam palmas por alguns segundos até que todos estejam sincronizados na mesma pulsação. Em seguida, peça que, sem parar de bater palmas, todos movimentem os corpos no ritmo, de um lado para o outro, até que estejam com os movimentos sincronizados. A partir desse entrosamento rítmico, os estudantes podem começar a dançar.

## Experimentação

### Apresentando

Depois da apresentação, organize uma roda de conversa sobre as etapas percorridas para a elaboração da dança. Incentive os estudantes a comparar essa atividade com as atividades práticas que realizaram anteriormente, levantando as diferenças e as semelhanças entre elas. Espera-se que eles observem que a apresentação de uma criação artística pode envolver diferentes linguagens da arte, muitas vezes englobando a dança, as artes visuais e a música. Desenvolver um projeto no qual os saberes das artes não estão fragmentados é uma boa oportunidade de evidenciar e estimular o inter-relacionamento de diferentes expressões.

### Registrando

A proposta de gravação da dança em vídeo é muito importante, pois funciona como um ensaio para a realização do produto final do projeto proposto nesta unidade. Para fazer a gravação, converse com os estudantes sobre como realizar o registro, o que desejam mostrar, de qual ângulo e distância é interessante gravar, como posicionar a câmera, etc.

Depois que o registro for feito, assista à gravação com os alunos e questione-os: "O que vemos na gravação?"; "Conseguimos ver tudo o que se passa?"; "Seria interessante destacar os momentos mais importantes?"; "O que acontece quando movimentamos a câmera ao filmar?". Converse sobre o resultado da gravação com os alunos, para que estejam atentos a esses aspectos no momento de fazerem suas escolhas para a filmagem do documentário, no fim da unidade.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR09

### Processos de criação

BNCC EF15AR11

BNCC EF15AR12

## APRESENTANDO

ORGANIZE COM A TURMA E O PROFESSOR A APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE VOCÊS PARA AS OUTRAS TURMAS DA ESCOLA.

- 1 COMBINE UM DIA E UM HORÁRIO PARA A APRESENTAÇÃO.
- 2 CONVIDE SEUS FAMILIARES E COLEGAS DE OUTRAS TURMAS PARA A APRESENTAÇÃO.
- 3 APRESENTE A DANÇA COM BASTANTE ENTUSIASMO!



## REGISTRANDO

NÃO SE ESQUEÇA DE REGISTRAR A SUA APRESENTAÇÃO!

- 1 O PROFESSOR VAI FILMAR A APRESENTAÇÃO EM VÍDEO E CRIAR UM DVD.
- 2 GUARDE UMA CÓPIA NO PORTFÓLIO!

82

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança no contexto das brincadeiras, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal; estabelecer relações entre as partes do corpo e destas

com o todo corporal na construção do movimento dançado; criar e improvisar movimentos dançados de modo colaborativo, considerando os elementos constitutivos do movimento; discutir experiências corporais pessoais e coletivas desenvolvidas em aula, construindo vocabulários e repertórios próprios.

# O QUE ESTUDAMOS

- A DANÇA É UMA DAS LINGUAGENS DA ARTE.
- O ARTISTA QUE SE EXPRESSA POR MEIO DA DANÇA É O DANÇARINO.
- OS DANÇARINOS USAM SEQUÊNCIAS DE MOVIMENTOS PARA SE EXPRESSAR.
- O ARTISTA QUE CRIA AS SEQUÊNCIAS DE MOVIMENTOS DE UMA DANÇA É O COREÓGRAFO.
- A DANÇA PODE SER INSPIRADA EM MOVIMENTOS QUE FAZEMOS NO DIA A DIA.
- O CORPO HUMANO PARTICIPA ATIVAMENTE DAS BRINCADEIRAS.
- O TRABALHO COM A DANÇA CONTEMPORÂNEA DA BALANGANDANÇA CIA. VALORIZA AS BRINCADEIRAS INFANTIS.
- OS MOVIMENTOS DE DANÇA PODEM TER VÁRIAS DIREÇÕES.



## DICA DE VISITAÇÃO

NO LUGAR ONDE VOCÊ VIVE EXISTE ALGUMA COMPANHIA DE DANÇA QUE PROMOVE ESPETÁCULOS PARA CRIANÇAS? SE SIM, NÃO DEIXE DE VISITÁ-LA COM OS COLEGAS E O PROFESSOR!

## É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO



O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE ESTUDAR NESTE CAPÍTULO? FAÇA UM DESENHO EM UMA FOLHA DE PAPEL SULFITE E GUARDE O REGISTRO NO PORTFÓLIO.

» O QUE ESTUDAMOS

83

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## O que estudamos

Leia com os alunos, no box, a síntese daquilo que foi estudado no capítulo e esclareça possíveis dúvidas. Depois, converse com eles sobre a questão apresentada no box **É hora de retomar o portfólio**. Com base nessa questão e no exame dos trabalhos arquivados no portfólio, incentive-os a refletir sobre seu desempenho nos estudos e a compartilhar as avaliações que fizeram. Faça

uma roda com todos os alunos sentados no chão. Eles podem estar com seus livros, o que os ajudará a se lembrar do que estudaram. Peça a eles que digam aquilo que de mais importante estudaram e aprenderam no capítulo. Por fim, faça um registro coletivo dessa conversa. Em um pedaço grande de cartolina ou papel paraná, vá anotando o que disserem, em tópicos. Depois, promova a leitura coletiva do texto.

## É hora de retomar o portfólio

Antes de orientar os alunos a fazer o desenho proposto, converse com eles sobre o percurso de estudos deste capítulo. Para isso, pergunte: “Depois do que vimos neste capítulo, seu conhecimento acerca da dança mudou?”; “Você ficou satisfeito com as produções artísticas?”; “Quais foram as suas maiores dificuldades?”.

Retome a lista que foi feita no início do bimestre junto com a turma. Assim eles terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado dos alunos analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue os elementos da dança estudados nas apreciações?
- O aluno utiliza elementos constitutivos da dança em suas produções de maneira consciente, mobilizando o repertório corporal?
- O aluno avalia o uso das propriedades da dança em suas produções, reconhecendo as estratégias de construção do movimento?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações com formas distintas de manifestação da dança, na busca de soluções para expressar suas ideias e sentimentos?

Além disso, avalie se o aluno:

- precisa de ajuda para identificar e reconhecer os elementos da dança.
- apresenta facilidade em trabalhar com os diversos elementos constitutivos da dança e suas propriedades, mas ainda precisa de alguma orientação.
- consegue se apropriar e trabalhar com os procedimentos da dança explorados, sem necessidade de supervisão ou acompanhamento direto.
- explora e pesquisa os elementos constitutivos da dança e reconhece suas propriedades, a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos na atividade.

## Unidade 2 – Capítulo 4

### Fazendo de conta: a arte do teatro!

No capítulo 4, continuamos o trabalho com a questão norteadora da unidade: “Brincar é importante?”. Nesse sentido, as propostas se relacionam com jogos teatrais, em especial aqueles próximos ao brincar infantil. Além disso, o capítulo aborda a pantomima literária, um gênero teatral. Trabalhe as atividades cênicas potencializando seu aspecto lúdico, experimental e integrado.

Antes de iniciar o trabalho, resgate com os alunos a lista feita ao final da introdução da unidade e atualize-a. Pergunte a eles se o que foi listado se concretizou e se há outros elementos para adicionar. Retome a questão norteadora do projeto e pergunte o que os alunos imaginam que precisam saber sobre o teatro para respondê-la. Pergunte também o que imaginam que vão estudar partindo do título do capítulo. Sugira, então, alguns itens para compor a lista com a turma:

- Conhecer um ou mais artistas que fazem de conta usando a linguagem teatral.
- Descobrir mais sobre o teatro e seus elementos.
- Experimentar jogos teatrais e improvisações.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que usam o faz de conta.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre o teatro.

### O teatro do Centro Teatral e Etc e Tal

#### Para iniciar

Faça uma leitura coletiva das imagens apresentadas na abertura do capítulo e incentive os estudantes a comentar livremente o que observam. Depois, direcione o olhar dos alunos para alguns aspectos fundamentais das produções teatrais, como as ações que se desenvolvem no espaço cênico, as expressões faciais e a gestualidade dos atores e a maneira que os figurinos e a maquiagem ajudam a caracterizar os personagens.



## FAZENDO DE CONTA: A ARTE DO TEATRO!

### O TEATRO DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL

ATÉ AGORA, VIMOS COMO A ARTE E O BRINCAR PODEM SE UNIR EM UM ESPETÁCULO DE DANÇA, EM UMA MÚSICA OU EM UMA ESCULTURA. VOCÊ ACHA QUE É POSSÍVEL FAZER ISSO COM OUTRAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS? O QUE BRINCADEIRA TEM A VER COM FAZ DE CONTA? É O QUE VAMOS DESCOBRIR A PARTIR DE AGORA!

#### PARA INICIAR

1. VOCÊ JÁ BRINCOU DE FAZ DE CONTA?
2. EM QUE MOMENTOS VOCÊ BRINCA DE FAZ DE CONTA?
3. OS ADULTOS TAMBÉM BRINCAM DE FAZ DE CONTA? QUANDO?
4. OBSERVE AS IMAGENS NESTAS PÁGINAS. O QUE VOCÊ VÊ?
5. O QUE VOCÊ SENTE AO OLHAR PARA ESSAS IMAGENS?
6. O QUE VOCÊ PERCEBE NA EXPRESSÃO FACIAL DO RAPAZ QUE APARECE NAS IMAGENS?



▶ PERSONAGEM DA PEÇA DE TEATRO **VICTOR JAMES**, DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL, COM DIREÇÃO DE ALVARO ASSAD, RIO DE JANEIRO, 2013.

84 UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Conhecer e participar de jogos teatrais.
- Conhecer a pantomima literária.
- Nas brincadeiras, agir “como se”, imitando e criando expressões faciais, gestos, posturas, vocalizações e sons intencionalmente.
- Apreciar obras de arte teatral, em especial da mímica e da comédia.
- Descrever o que vê e sente em relação às obras apreciadas.

NAS IMAGENS, PODEMOS VER OS PERSONAGENS DA PEÇA DE TEATRO **VICTOR JAMES**, DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL. COM SEUS ESPETÁCULOS, ESSE GRUPO BUSCA DIVERTIR O PÚBLICO E FAZÊ-LO DAR MUITAS RISADAS!



▶ PERSONAGENS DA PEÇA DE TEATRO **VICTOR JAMES**, DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL, RIO DE JANEIRO, 2013.

ESSE ESPETÁCULO DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL TRAZ UMA IMPORTANTE REFLEXÃO PARA O PÚBLICO. ELE NOS FAZ PENSAR SOBRE O TEMPO QUE DEDICAMOS AOS BRINQUEDOS ELETRÔNICOS.

E VOCÊ, GOSTA DE SE DIVERTIR E DE GARGALHAR? JÁ PAROU PARA PENSAR SOBRE COMO AS DIFERENTES FORMAS DE BRINCAR FAZEM PARTE DO SEU DIA A DIA?

#### SUGESTÃO DE...

##### VÍDEO

VEJA CENAS DO ESPETÁCULO **VICTOR JAMES** NA INTERNET E CONHEÇA MAIS A OBRA. DISPONÍVEL EM: <[http://youtu.be/Rf4\\_wVYUz4U](http://youtu.be/Rf4_wVYUz4U)>. ACESSO EM: 6 DE SETEMBRO DE 2017.

- Comunicar aos colegas sua leitura, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apresentadas, conhecendo aspectos de sua poética e suas principais obras.
- Compreender os valores estéticos dos artistas que realizaram as obras apreciadas.
- Criar e produzir um teatro de mímica inspirado no trabalho do Centro Teatral e Etc e Tal, de forma a se apropriar dos saberes desse grupo de artistas em suas próprias produções.

## Competências deste capítulo

- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### Linguagem

Teatro.

### Dimensões do conhecimento

Estesia; criação; expressão; fruição; reflexão; crítica.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de reconhecer e apreciar uma manifestação do teatro, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório cultural. Além disso, poderão descobrir teatralidades na vida cotidiana, como em suas brincadeiras, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas, etc.).

## Que obra é essa?

Leia coletivamente o texto e as imagens referentes à peça **Victor James**, representativa do trabalho desenvolvido pelo Centro Teatral e Etc e Tal. Pergunte aos alunos se já viram algum espetáculo teatral e incentive possíveis comparações. Deixe-os manifestar livremente suas impressões e opiniões. Destaque os conceitos apresentados e esclareça dúvidas pontuais.

Aproveite a discussão sobre o enredo da peça para incentivar uma reflexão com a turma sobre os *videogames* e o tempo que muitas crianças costumam dedicar a esse tipo de entretenimento: “O que Victor James mais gosta de fazer?”; “Vocês acham que, na peça, isso é uma coisa boa ou ruim para ele? Por quê?”; “O que será que vai acontecer com ele no fim da história?”. Conscientize os alunos a respeito da exposição que há nos dias de hoje a recursos eletrônicos, como jogos de computador, celular e *videogames*. O excesso de uso dessas tecnologias pode levar a problemas de saúde, como sedentarismo e obesidade, e ao isolamento social. Chame a atenção deles para as outras possibilidades de diversão, como brincar ao ar livre e interagir com outras crianças, e pergunte como eles agem nessas atividades – em quais situações gritam, cochicham, correm, imitam sons e vozes, etc.

## QUE OBRA É ESSA?

A PEÇA **VICTOR JAMES** CONTA A HISTÓRIA DE UM MENINO DE MESMO NOME QUE É APAIXONADO POR *VIDEOGAME*. APAIXONADO ATÉ DEMAIS!

O GAROTO PERMANECE HORAS DIANTE DA TELEVISÃO JOGANDO. ELE NÃO QUER SABER DE COMER, DORMIR, TOMAR BANHO, ESTUDAR, BRINCAR AO AR LIVRE... SEU SONHO É EXPERIMENTAR A SENSÇÃO DE TER OS PODERES DO BONECO-ROBÔ DO *GAME*.

ATÉ QUE, NO DIA DE SEU ANIVERSÁRIO, VICTOR JAMES SE TRANSFORMA EM UM DOS PERSONAGENS VIRTUAIS DO SEU JOGO FAVORITO E VAI PARAR DENTRO DO *VIDEOGAME*!



▶ VICTOR JAMES SE TRANSFORMA EM UM BONECO-ROBÔ DE *VIDEOGAME* NO ESPETÁCULO DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL, RIO DE JANEIRO, 2013.

86

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de reconhecer e apreciar registros fotográficos de uma manifestação do teatro,

cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório cultural. Além disso, poderão descobrir teatralidades na vida cotidiana, como em suas brincadeiras, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas, etc.).



E VOCÊ, JÁ JOGOU VIDEOGAME? GOSTA DESSE TIPO DE BRINCADEIRA?

JÁ SE IMAGINOU VIVENDO AS AVENTURAS DE UM PERSONAGEM DENTRO DE UM JOGO DE VIDEOGAME?

AO SE TRANSFORMAR NO BONECO-ROBÔ DO SEU JOGO DE VIDEOGAME FAVORITO, VICTOR JAMES COMEÇA A SENTIR NA PELE TUDO O QUE O PERSONAGEM VIVIA.

ELE DESCOBRE QUE, APESAR DE TER PODERES, O BONECO-ROBÔ TAMBÉM SENTE MEDO E DOR, SOFRE E SE MACHUCA.

DEPOIS DE SE DAR CONTA DISSO, VICTOR JAMES FINALMENTE COMEÇA A PERCEBER SEUS LIMITES! AFINAL, NÃO DÁ PARA PASSAR O DIA TODO JOGANDO VIDEOGAME, NÃO É MESMO?

#### SUGESTÃO DE...

##### LIVRO

A PEÇA DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL É BASEADA NO LIVRO-POEMA **VICTOR JAMES – O MENINO QUE VIROU ROBÔ DE VIDEOGAME** (RECORD, 2000), DE PAULINHO TAPAJÓS, MÚSICO E ESCRITOR CARIOCA.



## ARTE E GEOGRAFIA

ALGUMAS DAS PREOCUPAÇÕES DA GEOGRAFIA SÃO A CONVIVÊNCIA E AS RELAÇÕES ENTRE AS PESSOAS QUE VIVEM JUNTAS.

UM DOS JEITOS DE CONVIVER E DE SE RELACIONAR É BRINCAR, PRINCIPALMENTE COM AS CRIANÇAS QUE MORAM PERTO DA GENTE.

POR ISSO, AS BRINCADEIRAS INFANTIS TAMBÉM SÃO ESTUDADAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA!

VOCÊ JÁ ESTUDOU JOGOS E BRINCADEIRAS DE DIFERENTES ÉPOCAS E LUGARES NAS AULAS DE GEOGRAFIA? O QUE VOCÊ APRENDEU SOBRE ELAS?

### Sugestão de...

#### Livro

A partir da leitura do box, esclareça aos alunos que a peça **Victor James** foi baseada em um livro-poema. O texto, portanto, precisou ser adaptado para se tornar uma peça teatral, o que só foi possível com o trabalho dos atores, figurinistas, maquiadores e outros profissionais de teatro.

Estimule os estudantes a levantar hipóteses acerca das motivações do grupo ao realizar a montagem do espetáculo **Victor James**. Compreender as motivações e a trajetória de um artista ou grupo de artistas é uma boa maneira de se aprofundar no reconhecimento de sua investigação poética.

## Arte e Geografia

Aproveite o box para perguntar aos alunos se eles conhecem, no lugar onde moram, locais que as pessoas frequentam para brincar e realizar atividades de lazer. Se houver alunos que moram em prédios ou condomínios, pergunte se têm acesso a áreas de lazer e como se dá a convivência nesses ambientes.

Questione se as pessoas frequentam esses lugares com amigos ou familiares, por exemplo. Em seguida, você pode perguntar sobre outros lugares de uso específico e comunitário: "Há lugares onde as pessoas vão fazer atividades físicas?"; "Onde vão passear com os animais de estimação?"; "Onde levam os bebês e as crianças para passear?".

Faça uma sondagem sobre as brincadeiras que eles conhecem que foram ensinadas por pessoas de outras gerações. Se achar pertinente, proponha que façam um levantamento com familiares sobre os lugares em que costumavam brincar na infância e comparem com os lugares onde eles próprios brincam.

## Interdisciplinaridade: Arte e Geografia na BNCC

O modo de vida das crianças em diferentes lugares

BNCC EF01GE02

Situações de convívio em diferentes lugares

BNCC EF01GE03

Por meio das conexões com a Geografia, os alunos poderão observar e estudar os papéis e usos do espaço público para o lazer e diferentes manifestações, bem como identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras de diferentes épocas e lugares.

## Como a obra foi feita?

Para iniciar a discussão, estimule os alunos a explorar as imagens da peça **Victor James** reproduzidas até aqui. Você pode pedir aos estudantes que imaginem que estiveram no espetáculo do grupo e precisam descrevê-lo para um colega. Coloque-se na posição desse colega e vá lançando questões sobre figurino, cenário e outros detalhes mostrados pelas imagens. Espera-se, com isso, instigar a curiosidade dos alunos para olhar de forma mais atenta para as fotos, associando a descrição visual à criatividade. Em seguida, promova a leitura coletiva do texto.

Depois de ler o texto com os alunos e pedir a eles que observem as imagens reproduzidas, pergunte-lhes: "Vocês sabem o que é um ator?"; "Onde costumamos ver atores?"; "Para viver um personagem de uma história, o que um ator deve fazer?"; "Quando olhamos para os atores nestas imagens, conseguimos identificar quais sentimentos estão representando? Por quê?".

A peça **Victor James** é uma pantomima literária. Nessa técnica usada pelo Centro Teatral e Etc e Tal, a história é narrada por um ator, ao mesmo tempo que outro a representa por meio de mímica, explorando gestos, expressões faciais e movimentos. Relacione isso com a ação de contar verbalmente uma história a um colega e quais recursos ela demanda.

Ao conversar sobre o cenário com os alunos, é interessante procurar compreender como ele se relaciona com a temática e a história da peça: "Há algo no cenário que lembra o videogame?"; "O cenário parece um lugar real? Por quê?"; "O que há de mais curioso neste cenário?". Chame a atenção também para os aspectos materiais da cenografia: "Vocês reconhecem com que materiais o cenário foi feito?"; "O que há em comum entre o cenário e os figurinos?".

Discuta os elementos observados nas imagens do espetáculo com os alunos. Pergunte: "Como são as roupas dos personagens?"; "Com que se parecem?"; "Quais são as suas cores?"; "São roupas

## COMO A OBRA FOI FEITA?

PARA APRESENTAR A AVENTURA DE VICTOR JAMES NO MUNDO DOS VIDEOGAMES, O CENTRO TEATRAL E ETC E TAL UTILIZOU A **MÍMICA**.

ISSO SIGNIFICA QUE, COMO NA BRINCADEIRA DE MÍMICA, O ATOR QUE INTERPRETA VICTOR JAMES USA OS MOVIMENTOS CORPORAIS PARA MOSTRAR O QUE ESTÁ ACONTECENDO.



▶ O ATOR QUE INTERPRETA VICTOR JAMES EM CENA NO ESPETÁCULO DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL, RIO DE JANEIRO, 2013.

OBSERVE MAIS ESTA CENA DE VICTOR JAMES:



▶ CENA DA PEÇA **VICTOR JAMES**, DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL, RIO DE JANEIRO, 2013.

88

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

que costumamos usar no dia a dia?"; "Em que lugar estão os personagens?"; "O que esse lugar nos lembra?"; "E as luzes, que efeito elas causam no espectador?", entre outras. Sempre que um aluno manifestar sua opinião, peça que levante o livro e mostre a imagem a que se refere para os colegas.

ALÉM DO PERSONAGEM VICTOR JAMES, HÁ TAMBÉM UMA MULHER QUE PARTICIPA DA PEÇA. VOCÊ TEM ALGUMA IDEIA DE QUAL PODE SER O PAPEL DELA NA PEÇA?

ELA É A **NARRADORA**! ENQUANTO A NARRADORA FALA, O PERSONAGEM VICTOR JAMES INTERPRETA AS CENAS USANDO A MÍMICA.



Miriana Itochi/C&E e Tal. Figurino: Fermanis Sabino; iluminação: Aurelio Orosi; música original: Joaquim do Paula.

► CENA DE **VICTOR JAMES**, PEÇA DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL, RIO DE JANEIRO, 2013.

O QUE VOCÊ ACHOU DO **FIGURINO** DOS PERSONAGENS? E DO CENÁRIO? COMO ELE É? QUE TIPO DE LUGAR OU DE SITUAÇÃO ELE LEMBRA?

◆ **FIGURINO:**  
ROUPAS E  
ADEREÇOS USADOS  
PELOS ATORES.



Miriana Itochi/C&E e Tal. Figurino: Fermanis Sabino; iluminação: Aurelio Orosi; música original: Joaquim do Paula.

► CENÁRIO DA PEÇA **VICTOR JAMES**, DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL, RIO DE JANEIRO, 2013.

### Texto complementar

Em artigo sobre a teoria dos gêneros dramáticos, Jussara Gomes da Silva de Freitas explica que a pantomima pode ser definida como “a expressão de sentimentos e intenções das personagens por meio da expressão corporal e palavras ou murmúrios desconexos”. Assim, “o gesto e a voz são os meios para a construção de uma boa pantomima. Sendo o gesto mais universal que a palavra, é a partir dele que o

teatro toma uma dimensão maior do que se estivesse preso ao diálogo puro”.

FREITAS, Jussara Gomes da Silva. Sobre a teoria dos gêneros dramáticos, segundo Diderot, e sua aproximação da Poética de Aristóteles. **Revista Filogenese**, Marília, v. 4, n. 2, p. 1-13, 2011. Disponível em: <[www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/JussaraGomesdaSilvadeFreitas.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/JussaraGomesdaSilvadeFreitas.pdf)>. Acesso em: 5 dez. 2017.

## Quem faz o teatro acontecer?

Promova a leitura coletiva do texto e das imagens desta página, que trata de algumas profissões relacionadas ao teatro. Deve ficar claro para os estudantes que, para um espetáculo teatral acontecer, há três elementos básicos: o ator, o texto e o público. Se um desses elementos faltar, não há apresentação. No entanto, a composição de uma peça de teatro envolve outros elementos, como a cenografia e o figurino, que contribuem para o desenvolvimento da ação e a compreensão das cenas. Portanto, além dos atores e atrizes, é importante apresentar aos alunos outros profissionais de teatro que não aparecem em cena. Se achar interessante, compartilhe com a turma informações sobre outras profissões teatrais que não foram mencionadas, como camareira, contrarregista, etc.

### O dramaturgo

Quando estiver realizando a leitura, mostre aos alunos a imagem no livro. Pergunte: "O que a pessoa retratada na ilustração está fazendo?"; "O que vocês acham que ele está escrevendo?"; "De onde vêm as ideias que nos ajudam a escrever uma história?"; "De onde mais pode vir a ideia para uma história?". Para que as crianças criem hipóteses acerca do trabalho do dramaturgo, é preciso que elas pensem sobre as várias inspirações que podem dar origem a uma peça teatral: experiências vividas, imaginação, observação do mundo, histórias que já existem, etc.; além de improvisações que podem ser realizadas pelos atores.

### O ator

Peça que observem a imagem no livro. Pergunte: "Vocês sabem o que é um ator?"; "Onde costumamos ver atores e atrizes?"; "Vocês já viram atores e atrizes na televisão, nos filmes ou no teatro?"; "Para viver o personagem de uma história, o que um ator deve fazer?"; "Quando olhamos para os atores nessa imagem, conseguimos identificar quais sentimentos eles estão representando?"

## QUEM FAZ O TEATRO ACONTECER?

VOCÊ VIU QUE NA PEÇA TEATRAL **VICTOR JAMES** HÁ CENÁRIOS, FIGURINO E ATORES EM CENA. VAMOS CONHECER UM POUCO MAIS DO QUE É NECESSÁRIO PARA QUE UMA PEÇA ACONTEÇA?

### O DRAMATURGO

BOA PARTE DAS PEÇAS DE TEATRO PODE SER ESCRITA POR UM DRAMATURGO, ALGUÉM QUE CRIA A HISTÓRIA E OS PERSONAGENS DELA. O DRAMATURGO, NESSE CASO, É O INVENTOR DO FAZ DE CONTA!

VOCÊ JÁ INVENTOU UMA HISTÓRIA E BRINCOU DE FAZ DE CONTA COM ELA? O QUE ACHOU?



### O ATOR

TODA PEÇA DE TEATRO TEM ATORES QUE INTERPRETAM OS **PERSONAGENS** CRIADOS PELO DRAMATURGO. COM ELES, O FAZ DE

CONTA ACONTECE!

VOCÊ JÁ FEZ DE CONTA QUE ERA UM ATOR OU UMA ATRIZ EM UMA PEÇA DE TEATRO? O QUE SENTIU?



**PERSONAGEM:**  
QUEM UM ATOR OU UMA ATRIZ REPRESENTA.

Por quê?". Os alunos devem relacionar as expressões dos atores ilustrados com o sentimento que transmitem ao representar o personagem.

Comente com eles que o trabalho do ator na televisão, nos filmes e no teatro é diferente. No teatro, por exemplo, onde existe uma plateia, é preciso projetar mais a voz para que o público ouça, porque muitas ve-

zes não há captação de som. Na TV e no cinema é preciso considerar a câmera e os enquadramentos, que podem evidenciar expressões faciais, por exemplo (e que por isso precisam ser bem trabalhadas, para transmitir o que foi imaginado); além dos efeitos que podem ser utilizados, para além da maquiagem e da caracterização (também presentes no teatro).

## ATIVIDADE PRÁTICA

QUE TAL PARTICIPAR DE JOGOS TEATRAIS? VAMOS MOSTRAR DUAS AÇÕES AO MESMO TEMPO!

- 1 EM UMA TIRA DE PAPEL, DESENHE UMA SITUAÇÃO INCÔMODA. PODE SER UMA COCEIRA NAS COSTAS OU MUITA VONTADE DE IR AO BANHEIRO, POR EXEMPLO.
- 2 EM OUTRA TIRA DE PAPEL, DESENHE UMA AÇÃO DO SEU DIA A DIA, COMO TOMAR BANHO OU ESCOVAR OS DENTES.
- 3 O PROFESSOR VAI PASSAR DUAS CAIXAS PARA RECOLHER AS TIRAS DE PAPEL: UMA CAIXA PARA AS SITUAÇÕES INCÔMODAS E OUTRA CAIXA PARA AS AÇÕES DO DIA A DIA.
- 4 NA SUA VEZ, ESCOLHA UMA TIRA DE PAPEL DE CADA UMA DAS CAIXAS.
- 5 AGORA, IMAGINE COMO É SENTIR A COCEIRA NAS COSTAS ENQUANTO ESCOVA OS DENTES!
- 6 VÁ ATÉ O CENTRO DA SALA E MOSTRE PARA O PROFESSOR E OS COLEGAS AS DUAS AÇÕES AO MESMO TEMPO.



Ilustrações: Janna Resende/Arquivo da editora

## Atividade prática

Os **jogos teatrais** são práticas baseadas em estruturas de jogo e de improvisação teatral, que podem ser utilizados no aprendizado do teatro, seja de enfoque dramático (a partir de textos de teatro), seja criando cenas, esboços ou improvisações.

Os jogos deste capítulo podem ser realizados com algumas variações nos temas, para que se tornem uma prática recorrente dos alunos. Lembre-se de que é importante garantir espaços adequados para a sua realização, sem obstáculos e com o chão limpo.

Inicialmente, organize uma roda de conversa e estimule os alunos a relatar alguma brincadeira ou jogo de representação que conheçam, como “casinha”, “escolinha”, etc. Apresente a eles algumas imagens que mostrem os personagens envolvidos nessas brincadeiras e pergunte se já encarnaram alguns desses papéis. O compartilhamento dessas vivências permitirá que reconheçam a atividade proposta como um jogo de representação. Ressalte que o importante nesse tipo de atividade é entender as regras do jogo e se concentrar na parceria com os colegas, bem como perceber que o prazer e a diversão estão integrados à produção artística.

Providencie duas caixas de sapatos com as etiquetas “Incômodos” e “Ações do dia a dia” para recolher as tiras de papel nas quais os estudantes vão desenhar. Para isso, os incômodos devem ser condições, obstáculos ou limitações que dificultem a realização das ações do dia a dia, como um peso amarrado a uma parte do corpo, uma sensação climática extrema (muito frio ou muito calor), etc. Antes de começar a atividade, converse com os alunos sobre exemplos de incômodos, para que eles possam ter suas próprias ideias.

▶ CAPÍTULO 4 91

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

Processos de criação

BNCC EF15AR21 BNCC EF15AR22

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de reconhecer e apreciar o jogo

teatral como uma forma de manifestação do teatro, aprendendo a ver e ouvir histórias dramatizadas cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional. Dessa forma, poderão identificar teatralidades na vida cotidiana, como em seus jogos e brincadeiras.

Além disso, poderão exercitar a imitação e o faz de conta, experimentando as possibilidades criativas do corpo e da voz.

## O figurinista e o maquiador

Depois de ler o texto e a imagem, faça perguntas aos alunos a respeito de figurino e maquiagem: “Como são as roupas das pessoas na ilustração?”; “Existem roupas típicas de certas profissões e pessoas?”; “Vocês acham que a caracterização é importante para entendermos quem é o personagem de uma história?”. Comente que a caracterização dos personagens facilita a identificação do papel interpretado pelos atores nas peças de teatro.

O figurino auxilia na compreensão dos personagens, ressaltando suas características físicas, psicológicas e de caráter. Compõe-se de vestimentas, fantasias ou adereços que os atores usam em cena, sob responsabilidade do figurinista, que cria os croquis (desenhos) que darão origem ao figurino. Na caracterização dos personagens, também tem papel importante o maquiador, responsável por transformar a estética dos atores em conjunto com o figurino. Comente que o figurino e a maquiagem são áreas de especialidade das artes cênicas.

## O cenógrafo e o sonoplasta

Leia com os alunos o texto e a imagem e explique que o trabalho do cenógrafo é criar cenários capazes de ambientar a peça, permitindo ao público identificar o lugar e o tempo em que a ação se desenrola – se forem determinados. Portanto, a cenografia não é um elemento meramente decorativo – ela tem a função de situar o espectador. Converse com a turma a respeito do que é um cenário, remetendo os alunos a uma história que eles conheçam, por exemplo: “Onde se passa a história da Chapeuzinho Vermelho?”; “Qual o cenário dessa história?”; “Que elementos poderiam ajudar a construir o cenário para uma peça da Chapeuzinho Vermelho?”.

Já o sonoplasta é quem cria e/ou executa a trilha e os efeitos sonoros que integram o espetáculo: a trilha pode ser executada com uma gravação prévia ou ao vivo, com músicos e instrumentos, e sua função é acompanhar a ação envolvendo o espectador no clima das cenas; os efeitos sonoros ajudam a caracterizar o ambiente e os

## O FIGURINISTA E O MAQUIADOR

O FIGURINISTA ESCOLHE OU CRIA AS ROUPAS E OS ACESSÓRIOS QUE OS ATORES DEVEM USAR.

JÁ O MAQUIADOR É RESPONSÁVEL PELA PINTURA DO ROSTO E, QUANDO NECESSÁRIO, DO CORPO DOS ATORES.

JUNTOS, FIGURINISTA E MAQUIADOR AJUDAM A COMPOR A **CARACTERIZAÇÃO** DOS PERSONAGENS DE UMA PEÇA DE TEATRO.

VOCÊ GOSTA DE SE FANTASIAR? EM QUE SITUAÇÃO VOCÊ JÁ FEZ ISSO?

**CARACTERIZAÇÃO:** MODIFICAÇÕES FEITAS NO CORPO E NO ROSTO DOS ATORES, USANDO FIGURINO E MAQUIAGEM, PARA TRANSFORMÁ-LOS EM PERSONAGENS.



## O CENÓGRAFO E O SONOPLASTA

O CENÓGRAFO CRIA O CENÁRIO DA PEÇA. SUA IMAGINAÇÃO NOS TRANSPORTA PARA OUTROS LUGARES.



VOCÊ JÁ EXPERIMENTOU DECORAR O ESPAÇO DE SUAS BRINCADEIRAS? QUE MATERIAIS VOCÊ UTILIZOU PARA FAZER ISSO?

O SONOPLASTA É RESPONSÁVEL PELOS EFEITOS DE SOM. ELE TAMBÉM ESCOLHE AS MÚSICAS QUE PODEM TORNAR UMA PEÇA DE TEATRO ENVOLVENTE.

acontecimentos, com os sons necessários para cada situação (como o toque de um sino, o barulho da chuva, etc.). Pergunte aos alunos: “Como a música pode influenciar na interpretação dos atores?”; “A música usada em uma peça de teatro pode nos fazer sentir emoções? Por quê?”; “Os efeitos sonoros usados em uma peça de teatro ajudam ou prejudicam a contação da história? Por quê?”.

Aproveite para comentar com os estudantes que outro elemento importante na com-

posição do espetáculo teatral é a iluminação. Ela tem, entre suas funções, iluminar a cena para que a plateia a veja, delimitar o espaço de encenação, criar um ambiente específico, enfatizar as expressões do ator e até criar um diálogo visual. O responsável pela iluminação é o iluminador. Se achar pertinente, retorne às imagens da peça **Victor James** para que os alunos tentem identificar as luzes e as cores delas.

## ATIVIDADE PRÁTICA

### QUE TAL BRINCAR COM BOLAS ESPECIAIS?

- 1 COM OS COLEGAS, ORGANIZE UMA GRANDE RODA.
- 2 O PROFESSOR VAI ENTREGAR ALGUMAS BOLAS DE TAMANHOS, FORMATOS E MATERIAIS DIFERENTES. MAS ATENÇÃO: ESSAS BOLAS SÃO ESPECIAIS!



- 3 ESCUTE COM CUIDADO AS CARACTERÍSTICAS QUE O PROFESSOR VAI ATRIBUIR A CADA UMA DAS BOLAS. POR EXEMPLO: "A BOLA DE MEIA PESA 100 QUILOS!"; "A BOLA DE FUTEBOL ESTÁ PEGANDO FOGO!".
- 4 QUEM ESTIVER COM A BOLA DEVE SE COMPORTAR COMO SE A CARACTERÍSTICA ATRIBUÍDA A ELA FOSSE REAL.
- 5 PASSE A BOLA PARA UM DOS COLEGAS DA RODA, QUE TAMBÉM DEVE FAZER DE CONTA, USANDO O CORPO, QUE A CARACTERÍSTICA ATRIBUÍDA A CADA BOLA É REAL.
- 6 OS PASSES DEVEM CONTINUAR ENTRE TODOS OS COLEGAS DA RODA, SEM QUE AS BOLAS CAIAM NO CHÃO.



## Atividade prática

Para realizar esta atividade, peça a ajuda do professor de Educação Física para conseguir algumas das bolas necessárias. Se sua classe for numerosa, você pode usar a quadra de esportes da escola ou o pátio para realizar a brincadeira.

Leve materiais para a sala de aula para fazer as bolas (meias e retalhos de tecido, por exemplo). Pense em características que alterem peso, forma, tamanho, densidade, textura e temperatura das bolas: grande, pequena, pesada, leve, mole, áspera, espinhosa, lisa, escorregadia, quente, líquida, congelada, etc. Ajude os alunos a interpretar a passagem das bolas conforme as características atribuídas a elas, estimulando-os a usar a imaginação.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

### Processos de criação

BNCC EF15AR21

BNCC EF15AR22

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de reconhecer e apreciar o jogo teatral como uma forma de manifestação do teatro, aprendendo a ver e ouvir histórias dramatizadas cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional. Além disso, poderão exercitar a imitação e o faz de conta, experimentando as possibilidades criativas do corpo e da voz.

## O diretor

Para discutir com os alunos a função do diretor de teatro, converse com eles sobre situações em que um grupo precisa da orientação de uma pessoa. Pergunte: “Em um time esportivo, quem é a pessoa que orienta os jogadores?”; “Em um ensaio de quadrilha, quem é a pessoa que organiza a apresentação?”; etc.

## O público

Converse com os alunos sobre o papel do público no teatro. Pergunte a eles se já fizeram parte de uma plateia: “Como é assistir a uma peça de teatro?”; “O que fazemos quando assistimos a uma peça?”; “Por que aplaudimos ao final de um espetáculo?”. No fim da conversa, destaque a importância da plateia para a valorização do trabalho dos profissionais de teatro, afinal, as peças precisam de público!

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

### Processos de criação

BNCC EF15AR22

Ao remeter os estudantes à comparação com os contextos referidos para que pensem acerca do papel do diretor teatral, eles poderão, também, identificar teatralidades na vida cotidiana (particularmente em suas brincadeiras, jogos e manifestações culturais), identificando elementos teatrais como entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas, etc.

Além disso, os alunos poderão experimentar as possibilidades criativas do corpo e da voz.

## O DIRETOR

TODA PEÇA DE TEATRO TEM UM DIRETOR, ALGUÉM QUE ORIENTA OS ATORES E OS PROFISSIONAIS TÉCNICOS.



VOCÊ JÁ COMANDOU UMA BRINCADEIRA? COMO FOI ESSA EXPERIÊNCIA?

## O PÚBLICO

O PÚBLICO É UMA DAS PARTES MAIS IMPORTANTES DO TEATRO. TODO O PROCESSO DE CRIAÇÃO E DE PRODUÇÃO DE UMA PEÇA SÓ FAZ SENTIDO QUANDO HÁ ESPECTADORES. SEM ELES, NÃO EXISTIRIAM OS APLAUSOS.

VOCÊ JÁ FOI AO TEATRO? O QUE ACHOU DESSA EXPERIÊNCIA?





## ATIVIDADE PRÁTICA

AGORA, VAMOS MONTAR UMA ORQUESTRA COM O CORPO.

- 1 ESCOLHA UM INSTRUMENTO MUSICAL.
- 2 DEPOIS, USE O SEU CORPO PARA "CONSTRUIR" ESSE INSTRUMENTO.
- 3 IMAGINE COMO FICARIAM SEUS BRAÇOS E SUA BARRIGA, CASO VOCÊ FOSSE UM VIOLÃO, POR EXEMPLO. SE ESSE VIOLÃO VIVESSE, QUAL SERIA A "VOZ" DELE?
- 4 COM OS COLEGAS DO GRUPO, TENDE TOCAR UMA MÚSICA, COMO EM UMA ORQUESTRA. USE A VOZ PARA IMITAR O SOM DO INSTRUMENTO ESCOLHIDO.



- 5 PARA CADA SOM, FAÇA UM MOVIMENTO DIFERENTE COM O CORPO.
- 6 COM O SEU GRUPO, ESCOLHA UM MAESTRO PARA COMANDAR A ORQUESTRA!

## Atividade prática

Para realizar a atividade da orquestra, organize a sala em pequenos grupos com três ou quatro alunos. Traga imagens de diversos instrumentos e, se possível, pesquise os sons de alguns deles na internet, para reproduzir aos alunos. Pergunte a cada criança: "Como é o instrumento que você escolheu?"; "Que som ele faz?". Antes de se imaginar como instrumentos, os estudantes podem fazer desenhos e esboços de suas ideias. Em seguida, organize um pequeno ensaio e a apresentação final de cada grupo.

## Sugestão de atividade complementar

### Esporte de faz de conta

Nesta atividade, os alunos vão usar a imaginação para simular práticas esportivas, seus movimentos, equipamentos e acessórios. Em uma partida de basquete, por exemplo, bola e cesta seriam imaginárias, bem como os movimentos de lançamento que os jogadores realizam. Siga as instruções abaixo. Se achar interessante, esta atividade também pode ser realizada na quadra de esportes ou no pátio da escola.

1. Divida a turma em dois grupos.
2. Oriente os alunos a escolher um esporte para cada partida. Incentive-os a escolher esportes diferentes, explorando os tipos de movimento e o uso de acessórios.
3. Selecione vídeos de diferentes esportes na internet e apresente para a turma. Peça aos estudantes que observem atentamente os atletas, para que possam imitar seus movimentos durante a prática.
4. Incentive os alunos a explorar a imaginação a cada esporte escolhido, para que a brincadeira fique bem divertida.

## Outros trabalhos do Centro Teatral e Etc e Tal

Leia com os alunos o texto e as imagens que apresentam um pouco do repertório do Centro Teatral e Etc e Tal. Pergunte-lhes: “Que histórias os outros espetáculos do grupo contam?”; “Vocês conhecem essas histórias?”; “Já assistiram a alguma delas?”; “O que vocês veem nas imagens?”; “Como são os figurinos?”; “E os cenários?”. Deixe que se expressem livremente, conduzindo a apreciação de modo que eles identifiquem os elementos que comprovem suas hipóteses.

Explique aos alunos que o título da peça **¿Branca de Neve?** é iniciado por um ponto de interrogação invertido (¿). Esse sinal é utilizado na língua espanhola para sinalizar ao leitor que o texto que se segue é uma pergunta. Se achar conveniente, deixe que os alunos levantem hipóteses para o uso da interrogação nesse título. Uma possibilidade é que o enredo da peça se desvia da história tradicional de Branca de Neve, explorando outras versões do conto e causando surpresa no público.

## OUTROS TRABALHOS DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL

O CENTRO TEATRAL E ETC E TAL TEM MUITAS PEÇAS EM SEU REPERTÓRIO. VAMOS CONHECER ALGUMAS DELAS?

NA PEÇA **¿BRANCA DE NEVE?**, O GRUPO APRESENTA A HISTÓRIA DA FAMOSA PRINCESA POR MEIO DE MÍMICA E DE UMA TRILHA SONORA EMPOLGANTE! VOCÊ CONHECE ESSE CONTO DE FADAS?



► CENA DA PEÇA **¿BRANCA DE NEVE?**, DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL, RIO DE JANEIRO, 2013.

JÁ NO ESPETÁCULO **NO BURACO**, OS ATORES SE APRESENTAM ATRÁS DE UM BIOMBO DE 1 METRO DE ALTURA E 7 METROS DE COMPRIMENTO! COM MÍMICA, O GRUPO CONTA CINCO HISTÓRIAS DIFERENTES.



► CENA DA PEÇA **NO BURACO**, DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL, RIO DE JANEIRO, 2004.

## SOBRE O GRUPO

O CENTRO TEATRAL E ETC E TAL NASCEU NO RIO DE JANEIRO, EM 1993. É FORMADO PELO TRIO DE CÔMICOS ALVARO ASSAD, MARCIO MOURA E MELISSA TELES-LÔBO.

ATUALMENTE, ELES CRIAM E PROMOVEM ESPETÁCULOS PARA CRIANÇAS E ADULTOS, UNINDO TEATRO, MÍMICA E HUMOR.

O GRUPO JÁ PERCORREU MUITOS PAÍSES COM SEUS ESPETÁCULOS E GANHOU DIVERSOS PRÊMIOS INTERNACIONAIS.

Fotos: Ricardo Gabriel/Cia Etc e Tal



► O TRIO (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) ALVARO ASSAD, MARCIO MOURA E MELISSA TELES-LÔBO.

### SUGESTÃO DE...

#### SITE

VISITE A PÁGINA DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL NA INTERNET E CONHEÇA MAIS SUA OBRA. DISPONÍVEL EM: <[www.etcetal.art.br](http://www.etcetal.art.br)>. ACESSO EM: 12 DE SETEMBRO DE 2017.

## ASSIM TAMBÉM APRENDO



O QUE VOCÊ ACHOU DO TRABALHO DO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL? CONVERSE COM OS COLEGAS E COM O PROFESSOR E DÊ SUA OPINIÃO SOBRE AS OBRAS DO GRUPO.

► CAPÍTULO +

97

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Assim também aprendo

Nesta conversa, retome o que os alunos aprenderam no começo do capítulo sobre quem faz o teatro acontecer. Assim, eles podem elaborar seus comentários com base nesses conhecimentos. Se achar necessário, peça que revejam as atividades realizadas até agora.

Após a leitura do boxe **Sobre o grupo**, pergunte-lhes: “Como são as histórias das peças desse grupo?”; “Como você imagina o trabalho de criação dessas histórias pelos autores?”; “O que vocês acharam dos cenários e figurinos que viram?”; “Como é a maquiagem dos atores?”; “O que vocês perceberam sobre isso?”. Se possível, acessem o *site* indicado nesta página para que a turma possa conhecer novas informações sobre a companhia. Depois da conversa, crie um texto coletivo na lousa com as ideias dos alunos e peça a eles que arquivem uma cópia nos respectivos portfólios.

## ■ A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Ao rever e aprofundar os estudos sobre os trabalhos do Centro Teatral e Etc e Tal, os alunos poderão ampliar seus repertórios para reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos (ainda que de um mesmo grupo teatral), aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

## Ampliando o repertório cultural

### Exposição A era dos games

Proponha a apreciação das imagens da exposição **A era dos games**. Estimule os alunos a expressar o que sentem ao ver as fotografias, explorando sua subjetividade como observadores. Na idade em que estão, os estudantes ainda não reconhecem o papel dos sistemas de legitimação da arte – como universidades, crítica, museus e galerias – e sua compreensão está muito mais baseada na própria apreciação do que nas construções sociais. Dessa forma, apesar de poderem eventualmente reconhecer as diferenças entre uma exposição de obras de arte e uma de videogames, não necessariamente eles apontarão para o estranhamento dessa situação.

Deixe que falem sobre suas experiências com o universo do videogame. Pode ser que os alunos de sua turma não tenham acesso a esse e a outros tipos de brinquedos eletrônicos. Nesse caso, peça que compartilhem aquilo que sabem ou já ouviram falar sobre essas brincadeiras. Retome a discussão sobre os brinquedos e brincadeiras das gerações mais velhas e sobre as diferentes formas de brincar ao longo do tempo. Associe essa conversa à questão central da unidade: a importância do brincar.

## AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL

### EXPOSIÇÃO A ERA DOS GAMES

**A ERA DOS GAMES** É O NOME DE UMA EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELO CENTRO DE ARTES BARBICAN, DE LONDRES, COM **CURADORIA** DO INGLÊS PATRICK MORAN. PARA ELE, O **VIDEOGAME** É UMA FORMA DE ARTE, POIS NOS ENCANTA E DIVERTE.

NO ANO DE 2017, ESSA EXPOSIÇÃO JÁ TINHA PERCORRIDO 26 PAÍSES, INCLUINDO O BRASIL.

AO VISITÁ-LA, O PÚBLICO PÔDE CONHECER VÁRIOS JOGOS ELETRÔNICOS CRIADOS NOS ÚLTIMOS 60 ANOS, QUE DIVERTIRAM E AINDA DIVERTEM MUITA GENTE!

#### CURADORIA:

AÇÃO DE ESCOLHER ARTISTAS E OBRAS PARA UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE. QUEM FAZ A CURADORIA É O **CURADOR**.



▶ IMAGENS DE JOGOS E DE EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS EXIBIDOS NA EXPOSIÇÃO **A ERA DOS GAMES**, SÃO PAULO, 2017.

OS ORGANIZADORES DA EXPOSIÇÃO ACREDITAM QUE OS VIDEOGAMES MUDARAM O MODO COMO AS CRIANÇAS BRINCAM E A NOSSA CULTURA.

O QUE VOCÊ SENTE AO VER ESSAS IMAGENS? COMO VOCÊ ACHA QUE ERA O MUNDO ANTES DOS VIDEOGAMES?

## UMA BRINCADEIRA AFRICANA

OS BRINQUEDOS INDUSTRIALIZADOS, OS VIDEOGAMES E OUTROS JOGOS ELETRÔNICOS SÃO COMUNS NO COTIDIANO DE MUITAS CRIANÇAS.

MAS, COMO JÁ VIMOS, EXISTEM BRINCADEIRAS E JOGOS TRADICIONAIS, CRIADOS HÁ MUITO TEMPO, QUE SÃO DIVERTIDOS ATÉ HOJE! E ELAS EXISTEM NO MUNDO TODO!

VAMOS CONHECER UMA BRINCADEIRA QUE SURTIU NA ÁFRICA?

O MBUBE-MBUBE É UMA BRINCADEIRA PARECIDA COM A CABRA-CEGA. NELA, O LEÃO PERSEGUE UMA PRESA, QUE DEVE SE PROTEGER PARA NÃO SER ALCANÇADA.

O NOME “MBUBE-MBUBE” VEM DE “IMBUBE”, UMA DAS PALAVRAS USADAS PARA DIZER “LEÃO” NA LÍNGUA **ZULU**.

O PROFESSOR VAI EXPLICAR COMO BRINCAR.

**ZULU:**  
LÍNGUA FALADA PELO POVO ZULU, QUE HABITA VÁRIOS PAÍSES, COMO ÁFRICA DO SUL E MOÇAMBIQUE.



▶ CRIANÇAS ESTADUNIDENSES BRINCANDO DE MBUBE-MBUBE, EM 2016.

▶ CAPÍTULO 4 99

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Uma brincadeira africana

Ao propor que os alunos brinquem de **Mbube-mbube**, lembre-se de que sua mediação será importante para esclarecer as regras do jogo e para orientar a turma na resolução de conflitos, caso ocorram. Principalmente em jogos coletivos, cabe ao professor lembrar aos estudantes as regras da brincadeira e utilizá-las como referência para mediar possíveis desencontros.

### Como brincar

1. Os participantes se organizam em um grande círculo e escolhem dois jogadores: um para ser o leão e outro para ser a caça (definem coletivamente a espécie do animal).
2. Com os olhos vendados, o leão e o outro animal são levados para o centro da roda. Combinem o tempo que eles vão ficar de olhos vendados.
3. O leão e a caça são avisados de que estão cercados pelos participantes e que devem se mover dentro da roda – o leão para pegar a caça e a caça para fugir do leão.
4. Ao seu sinal, a turma começa a brincadeira: o leão e a caça se movem dentro da roda e os colegas ao redor chamam o leão, dizendo “mbube-mbube” (imbube, imbube).
5. Quando o leão está longe do animal perseguido, todos dizem “mbube-mbube” bem baixinho e devagar; quanto mais o leão se aproxima da caça, falam “mbube-mbube” mais alto e bem rápido.
6. Se o leão não pegar a presa no tempo combinado, ele deverá ser trocado por outro participante da roda. Se pegar, a presa é que será trocada.

## ▶ A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

**BNCC** EF15AR19

### Matrizes estéticas culturais

**BNCC** EF15AR24

Neste momento, os alunos poderão descobrir outras teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (entonações

de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas, etc.) nas variadas brincadeiras que forem levantadas.

Além disso, os estudantes terão oportunidade de experimentar uma brincadeira proveniente de outra matriz estética e cultural.

## Experimentação

Por meio da experimentação, procuramos oferecer aos estudantes a oportunidade de realizar uma obra própria, inspirando-se nas ideias e nos procedimentos de um dos espetáculos do Centro de Teatro e Etc e Tal.

Oriente-os para que trabalhem em pequenos grupos e auxilie-os na escolha dos textos. Traga referências de poemas, contos ou peças teatrais adequadas à faixa etária. Uma possibilidade é utilizar textos que já tenham sido trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa. Seria interessante que os textos abordassem, de alguma forma, a temática das brincadeiras. Você pode sugerir à classe que opte por um único texto. Assim, cada grupo vai interpretar um trecho diferente e a peça será construída coletivamente.






Dirija os espetáculos e auxilie os estudantes a sincronizar a narração com a mímica (ensaie com eles o quanto for necessário, mas também incentive a espontaneidade e acolha a livre criação). Junte a turma toda para criar o cenário, caso a apresentação seja realizada com um único texto, e providencie os materiais necessários para a montagem. Converse com os alunos e deixe que todos participem da sua confecção.

No dia da apresentação, organize as crianças distribuindo as diversas tarefas para que cada uma colabore da maneira que se sentir mais confortável. Depois, peça a ajuda delas para organizar as cartelas de frente para o cenário, de forma que simulem uma plateia de teatro. Caso seja pertinente, traga músicas para compor uma trilha sonora para as cenas. Depois que todos os convidados estiverem acomodados, a apresentação pode começar.

Lembre-se de que o principal instrumento de avaliação em Arte é o portfólio, que nada mais é do que um registro regular e organizado das experiências vividas durante as aulas. Para mais orientações sobre o uso desse instrumento, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

# EXPERIMENTAÇÃO


 VAMOS CRIAR UMA CENA USANDO MÍMICA E NARRAÇÃO AO MESMO TEMPO?

-  FORME UM GRUPO COM QUATRO COLEGAS.
-  COM A AJUDA DO PROFESSOR E DOS COLEGAS, ESCOLHA UM TEXTO PARA SER INTERPRETADO.
-  DECIDA COM SEU GRUPO QUEM SERÁ O NARRADOR. OS OUTROS COLEGAS SERÃO OS ATORES. LEMBRE-SE DE QUE O NARRADOR DEVE CONTAR A HISTÓRIA ENQUANTO OS ATORES A INTERPRETAM POR MEIO DA MÍMICA.
-  ENSAIE BEM O TEXTO. ESSA ETAPA É MUITO IMPORTANTE PARA A APRESENTAÇÃO!
-  COM A AJUDA DO PROFESSOR, VOCÊ E SEU GRUPO TAMBÉM VÃO MONTAR O CENÁRIO PARA A APRESENTAÇÃO.

### MATERIAL NECESSÁRIO

- PAPEL PARANÁ
- PAPÉIS COLORIDOS
- RETALHOS DE TECIDO
- COLA BRANCA
- TESOURA COM PONTAS ARREDONDADAS

## APRESENTANDO

 COM O PROFESSOR, PLANEJE A APRESENTAÇÃO DA CENA. CONVIDE OS COLEGAS DA ESCOLA, OS PROFESSORES, OS FAMILIARES E A COMUNIDADE ESCOLAR!

## REGISTRANDO

 DEPOIS DA APRESENTAÇÃO, FAÇA UM DESENHO DE MEMÓRIA DO QUE FOI VIVIDO PARA GUARDAR EM SEU PORTFÓLIO.

100

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Processos de criação

BNCC EF15AR22

A proposta da experimentação é importante para que vivenciem as possibilidades criativas do corpo (para quem estiver atuando) e da voz (para quem for o narrador), estimulando sua autonomia como produtores e como autores de seus trabalhos artísticos.

# O QUE ESTUDAMOS

- O TEATRO É UMA DAS LINGUAGENS DA ARTE.
- OS ARTISTAS DE TEATRO FAZEM DE CONTA.
- HÁ DIVERSAS PROFISSÕES LIGADAS AO TEATRO.
- O TEATRO NÃO EXISTE SEM O PÚBLICO.
- A PEÇA **VICTOR JAMES** NOS FAZ REFLETIR SOBRE UM BRINQUEDO ELETRÔNICO, O *VIDEOGAME*.
- O GRUPO CENTRO TEATRAL E ETC E TAL UTILIZA UMA TÉCNICA EM QUE UM ATOR NARRA UMA HISTÓRIA ENQUANTO OUTRO A INTERPRETA POR MEIO DE MÍMICA.
- NA EXPOSIÇÃO **A ERA DOS GAMES**, O *VIDEOGAME* É VISTO COMO ARTE.
- UMA BRINCADEIRA INVENTADA HÁ MUITO TEMPO AINDA PODE DIVERTIR.



## DICA DE VISITAÇÃO

NA CIDADE ONDE VOCÊ VIVE, EXISTEM GRUPOS DE TEATRO? VOCÊ PODE CONHECER O LOCAL ONDE OS ARTISTAS DESSES GRUPOS TRABALHAM, NA COMPANHIA DO PROFESSOR OU DE SEUS RESPONSÁVEIS.



## É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO



O QUE VOCÊ APRENDEU NESTE CAPÍTULO? EM UMA FOLHA DE PAPEL SULFITE, FAÇA UMA COLAGEM SOBRE O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE ESTUDAR.

» O QUE ESTUDAMOS

101

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## O que estudamos

Inicie o trabalho com esta seção lendo com os alunos o boxe com a síntese dos conceitos estudados. Retome com eles os trabalhos do Centro de Teatro e Etc e Tal apresentados no livro e incentive-os a identificar aspectos que os fizeram gostar ou não da obra. Essa conversa pode ser feita coletivamente ou em

pequenos grupos. Se julgar interessante, encerre a atividade registrando na lousa uma síntese coletiva do que foi discutido.

Depois, oriente-os a buscar e a compartilhar com os colegas informações sobre outros artistas que criam obras teatrais usando narração e mímica.

## É hora de retomar o portfólio

Ao retomar o portfólio, faça algumas perguntas como: “Depois do que vimos neste capítulo, o conhecimento de vocês acerca do teatro mudou?”; “Vocês ficaram satisfeitos com a produção artística que realizaram?”; “Vocês consideram que essa produção expressa suas opiniões, sentimentos e emoções? Por quê?”; “Quais foram as maiores dificuldades que vocês enfrentaram ao longo do projeto?”; “Como conseguiram superá-las?”.

Retome a lista que foi feita no início do bimestre junto com a turma. Assim os alunos terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado dos alunos analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue os elementos fundamentais da linguagem teatral estudados?
  - O aluno utiliza elementos constitutivos da linguagem teatral em suas produções (improvisações e composições) de maneira consciente?
  - O aluno avalia o uso das propriedades cênicas em suas produções, reconhecendo suas estratégias de composição?
  - O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações teatrais na busca de soluções para expressar suas ideias e sentimentos?
- Além disso, avalie se o aluno:
- precisa de ajuda para identificar e reconhecer os elementos da linguagem teatral.
  - apresenta facilidade em trabalhar com os diversos elementos constitutivos da linguagem teatral e suas propriedades, mas ainda precisa de alguma orientação.
  - consegue se apropriar e trabalhar com os elementos da linguagem teatral explorados, sem necessidade de supervisão ou acompanhamento direto.
  - explora e pesquisa os elementos constitutivos da linguagem teatral e reconhece suas propriedades, a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos na atividade.

## Brincar é importante!

### O documentário de Lia Mattos

A última parte da unidade tem como propósito fechar o projeto proposto em seu início a partir da pergunta “Brincar é importante?”. Para começar, retome a lista com tópicos relativos às atividades realizadas com os alunos antes de iniciar os capítulos 3 e 4. Pergunte se os itens que propuseram se concretizaram e se outros itens que inicialmente não estavam listados foram trabalhados ao longo da unidade, já que a proposta do projeto abre espaço para novas investigações. Então, questione o que acham que farão nesse encerramento e como pensam em resolver a situação-problema proposta, criando uma nova lista, para a qual sugerimos os seguintes tópicos:

- Conhecer um ou mais artistas que registrem as brincadeiras em vídeo.
- Descobrir mais sobre a linguagem audiovisual.
- Experimentar fazer registros em vídeo.
- Criar um filme com as brincadeiras infantis.

Retome os conteúdos da introdução e dos capítulos e, então, apresente as imagens do projeto **Memórias do futuro – Olhares da infância brasileira**, de Lia Mattos. O texto e as imagens desta dupla de páginas oferecem uma visão introdutória do trabalho e das motivações da arte-educadora.

Ao apresentá-los para os alunos, procure relacionar os processos de pesquisa e de criação da artista com as motivações que normalmente levam as pessoas a realizar registros caseiros em vídeo.

Pergunte a eles, por exemplo: “Na família de vocês alguém costuma fazer vídeos?”; “O que essa pessoa filma?”; “Por que ela faz esses registros?”; “Vocês assistem a esses vídeos?”; “Mostram para outras pessoas?”; “Por que gostamos de registrar e guardar momentos importantes?”.

# BRINCAR É IMPORTANTE!

## O DOCUMENTÁRIO DE LIA MATTOS

AO LONGO DO TRABALHO COM ESTA UNIDADE, DESCOBRIMOS QUE BRINCAR TEM TUDO A VER COM ARTE.

APRENDEMOS QUE O CORPO HUMANO PARTICIPA ATIVAMENTE DAS BRINCADEIRAS E QUE OS MOVIMENTOS QUE FAZEMOS AO BRINCAR PODEM INSPIRAR UM ESPETÁCULO DE DANÇA.

BRINCAMOS DE FAZ DE CONTA COM JOGOS E BRINQUEDOS DE HOJE E DE ANTIGAMENTE, ALÉM DE CONHECER UMA PEÇA DE TEATRO EM QUE O PERSONAGEM PRINCIPAL VAI PARAR DENTRO DE UM VIDEOGAME.

BRINCAR É MUITO IMPORTANTE, NÃO É MESMO? VOCÊ SABIA QUE TODAS AS CRIANÇAS TÊM O DIREITO DE BRINCAR? MAS COMO PODEMOS REGISTRAR E RELEMBRAR BRINCADEIRAS? SERÁ QUE A ARTE E A TECNOLOGIA PODEM NOS AJUDAR COM ISSO?

OBSERVE A IMAGEM A SEGUIR.



Alexandre Basso/Projeto Memórias do Futuro – Olhares da Infância Brasileira

▶ PARTICIPANTES DO PROJETO **MEMÓRIAS DO FUTURO – OLHARES DA INFÂNCIA BRASILEIRA**, FURNAS DO DIONÍSIO, MATO GROSSO DO SUL, 2012.

O QUE VOCÊ VÊ NA IMAGEM? O QUE AS CRIANÇAS ESTÃO FAZENDO? VOCÊ JÁ TEVE A EXPERIÊNCIA DE FILMAR ALGUMA COISA?

NA IMAGEM, UMA MENINA FILMA UMA BRINCADEIRA COM UM CELULAR. ELA E AS OUTRAS CRIANÇAS SÃO PARTICIPANTES DO PROJETO **MEMÓRIAS DO FUTURO – OLHARES DA INFÂNCIA BRASILEIRA**, CRIADO POR LIA MATTOS.

Depois de conhecer melhor esse projeto que documenta a infância e as brincadeiras, os estudantes vão se inspirar na ideia de Lia Mattos para criar o produto final do projeto proposto na unidade: um documentário sobre o brincar, feito por crianças!



NESSE PROJETO, A ARTE-EDUCADORA UNIU ARTE E TECNOLOGIA PARA VALORIZAR A CULTURA DE CRIANÇAS DE VÁRIAS PARTES DO PAÍS.



► ABERTURA DOS FILMES DO PROJETO **MEMÓRIAS DO FUTURO – OLHARES DA INFÂNCIA BRASILEIRA**, DE LIA MATTOS, 2012.

Avançado Base/Projeto Memórias do Futuro – Olhares da Infância Brasileira



► PROJEÇÃO DE FILMES CRIADOS PELO PROJETO **MEMÓRIAS DO FUTURO – OLHARES DA INFÂNCIA BRASILEIRA**, CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL, 2012.

Avançado Base/Projeto Memórias do Futuro – Olhares da Infância Brasileira

“MEMÓRIAS DO FUTURO”... QUAL PODE SER O SIGNIFICADO DESSA EXPRESSÃO? VOCÊ ACHA QUE UM FILME PODE GUARDAR LEMBRANÇAS DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS?

VAMOS CONHECER MELHOR ESSE PROJETO QUE, COM A AJUDA DAS CRIANÇAS, PRODUZIU FILMES SOBRE O BRINCAR.

103

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## ◆ A BNCC nestas páginas

Matrizes estéticas e culturais

BNCC EF15AR24

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de caracterizar brincadeiras e jogos de diferentes matrizes estéticas e culturais, conhecendo e valorizando o patrimônio cultural da cultura brasileira de diferentes épocas.

## Que obra é essa?

Oriente a leitura das imagens chamando a atenção dos alunos para o contexto no qual as crianças e os jovens se encontram, para a participação deles nos registros audiovisuais e para as brincadeiras representadas. Incentive-os a relacionar o conteúdo das imagens às suas experiências. Pergunte, por exemplo: “Vocês conhecem esses brinquedos e brincadeiras?”; “De quais vocês gostam mais?”; “De quais vocês não gostam? Por quê?”; “Essas brincadeiras são comuns na região onde vocês vivem? Há diferenças? E semelhanças?”; etc.

É interessante que os estudantes observem que em todos os lugares as crianças brincam, mas as brincadeiras mudam de acordo com a região, pois são parte da cultura local.

Depois, estimule os alunos a falar sobre suas brincadeiras preferidas, a forma como brincam, como se sentem enquanto brincam, da importância de registrar os hábitos da infância como memória de uma época, sociedade e cultura, etc.

É importante que os estudantes saibam que o Estatuto da Criança e do Adolescente garante à criança e ao adolescente o direito à liberdade, o que compreende, entre outros aspectos, brincar, praticar esportes e se divertir. Pergunte aos alunos se eles sabiam da existência dessa lei e proponha outras questões: “Por que vocês acham que existe uma lei garantindo às crianças o direito de brincar?”; “Será que essa lei sempre é cumprida?”; “Vocês conhecem alguma criança que não brinca?”; “Quais motivos podem levar uma criança a não brincar?”. A partir dessa discussão, é possível tratar de outros temas, como o trabalho infantil. As crianças que trabalham, além de não brincar, têm vários de seus direitos violados. Esse tipo de questionamento é fundamental para que os alunos percebam que brincar faz parte do crescimento saudável e de uma formação cidadã.

## QUE OBRA É ESSA?

O PROJETO **MEMÓRIAS DO FUTURO – OLHARES DA INFÂNCIA BRASILEIRA** É O REGISTRO AUDIOVISUAL, EM FORMA DE FILMES **DOCUMENTÁRIOS**, DAS BRINCADEIRAS E DOS HÁBITOS DE CRIANÇAS DE COMUNIDADES INDÍGENAS, QUILOMBOLAS, RIBEIRINHAS E URBANAS DE MATO GROSSO DO SUL.

A PESQUISA E A DOCUMENTAÇÃO DESSAS MEMÓRIAS FORAM FEITAS POR JOVENS DESSAS COMUNIDADES, ORIENTADOS PELA ARTE-EDUCADORA LIA MATTOS.

**DOCUMENTÁRIO:**  
TIPO DE FILME CINEMATOGRAFICO QUE MOSTRA CENAS DA VIDA REAL.



▶ BRINCADEIRA DE CRIANÇAS DA ALDEIA AMAMBAI SENDO FILMADA PARA O PROJETO **MEMÓRIAS DO FUTURO – OLHARES DA INFÂNCIA BRASILEIRA**, MATO GROSSO DO SUL, 2012.

104 UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Leituras complementares

Se possível, leia o texto do **Estatuto da Criança e do Adolescente** (Lei n. 8069/1990). Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 23 nov. 2017.

Se achar pertinente, leia com a turma a matéria “Os 10 direitos da criança aprovados pela ONU em 1959”, da *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/asmais/2015/10/1697593-os-10-direitos-da-crianca-aprovados-pela-onu-em-1959.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/asmais/2015/10/1697593-os-10-direitos-da-crianca-aprovados-pela-onu-em-1959.shtml)>. Acesso em: 23 nov. 2017.

## COMO A OBRA FOI FEITA?

PARA REALIZAR ESSE TRABALHO, OS JOVENS PARTICIPARAM DE OFICINAS DE AUDIOVISUAL ORIENTADAS POR PESQUISADORES E OUTROS PROFISSIONAIS DO PAÍS INTEIRO.

APÓS AS OFICINAS, OS JOVENS RETORNARAM ÀS SUAS COMUNIDADES PARA PESQUISAR E FILMAR AS CRIANÇAS DESSES LOCAIS.

PARA FAZER OS REGISTROS, ELES USARAM A TECNOLOGIA MÓVEL, MAIS ESPECIFICAMENTE A CÂMERA DO CELULAR.

O RESULTADO DESSAS PRODUÇÕES É EXIBIDO EM ESCOLAS E COMUNIDADES PELA CHAMADA **CARAVANA TECNOBRINCANTE**, FORMADA PELOS JOVENS QUE PARTICIPARAM DO PROJETO.

ASSIM, ENQUANTO DIVULGAM OS FILMES, ELES CONTINUAM SUAS PESQUISAS SOBRE AS BRINCADEIRAS INFANTIS.



Aldeia Brasileira/Projeto Memórias do Futuro – Olhares da Infância Brasileira

▶ JOVEM PRODUZINDO FILME DO PROJETO **MEMÓRIAS DO FUTURO – OLHARES DA INFÂNCIA BRASILEIRA**, ALDEIA LIMÃO VERDE, MATO GROSSO DO SUL, 2012.

## Como a obra foi feita?

Ao fazer a leitura do texto e da foto desta página, destaque para os alunos que a pesquisa e o registro audiovisual realizados no contexto do projeto **Memórias do futuro** foram motivo de encontro de pessoas, memórias e histórias de vida.

## A BNCC nestas páginas

**Matrizes estéticas e culturais**

**BNCC EF15AR24**

**Patrimônio cultural**

**BNCC EF15AR25**

As percepções sobre as brincadeiras são importantes para ampliar o repertório dos estudantes para que possam, posteriormente, caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

O estudo sobre o projeto **Memórias do futuro** poderá ajudar os alunos a conhecer e a valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Como a obra foi feita?

Durante a leitura do texto e das imagens desta página, é importante ressaltar que, em seu projeto, Lia Mattos busca dar voz aos participantes. Dessa forma, valoriza a cultura infantil e sua especificidade, divulgando o modo de ser e de pensar das crianças.

Conhecendo as motivações e intenções da artista e lendo a sua biografia, os estudantes poderão apreciar sua obra com um olhar mais apurado e, assim, entender melhor suas concepções e procedimentos artísticos. As informações sobre a obra e a artista servem para ampliar a apreciação dos alunos e não devem ser colocadas acima de suas opiniões.

Se possível, acesse com a turma o site do projeto, indicado nesta página, e assistam juntos aos vídeos. Assim todos poderão conhecer melhor a iniciativa.

## A BNCC nestas páginas

### Arte e tecnologia

**BNCC** EF15AR26

A realização do produto final do projeto será importante para que os alunos explorem diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares, etc.) nos processos de criação artística, no contexto das Artes Integradas.

▶ **FILMAGEM DE CRIANÇAS BRINCANDO PARA O PROJETO MEMÓRIAS DO FUTURO – OLHARES DA INFÂNCIA BRASILEIRA, CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL, 2012.**

▶ **MOMENTO DE BRINCADEIRA E DE EXIBIÇÃO DE FILME NO PROJETO MEMÓRIAS DO FUTURO – OLHARES DA INFÂNCIA BRASILEIRA, CAMPO GRANDE, MATO GROSSO DO SUL, 2012.**



Alexandre Basso/Projeto Memórias do Futuro – Olhares da Infância Brasileira



Alexandre Basso/Projeto Memórias do Futuro – Olhares da Infância Brasileira

### SUGESTÃO DE...

#### SITE

ACESSE O **BLOG DO PROJETO MEMÓRIAS DO FUTURO – OLHARES DA INFÂNCIA BRASILEIRA** PARA ASSISTIR AOS VÍDEOS PRODUZIDOS E SABER MAIS SOBRE A INICIATIVA. DISPONÍVEL EM: <<http://blogmemoriasdofuturo.blogspot.com.br>>. ACESSO EM: 13 DE SETEMBRO DE 2017.

### SOBRE A ARTISTA

LIA MATTOS NASCEU EM SALVADOR, BAHIA. FORMADA EM DESIGN, É ESPECIALISTA EM ARTE-EDUCAÇÃO, CULTURA BRASILEIRA E LINGUAGENS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS.

COMO ARTE-EDUCADORA, O FOCO DE SUA ATUAÇÃO É A RELAÇÃO ENTRE A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL. LIA MATTOS DESENVOLVE INÚMEROS PROJETOS DE PRODUÇÃO E DE PESQUISA COMO EDITORA E PRODUTORA DE CINEMA E VÍDEO.

Alexandre Basso/Projeto Memórias do Futuro – Olhares da Infância Brasileira



▶ LIA MATTOS ACOMPANHADA POR CRIANÇAS QUE PARTICIPARAM DO PROJETO **MEMÓRIAS DO FUTURO – OLHARES DA INFÂNCIA BRASILEIRA.**

AGORA, QUE TAL CRIAR UM FILME DOCUMENTANDO AS SUAS BRINCADEIRAS?

## FAZENDO ARTE

 VAMOS ENCERRAR O ESTUDO DESTA UNIDADE FAZENDO UM FILME COM SUA TURMA PARA REGISTRAR COMO VOCÊ BRINCA!

- 1 PARA COMEÇAR, JUNTE-SE A QUATRO COLEGAS E CONVERSE SOBRE AS BRINCADEIRAS QUE MAIS DIVERTEM VOCÊS. PARA ISSO, REFLITA SOBRE AS QUESTÕES A SEGUIR:
  - A. QUAIS SÃO AS SUAS BRINCADEIRAS PREFERIDAS?
  - B. COM QUE TIPOS DE BRINQUEDO VOCÊ COSTUMA BRINCAR?
  - C. O QUE VOCÊ SENTE AO BRINCAR?
  - D. BRINCAR É IMPORTANTE PARA VOCÊ? POR QUÊ?
  - E. QUE TIPOS DE BRINCADEIRA SÃO COMUNS NA REGIÃO ONDE VOCÊ VIVE?
- 2 DEPOIS, COM A AJUDA DO PROFESSOR, VOCÊ E OS COLEGAS VÃO PRODUZIR UM FILME DOCUMENTANDO AS TRÊS BRINCADEIRAS DE QUE MAIS GOSTAM E QUE FAZEM PARTE DAS SUAS VIDAS E DAS CRIANÇAS DA COMUNIDADE EM QUE VIVEM.
- 3 VALE FILMAR ENTREVISTAS, JOGOS E BRINCADEIRAS, CONSTRUÇÃO DE BRINQUEDOS E O QUE MAIS A IMAGINAÇÃO MANDAR!
- 4 EM SEGUIDA, DE ACORDO COM AS ORIENTAÇÕES DO PROFESSOR, ESCOLHA UM ESPAÇO DA ESCOLA QUE SEJA BASTANTE ILUMINADO. VOCÊ VAI PRECISAR DE UMA CÂMERA, QUE PODE SER A DE UM CELULAR.
- 5 DEPOIS, ESCOLHA COM SEU GRUPO O COLEGA QUE SERÁ RESPONSÁVEL PELA FILMAGEM DE CADA UMA DAS BRINCADEIRAS. ELE DEVERÁ REGISTRAR TODA A RECREAÇÃO, DESDE SEU INÍCIO ATÉ O DESFECHO. SE QUISER, DURANTE A FILMAGEM, VOCÊ TAMBÉM PODE EXPLICAR COMO FUNCIONA A BRINCADEIRA. LEMBRE-SE: O MAIS IMPORTANTE É QUE TODOS TENHAM A OPORTUNIDADE DE FILMAR E DE SE DIVERTIR!

### MATERIAL NECESSÁRIO

- CÂMERA DE VÍDEO OU TELEFONE CELULAR
- COMPUTADOR COM SOFTWARE DE EDIÇÃO DE VÍDEO

## Fazendo arte

Planeje o tempo e os recursos necessários para a execução de cada etapa da atividade. Comece orientando os estudantes na escolha das brincadeiras para a composição do vídeo. Se eles optarem por brincadeiras que necessitem de brinquedos ou de materiais específicos, peça-lhes que tragam de casa antecipadamente.

A filmagem das cenas também pode ser feita em casa, pois é interessante que as crianças gravem em vídeo momentos de brincadeiras realizadas fora do ambiente escolar. Dessa forma, o produto final mostrará maior riqueza e diversidade. Sempre que possível, acompanhe os alunos durante as gravações. Lembre-os de que devem sempre pedir a permissão das outras pessoas antes de filmá-las.

Promova um trabalho interdisciplinar com o professor de Informática Educativa da escola. Se for possível, reserve a sala de Informática para que os alunos editem os vídeos sob a supervisão de vocês, mas oriente-os a levar para a aula os recursos necessários, como o cabo para passar o vídeo da câmera para o computador e DVDs ou pen drives para gravar os trabalhos. Recorde com os alunos que alguns aparelhos celulares possuem ferramentas de edição de vídeo. Verifique com eles se for o caso.

Auxilie os alunos a editar as gravações, dando sugestões de corte e de organização das cenas, assim como da escolha de trilha sonora, se eles optarem por uma. Nos próprios programas de edição há a opção de inserir áudio no filme. Se a escola não possuir os recursos adequados para que vocês façam a edição dos filmes, verifique se os pais ou responsáveis dos alunos podem emprestar os equipamentos necessários. Também é possível pedir a colaboração de outros membros da comunidade escolar ou do entorno da escola. Quando os filmes estiverem concluídos, oriente os alunos a gravá-los em DVD e guardar uma cópia no portfólio.

107

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Softwares

Se não houver editores de vídeo no sistema operacional dos computadores da escola, alguns programas que podem ser baixados gratuitamente, conforme o sistema operacional disponível nos computadores da escola, são: **VSDC Video Editor** (disponível em: <[www.videosoftdev.com/pt/free-video-editor/download](http://www.videosoftdev.com/pt/free-video-editor/download)>. Acesso em: 14 set. 2017.) e **Filmora** (disponível em: <<https://filmora.wondershare.com.br>>. Acesso em: 14 set. 2017.).

## Fazendo arte

Durante a filmagem das cenas, auxilie os alunos a fazer enquadramentos e *closes*. Você pode instruir os estudantes sobre as etapas da filmagem e sobre como compor as cenas, mas não é necessário um aprofundamento da terminologia técnica do audiovisual. O importante é que eles se sintam confortáveis diante da câmera e que o resultado da filmagem fique adequado para a exibição que será feita posteriormente.

### Texto complementar

#### Sobre técnicas de filmagem

Em seus trabalhos audiovisuais, os artistas utilizam uma série de recursos para criar diferentes efeitos com o objetivo de transmitir sensações ao público. Para ajudar os alunos na realização da atividade, veja a seguir algumas dicas de filmagem, sobre planos e *closes*:

- O **plano geral** é o plano que enquadra uma pessoa, objeto ou qualquer coisa dentro de uma paisagem mais ampla, como uma praia.
- O **plano conjunto** é o enquadramento de um grupo de pessoas em uma cena mais próxima, por exemplo, crianças brincando de roda.
- O **plano americano** é o que enquadra uma pessoa do joelho para cima.
- O **plano médio** é o plano que corta acima da cintura, ideal para filmar pessoas sentadas, por exemplo. Este plano é bastante útil para a gravação de entrevistas jornalísticas.
- O **close-up** mostra apenas os ombros e a cabeça da pessoa. Ele é usado para captar as emoções transmitidas pelas expressões faciais.
- O **big close-up** mostra somente a cabeça da pessoa dominando praticamente toda a tela. Esse tipo de plano é utilizado para revelar as características da pessoa, como a cor dos olhos, rugas, etc.

*Elaborado pelos autores.*

- 6 CADA CENA MERECE UM TRATAMENTO ESPECIAL. POR ISSO, COM A ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR, VOCÊ E OS COLEGAS DO GRUPO DEVEM PENSAR EM COMO FILMAR CADA UMA DE ACORDO COM O EFEITO QUE QUEIRAM OBTER.



- 7 DEPOIS DE GRAVAR AS CENAS, VOCÊ TAMBÉM PODE SONORIZÁ-LAS. SE QUISER, ESCOLHA COM SEU GRUPO UMA TRILHA SONORA QUE COMBINE COM O VÍDEO E, COM A AJUDA DO PROFESSOR, PASSEM-NO PARA UM COMPUTADOR PARA INCLUIR A MÚSICA.

### APRESENTANDO

- APÓS A EDIÇÃO DO VÍDEO, PLANEJE UMA SESSÃO DE CINEMA COM A SUA TURMA, SEGUNDO AS POSSIBILIDADES OFERECIDAS PELA ESCOLA.

### REGISTRANDO

- QUE TAL FAZER UM DESENHO PARA MOSTRAR O QUE VOCÊ VIVENCIOU AO PLANEJAR E PRODUIR O FILME? GUARDE O TRABALHO NO PORTFÓLIO COM UM DVD DO FILME PRODUZIDO.

108

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

#### Apresentando

Ajude os alunos a pensar na apresentação dos filmes. É possível utilizar um projetor acoplado a um computador, ou mesmo uma televisão – a depender dos recursos disponíveis na escola. Sugira-lhes que convidem a comunidade escolar, as pessoas que moram no entorno da escola e a família para assistir aos filmes.

#### Registrando

Convide os alunos a contar o processo de produção, suas dificuldades, se gostaram ou não da experiência, o que deu certo e o que não deu, etc. Para ajudá-los nessa avaliação, peça que revisitem o portfólio e que analisem os registros de suas produções artísticas. Depois, auxilie-os na elaboração do desenho-síntese.

# O QUE ESTUDAMOS

- NAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS, O SOM E AS IMAGENS SE COMPLEMENTAM.
- AS ARTES AUDIOVISUAIS UTILIZAM IMAGENS EM MOVIMENTO E SONS QUE PODEM SER COMBINADOS DE DIVERSAS FORMAS, RESULTANDO EM DIFERENTES INTERPRETAÇÕES.
- O DOCUMENTÁRIO É UM TIPO DE FILME QUE REGISTRA IMAGENS E SONS DA VIDA REAL.
- AS ARTES AUDIOVISUAIS PODEM SER PROJETADAS EM ESPAÇOS DIFERENTES E ORIGINAIS.
- BRINCAR É IMPORTANTE.



## DICA DE VISITAÇÃO

NA CIDADE ONDE VOCÊ VIVE EXISTEM SALAS DE CINEMA? APROVEITE A OCASIÃO PARA VISITÁ-LAS E CONHECER OS PROFISSIONAIS QUE TRABALHAM NESSES ESPAÇOS.

## É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO



O QUE VOCÊ APRENDEU NESTA UNIDADE? EM UMA FOLHA DE PAPEL SULFITE, FAÇA UM DESENHO SOBRE O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE ESTUDAR.

VIMOS QUE A DANÇA E O TEATRO TRANSFORMAM AS BRINCADEIRAS EM ARTE E QUE A LINGUAGEM AUDIOVISUAL PERMITE REGISTRÁ-LAS. CERTAMENTE, EXISTEM MUITAS OUTRAS FORMAS DE GUARDAR AS MEMÓRIAS DE SUAS BRINCADEIRAS PARA O FUTURO. QUE TAL CONTINUAR A CRIAR OUTRAS FORMAS DE GUARDAR ESSAS MEMÓRIAS?

» O QUE ESTUDAMOS 109

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## O que estudamos

Para encerrar a unidade, retome a questão inicial com os alunos: "Brincar é importante?". Peça que todos voltem aos seus portfólios e observem tudo o que foi realizado para responder a essa questão e que resultou na produção final: o documentário. É importante que os estudantes percebam as frentes nas quais trabalharam para chegar a esse resultado. Ao longo da unidade, eles investigaram várias

possibilidades, elementos e recursos das linguagens corporais, aprofundaram sua compreensão do tema da brincadeira e do brincar, além de refletir sobre sua relação com a arte, principalmente com a dança e o teatro. Também tomaram contato com a linguagem audiovisual e a utilizaram como um instrumento para elaborar um registro do brincar. Nesse percurso, mobilizaram habilidades e competências importantes para sua formação.

## É hora de retomar o portfólio

Avalie o trabalho do semestre a partir do portfólio dos alunos, do seu diário de bordo e do produto final do projeto. As perguntas a seguir o ajudarão na avaliação:

- De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno?
- O aluno tem uma postura investigativa que o leva a ampliar suas possibilidades de produção?
- Ele aceita o que é apresentado nas atividades?
- Ele faz produções em grupo que consideram a diversidade de competências?
- Ele tem interesse em outras linguagens artísticas e busca trazer aspectos destas no trabalho dele?
- Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?
- O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o final?
- Ele estabelece seus próprios objetivos?
- Ele se dispersa?
- Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?
- Que papel o aluno exerce no grupo de que participa?
- Como ele manifesta o significado da aula de Arte na vida dele? Ele fala sobre isso?
- De que forma ele participa das atividades propostas?
- De que forma ele se relaciona com os colegas?
- Qual a assiduidade e a participação dele?

## A BNCC nestas páginas

### Processos de criação

BNCC EF15AR23

### Arte e tecnologia

BNCC EF15AR26

Neste momento, os estudantes experimentam tecnologias nos processos de criação, reconhecendo e experimentando relações processuais entre linguagens artísticas.

# BIBLIOGRAFIA

## Linguagem visual e audiovisual

ALMEIDA, Cândido José Mendes de. *O que é vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Primeiros Passos).

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. 2. ed. São Paulo: Cengage, 2016.

BARBERO, Jesus. M. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. *Redesenhando o desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortez, 2015.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Todas as Artes).

CHIPP, Herschel B. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DERDIK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. 5. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GOMBRICH, Ernst. H. *A história da Arte*. 16. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

MORAES, Dênis de. *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

## Linguagem musical

ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. São Paulo: IEB/Edusp, 1989.

MARIZ, Vasco. *História da música no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

OHTAKE, Ricardo. *Instrumentos musicais brasileiros*. São Paulo: Rhodia, 1988.

SCHAFER, Murray. *Le paysage sonore. Marseille: Wildproject*, 2010.

\_\_\_\_\_. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2013.

TINHORÃO, José R. *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. 7. ed. São Paulo: 34, 2013.

WISNIK, José M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

## Linguagem da dança

BOGÉA, Inês. *O livro da dança*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

BREGOLATO, Roseli. *Cultura corporal da dança*. 3. ed. São Paulo: Ícone, 2007.

CORTES, Gustavo. *Dança, Brasil! Festas e danças populares*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

KATZ, Helena. *Brasil descobre a dança, a dança descobre o Brasil*. São Paulo: DBA, 1994.

MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.

## Linguagem teatral

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

\_\_\_\_\_. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

STANISLAVSKI, Constantin. *A criação de um papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

## Culturas afro e indígena brasileiras

BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Org.). *Povos indígenas e educação*. Porto Alegre: Mediação, 2008.

JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis, 1998.

MUNDURUKU, Daniel. *Contos indígenas brasileiros*. São Paulo: Global, 2004.

OGOT, Bethwell Allan (Ed.). *História geral da África: África do século XVI ao XVIII*. São Paulo: Cortez, 2011.

SISTO, Celso. *Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos*. São Paulo: Paulus, 2007.



## MATERIAIS RECOMENDADOS

### Coleções

ARTE AO REDOR DO MUNDO. São Paulo: Callis.  
ARTISTAS BRASILEIROS. São Paulo: Callis.  
A VIDA E A OBRA DE. São Paulo: Madras.  
CRIANÇAS FAMOSAS. São Paulo: Callis.  
GRANDES MESTRES. São Paulo: Ática.  
MESTRES DA MÚSICA. São Paulo: Moderna.  
MESTRES DA MÚSICA NO BRASIL. São Paulo: Moderna.  
MESTRES DAS ARTES. São Paulo: Moderna.  
MESTRES DAS ARTES NO BRASIL. São Paulo: Moderna.  
ÓPERAS PARA CRIANÇAS. São Paulo: Callis.  
PEQUENA VIAGEM. São Paulo: Moderna.  
POR DENTRO DA ARTE. São Paulo: Ática.  
SANTA ROSA, Nereide. *A Arte de Olhar*. São Paulo: Scipione.

### Livros paradidáticos

BRANDÃO, Toni. *Maracatu*. São Paulo: Studio Nobel, 2007.  
CANTON, Kátia. *Escultura aventura*. São Paulo: DCL, 2009.  
\_\_\_\_\_. *Fantasias*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.  
\_\_\_\_\_. *Moda: uma história para crianças*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.  
COELHO, Raquel. *A arte da animação*. São Paulo: Formato, 2004.  
\_\_\_\_\_. *Música*. São Paulo: Formato, 2006.  
MCCAUGHREAN, Geraldine. *Romeu e Julieta*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.  
NESTROVSKI, Arthur. *O livro da música*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.  
SOUZA, Flávio de. *O livro do ator*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

### Sites\*

#### Linguagem visual e audiovisual

Academia Brasileira de Literatura de Cordel: <[www.ablc.com.br](http://www.ablc.com.br)>

Cinemateca: <[www.cinemateca.gov.br/](http://www.cinemateca.gov.br/)>

Itaú Cultural: <[www.itaucultural.org.br/](http://www.itaucultural.org.br/)>

Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS RJ): <[www.mis.rj.gov.br/](http://www.mis.rj.gov.br/)>

Museu de Arte Brasileira da Faculdade Armando Álvares Penteado (MAB Faap): <[www.faap.br/museu/](http://www.faap.br/museu/)>

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP): <[www.mac.usp.br/](http://www.mac.usp.br/)>

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp): <<http://masp.art.br/masp2010/>>

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP): <[www.mam.org.br/](http://www.mam.org.br/)>

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio): <[www.mamrio.org.br/](http://www.mamrio.org.br/)>

Museu do Índio: <[www.museudoindio.gov.br/](http://www.museudoindio.gov.br/)>

Museu Histórico e Artístico do Maranhão: <[www.cultura.ma.gov.br/portal/mham/index.php](http://www.cultura.ma.gov.br/portal/mham/index.php)>

Museu Histórico Nacional: <<http://mhn.museus.gov.br/>>

Museu Imperial: <[www.museuimperial.gov.br/](http://www.museuimperial.gov.br/)>

Museu Lasar Segall: <[www.museusegall.org.br/](http://www.museusegall.org.br/)>

Museu Nacional de Belas Artes: <<http://mnba.gov.br/portal/>>  
Museu Náutico da Bahia: <[www.museunauticodabahia.org.br/](http://www.museunauticodabahia.org.br/)>  
Pinacoteca de São Paulo: <<http://pinacoteca.org.br/>>  
Portal Brasil Cultura: <[www.brasilcultura.com.br/](http://www.brasilcultura.com.br/)>  
Portal do Instituto Brasileiro de Museus: <[www.museus.gov.br/](http://www.museus.gov.br/)>  
Projeto Portinari: <[www.portinari.org.br/](http://www.portinari.org.br/)>  
Tarsila do Amaral: <[www.tarsiladoamaral.com.br/](http://www.tarsiladoamaral.com.br/)>

### Linguagem musical

Academia Brasileira de Música: <[www.abmusica.org.br/](http://www.abmusica.org.br/)>  
Biblioteca Nacional – Música: <[www.bn.gov.br/tags/musica](http://www.bn.gov.br/tags/musica)>  
Cultura Artística: <[www.culturaartistica.com.br/](http://www.culturaartistica.com.br/)>  
História da Música: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/musicaoquee.htm>>  
Linha do tempo da música brasileira: <<http://timelinemusicabrasileira.org.br/>>  
Mozarteum Brasileiro: <<https://mozarteum.org.br/>>  
MPB Net: <[www.mpbnet.com.br/](http://www.mpbnet.com.br/)>  
Origem da Música Caipira: <[www.violatropeira.com.br/origem](http://www.violatropeira.com.br/origem)>

### Linguagem da dança

Bienal Internacional de Dança do Ceará: <[www.bienaldedanca.com](http://www.bienaldedanca.com)>  
Canal Curta! – Danças brasileiras: <[www.canalcurta.tv.br/pt/series/serie.aspx?serield=417](http://www.canalcurta.tv.br/pt/series/serie.aspx?serield=417)>  
Festival Conexão Dança: <[www.conexaodanca.com.br/](http://www.conexaodanca.com.br/)>  
Festival de Dança de Joinville: <[www.festivaldedanca.com.br/site/](http://www.festivaldedanca.com.br/site/)>  
Instituto Caleidos: <[www.institutocaleidos.org/](http://www.institutocaleidos.org/)>  
Revista *Dança Brasil*: <[www.dancabrasil.com.br/](http://www.dancabrasil.com.br/)>

### Linguagem teatral

Clown: <[www.clown.comico.nom.br/](http://www.clown.comico.nom.br/)>  
Denise Stoklos: <[www.denisestoklos.com.br/](http://www.denisestoklos.com.br/)>  
Festival Internacional de Londrina: <<https://filo.art.br/>>  
Funarte – Portal das Artes – Teatro: <[www.funarte.gov.br/teatro/](http://www.funarte.gov.br/teatro/)>  
Oficina de Teatro: <<http://oficinadeteatro.com/>>

\* Todos os acessos dos sites recomendados foram feitos em 6 de novembro de 2017.



